

DE ACORDO COM
O NOVO PROGRAMA

10

10.ª classe

Livro aprovado pelo
Ministério
da Educação

Carla Ataíde Maciel / Angelina Paulino Comé

Língua Portuguesa

LIVRO DO ALUNO



**PLURAL**
EDITORES
GRUPO PORTO EDITORA

Título
Língua Portuguesa
10.ª classe

Autoras
Carla Ataíde Maciel
Angelina Paulino Comé

Editora
Plural Editores

© PORTO EDITORA



Moçambique

Av. Patrice Lumumba, 765 | Maputo
Telef. 21 36 09 00
Cel. 82 32 24 960 | 84 30 28 212
Fax 21 30 88 68
E-mail plural@pluraleditores.co.mz

www.pluraleditores.co.mz

2020
Execução gráfica **Bloco Gráfico**
INLD 6702/RLINLD/2010

10

10.^a classe

Carla Ataíde Maciel
Angelina Paulino Comé

Língua Portuguesa

 **PLURAL**
EDITORES
GRUPO PORTO EDITORA

ISBN 978-989-611-172-4

Ao(À) aluno(a) da 10.^a classe,

Finalmente, estás na 10.^a classe, o último ano do 1.^o Ciclo do Ensino Secundário Geral. Irás consolidar os conhecimentos que, progressivamente, foste adquirindo nas classes anteriores na disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, ainda vais aprender mais. Como diz o ditado popular, “grão a grão, enche a galinha o papo”. Quanto mais insistires no desenvolvimento das competências adquiridas, mais estarás capacitado(a) a pensar criticamente e a exprimir os teus pensamentos.

Para te ajudarmos, apresentamos vários textos e propomos análises mais aprofundadas do que aquelas que fizeste em classes anteriores. Sugerimos que desenvolvias actividades que te proporcionarão novas experiências de fala e escuta, de leitura e escrita e, ainda, reflexões sobre a gramática da Língua Portuguesa.

Este livro está dividido em dezoito unidades temáticas e cada unidade aborda um tema transversal do currículo moçambicano. Destes temas destacam-se o género e a equidade, a educação fiscal, a educação rodoviária, o comércio, o turismo, o desporto, a prevenção de doenças, a educação patriótica, os desastres naturais e ecológicos, o assédio sexual, a gravidez precoce, o saneamento do meio e a cultura.

Bom trabalho!

As autoras

ESTRUTURA DAS UNIDADES TEMÁTICAS

O livro de Língua Portuguesa, 10.ª classe, está dividido em 18 unidades e apresenta a seguinte estrutura:

Texto

Identificação das unidades

Exercícios de compreensão do texto (Ler – Compreender)

Funcionamento da língua

Exercícios de consolidação de conhecimentos (Avalia o que aprendeste)

Propostas de atividades

Síntese da unidade

Propostas de atividades

Introdução

3

1 TEXTOS NORMATIVOS

9

Tema transversal: **GÉNERO E EQUIDADE****Texto** - Constituição da República (Artigos 1 a 10) 10**Funcionamento da língua** 13Verbos irregulares: *pôr, querer e poder* 13**Avalia o que aprendeste** 15**Síntese da unidade** 16**2 TEXTOS ADMINISTRATIVOS**

17

Tema transversal: **COMÉRCIO****Texto** - Carta oficial 18**Funcionamento da língua** 20

Conjugação pronominal reflexa e recíproca 20

Avalia o que aprendeste 21/23**Síntese da unidade** 24**3 TEXTOS JORNALÍSTICOS**

25

Tema transversal: **PREVENÇÃO DE DOENÇAS: DIABETES****Texto** - Entrevista 26**Funcionamento da língua** 31Conjugação perifrástica – verbos auxiliares: *estar a, começar a, acabar de* 31**Avalia o que aprendeste** 32**Síntese da unidade** 32**4 TEXTOS MULTIUSOS**

33

Tema transversal: **DESASTRES ECOLÓGICOS: SISMOS E EROSÃO****Texto** - Texto didático e/ou científico 34**Funcionamento da língua** 35

Advérbios/locuções adverbiais (ordem, dúvida e quantidade) 35

Texto - Texto expositivo/argumentativo 37

Flexão dos substantivos e dos adjetivos 39

Avalia o que aprendeste 41**Síntese da unidade** 42

5 TEXTOS LITERÁRIOS 43

Tema transversal: **ASSÉDIO SEXUAL**

Texto - Texto narrativo, romance	44
Funcionamento da língua	67
Funções sintáticas: atributo e aposto	67
Avalia o que aprendeste	72
Síntese da unidade	72

6 TEXTOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS 73

Tema transversal: **SANEAMENTO DO MEIO**

Texto - Relatório (estilo informal)	74
Funcionamento da língua	76
Discurso relatado	76
Avalia o que aprendeste	77
Síntese da unidade	78

7 TEXTOS NORMATIVOS 79

Tema transversal: **EDUCAÇÃO FISCAL**

Texto - Constituição da República (Artigos 66 a 85)	80
Funcionamento da língua	86
Preposições: <i>após, perante</i>	86
Avalia o que aprendeste	87
Síntese da unidade	88

8 TEXTOS ADMINISTRATIVOS 89

Tema transversal: **TURISMO**

Texto - <i>Curriculum Vitae</i>	90
Avalia o que aprendeste	92
Funcionamento da língua	96
Pronomes pessoais reflexos – <i>se</i> reflexo, recíproco e passivo	96
Avalia o que aprendeste	97
Síntese da unidade	98

9 TEXTOS JORNALÍSTICOS 99

Tema transversal: **EDUCAÇÃO PATRIÓTICA**

Texto - Texto publicitário: impresso, radiofónico, televisivo	100
Funcionamento da língua	101
Orações subordinadas interrogativas: directas e indirectas	101
Avalia o que aprendeste	101
Síntese da unidade	102

10 TEXTOS MULTIUSOS 103

Tema transversal: **DESASTRES NATURAIS: SECA**

Texto - Texto expositivo/argumentativo	104
Funcionamento da língua	106
Verbos com participio passado regular e irregular	106
Avalia o que aprendeste	109
Síntese da unidade	110

11 TEXTOS LITERÁRIOS 111

Tema transversal: **ASSÉDIO SEXUAL**

Texto - Texto poético	111
Funcionamento da língua	123
Advérbios e locuções adverbiais (ordem, dúvida e quantidade)	123
Avalia o que aprendeste	126
Síntese da unidade	126

12 TEXTOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS 127

Tema transversal: **CULTURA E ARTE**

Texto - Relatório (informal)	129
Funcionamento da língua	132
Preposições e locuções prepositivas	132
Avalia o que aprendeste	133
Síntese da unidade	134

13 TEXTOS NORMATIVOS 135

Tema transversal: **EDUCAÇÃO RODOVIÁRIA**

Texto - Constituição da República (Artigos 262 a 264)	136
Funcionamento da língua	138
Preposições: <i>sob</i> e <i>sobre</i>	138
Avalia o que aprendeste	138
Síntese da unidade	140

14 TEXTOS ADMINISTRATIVOS 141

Tema transversal: **DESPORTO**

Texto - <i>Curriculum Vitae</i>	142
Funcionamento da língua	143
Tipos de palavras compostas	143
Avalia o que aprendeste	143
Síntese da unidade	144

15 TEXTOS JORNALÍSTICOS 145

Tema transversal: **PREVENÇÃO DE DOENÇAS: DIABETES**

Texto - Entrevista, texto publicitário	146
Funcionamento da língua	149
Funções do <i>que</i> : pronome relativo, conjunção integrante, causal e consecutiva	149
Avalia o que aprendeste	149
Síntese da unidade	152

16 TEXTOS MULTIUSOS 153

Tema transversal: **DESASTRES NATURAIS: SECA**

Texto - Texto expositivo/argumentativo	154
Funcionamento da língua	157
Flexão dos substantivos e adjectivos em género, número e grau	157
Avalia o que aprendeste	158
Síntese da unidade	158

17 TEXTOS LITERÁRIOS 159

Tema transversal: **GRAVIDEZ PRECOCE E SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Texto - Texto dramático: tragédia	160
Funcionamento da língua	168
Adjectivos: funções sintácticas (nome predicativo do sujeito e atributo)	168
Verbos irregulares: <i>trazer, vir e conseguir</i>	168
Avalia o que aprendeste	169
Síntese da unidade	170

18 TEXTOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS 171

Tema transversal: **SANEAMENTO DO MEIO**

Texto - Relatório (revisão e consolidação)	172
Funcionamento da língua	173
Preposições <i>após, perante, sob e sobre</i>	174
Síntese da unidade	174

Bibliografia	175
---------------------	-----

1

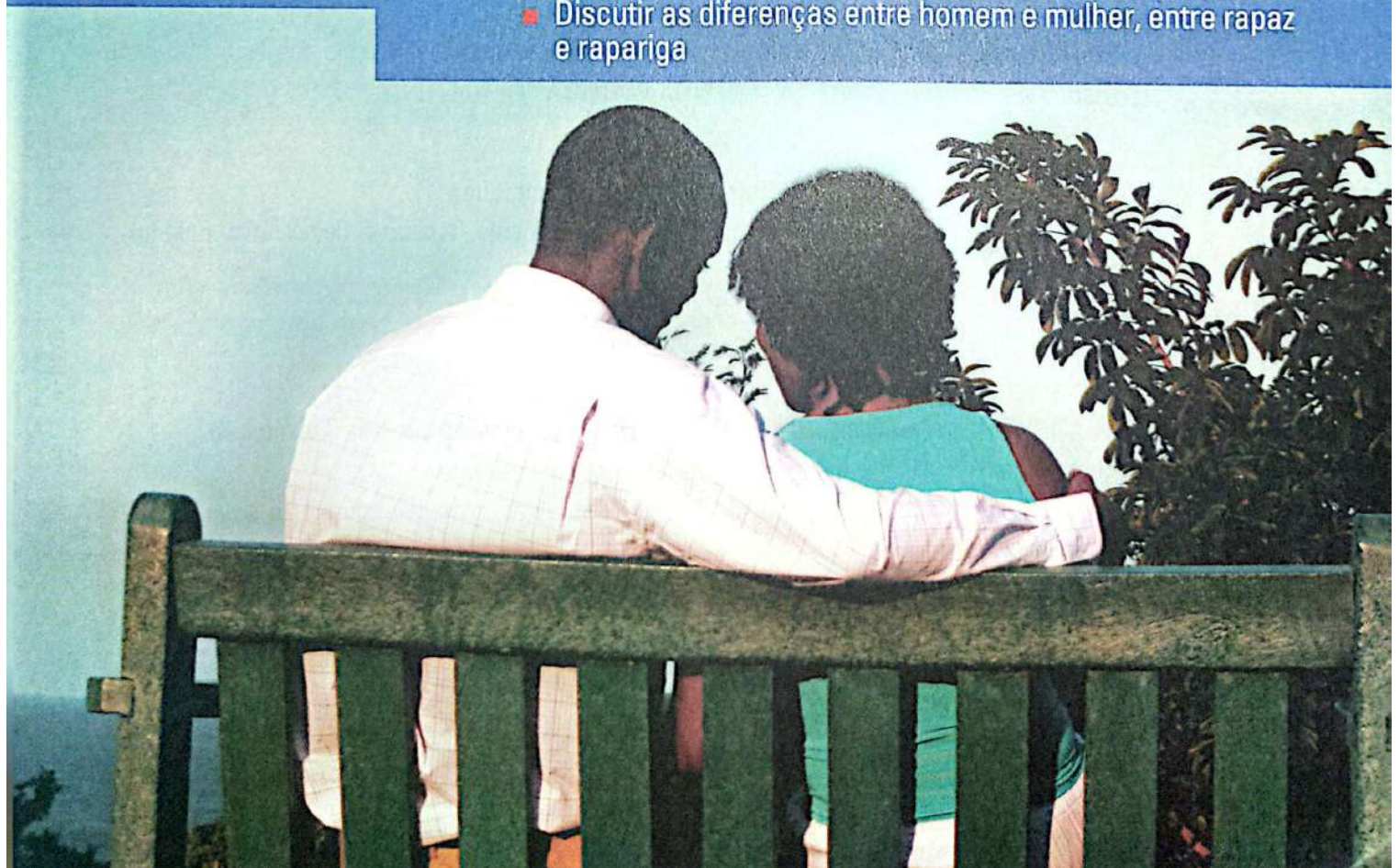
TEXTOS NORMATIVOS

TEMA TRANSVERSAL

- Género e equidade

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer os princípios fundamentais da Constituição da República de Moçambique
- Interpretar os artigos do Título I, do Capítulo I da Constituição da República
- Relacionar o Estado com a Constituição da República
- Reconhecer a organização territorial de Moçambique
- Distinguir Língua Oficial de Língua Nacional
- Usar os verbos *pôr*, *querer* e *poder* em frases orais e escritas
- Identificar os diferentes papéis tradicionais da mulher e do homem
- Discutir as diferenças entre homem e mulher, entre rapaz e rapariga



Lê com atenção o seguinte extracto da Constituição da República de Moçambique.



CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA

Preâmbulo

A Luta Armada de Libertação Nacional, respondendo aos anseios seculares do nosso Povo, aglutinou todas as camadas patrióticas da sociedade moçambicana num mesmo ideal de liberdade, unidade, justiça e progresso, cujo escopo era libertar a terra e o Homem.

Conquistada a Independência Nacional em 25 de Junho de 1975, devolveram-se ao povo moçambicano os direitos e as liberdades fundamentais.

A Constituição de 1990 introduziu o Estado de Direito Democrático, alicerçado na separação e interdependência dos poderes e no pluralismo, lançando os parâmetros estruturais da modernização, contribuindo de forma decisiva para a instauração de um clima democrático que levou o país à realização das primeiras eleições multipartidárias.

A presente Constituição reafirma, desenvolve e aprofunda os princípios fundamentais do Estado moçambicano, consagra o carácter soberano do Estado de Direito Democrático, baseado no pluralismo de expressão, organização partidária e no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos.

A ampla participação dos cidadãos na feitura da Lei Fundamental traduz o consenso resultante da sabedoria de todos no reforço da democracia e da unidade nacional.

TÍTULO I PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I REPÚBLICA

Artigo 1.º (República de Moçambique)

A República de Moçambique é um Estado independente, soberano, democrático e de justiça social.

Artigo 2.º (Soberania e legalidade)

1. A soberania reside no povo.
2. O povo moçambicano exerce a soberania segundo as formas fixadas na Constituição.
3. O Estado subordina-se à Constituição e funda-se na legalidade.
4. As normas constitucionais prevalecem sobre todas as restantes normas do ordenamento jurídico.

Artigo 3.º (Estado de Direito Democrático)

A República de Moçambique é um Estado de Direito, baseado no pluralismo de expressão, na organização política democrática, no respeito e garantia dos direitos e liberdades fundamentais do Homem.

Artigo 4.º
(Pluralismo jurídico)

O Estado reconhece os vários sistemas normativos e de resolução de conflitos que coexistem na sociedade moçambicana, na medida em que não contrariem os valores e os princípios fundamentais da Constituição.

Artigo 5.º
(Nacionalidade)

1. A nacionalidade moçambicana pode ser originária ou adquirida.
2. Os requisitos de atribuição, aquisição, perda e reaquisição da nacionalidade são determinados pela Constituição e regulados por lei.

Artigo 6.º
(Território)

1. O território da República de Moçambique é uno, indivisível e inalienável, abrangendo toda a superfície terrestre, a zona marítima e o espaço aéreo delimitados pelas fronteiras nacionais.
2. A extensão, o limite e o regime das águas territoriais, a zona económica exclusiva, a zona contígua e os direitos aos fundos marinhos de Moçambique são fixados por lei.

Artigo 7.º
(Organização territorial)

1. A República de Moçambique organiza-se territorialmente em províncias, distritos, postos administrativos, localidades e povoações.
2. As zonas urbanas estruturam-se em cidades e vilas.
3. A definição das características dos escalões territoriais, assim como a criação de novos escalões e o estabelecimento de competências no âmbito da organização político administrativa, é fixada por lei.

Artigo 8.º
(Estado unitário)

A República de Moçambique é um Estado unitário, que respeita na sua organização os princípios da autonomia das autarquias locais.

Artigo 9.º
(Línguas nacionais)

O Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade.

Artigo 10.º
(Língua oficial)

Na República de Moçambique a língua portuguesa é a língua oficial.

Ler – Compreender

1. O extracto que leste apresenta os **princípios fundamentais** da Constituição da República de Moçambique.
 - 1.1. Indica o seu principal objectivo.
2. Das propostas abaixo indicadas, assinala a que corresponde ao sentido da expressão destacada na pergunta 1.
 - a. Começo
 - b. Causa primária
 - c. Opinião
 - d. Instrução
 - e. Lei ou regra
- 2.1. Enumera os pontos a que os princípios fundamentais se referem na Constituição da República de Moçambique, do artigo 1 ao 10.
3. Associa as palavras ou expressões da **Coluna A** ao significado correspondente na **Coluna B**.

Coluna A	Coluna B
1. Soberano	a. Justiça
2. Legalidade	b. Baseado
3. Alicerçado	c. Com autoridade
4. Instauração	d. Estabelecimento
5. Aglutinou	e. Acordo
6. Consenso	f. Nacionalidade por descendência
7. Democrático	g. Soberania exercida pelo povo
8. Estado de Direito	h. Nacionalidade por obtenção
9. Nacionalidade adquirida	i. Que serve os interesses do povo
10. Nacionalidade originária	j. Entidade administrativa de uma região autónoma
11. Autarquia	k. Limítrofe
12. Contígua	l. Agregou

4. Observa as palavras sublinhadas na frase abaixo.

"O território da República de Moçambique é uno, indivisível e inalienável."
- 4.1. Assinala a alínea cujo sentido é equivalente.
 - a. O território da República de Moçambique é singular, inteiro e inalienável.
 - b. O território da República de Moçambique é único, indivisível e intransferível.
 - c. O território da República de Moçambique é específico, indissolúvel e inadiável.
 - d. O território da República de Moçambique é individual, inseparável e absoluto.

5. Identifica as partes que compõem o texto.
- 5.1. Indica o objectivo de cada uma dessas partes.
6. Faz o levantamento de palavras e/ou expressões que caracterizam a Constituição da República de Moçambique. Segue o exemplo.
- Ex.: "Princípios fundamentais"

Exercícios de Funcionamento da Língua

Verbos irregulares: pôr, querer e poder

1. Observa o exemplo e completa as frases, com os verbos conjugados no modo indicativo.

Ex.: Eu quero (*querer* – presente) conhecer a Constituição da República de Moçambique.

- a. Na aula de Legislação, tu _____ (*poder* – pretérito perfeito) aprender alguns princípios fundamentais da Constituição da República de Moçambique.
- b. Os homens _____ (*pôr* – pretérito imperfeito) sempre em causa os Direitos Constitucionais da mulher, quando se discutia a questão da igualdade.
- c. A Constituição da República de Moçambique defende que os moçambicanos _____ (*poder* – presente), livremente, eleger o presidente da República.
- d. Nós _____ (*querer* – presente) viver num país onde todos gozam dos mesmos direitos.
2. Observa o exemplo e completa as frases, com os verbos conjugados no modo conjuntivo.
- Ex.: Se és um bom cidadão, espero que ponhas (*pôr* – presente) em prática os princípios da Constituição da República de Moçambique na tua comunidade.
- a. Se eu _____ (*poder* – pretérito imperfeito) aprender alguns princípios fundamentais da Constituição da República de Moçambique, ia divulgá-los na minha aldeia.
- b. É preciso que todos nós _____ (*querer* – presente) defender a liberdade de expressão, para que o nosso país seja um Estado de Direito Democrático.
- c. Se a nacionalidade moçambicana não _____ (*poder* – pretérito imperfeito) ser adquirida, os estrangeiros nunca poderiam tornar-se moçambicanos.
- d. É compreensível que as pessoas _____ (*querer* – presente) um país onde todos gozam dos mesmos direitos.

3. Produz frases com os verbos *pôr*, *querer* e *poder*, no tempo e modo indicados.

- a. *pôr* (presente, indicativo) _____
- b. *querer* (presente, conjuntivo) _____
- c. *poder* (presente, indicativo) _____
- d. *poder* (pretérito perfeito, indicativo) _____
- e. *pôr* (pretérito imperfeito, conjuntivo) _____
- f. *querer* (pretérito perfeito, indicativo) _____
- g. *querer* (pretérito imperfeito, indicativo) _____

Actividade

1. Relê, com atenção, os artigos 9 e 10. Nestes artigos, encontras dois conceitos importantes que, a seguir, definimos:

Língua nacional – sistema de comunicação verbal que é usado no interior de um território nacional e que tem estatuto oficial de língua nacional.

Língua oficial – sistema de comunicação verbal adoptado para uso em instituições (por exemplo, escolas, repartições públicas, tribunais, bancos, ministérios, parlamento) e documentos oficiais (por exemplo, bilhetes de identidade, passaportes, leis, discursos e declarações oficiais) de um determinado país.

- 1.1. Com base nestas definições e nos teus conhecimentos de Ciências Sociais, preenche o quadro abaixo, dando exemplos de línguas nacionais e de línguas oficiais em diferentes países.

	Língua(s) nacional(ais)	Língua(s) oficial(ais)
Moçambique		
África do Sul		
Angola		
Zimbabwe		
Portugal		
Brasil		

2. Em Moçambique, como deves saber, o português é a única língua oficial, embora não seja a língua materna, quer dizer, a primeira língua aprendida pela maior parte dos cidadãos. Mais de metade da população em Moçambique, e principalmente aquela que vive em zonas rurais, não fala português. Neste contexto, Armando Jorge Lopes, um reconhecido linguista moçambicano, defende que:

“os cidadãos devem ter o direito de utilizar as suas línguas maternas em situações oficiais e, consequentemente, todas as línguas faladas nativamente por moçambicanos devem gozar de estatuto de língua oficial.”

(LOPES, Armando J. *A Batalha das Línguas. Perspectivas sobre a linguística aplicada a Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária. 2004. Pág. 51

- 2.1. Escreve um texto argumentativo, de 20 a 25 linhas, formulando a tua opinião sobre a ideia de Armando Jorge Lopes. No teu texto, deves ter em conta:
 - os conceitos de **língua nacional** e **língua oficial**;
 - os conceitos de **democracia** e **justiça social**;
 - o artigo 3 da Constituição da República de Moçambique.

Avalia o que aprendeste

O solteiro e a solteirona

Havia um homem e uma mulher que nunca se tinham casado. Certo dia, o homem foi ao poço e encontrou a mulher que nunca casara. Cumprimentaram-se e ele perguntou-lhe se ela tinha marido. Como esta respondesse que não, o homem adiantou:

– Eu também não sou casado! Então, podemos juntar-nos!

E o homem levou a mulher para sua casa. Como ela tinha uma cabra e ele um cabrito juntaram-nos e estes multiplicaram-se.

Um dia, resolveram separar-se. E o homem não quis dar nenhuma cabra à mulher. Então, esta perguntou-lhe:

– Como é possível que não me queiras dar nenhum animal, se tu só tinhas um cabrito?

E o homem respondeu:

– Não! E não! Quem procria é o homem, nunca a mulher!

A mulher foi, então, queixar-se ao chefe da terra, que marcou a discussão do problema para o dia seguinte, sábado, à tarde.



Chegada a tarde de sábado, quando iam a sair de casa, apareceu o coelho que perguntou à mulher qual era a razão de tanta tristeza, ao que ela respondeu:

– Tenho problemas que vão ser resolvidos esta tarde.

– Ai, sim? Então, vai andando que eu já vou ter contigo. – disse o coelho.

Quando iam a meio do caminho, surgiu de novo o coelho correndo a toda a velocidade. E o homem perguntou-lhe:

– O que é que se passa, senhor coelho?

– Vou à machamba comunicar à minha mãe que o meu pai acabou de dar à luz! – respondeu o coelho.

- Mas onde é que já se viu isso, um homem a dar à luz? – perguntou o homem.
- Mas então não foste tu que impediste a tua mulher de levar as cabras dela, dizendo que só o homem era procriador?

MEDEIROS, Eduardo (Org.). *Contos Populares Moçambicanos*. Maputo: Ndjira. 1997. Págs. 127-128

■ Reflecte e debate

Reflecte individualmente sobre as questões seguintes e toma notas breves dos teus pontos de vista:

- O que é que este conto mostra sobre as relações entre o homem e a mulher na sociedade tradicional?
- O que é que este conto ensina sobre a igualdade de direitos e deveres do homem e da mulher?
- Achas que essa igualdade de direitos existe na tua família e comunidade? Se sim, porquê? Se não, o que poderás fazer para mudar as mentalidades e promover a igualdade?

Agora, junta-te aos membros do teu grupo e debate com eles a tua opinião.

Selecciona, com os membros do grupo, os argumentos e exemplos que vos parecem mais fortes e que devem, por isso, ser usados no debate alargado da turma. Escolhe, juntamente com os teus colegas, um elemento do teu grupo para participar no debate. Presta atenção ao debate alargado e, principalmente, à actuação do membro do teu grupo. Se ele não conseguir defender o ponto de vista do teu grupo, podes também pedir a palavra. Ao longo do debate, toma nota dos argumentos que te parecem ser mais bem sucedidos na promoção da igualdade de direitos e deveres entre o homem e a mulher.

■ Produção de dísticos e cartazes

Faz de conta que vais participar numa marcha de promoção da igualdade dos direitos e deveres do homem e da mulher no teu bairro, vila ou cidade. Usa as notas que registaste no debate alargado da turma e selecciona frases ou ideias para a produção de dísticos ou cartazes. Podes ter de alterar um pouco as frases, de forma a tornar a mensagem mais apelativa.

Como fizeste na 9.ª classe, não te esqueças de usar actos de fala para *descrever*, *explicar*, *enumerar* e *convencer*!

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste os artigos 1.º a 10.º do Capítulo I da Constituição da República;
- › distinguiste os conceitos *língua oficial* e *língua nacional*;
- › usaste os verbos *pôr*, *querer* e *poder* em frases;
- › reflectiste sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade moçambicana e sobre questões de género e equidade;
- › produziste dísticos e cartazes para a promoção da igualdade dos direitos e deveres do homem e da mulher.

2

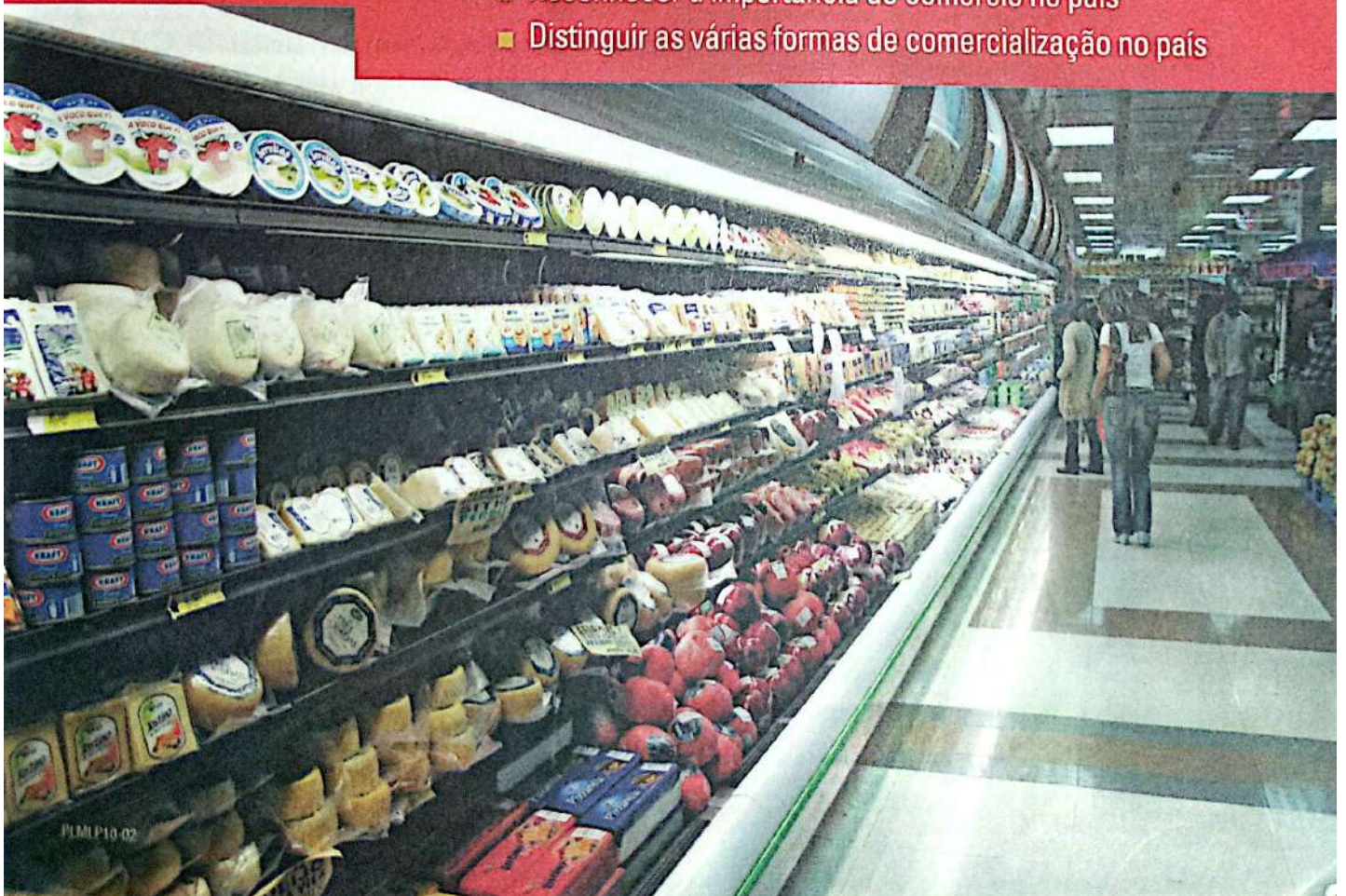
TEXTOS ADMINISTRATIVOS

TEMA TRANSVERSAL

■ Comércio

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as características da carta oficial
- Produzir uma carta oficial
- Identificar o pronome pessoal em frases
- Distinguir os diferentes tipos de conjugação pronominal
- Redigir frases usando a conjugação pronominal reflexa e recíproca
- Comparar a conjugação pronominal reflexa com a recíproca
- Reconhecer a importância do comércio no país
- Distinguir as várias formas de comercialização no país



Lê, com atenção, a seguinte carta oficial.

TEXTO
1



Conselho Municipal da Cidade da Matola
N/ Ref.: N.º 22/CMCM/ 2010-04-03
Maputo, aos 15 de Maio de 2010.

Exmo. Senhor
Professor Doutor Bento Mandjate
Faculdade de Economia, Campus Universitário
Universidade Eduardo Mondlane
Telefax: 2149 25 92

Assunto: Concurso Público de Relatórios de Investigação Científica sobre a Actividade Comercial na Cidade da Matola

No âmbito do concurso público para apresentação de resultados de relatórios de investigação sobre a actividade comercial na Cidade da Matola, com o objectivo de estimular a pesquisa sobre a realidade socioeconómica desta urbe, de que V. Exa. integra o Júri de Avaliação dos trabalhos a apresentar, servimo-nos da presente para remeter à sua consideração três trabalhos submetidos até à presente data.

Aos trabalhos em anexo, juntam-se ainda o Anúncio e o Regulamento do Concurso, documentos publicados no jornal *Notícias* do dia 15 de Janeiro.

Aproveitamos o ensejo para comunicar a V. Exa. que os mesmos relatórios de pesquisa foram enviados aos demais membros do Júri.

Junto:

- Anúncio do Regulamento do Concurso Público;
- Regulamento do Concurso Público;
- Relatórios de Investigação 01, 02 e 03.

Sem mais de momento, subscrevemo-nos com elevada estima e consideração.

O Presidente da Comissão Organizadora

Arlindo Machava
Técnico Administrativo

Concelho Municipal da Cidade da Matola, 362, Av. Zedequias Manganhela, Matola

Ler – Compreender

1. Preenche o quadro seguinte, identificando os elementos estruturais da carta oficial que acabaste de ler.

Elementos identificativos	Remetente – Instituição: _____ – Assinatura: _____
	Destinatário – Pessoa / título: _____ – Endereço: _____
Referência	
Local e data	
Assunto	

2. Apresenta um esquema da mancha gráfica, ou seja, um esquema em que indiques a posição gráfica dos diferentes elementos estruturais na folha da carta oficial.
3. Presta particular atenção ao assunto desta carta.
- 3.1. Que outras situações justificariam a escrita de uma carta oficial?
4. Indica a principal intenção comunicativa do remetente desta carta.
- 4.1. Copia do texto o extracto que te permitiu identificar essa intenção.
- 4.2. Que outras intenções comunicativas encontras nesta carta?
5. Identifica o nível de língua usado na carta oficial que leste.
- 5.1. Consideras esse nível de língua apropriado em relação à situação?
- 5.2. Justifica as tuas respostas, com base nas seguintes marcas textuais:
- a fórmula inicial ou o vocativo;
 - a fórmula final de despedida;
 - as formas de tratamento;
 - a formulação de pedidos;
 - o vocabulário.
6. Nesta unidade, leste e analisaste uma carta oficial. Na 9.ª classe, leste, analisaste e escreveste cartas comerciais e cartas familiares.
- 6.1. Preenche o quadro seguinte, tentando encontrar similaridades e diferenças entre estes três tipos de cartas.

	Carta oficial	Carta comercial	Carta familiar
Situação que justifica a escrita deste tipo de carta			
Assunto(s) abordado(s)			
Nível de língua			
Estrutura			

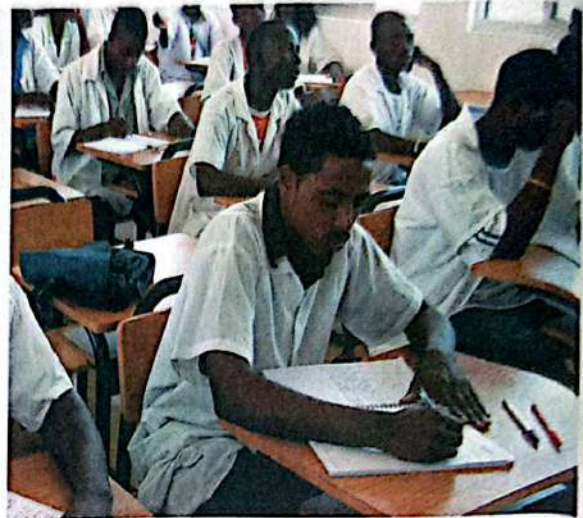
Funcionamento da Língua

1. PRONOME PESSOAL REFLEXO

Observa o seguinte extracto, retirado da carta oficial em análise:

"... *servimo-nos da presente para remeter à sua consideração...*"

- No extracto acima, o pronome *nos* representa o objecto indirecto (Servimos a quem? A nós próprios). O complemento indirecto é o mesmo que o sujeito do verbo. Portanto, estamos na presença de um pronome reflexo.



O pronome pessoal é reflexo quando o objecto directo ou indirecto representa na frase a mesma pessoa que o sujeito do verbo. Pode ser expresso pelos seguintes pronomes pessoais oblíquos na 3.ª pessoa do singular: *se, si, consigo*.

Exs: *O presidente da Comissão Organizadora serviu-se da carta para submeter os trabalhos.*

O concorrente n.º 1 falou de si.

O concorrente n.º 2 não trouxe o trabalho consigo.

Nas demais pessoas, o pronome reflexo é identificado pelos pronomes pessoais: *me, te e nos*.

Exs: *Eu inscrevi-me no concurso.*

Tu inscreveste-te no concurso.

Nós inscrevemo-nos no concurso.

2. PRONOME PESSOAL RECÍPROCO

Observa a seguinte frase:

Os membros do júri encontraram-se.

O pronome *se* indica que a acção é respectiva ou mútua a diferentes pessoas, ou seja, as pessoas (membros do júri) encontraram-se umas com as outras. Neste caso, diz-se que o pronome é recíproco.

O pronome pessoal é recíproco, quando as formas do pronome reflexo nas pessoas gramaticais do plural *nos* e *se* se empregam para indicar que a acção é mútua entre dois ou mais indivíduos, isto é, para exprimir a reciprocidade da mesma.

Exs: *Abraçamo-nos, quando soubemos os resultados do concurso.*

Os concorrentes não se cumprimentaram.

Exercícios de Funcionamento da Língua

1. Identifica o tipo de pronome que ocorre nas seguintes frases:
 - a. Eu encantei-me com o trabalho do João.
 - b. O Pedro enganou-se.
 - c. Os alunos do grupo encontraram-se para estudar.
 - d. Vamo-nos apressar.
 - e. O João e a Maria beijaram-se, apaixonadamente.
 - f. Fomo-nos embora muito cedo.
 - g. Fechaste-te em quatro paredes e não disseste mais nada.

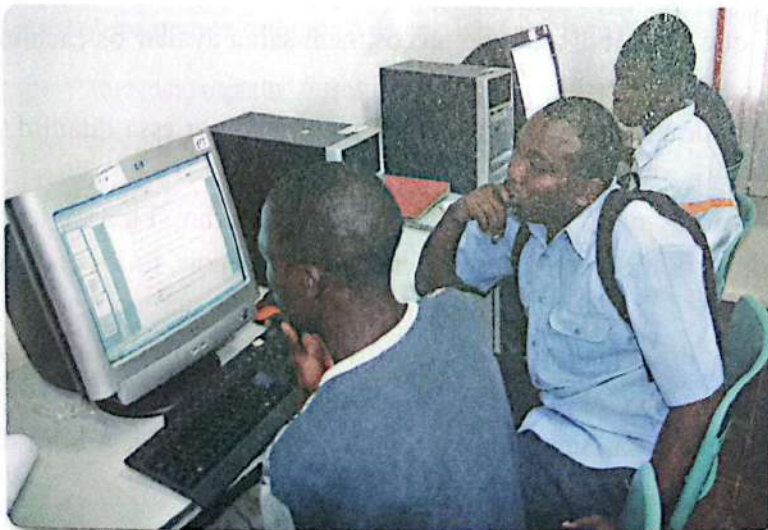
2. Substitui a palavra ou expressão sublinhada pelo pronome adequado.
 - a. Ela fala sempre dela.
 - b. O cantor não trouxe a viola com ele.
 - c. Os colegas desejaram boa sorte uns aos outros.
 - d. Ela despiu a si própria.
 - e. Eles saudaram um ao outro.

Avalia o que aprendeste

Assume o papel de um dirigente de uma instituição pública ou privada e redige uma carta oficial, cumprindo uma das seguintes intenções comunicativas:

- pedir emprego;
- fazer uma reclamação;
- dar ou obter informações.

Obedece, com rigor, às normas de apresentação, à estrutura e à linguagem deste tipo de texto. Procura, ainda, enquadrar o assunto abordado numa actividade comercial de Moçambique.



Nas actividades comerciais, nem sempre todos ficam a ganhar. Lê o seguinte conto popular moçambicano e reflecte sobre as formas tradicionais de comercialização de produtos em Moçambique.

TEXTO
2

O menino esperto



Era uma vez um casal que teve um filho a quem deu o nome de Sinaportar.

Um dia, o pai de Sinaportar entregou-lhe cento e cinquenta cachimbos para ele trocar por mapira. Sinaportar foi à povoação mais próxima e começou a apregoar:

– *Quem quer trocar cachimbos por mapira?*

5 – *Quem quer trocar cachimbos por mapira?*

Imediatamente, apareceram várias pessoas a perguntar quanto é que ele queria de mapira em troca de um cachimbo.

Sinaportar, que não sabia nada de preços, nem sabia avaliar os cachimbos, respondeu:

10 – *Encham os buracos dos cachimbos com mapira. É por essa quantidade que eu os troco.*

As pessoas ficaram muito admiradas, mas não ripostaram. Fizeram logo o que Sinaportar lhes pediu e ficaram com todos os cachimbos. Depois, todos contentes, despediram-se, dizendo:

15 – *Até qualquer dia, Sinaportar. Quando tiveres mais coisas para vender, vem ter connosco. Havemos de comprar.*

Quando chegou a casa, Sinaportar entregou a mapira à mãe. À hora da refeição, o pai perguntou:

– *Então, filho, quanto rendeu a venda dos cachimbos?*

20 – *Rendeu a mapira que estamos a comer, meu pai.* – respondeu Sinaportar.

O pai ficou furioso e zangou-se muito com ele. Sinaportar, percebendo o seu erro, replicou:

– Não se zangue, papá. Eu não sabia quanto trabalho teve ao fazer os cachimbos. Deixe-me vender outra coisa. Prometo trazer muita comida.

25 – Mas como é que tu vais recuperar tudo o que perdemos com esta venda? – duvidou o pai.

– Deixe isso comigo, papá! Faça algumas esteiras e dê-mas para eu as vender.

30 E assim foi. Em três meses, o pai de Sinaportar conseguiu fazer trinta esteiras. Sinaportar foi, então, à mesma povoação. Quando lá chegou, as pessoas foram a correr ter com ele, e perguntaram:

– Então, meu rapaz, o que é que vendes hoje?

– Eu trago aqui esteiras para trocar por mapira.

– E qual é o preço? – perguntaram todos, a uma só voz.

35 – O preço é o mesmo. Vocês dobram as esteiras e enchem-nas de mapira – respondeu Sinaportar.

As pessoas ficaram muito contrariadas, mas, para não faltarem à promessa feita, tiveram que realizar a troca.

(Conto popular recolhido em Sofala)

Ler – Compreender

1. Identifica a forma de comércio descrita neste conto.
2. Com base na história de Sinaportar, diz qual a vantagem e desvantagem desta forma de comércio.
3. Identifica a moral da história.

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre pronomes reflexos e pronomes recíprocos

1. Retira do conto "O menino esperto" frases que contenham pronomes reflexos ou recíprocos.
 - 1.1. Classifica esses pronomes.
2. Coloca o pronome reflexo ou recíproco *se* no espaço adequado:
 - a. Sinaportar não _____ deixou _____ enganar, porque era um menino esperto.
 - b. O pai de Sinaportar _____ sentiu _____ frustrado, porque não conseguiu o dinheiro que esperava ter.
 - c. As pessoas _____ admiraram _____ com a esperteza de Sinaportar.
 - d. As pessoas que chegaram ao local de troca não _____ cumprimentaram _____ umas às outras.
 - e. Sinaportar e o pai _____ abraçaram _____ felizes.

■ Dramatização

Junta-te aos teus colegas de grupo e prepara uma pequena dramatização/simulação sobre uma das actividades comerciais, tradicionais ou modernas, praticadas em Moçambique. Podes decidir simular a venda de produtos agrícolas à beira das estradas, a venda de roupas das calamidades nos *dumba-nengues*, a venda de produtos num grande supermercado ou mesmo a venda de serviços por um agente da



TV CABO. Antes de começares a preparar a simulação com os teus colegas, reflecte criticamente sobre a actividade comercial que pretendes simular e pensa numa mensagem que gostarias de fazer passar sobre a mesma. Por exemplo, se pretenderes simular a venda de produtos num grande supermercado, podes passar a mensagem sobre o atendimento pouco personalizado que os clientes desses supermercados encontram e das dificuldades que podem ter para encontrarem alguns produtos, fáceis de encontrar em mercearias pequenas. Prepara uma simulação de 10 a 15 minutos que torne clara essa mensagem para a audiência.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e analisaste a estrutura de cartas oficiais;
- › escreveste uma carta oficial;
- › identificaste o pronome pessoal em frases;
- › distinguiste a conjugação pronominal reflexa da recíproca;
- › resolveste exercícios sobre a conjugação pronominal reflexa e recíproca;
- › reflectiste sobre as várias formas de comercialização em Moçambique;
- › realizaste uma pequena dramatização sobre actividades comerciais, tradicionais e modernas, praticadas em Moçambique.

3

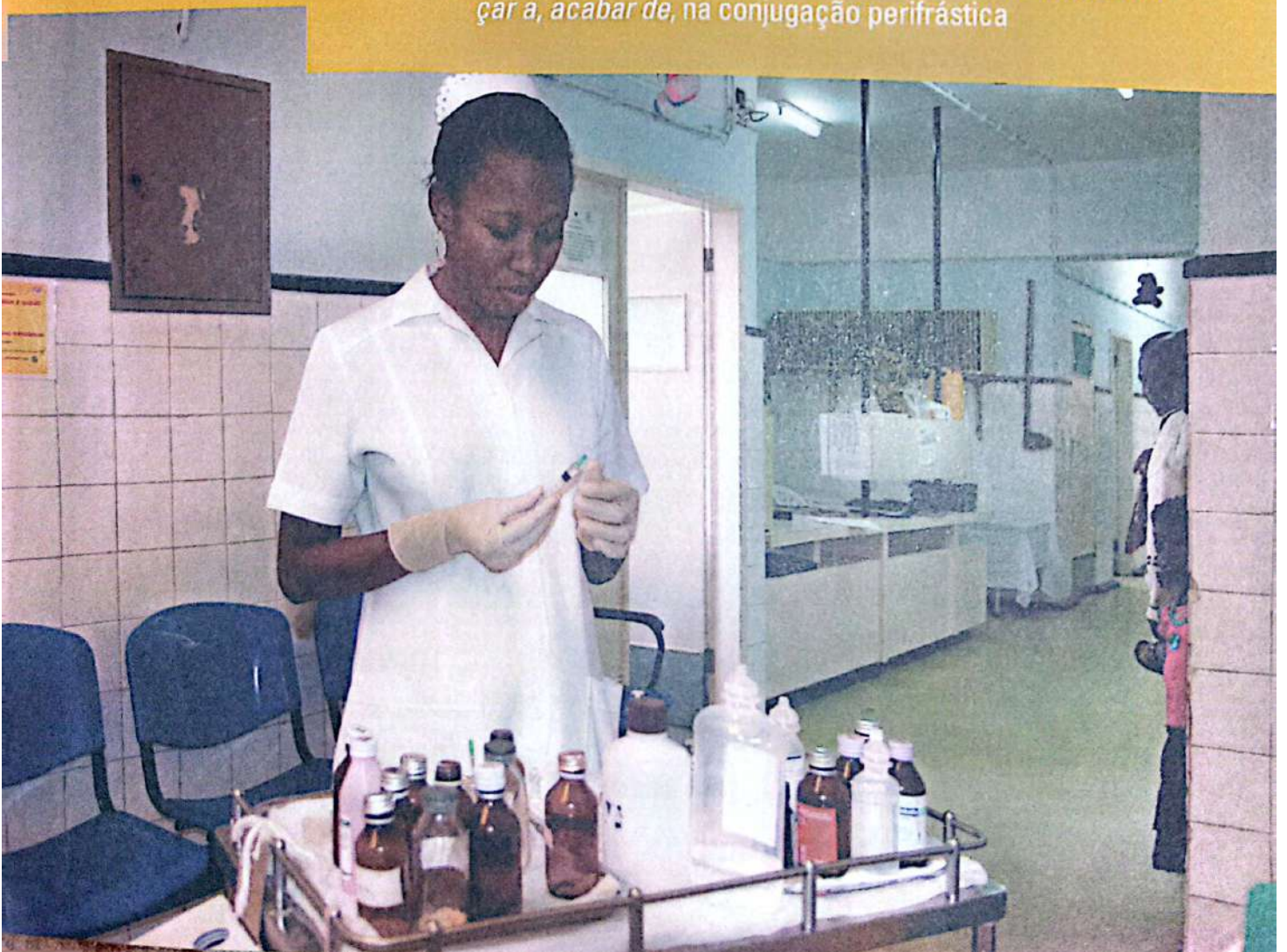
TEXTOS JORNALÍSTICOS

TEMA TRANSVERSAL

- Prevenção de doenças: diabetes

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer entrevistas
- Elaborar guião de entrevista
- Fazer entrevista
- Usar o discurso directo em entrevistas
- Construir frases na conjugação perifrástica
- Usar em textos orais e escritos os verbos *estar a*, *começar a*, *acabar de*, na conjugação perifrástica



És diabético ou estás integrado num grupo de risco? Lê o seguinte texto e fica a conhecer os sintomas, os tipos e as formas de prevenção desta doença.



O que é a diabetes?

A diabetes é uma doença crónica que se caracteriza pelo aumento dos níveis de açúcar (glicose) no sangue e pela incapacidade do organismo em transformar toda a glicose proveniente dos alimentos.

Quem está em risco de ser diabético?

A diabetes é uma doença em crescimento, que atinge cada vez mais pessoas em todo o mundo e em idades mais jovens. No entanto, os grupos de risco são:

- pessoas com familiares directos com diabetes;
- homens e mulheres obesos;
- homens e mulheres com tensão arterial alta ou níveis elevados de colesterol no sangue;
- mulheres que contraíram a diabetes gestacional na gravidez;
- crianças com peso igual ou superior a quatro quilogramas à nascença;
- pessoas com problemas no pâncreas ou com doenças endócrinas.

Quais são os sintomas típicos da diabetes?

Nos adultos, a diabetes é, geralmente, do tipo 2 e manifesta-se através dos seguintes sintomas:

- urinar em grande quantidade e muitas mais vezes, especialmente durante a noite (poliúria);
- ter sede constante e intensa (polidipsia);
- ter fome constante e difícil de saciar (polifagia);
- sentir fadiga;
- sentir comichão (prurido) no corpo, designadamente nos órgãos genitais;
- ter visão turva.

Neste grupo etário, a diabetes não se manifesta tão claramente, sobretudo no início, motivo pelo qual pode passar despercebida durante alguns anos.

Nas crianças e jovens, a diabetes é quase sempre do tipo 1 e aparece de maneira súbita, sendo os sintomas muito nítidos, como, por exemplo:

- urinar muito;
- ter muita sede;
- emagrecer rapidamente;
- sentir grande fadiga, associada a dores musculares intensas;
- comer muito mas continuar a ter a sensação de fome;
- sentir dores de cabeça, náuseas e vómitos.



Como se diagnostica a diabetes?

Se sentir alguns ou vários dos sintomas, deve consultar o médico, o qual lhe pedirá para realizar análises ao sangue e à urina.

Que tipos de diabetes existem?

– **Diabetes tipo 1** (Diabetes Insulino-Dependente) – É a mais rara.

O pâncreas produz insulina em quantidade insuficiente ou em qualidade deficiente ou ambas as situações. Como resultado, as células do organismo não conseguem absorver do sangue o açúcar necessário, ainda que o seu nível se mantenha elevado e seja expelido para a urina.

A diabetes tipo 1 aparece com maior frequência nas crianças e nos jovens, podendo também aparecer em adultos e até em idosos.

Os doentes necessitam de uma terapêutica com insulina para toda a vida, porque o pâncreas deixa de produzir esta substância.

– **Diabetes tipo 2** (Diabetes Não Insulino-Dependente) – É a mais frequente. O pâncreas produz insulina, mas as células do organismo oferecem resistência à sua acção. O pâncreas vê-se, assim, obrigado a trabalhar cada vez mais, até que a insulina produzida se torna insuficiente e o organismo tem cada vez mais dificuldade em absorver o açúcar proveniente dos alimentos. Este tipo de diabetes aparece normalmente na idade adulta.

– **Diabetes gestacional** – Surge durante a gravidez e desaparece, habitualmente, quando concluído o período de gestação. No entanto, é fundamental que as grávidas diabéticas tomem medidas de precaução para evitar que a diabetes do tipo 2 se instale mais tarde no seu organismo.

Como prevenir a diabetes?

Para prevenir a diabetes, deve-se:

- fazer um controlo rigoroso da glicemia, da tensão arterial e dos lípidos;
- vigiar os órgãos mais sensíveis, como a retina, o rim, o coração;
- ter bons hábitos alimentares;
- fazer exercício físico regular;
- não fumar.

<http://www.min-saude.pt>, consultado a 07.04.2010 (adaptado)

Ler – Compreender

1. Identifica o tema abordado no texto.
 - 1.1. Achas que este tema é importante para pessoas da tua idade? Justifica a tua resposta, com base no texto.
2. Nas frases abaixo dadas, substitui as palavras ou expressões sublinhadas por outras equivalentes.
 - a. A diabetes é uma doença crónica.

- b. Os homens obesos podem ficar diabéticos.
 - c. As pessoas com doenças endócrinas correm o risco de ficar diabéticas.
 - d. Os diabéticos de tipo 1 necessitam de uma terapêutica com insulina para toda a vida.
 - e. Os diabéticos devem controlar o seu nível de glicemia.
3. Identifica os sintomas que podem levar uma pessoa a pensar que tem diabetes.
4. Preenche o quadro abaixo com informações do texto que te ajudam a distinguir os diferentes tipos de diabetes.

	Tipo 1	Tipo 2	Gestacional
Grupos populacionais mais afectados			
Situação do pâncreas na produção de insulina			

5. Indica a função da insulina no organismo.
6. Com base nas informações que o texto te dá, produz um pequeno discurso (de 8 a 12 linhas) para convenceres um grupo específico de pessoas a tomarem medidas de precaução para evitar a diabetes. Não te esqueças de indicar, à partida, qual é o teu grupo alvo e em que situação (por exemplo, palestra, reunião, diálogo, etc.) vais fazer o teu discurso.
7. O texto "O que é a diabetes?" contém várias perguntas e respostas.
- 7.1. Achas que se trata de uma entrevista? Justifica a tua resposta.

Lê, agora, a entrevista e responde ao questionário que se segue.

2

"O pé diabético é um problema que pode levar à amputação"

A podologia é uma especialidade que, apesar de ser para muitos desconhecida, é a solução para um problema que afecta grande parte da população que, geralmente, não trata devidamente os pés. A verdade é que a nossa qualidade de vida pode ser significativamente melhorada com um tratamento adequado aos pés. "O Regional" dedica esta semana um espaço em entrevista sobre esta especialidade, que nos foi concedida pela Dra. Ana Isabel Costa. Na sua Clínica, frente ao Tribunal desta cidade, falou-nos sobre a podologia.

Explique-nos o que é a podologia.

A podologia representa uma área nova das ciências médicas, responsável sobre todos os problemas que afectam os pés.

Quais são os problemas mais frequentes que afectam os pés?

Os problemas que surgem nos pés são muito variados e podem associar-se a síndromas sistémicos, como é o caso da diabetes, bem como a diferentes grupos etários, como as crianças (pés rasos, cavos, valgos, dedos encavalitados, caminhar de forma incorrecta,...), os adultos (verrugas, micoses,

calosidades, unhas engrossadas ou encravadas, joanetes...), os desportistas, com problemas muito específicos, dependendo do desporto que praticam.

Este grupo, geralmente, necessita de uma palmilha desportiva que evite lesões como as entorses.

Sente que as pessoas des-cuidam essa parte do corpo?

Sem dúvida. A nossa sociedade ainda não tem consciência da prevenção sobre os cuidados dos pés. Estes órgãos, como qualquer parte do nosso corpo, precisam de uma atenção especial. É totalmente incorrecto colocar os pés nas mãos de pessoas sem qualquer tipo de formação superior. Senão, vejamos: se nos dói os dentes, vamos ao dentista, então, se tivermos um problema no pé (mesmo sendo uma simples calosidade), devemos ir a um podologista, que irá certamente compreender a lesão, tratá-la e evitá-la.

Fala-se muito no pé diabético. Explique-nos um pouco esta patologia.

O mau controlo da diabetes pode provocar dois perigos para os pés: a diminuição da capacidade de sentir dor e a diminuição



da capacidade de receber mais sangue quando é necessário.

Nestas circunstâncias, os pés tornam-se muito delicados, e mesmo um pequeno inconveniente, como um par de sapatos apertados, um banho quente ou um pequeno corte podem ser muito perigosos. Será necessário uma consulta de rotina, mesmo quando ainda não existem lesões, pois deste modo poderemos preveni-las. O pé diabético é um problema que pode levar à amputação do membro. Portanto, será de aconselhar: se é diabético, prevena-se.

Para finalizar, gostaria de deixar algum conselho aos nossos leitores?

Para finalizar, gostaria de deixar algum conselho aos nossos leitores?

Nunca é demais dizer que os nossos pés, que chocam no solo 10 a 15 mil vezes por dia, que suportam o nosso corpo muitas das vezes envolvidos em sapatos agressivos e meias sintéticas, sem conseguirem respirar, merecem uma atenção especial. Essa atenção só poderá ser dada por um profissional de saúde, com formação académica adequada e com todos os requisitos de higiene e esterilização.

<http://www.tratamentodope.com>, consultado a 07.04.2010 (adaptado)

Ler – Compreender

1. "O pé diabético é um problema que pode levar à amputação".
 - 1.1. Justifica este título com argumentos do texto.
2. Retira do texto palavras ou expressões da mesma área semântica de "pé".
3. O quadro abaixo indica alguns pontos importantes sobre a doença dos pés.
 - 3.1. Preenche-o, com base em informação colhida no texto.

Nome da doença dos pés	
Especialista que cuida da doença dos pés	
Problemas mais frequentes dos pés	
Problemas dos pés em indivíduos diabéticos	
Cuidados a ter com os pés	

4. Identifica o objectivo do primeiro parágrafo do texto.
5. O texto que leste é uma entrevista.
 - 5.1. Quem assume o papel de entrevistador?
 - 5.2. Qual é o objectivo do entrevistador?
 - 5.3. Por que razão o entrevistador elegeu a Dra. Ana Isabel Costa para falar da doença dos pés?
6. A linguagem deste tipo de texto é clara e precisa.
 - 6.1. Retira do texto um extracto que ilustre esta afirmação.
 - 6.2. Indica o tipo de discurso que predomina no texto. Justifica.
7. A que público o texto é destinado? Justifica a tua resposta.

Procura Saber Mais

Nesta unidade, estás a aprender alguns factos importantes sobre a diabetes: caracterização da doença, formas de diagnóstico, grupos populacionais de risco, medidas de precaução, sintomas típicos e outras complicações.

Mas, com certeza, ainda não aprendeste tudo... O que gostarias de saber mais?

Entrevista uma personalidade

Pensa em alguém que te possa ensinar um pouco mais sobre a doença: um diabético (jovem ou adulto), a mãe de uma criança diabética, um médico, um membro da Associação de Diabéticos de Moçambique ou até um familiar de um diabético.

Prepara um guião de uma entrevista que possas fazer a essa pessoa. Podes, por exemplo, fazer-lhe perguntas sobre as formas de controlo da doença, a alimentação, os riscos de outras possíveis complicações de saúde, as formas de prevenção, o apoio que os diabéticos recebem do Estado e da sociedade, etc.

Não te esqueças de:

- ter em conta a idade, nível de conhecimento e sensibilidade do entrevistado;
- fazer perguntas directas e interessantes;
- organizar as perguntas de acordo com os assuntos tratados.

Depois de escreveres o teu guião, prepara-te para o apresentares aos outros colegas da turma e ouvires as suas observações. Com base nas observações dos teus colegas e professor, corrige o teu guião e procura a pessoa escolhida para lhe fazeres, de facto, a entrevista. Depois, redige o texto da entrevista.



Funcionamento da Língua

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA – VERBOS AUXILIARES – *ESTAR A, COMEÇARA E ACABAR DE*

Observa as formas verbais sublinhadas no texto abaixo.

A Dra. Ana Isabel Costa começou a falar do pé diabético, para explicar a necessidade de ter cuidados com os pés. Ela disse que a falta de higiene está a provocar muitos problemas de doenças dos pés.

A entrevista terminou quando a podologista acabou de explicar o que se deve fazer para prevenir a doença dos pés.

As formas verbais destacadas são compostas por dois verbos e uma preposição que os liga. O primeiro verbo é auxiliar e o segundo é principal.

começar + preposição a + falar

estar + preposição a + provocar

acabar + preposição de + explicar

O verbo auxiliar é conjugado no tempo, modo e pessoa gramatical, de acordo com o valor que se pretende atribuir ao verbo principal. O verbo principal mantém-se no infinitivo.

Exemplos:

A Dra. Ana Isabel Costa começou a falar do pé diabético... – indica que a acção expressa pelo verbo é contínua, mas passada em relação ao momento de enunciação.

Ela disse que a falta de higiene está a provocar muitos problemas de doenças dos pés. – indica uma acção presente e contínua.

A entrevista terminou quando a podologista acabou de explicar o que se deve fazer para prevenir a doença dos pés. – indica uma acção passada.

Esta é a forma de **conjugação verbal perifrástica**. Quando se usa este tipo de conjugação, exprime-se, por várias palavras, o que poderia ser dito numa só.

Exercícios de Funcionamento da Língua

- Sublinha a conjugação perifrástica nas frases abaixo.
 - A falta de higiene dos pés começa a preocupar os agentes da saúde.
 - Os médicos estão a divulgar medidas de prevenção da diabetes, em todas as comunidades.
 - Acabámos de saber como nos prevenir das diferentes doenças dos pés.
- Usa a preposição ajustada a cada conjugação perifrástica e preenche os espaços em branco.
 - Quando chegaste, acabávamos _____ (por, de, a) começar o trabalho.
 - Estou _____ (para, de, a) cantar de alegria.
 - Depois de sabermos os sintomas da diabetes, começamos _____ (a, de, por) ver como é importante a divulgação da informação.
- Substitui, em cada uma das alíneas seguintes, a forma verbal sublinhada por uma forma de conjugação perifrástica adequada, usando as expressões auxiliares *estar a...*, *começar a...*, *acabar de...*. Faz as alterações necessárias às frases.
 - Vejo que não conseguirás concluir esse trabalho a tempo.
 - O professor chegou há pouco tempo.
 - Quando o professor se apercebeu que os alunos não compreendiam a sua explicação, deu exemplos concretos.

4. Produz frases onde ocorra a conjugação perifrástica com as expressões auxiliares indicadas.
- Acabar de...
 - Começar a...
 - Estar a...

Avalia o que aprendeste

■ Trabalho de pesquisa sobre a diabetes

Pensa num grupo específico de pessoas: membros da Associação de Diabéticos de Moçambique, médicos ou enfermeiros que tratam pacientes diabéticos, professores, etc. Qual é o conhecimento desse grupo de pessoas em relação à diabetes? Qual é a sua opinião em relação ao apoio que o Estado dá aos pacientes com diabetes? Qual é a sua opinião em relação ao comportamento alimentar da maior parte dos diabéticos?

Com os colegas do teu grupo, prepara um guião para uma entrevista que possas fazer ao grupo específico de pessoas seleccionado. Não te esqueças que as perguntas devem ser muito claras, precisas e directas; devem poder ser respondidas por todos os elementos do grupo que pretendes entrevistar e devem revelar o conhecimento ou a opinião do grupo de entrevistados em relação a um determinado assunto.

Depois de preparares o teu guião, apresenta-o aos outros colegas da turma e ouve as suas observações. Com base nas observações dos teus colegas e professor, corrige o teu guião da entrevista de grupo e procura pessoas do grupo-alvo escolhido para lhe fazeres, de facto, a entrevista. Recolhe os dados e, depois, organiza-os e sintetiza as respostas de grupo com os teus colegas. Não te esqueças de calcular percentagens ou médias das respostas dadas.

Depois, escreve, com os membros do teu grupo, o relatório da tua pesquisa. Prepara-te para fazeres uma apresentação oral breve da pesquisa efectuada e para, também, ouvires as apresentações das pesquisas realizadas pelos teus colegas. Vais ter oportunidade de fazer comentários ou perguntas no final de cada apresentação e, por isso, é fundamental que estejas atento.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e analisaste textos sobre a diabetes;
- › analisaste uma entrevista sobre os problemas dos pés;
- › elaboraste guiões de entrevistas;
- › realizaste entrevistas com base em guiões previamente elaborados;
- › estudaste formas de conjugação perifrástica;
- › resolveste exercícios sobre a conjugação perifrástica;
- › fizeste uma entrevista sobre a diabetes;
- › realizaste uma pesquisa sobre a diabetes.

4

TEXTOS MULTIUSOS

TEMA TRANSVERSAL

- Desastres ecológicos: sismos e erosão

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar textos didácticos e /ou científicos
- Interpretar texto expositivo-explicativo
- Redigir textos didácticos e /ou científicos
- Produzir texto expositivo-explicativo
- Elaborar frases com advérbios/locuções de ordem, dúvida e quantidade



Lê, atentamente, os dois textos que se seguem e, de seguida, responde ao questionário.



Sismos

Um sismo é uma vibração brusca da superfície terrestre. É o resultado de movimentos das placas litosféricas ou da actividade vulcânica.

O local onde é gerado denomina-se foco sísmico ou hipocentro. O epicentro fica em linha recta na superfície, sendo o local onde o sismo é sentido com maior intensidade.

Para quantificar um sismo existem duas grandezas: a magnitude e a intensidade. A magnitude está relacionada com a energia libertada por um sismo, enquanto os estragos causados indicam a sua intensidade. Assim, por cada sismo, existe uma magnitude, mas várias intensidades. Quanto mais longe do epicentro, menores são os seus efeitos, pois existe uma progressiva perda de energia.

A escala de Richter indica valores de magnitude e a escala de Mercalli valores de intensidade.

A possibilidade de existir um sismo é real. Existem medidas de prevenção a tomar em caso de sismo; estas devem ser conhecidas e divulgadas.

<http://malhatlantica.pt/cnaturais/sismos.htm>, consultado a 22.04.2010 (adaptado)



Sismos

O sismo, também conhecido por terramoto, é um fenómeno de vibração brusca e passageira da superfície terrestre causada pelo movimento de gases ou placas rochosas (ou tectónicas) que se encontram no fundo da terra. Este movimento deve-se à libertação de grandes quantidades de energia (fluxo de calor) sob a forma de ondas sísmicas que se propagam através duma linha conhecida como falha.

Em caso de sismo, o que devemos fazer?

Antes do sismo:

- construir as casas, escolas e outras infra-estruturas, respeitando as normas de protecção contra os abalos sísmicos;
- afastar-nos de edifícios precários, velhos, altos;
- afastar-nos de postes de energia e de objectos que nos podem cair em cima;
- afastar-nos de janelas de vidro, espelhos e objectos móveis;
- colocar todos os objectos pesados no chão;
- procurar abrigo num lugar seguro, por exemplo, debaixo de uma mesa ou de uma cama.

Durante o sismo:

- abandonar rapidamente as casas e ir para um espaço aberto longe de construções e de árvores;
- seguir as recomendações de entidades competentes.

INGC, Maputo (adaptado)

Ler – Compreender

1. Relê o primeiro texto e sublinha todas as palavras ou expressões-chave, ou seja, palavras ou expressões que representam informações importantes.
2. Os dois textos ensinam o que são sismos. Retira as informações mais relevantes das definições que são apresentadas e escreve a tua própria definição do fenómeno.
3. Achas que o sismo é um fenómeno natural? Justifica a tua resposta.
4. A erosão é uma degradação produzida na camada terrestre por agentes atmosféricos. Achas que o sismo causa erosão? Justifica a tua resposta.
5. Distingue os conceitos *epicentro* e *hipocentro*.
6. Explica o que é a *falha*.
7. Atenta na seguinte expressão: "... por cada sismo, existe uma magnitude, mas várias intensidades." (Texto 1, linhas 11-12)
 - 7.1. Explica, por palavras tuas, cada um dos conceitos sublinhados.
8. Todos os construtores, no exercício da sua profissão, devem ter em conta a possibilidade de ocorrência de sismos.
 - 8.1. Justifica esta afirmação, com base no texto.
 - 8.2. Aponta as medidas que devem ser tomadas por qualquer pessoa, em caso de aviso de sismo.
9. Identifica nos textos um exemplo de acto de fala utilizado com a finalidade de:
 - a. enumerar;
 - b. exemplificar.
10. Descreve a mancha gráfica dos textos que acabaste de analisar.

Funcionamento da língua

ADVÉRBIOS E LOCUÇÕES ADVERBIAIS DE ORDEM, DÚVIDA E QUANTIDADE

Na 9.^a classe, aprendeste o que são advérbios e locuções adverbiais.

Os **advérbios** têm a função de modificar o sentido dos verbos, podendo também modificar o sentido de adjectivos ou de outros advérbios. As **locuções adverbiais** têm a mesma função que os advérbios e são formadas por duas ou mais palavras: a associação de uma preposição com um substantivo, adjectivo ou advérbio.

Estudaste, anteriormente, os advérbios e locuções adverbiais de afirmação, de negação, de intensidade e de exclusão.

Existem, no entanto, outros tipos de advérbios e locuções adverbiais. Presta, portanto, atenção à frase:

*Se ouvires a notícia de risco de um sismo, **primeiro**, procura as crianças e idosos; **depois**, corre com eles para um espaço aberto; **finalmente**, tenta ficar calmo e seguir as instruções das autoridades competentes.*

Nesta frase, as palavras destacadas exprimem a ordem de sequência das acções. Elas são, portanto, **advérbios de ordem**.

Outros advérbios e locuções adverbiais de ordem são *segundo, terceiro, quarto, ultimamente, de seguida, por último*, etc.

Agora, lê as frases:

Talvez possas avisar as pessoas da ocorrência de sismo.

*Se houver um sismo, esta casa até pode **porventura** cair.*

***Quiçá** haja um sismo, devemos ter o cuidado de nos afastarmos dos postes de energia.*

As palavras *talvez, porventura* e *quiçá* juntam-se a verbos e modificam a sua significação, exprimindo dúvida. São **advérbios de dúvida**.

Outros advérbios e locuções adverbiais de dúvida são *possivelmente, provavelmente, por acaso*, etc.

Agora, lê as frases:

*Quando ouviram na rádio a notícia da possibilidade de sismo, as pessoas abandonaram **muito rapidamente** as suas casas.*

*Os objectos eram **tão** pesados, que não conseguiram pô-los no chão, antes de fugirem para o abrigo.*

*Algumas pessoas morreram, porque foram teimosas **demais** e não seguiram as orientações das autoridades.*

As palavras *muito, tão, demais* expressam intensidade. São **advérbios de intensidade**. Outros advérbios de intensidade são *bastante, bem, mais, menos, quanto, quase, tanto, quão* e *assaz*.

Exercícios de Funcionamento da Língua

1. Nas frases abaixo dadas, sublinha e classifica os advérbios ou locuções adverbiais.
 - a. Fiquei completamente perplexa quando soube da ocorrência de um terramoto em Moçambique.
 - b. Naquele dia do terramoto, primeiro ouvimos estrondos; depois partiram-se as janelas de vidro e, finalmente, sentimos o chão a tremer.
 - c. Os objectos eram tão pesados que não conseguimos pô-los no chão.
 - d. O abrigo não nos parecia suficientemente seguro.
 - e. Talvez possamos destruir os edifícios precários desta cidade para diminuirmos o risco em caso de terramoto.
 - f. Esta mesa provavelmente constituirá um óptimo abrigo em situação de terramoto.
 - g. Quanto mais medo tiveres, menos possibilidade terás de agir correctamente.
2. Escreve frases da tua autoria, fazendo uso dos advérbios *porventura, provavelmente, quase, bastante* e *demais*.



23 Dezembro 2008

Sismos em Moçambique – Uma realidade assustadora!

Fiquei perplexo ao tomar conhecimento da ocorrência de “mais um sismo”, de proporções “quasi-nacionais”, na madrugada do passado dia 27 de Novembro de 2008. Este sismo teve uma magnitude de 3,9 graus na escala de Richter e, segundo fonte do Ministério dos Recursos Minerais, teve epicentro “pretensamente” no distrito do Lago, província do Niassa. No mesmo dia, o abalo, desta feita com magnitude de 5 graus, fez-se sentir no distrito de Machaze, na província de Manica, causando a destruição parcial de uma escola primária localizada no posto administrativo de Chitobe. Atingiu também com alguma intensidade a região de Mabote, no norte de Inhambane. Não se registaram vítimas humanas. “Prontos”, e dito isto, assunto completamente encerrado! A vida continua na sua normalidade e: “Até ao próximo sismo!”.

A 23 de Fevereiro de 2006, um forte sismo com magnitude 7,5 na escala de Richter, com epicentro em Chipungabera, quase mil quilómetros a norte de Maputo, atingiu toda a região centro e sul do país, causando 5 mortos e 36 feridos, derrubando 288 casas, afectando 1,4 mil pessoas e deixando a cidade capital “em parampas”. Nessa altura, eu estava em Nampula! Naquela noite, notei um fenómeno bastante esquisito e invulgar: na Av. Eduardo Mondlane, havia uma “bicha” de cães, espaçados entre 15 a 20 metros, deitados, com um ar muito descansado! Nunca tinha visto um cão de rua naquela urbe e perguntei-me donde teriam vindo tantos e por que motivo estariam deitados, todos juntos, na via pública.

O meu espanto foi observar, no *Café da manhã* seguinte, todo o reboiço vivido em Maputo por causa do sismo! Nesse momento, então percebi o “episódio dos cães” na noite anterior! É que estes animais têm a capacidade “ultra-sonora”, e isto permite-lhes detectar sons e vibrações que passam despercebidas ao “faro” humano! A implicação directa é que, embora não reportado, a cidade de Nampula também foi afectada pelo terramoto de 2006, mas em magnitude não perceptível por nós humanos, problema exacerbado ainda pela deficiência de estações de detecção deste tipo de fenómenos no país. Sem sombra de dúvida, aqueles cães estavam ali porque o meio da rua era um “abrigo seguro”! Hoje, nações potencialmente “sísmicas” como o



40 Japão estão a desenvolver estudos para aproveitar essa “potencialidade canina” em sistemas de detecção e alerta em casos de iminência de sismos!

A informação que tem sido regularmente “vendida” é que Moçambique não é um país com actividade sísmica que deva inspirar motivo de preocupação e, infelizmente, a nossa prática corrente de Engenharia Civil segue cegamente esse pressuposto! Infra-
45 -estruturas públicas e privadas de elevado valor continuam a ser concebidas e construídas sem a mínima consideração deste tipo de “solicitações acidentais” (sísmicas).

Três anos depois da ocorrência recente, que inclusive ceifou vidas humanas, continuamos a “pretensamente” localizar os epicentros dos sismos porque, apesar de dispormos de alguns centros sismográficos, reabilitados e apetrechados, estes não fun-
50 cionam por falta de capacidade técnica.

Na altura do sismo de 2006, cujos movimentos telúricos puderam ser sentidos também em partes distantes como Joanesburgo, Pretória e Durban, na África do Sul; e Harare, no Zimbabwe, foi referido que se tratava de um “efeito secundário” do maremoto (Tsunami), previamente ocorrido no oceano Índico, que causara enorme
55 morte e destruição lá para as bandas da Tailândia! O que ninguém se deu tempo de explicar é “o porquê” de nós termos sido “os escolhidos” para sentir esses efeitos. Muita gente não sabe ainda que o território moçambicano é propenso a sismos, uma vez que se encontra no chamado Vale do Rift, uma falha que se estende por mais de 6 mil quilómetros desde o norte da Síria, atravessa o chamado “Corno de África”,
60 segue a linha dos “Grandes lagos” e termina no Canal de Moçambique, que separa o nosso país da ilha de Madagáscar.

Citando o Director do Departamento Nacional de Geologia, Elias Daudi, as províncias de Manica e Sofala são as que correm mais risco de serem sacudidas por grandes terremotos. Entre 1950 e 1957 registaram-se naquela zona dez sismos, todos de
65 grau 6 na escala aberta de Richter, seguindo-se um “intervalo dormente” de quase 30 anos na frequência destes terremotos, que foram retomados em 1985, mas com menor magnitude.

O que os meus compatriotas precisam de saber é que sismos são fenómenos cíclicos e as regiões das “falhas tectónicas” são os seus campos preferidos de acção. Sem
70 sombra de dúvidas que iremos ter mais sismos a curto prazo e, provavelmente, com magnitudes muito mais elevadas!

É altura do Ministério das Obras Públicas, a Ordem dos Engenheiros e organismos afins tomarem a peito esta questão e introduzirem regulamentos e códigos apropriados para o dimensionamento e concepção de infra-estruturas à altura de resisti-
75 rem a este tipo de “solicitações” e a esta “nova” realidade. É urgente proporcionar a formação de técnicos em países que dominam estas questões. É também importante apetrechar todas as estações sísmicas existentes e totalmente abandonadas pelo país afora. Se quisermos atacar este problema de uma forma transversal, é fundamental conhecermos as áreas mais propensas a terremotos. Essas bases de dados são cru-
80 ciais! Basta de detectarmos “pretensamente” os epicentros dos sismos que ocorrem por esta Pérola!

MACCHARTY, Jonathan. in <http://desenvolvermoçambique.blogspot.com>, consultado a 22.04.2010 (adaptado)

Ler – Compreender

1. Identifica o motivo da preocupação do autor deste artigo de reflexão.
2. “A informação que tem sido regularmente “vendida” é que Moçambique não é um país com actividade sísmica que deva inspirar motivo de preocupação”. (linhas 42-43)
 - 2.1. Será verdade que em Moçambique não há tendência de ocorrerem sismos?
 - 2.1.1. Transcreve do texto duas frases que justifiquem a tua resposta.
3. Indica o tipo de danos que os sismos já provocaram em Moçambique.
4. Identifica as precauções que, de acordo com o texto, devem ser tomadas no nosso país em relação à ocorrência dos sismos.
5. Recolhe no texto “Sismos em Moçambique – Uma realidade assustadora!” os substantivos e os adjectivos da área semântica de *sismos* e preenche o quadro abaixo.

Substantivos	Adjectivos

Funcionamento da língua

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS E DOS ADJECTIVOS: REGRAS ESPECIAIS

Na 9.ª classe, recordaste a noção de *substantivos* e *adjectivos* e observaste as regras gerais da sua variação em género, número e grau. Agora, vais analisar as regras especiais dessa variação.

► Flexão dos substantivos

Em género

Constituem regras especiais os seguintes casos de variação em género:

- substantivos que usam radicais diferentes para o masculino e o feminino: *cão/cadela; macho/fêmea; homem/mulher;*
- substantivos com um só género para indicar o masculino e o feminino, distinguidos pelo determinante: *o artista/a artista; o jovem/a jovem; o estudante/a estudante;*
- substantivos com um só género para indicar pessoas de ambos os sexos: *criança; pessoa; testemunha; indivíduo, vítima;*
- substantivos com um só género para indicar animais de ambos os sexos: *mosca; baleia; cobra; tigre; águia; crocodilo;*
- os substantivos que, no masculino, terminam em *-dor* ou *-tor*, tomando a terminação *-triz*, no feminino: *imperador/imperatriz, actor/actriz.*

Em número

São casos especiais de variação em número:

- os substantivos que, no singular, terminam em *-ar, -az, -iz (ou -ís), -en, -ás, -ês*, formando o plural com a terminação *-e*: *mar/mares; rapaz/rapazes; nariz/narizes; país/países; abdómen/abdómenes; ananás/ananases; português/portugueses;*

- os substantivos que, no singular, terminam em *-om*, *-em* e *-um*, formando o plural com a terminação *-ns*: *som/sons*, *bem/bens*, *atum/atuns*;
- os substantivos que, no singular, terminam em *-ão*, formando o plural com as terminações *-s*, *-ões* ou *-ães*: *cidadão/cidadãos*; *estação/estações*; *cão/cães*.

Flexão dos adjectivos

Em género

São casos de variação especial:

- os adjectivos que apresentam uma forma única nos dois géneros (ou seja, uniformes): *rapaz simples* / *rapariga simples*; *pão comum* / *ideia comum*;
- os adjectivos terminados em *-eu*, que fazem o seu feminino em *-eia*: *uropeu/europeia*; *ateu/ateia*;
- os adjectivos *bom* e *mau*, que fazem o feminino *boa* e *má*;
- os adjectivos terminados em *-o* e que têm como vogal tónica *o* médio, que mudam esta vogal para *o* aberto, no feminino: *novo/nova*; *choro/chora*; *torto/torta*;
- os adjectivos terminados em *-ão*, que formam o feminino em *-ã* ou em *-ona*: *são/sã*; *chorão/chorona*.

Em número

Constituem caso especial de variação em número:

- os adjectivos que têm uma única forma para o singular e o plural: *homem simples* / *homens simples*.

Em grau

As regras especiais de variação dos adjectivos em grau contemplam os seguintes casos:

- os graus comparativo e superlativo relativo

Normal	Comparativo	Superlativo relativo
<i>bom</i>	<i>melhor</i>	<i>o melhor</i>
<i>mau</i>	<i>pior</i>	<i>o pior</i>
<i>grande</i>	<i>maior</i>	<i>o maior</i>
<i>pequeno</i>	<i>menor</i>	<i>o menor</i>

- o grau superlativo absoluto sintético

Normal	Superlativo absoluto sintético
<i>amigo</i>	<i>amicíssimo</i>
<i>antigo</i>	<i>antiquíssimo</i>
<i>difícil</i>	<i>dificlíssimo</i>
<i>cruel</i>	<i>crudelíssimo</i>
...	

Nota: Outros exemplos de regras especiais devem ser consultados em gramáticas (ver referências abaixo dadas).

Avalia o que aprendeste

Exercícios sobre a flexão dos substantivos e dos adjectivos

1. A partir dos verbos sublinhados nas frases abaixo, preenche o quadro com os substantivos e adjectivos correspondentes.
 - a. Os cães percebem as vibrações sísmicas ínfimas através do seu poder de farejar.
 - b. O sismo sentido em Maputo abalou muito os cidadãos.
 - c. Os prédios vibraram de tal modo que parecia que iam ruir.

Verbo	Substantivo	Adjectivo

2. Transforma os substantivos e adjectivos formados na questão anterior, no número e género contrários (nos casos em que tal for possível).

Substantivo		Adjectivo	
Género	Número	Género	Número

3. Classifica os adjectivos sublinhados nas frases abaixo, quanto ao género.
 - a. Um forte sismo abalou a Tailândia.
 - b. O sismo ocorrido numa das cidades mexicanas provocou uma destruição parcial de imóveis.
 - c. Alguns edifícios da cidade de Maputo não têm uma engenharia eficaz e resistente a abalos sísmicos.
 - d. Os engenheiros devem projectar construções resistentes e inabaláveis em caso de sismos.
4. Constrói frases onde os adjectivos *grande*, *destrutível*, *magnífico* e *mau* ocorram nos graus:
 - a. superlativo relativo de superioridade;
 - b. superlativo absoluto sintético;
 - c. comparativo de igualdade.



■ Trabalho de pesquisa sobre sismos

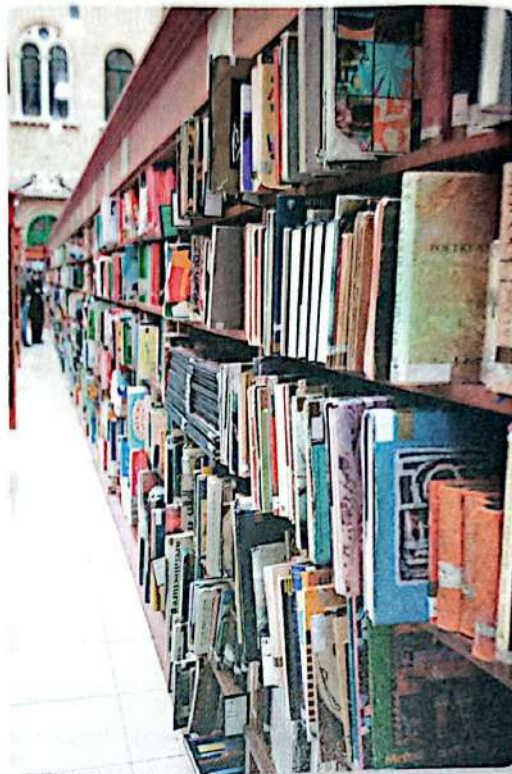
Nas últimas aulas analisaste textos que te “ensinaram” muitas coisas sobre os sismos. No entanto, muito mais há ainda por aprender sobre:

- as suas causas;
- os seus efeitos;
- as atitudes correctas para te prevenires destes desastres naturais e/ou ajudares a tua comunidade.

Para tal, pesquisa de outros textos sobre os sismos. Poderás procurar dados nos jornais ou revistas e na *internet*, ou consultares livros escolares na biblioteca da tua escola ou nas bibliotecas, provavelmente existentes na tua cidade ou vila. Regista a informação de que precisas no teu caderno ou bloco de notas e não te esqueças de anotar as referências bibliográficas completas dos textos consultados (nome do autor, título do texto consultado, nome do jornal ou revista com indicação do número e data, título do livro, páginas, ano de publicação, etc.)

Caso não encontres bibliografia adequada ao tipo de informação que pretendes, poderás consultar pessoas esclarecidas no assunto, como é o caso de professores de Geografia ou pessoas que trabalham em serviços meteorológicos, ou outras áreas afins.

Com a informação registada, produz um pequeno texto expositivo/explicativo com cerca de 25 linhas. Não te esqueças que deves apontar e explicar as causas e os efeitos dos sismos, para além das atitudes correctas de prevenção. Não te esqueças igualmente de ordenar as tuas ideias de acordo com o que aprendeste nos textos didácticos anteriormente analisados sobre os sismos. É também importante que uses uma terminologia apropriada e escrevas com correcção.



Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste textos expositivo-explicativos sobre os sismos;
- › leste e interpretaste textos de reflexão sobre os sismos em Moçambique;
- › estudaste os advérbios e as locuções adverbiais de ordem, dúvida e quantidade;
- › estudaste as regras especiais dos substantivos e dos adjectivos;
- › fizeste uma pesquisa documental sobre as causas, os efeitos e a prevenção dos sismos;
- › produziste um texto expositivo-explicativo sobre as causas, os efeitos e a prevenção dos sismos.

5

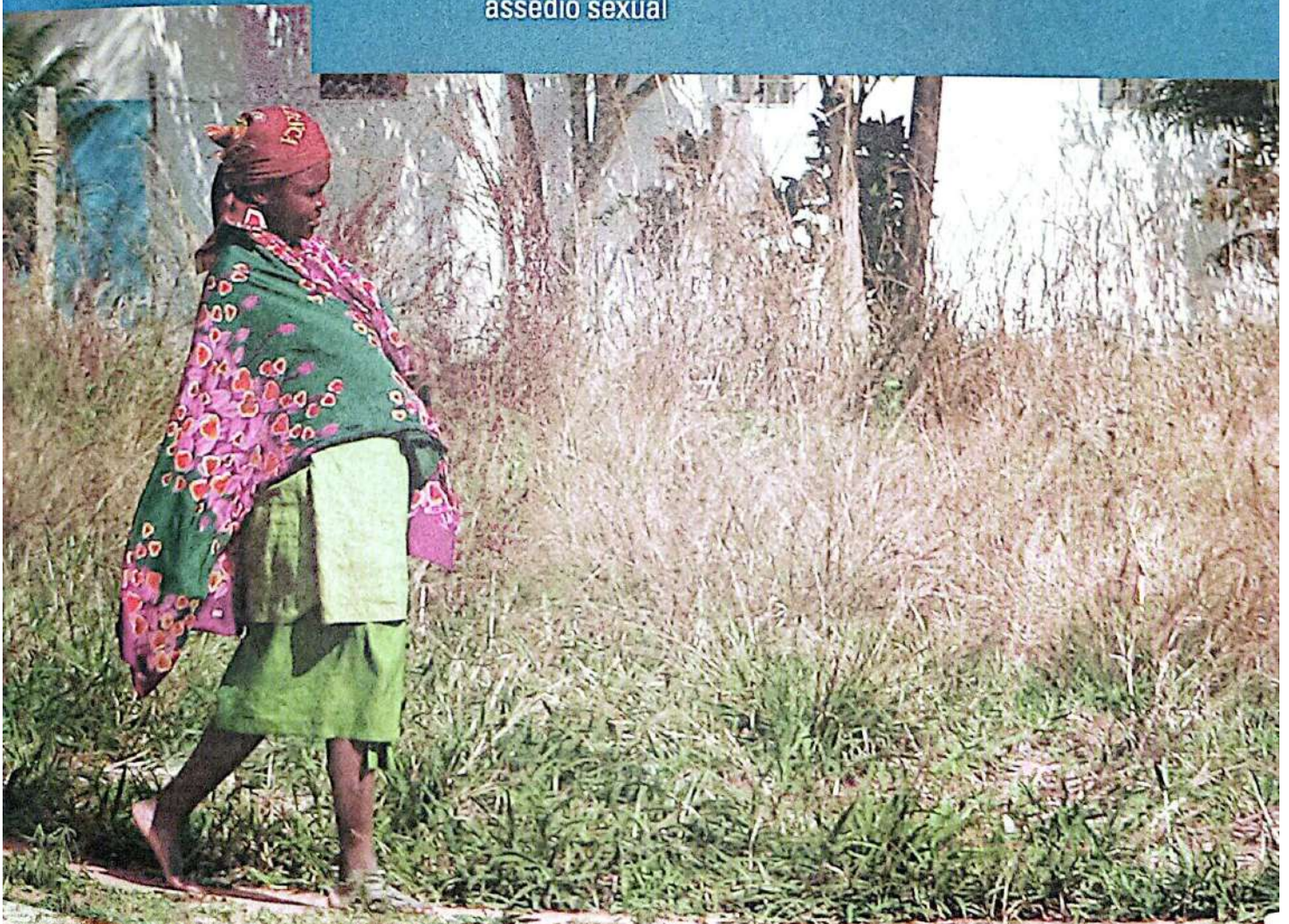
TEXTOS LITERÁRIOS

TEMA TRANSVERSAL

- Assédio sexual

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar romances de autores moçambicanos
- Distinguir o romance do conto e novela
- Distinguir narração de descrição
- Reconhecer atributo e aposto como funções sintáticas
- Produzir frases, empregando o atributo e o aposto
- Assumir atitudes positivas com vista a prevenção do assédio sexual



O conto, o romance e a novela

Na 9.^a classe, leste vários contos. Aprendeste que os contos são, em regra, textos narrativos curtos, com um número limitado de personagens, um enquadramento temporal restrito, uma acção simples ou poucas acções separadas.

Nesta unidade, vais ler três capítulos de diferentes romances. Como vais poder verificar, o romance é também um texto narrativo. No entanto, a acção do romance é relativamente extensa, eventualmente complicada por várias ramificações. Esta acção, que envolve o destino das personagens, pode implicar componentes de ordem social, cultural ou psicológica. O romance distingue-se do conto pela sua profundidade e complexidade.

Para além dos contos e dos romances, existe um outro tipo de texto narrativo: a novela. Com certeza, já viste algumas novelas portuguesas, brasileiras e até mexicanas na televisão. A novela escrita caracteriza-se por uma acção que se desenvolve normalmente em ritmo rápido, de forma densa e tende para um desfecho único. Nas novelas, as personagens desempenham um papel muito central, pois elas é que geram ou resolvem os conflitos. O espaço é minimizado (por exemplo, toda a acção de uma novela pode ocorrer na cidade de São Paulo); o tempo é representado quase sempre de forma linear, havendo, por isso, poucos recuos ao passado ou avanços para o futuro.

Lê, com atenção, o capítulo VII do romance *A Família Trago*, de Germano Almeida, e responde ao questionário da página 55.

TEXTO
1

A personalidade de Pedro Trago

5 Talvez como forma de compensar a mulher da falta de respeito que manifestava pelo sangue Ramos, Venceslau desde sempre creditou uma grande admiração pelo velho Frederico, avô da Angelina, e pretendia ter sido ele o único amigo verdadeiro que Pedro Trago tinha tido na Boa Vista. Aliás, essa amizade fora de tal forma forte

10 que não só Pedro Trago o convidaria para padrinho do seu casamento, como anos depois ainda lhe pediria para baptizar Serafim, porque não só o considerava o principal arquitecto do bem sucedido cerco e conseqüente conquista da Teodora, como também o seu braço direito na tarefa de se estabelecer na Boa Vista.

15 Costumava afirmar, com uma segurança que exasperava a mulher, que os filhos e os netos de um homem dos quatro costados como era Frederico tinham que ser gente de boa cepa, porque só uma grande amizade seria capaz de fazer um trabalhador incansável como ele, ainda por cima marceneiro exímio, abandonar a profissão que adorava, exclusivamente para servir um amigo.

20 É claro que ele tinha ficado numa posição privilegiada para assim menosprezar o Ramos, primeiro porque, com a descoberta do assento secreto de perfilhação lavrado a pedido do falecido, passara orgulhosamente a chamar-se Venceslau Trago da Cruz, filho de Pedro Trago da Cruz e mãe desconhecida, segundo porque tinha consciência de desde miúdo ter trabalhado para merecer a dádiva daquele nome e os demais apenas a possuíam por mero acidente de herança.

De qualquer modo, parece ter sido um alívio para toda a família tomar conhecimento da existência dessa perfilhação que Pedro Trago sequer tinha comunicado à



mulher. No entanto, quando ela soube da novidade não coube em si de contente e teria mesmo comentado, o velho Pedro Trago deu uma bofetada sem mão nesse parbiça do Serafim.

25 Mas o eterno desmancha-prazeres que era o Serafim é que se ria tanto da Dora como das solenes tiradas de Venceslau, dizendo que infelizmente essa convicção do lunático sequer tinha sido partilhada pelo próprio interessado. Segundo ele, a verdade pura e simples era que desde que Frederico tinha tido o seu famoso entorse que quase o tinha deixado paralisado como homem, que trabalhava na serra e na plaina cada vez com maiores dificuldades e apenas pela necessidade de sustentar a numerosa família.

30 Sentados os dois no armazém, Frederico chegou a confessar-lhe que já não se sentia com força para a brutalidade daquelas tarefas e de há muito que chegava a casa cheio de dores no corpo, quase todas as noites tinha que pedir à Antónia para lhe fazer fricções de azeite de purga, razão por que, embora ainda não tivesse de todo abandonado o vício de mulher, usava-o cada vez com menos frequência, tanto mais que depois da cena com a Maria Isabel tinha jurado que nunca mais entraria em casa dela. Isso e também a idade e a vida dura que levava, já não se sentia nem com forças nem com vontade para essas cavalarias.

40 Ora logo nos primeiros tempos da sua instalação na ilha, e depois de ter iniciado a exploração das salinas e a construção da sua casa, Pedro Trago tinha concluído que sozinho não poderia dar conta de tudo que pretendia empreender, precisava ter com ele uma ou mais pessoas da sua confiança em quem pudesse delegar certas actividades. E ainda conhecendo pouca gente na ilha, foi quase de brincadeira que perguntou a ele Frederico se não queria mudar de ofício, passar a dedicar-se ao comércio em vez de continuar, entra dia sai dia, atrás das motchinhas e banquinhos que nunca mais iriam tirá-lo da cepa torta.

45 Contra o que nho Pedro esperava, Frederico agarrou a oportunidade pelos cabelos e aceitou a ideia com tal entusiasmo que nem chegou a consultar a mulher, por acaso na altura grávida do primeiro filho que acabaria por parir em bem.

50 Tinha sido assim que começara a trabalhar para a casa Trago, tendo ficado encarregado da exploração das salinas e do armazenamento de tudo que fosse exportação ou importação. Assim era ele quem providenciava embarques de cal, sal e peles para S. Vicente e recebia no cais as diversas mercadorias que Pedro Trago importava, farinha-de-pau, mandioca, petróleo, açúcar e que vendia

na sua loja. Era um trabalho leve embora muito mexido, apenas com um inconveniente: dava-se mal com os papéis e números, não se entendia com eles, perdia-os ou esquecia-os, estava em constante zaragata com as carregadeiras de sal que reivindicavam ter transportado mais alqueires do que os que ele tinha apontado e também com os produtores de cal que pretendiam ter despejado no monte
55 mais latas do que ele mandava pagar. Vou voltar para o meu banco de carpintaria, disse certa vez ao seu compadre já desanimado, eu e os números e papéis não nos entendemos. É muito simples, compadre, animava-o Pedro Trago, basta riscar quatro tracinhos de norte a sul e um de leste a oeste, dá cinco, não há que enganar.

Mas quando os jovens Trago regressaram de novo a casa depois da sua meteórica passagem por
60 S. Vicente, houve que arranjar ocupação para eles, não se podia permitir que ficassem o dia todo a polir calçada no meio de porto. Assim, Serafim foi colocado como ajudante no armazém às ordens do seu padrinho, enquanto Xisto ficou adstrito à loja. Nho Pedro tinha decidido desse modo em função da idade de cada um e da maior responsabilidade do cargo.

A vida de Serafim no armazém parecia à partida mais facilitada e divertida. Porém nessa altura
65 desembarcou um novo padre na Boa Vista e Xisto declarou-se imediatamente seu ajudante e dias depois comunicou em casa que tinha começado a preparar-se para estudar para padre. Nesse sentido contava com o entusiástico apoio da Dora, de modo que acabou por ficar com muito pouco tempo para a loja: aparecia de raspão, estava quando muito uma meia hora e depois pretextava um mandato urgente de nho padre e desandava.

70 Frederico acompanhava o desgosto de nho Pedro, sobretudo quando dizia com tristeza, pode-se levar um burro à fonte mas não se pode forçá-lo a beber, gostaria que o meu filho estudasse para doutor, mas se ele prefere ser padre e andar com aquelas coisas pretas a cheirar a vela e incenso é lá com ele.

Por seu lado Serafim mostrou-se mais que desastroso no armazém. Como ele mesmo gostava de
75 contar entre gargalhadas, nos primeiros dias tinha vivido com entusiasmo as novidades que eram o recebimento e a pesagem das peles salgadas e secas, a contagem dos alqueires de sal transportadas por cada carregadeira das salinas ao cais e sobretudo a cozedura da cal que vinha em pacíficos sacos amarrados às ilhargas de molengões burros e que depois de despejados no quintalão e regados com água pareciam adquirir vida própria, fervendo de tanto calor. Pode-se cozinhar um ovo ou uma
80 batata dentro dela, admirava-se Serafim que gostava de se aproximar do monte para respirar o odor ácido e sufocante da cal viva.

As carregadeiras adoravam-no porque enganava-se frequentemente e sempre a favor delas e se por acaso tinha marcado para uma, por exemplo, quinze alqueires mas ela afirmava ter transportado dezoito, ele nunca hesitava em aceitar ter-se enganado, embora, para modernizar o trabalho,
85 tivesse inventado cortar com a ajuda do padrinho pequenos quadrados de madeira que timbrou com o carimbo do pai e que levava dentro de uma bolsa e entregava às mulheres de cada vez que chegavam com um alqueire: assim nenhum de nós engana o outro, dizia, mas bastava-lhe simpatizar com alguma delas para lhe dar dois quadrados em vez de um.

Mas não levou muito tempo a enfasiar-se daquela monótona repetição de tarefas sempre iguais
90 e acabou pedindo ao padrinho que o colocasse nas salinas, eu fico a ir ver o trabalho, dizia, já sei medir a olho quantos alqueires pode haver em cada monte de sal. Ainda não, afilhado, dizia-lhe nho Frederico, olha que para chegar a ter metro na vista e peso na mão levei muitos e muitos anos.

Não tendo conseguido fugir do armazém por essa via, Serafim lembrou-se de que a família já era
95 proprietária de um pequeno rebanho de cabras que agora pastavam nos baldios de Lombona e que todas as manhãs eram varejadas para um curral onde eram ordenhadas e logo viu nisso uma forma

de passar menos tempo no armazém. Ofereceu-se portanto para ficar a ajudar o pastor nessas lides e nem Pedro Trago nem Frederico viram qualquer inconveniente, pelo que começou a levantar-se cedo para acompanhar o pastor na tarefa de virar as cabras que se espalhavam numa grande extensão e conduzi-las para o curral. Pouco tempo depois já as conhecia a todas e foi com verdadeiro entusiasmo que aprendeu a distingui-las também pelos cortes nas orelhas que constituíam a marca específica de cada criador. A de Pedro Trago era, na orelha direita naco por dentro, golpe por fora, lanho, na esquerda naco por fora, golpe por dentro, buraco, apenas nunca conseguiu coragem para suportar os seus berros quando o pastor as prendia entre as pernas para as marcar com a afiada navalha. Aprendeu no entanto a ordenhar as cabras com as duas mãos, o leite a esguichar para dentro dos tarros fazendo grandes quantidades de espuma que retiravam com um catoco e sorviam.

Mas a fase que ele achava mais agradável era depois da ordenha e acondicionamento do leite em barquinhos, quando se sentavam para o mata-bicho. Para isso já iam prevenidos de casa com canecas da cachupa do jantar da véspera que era comida com leite, servindo de colheres os chifres das próprias cabras que eram cortados em diagonal e depois alisados com cacos de vidro. Serafim achava particularmente divertido ter dependurado da boca durante todo o tempo que estavam com as cabras um pedaço de pau a imitar um cigarro, isso por causa das moscas de bicho que ao mínimo descuido atacavam à traição, atirando larvas para dentro da boca ou dos olhos das pessoas que depois infectavam provocando graves inflamações. Bem entendido que esses pequenos inconvenientes ficavam de longe compensados quando encontravam uma cabra parida, normalmente carregada de requeijo. Nesses dias a cachupa ficava relegada e o requeijo era extraído, muitas vezes aos berros da cabra pela dor provocada, e depois de ajuntado mais um pouco de leite, se fosse caso disso, era conduzido num tarro. Havia duas maneiras de fazer requeijo, qualquer delas mais saborosa que a outra: ou colocando o tarro directamente sobre o lume até o requeijo ferver e coalhar em postas, ou então aquecendo pequenas pedras que depois eram metidas dentro do próprio tarro, provocando desse modo uma fervura precipitada e deixando no requeijo um delicioso sabor a terra e pedra queimada.

A princípio Serafim levou aquelas novas funções tão a sério que decidiu que a sua profissão futura seria criador de cabras e começou mesmo a formar o seu próprio rebanho marcando as crias que iam nascendo com uma marca da sua invenção que lhe permitiria depois reivindicar a propriedade e ansiava sempre por encontrar novas cabras paridas. Porém, bem depressa se enfadava daquilo e começou a ir para o curral só quando o pastor lhe anunciava que tinha deixado uma cabra em trabalhos de parto.

Regressando do curral dava entrada no armazém, mas já tinha esgotado todas as suas novidades e para se distrair começou a levar os colegas para brincarem aos polícias e ladrões entre os sacos de mercadorias. Frederico fechava os olhos a essas traquinices que duraram até o dia em que os encontrou chupando açúcar dos sacos com a ajuda de um tubinho de cana de cariço que introduziam em sacos de serapilheira.

E para distrair o seu afilhado, que via ali acabrunhado pela solidão, começou a contar-lhe as suas histórias até que passou a autorizá-lo a ir passear ou tomar banho de mar, inventando recados que lhe tinha mandado fazer quando os pais o procuravam.

Serafim estava-se consumindo nesse rama-rama dos dias quando a sorte o beneficiou com um novo passatempo: criação de galinhas! Tudo começou num dia em que uma mulherzinha do Norte chegou ao armazém para descarregar umas peles. Trazia também algumas galinhas para vender na vila e entre elas um bichinho já um pouco mais crescido que um pinto mas que ainda estava longe de ser um franguinho. Certamente que por efeito do calor e da longa viagem dentro de um cesto de



cana de caniço, quando a mulher o descarregou do burro o bichinho ficou no chão como morto, de modo que ela o abandonou por ali. Horas depois Serafim encontrou-o e reparou que ainda
145 estava com sinais de vida. Sempre em busca de uma distração, levou-o para casa e, com uma persistência que ninguém da família chegou a entender, alimentou-o à força de lhe meter restos de comida pela goela abaixo, até que o fez ressuscitar e começar a crescer.

150 Era uma franga e poucos meses depois virava uma bela galinha que tinha a habilidade de pôr um ovo em cada dia, facto inédito nas galinhas da terra. A princípio Serafim começou a fazer gema-
155 da. Fosse qual fosse a hora em que a galinha cantasse indicando que tinha produzido, Serafim chupava açúcar dos sacos através da cana e batia a sua gemada, tendo muitas vezes acontecido ele acabar de a beber para sentar na mesa para almo-
160 çar. Mas acabou por se cansar dessas doses diárias e começou a guardar os ovos. De modo que, quando a galinha ficou choca, arranhou um espaço resguardado no quintal e meteu-a por cima dos ovos, tendo o cuidado de nunca lhe deixar faltar
165 nem água nem comida. E 21 dias depois uma bela ninhada de pintainhos saía das cascas piando valorosamente para o gáudio de Serafim que du-

rante dias não soube falar de outro assunto e abandonou o armazém porque resolveu ele mesmo construir uma capoeira com tábuas que a pouco e pouco foi levando dos caixotes de bolacha que
170 chegavam para a loja.

Com tão evidentes resultados a nível das galinhas, decidiu que a sua vocação era sem qualquer dúvida a criação de animais de aviário e conseguiu que o seu padrinho lhe trocasse um bonito galo por um casal de coelhos. Durante tempos entreteve-se a construir tocas, poiais e baloiços para os seus bichos que se reproduziam desalmadamente e tanto se empenhou nessa actividade com serras, mar-
175 telo, plainas e outras ferramentas que teve de chegar à definitiva conclusão de que afinal das contas tinha nascido era para ser carpinteiro, fazer qualquer tipo de criação quando muito poderia significar um divertimento.

Quando comunicou a sua nova vocação ao seu padrinho, Frederico apenas abanou a cabeça comentando que Deus dá anel a quem não tem dedo, aqueles dois meninos tinham nascido numa
180 casa farta e próspera, tinham condições para serem o que quisessem e no entanto nenhum deles mostrava tendência ao menos para seguirem as pisadas do pai.

Mas sem dúvidas que as melhores recordações de Serafim estavam ligadas à época da sua segunda vocação. Isso porque tinha calhado que Peter e Craus tinham chegado do estrangeiro, o primeiro depois de alguns anos embarcado num navio americano e já farto de correr perigo de morte por
185 causa da guerra, o segundo do Brasil onde tinha acabado por apanhar uma alergia ao pó de algodão,

única mercadoria que o seu navio transportava. Craus chegava doente e quebrado, mas Peter não só trazia algum de seu como também as ferramentas necessárias para se instalar como carpinteiro e ganhar a vida sossegadamente na sua terra, era uma alegria pensar que agora a morte só o apanharia ou na cama ou pelo menos em terra firme. Quando um homem vê aquelas ondas a virem como loucas sobre o navio e depois sente como ele é engolido por elas, não acredita que ele é capaz de voltar a soluçar, e às vezes, para vir ao de cima, até se ouve como ele geme como se fosse um burro com carga de mais. Ele Peter que nunca tinha entrado numa igreja porque tinha crescido numa casa de ateus, o pai era pedreiro-livre e ensinava-lhes que Deus era uma criação da ignorância, um dia no meio de um temporal deu conta que estava com a Santa Bárbara na boca. E então quando o seu barco foi torpedeado e se viu dentro de uma balsa sozinho durante sete dias a chorar feito uma criança e a lamentar não ter logo morrido e acabado com as chatices! Foi ali que decidiu que, se escapasse com vida, só Boa Vista o cercaria, mesmo que fosse com uma mão à frente outra atrás.

Peter conhecia Frederico de longa data e quando soube que ele agora era uma espécie de gerente da casa Trago foi procurá-lo para saber do que tinha feito com as suas ferramentas. Todas devidamente oleadas e encaixotadas, riu-se Frederico, há vida e morte, essas ferramentas são um valor em caixa, com elas ainda posso ganhar a minha vida. Peter propôs-lhe a sua compra mas Frederico hesitava, e se viesse a precisar delas de novo? Foi Serafim quem o convenceu a vender, pedindo-lhe, porém, que impusesse ao Peter a condição de o tomar como seu ajudante.

Peter era já um homem de meia-idade, falador e de constante bom humor e Serafim não o largou da mão, alegremente curioso com os nomes dos instrumentos que utilizavam, garoupa, guilherme, escamador, suta, arco-pua, enxó, torquês, trade, gramim, badame, serra de volta... Peter dizia o nome e indicava a função, aqui é tudo à mão, lamentava, nem a energia eléctrica chegou ainda a esta terra, no estrangeiro a gente acende um botão e não precisa fazer esforço, mas aqui é tudo a pulso, pode-se dizer que uma motchinha sai-nos do sangue.

Como veio a ficar provado com a sua vida de eterno inútil, Serafim não terá aprendido muito da arte de carpintaria, mas em compensação encantou-se com as estórias que tanto Peter como Craus debitavam aos seus ouvidos famintos, as maravilhas do estrangeiro, as cidades que eles tinham conhecido e que de longe pareciam florestas de tantas árvores que havia, jardins cheios de flores, as ruas inundadas de carros que para a gente passar de um lado para o outro tinha que esperar sinais de luzes, as casas e lojas enormes e belíssimas. Mas sobretudo mulheres, ó filho! É cada pedaço de fêmea que um homem vê e fica babado, não esses matacões que temos por aqui, explicava, mas mulheres lindas e perfumadas que um fulano passa e sente o cheiro no ar. Caras, é verdade, às vezes ir com uma custa o ordenado de um mês de trabalho, mas perfumadas até no meio-de-perna. Usam meias até à cintura que depois no quarto desenrolam num gesto lento de forma a vermos e apreciarmos tudo devagarinho! Ó filho, aquilo é que é vida porque, digo-te com toda a franqueza, quem nasceu e morreu sem sair da Boa Vista, sem sair de Cabo Verde, nem sequer pode dizer que viveu porque nascer em cima de areia e morrer e ser enterrado debaixo de areia não vale a pena como vida. Se tivesses juízo, punhas-te para fora desta pocilga. Já que não queres estudar, vai ao menos conhecer o mundo antes de começares a encher-te de filhos e depois morrer estúpido neste deserto.

Peter contava que em cada porto que tocava tinha a preocupação de visitar uma casa de mulheres de vida. Estão mesmo ao lado do porto, explicava, praticamente é sair do navio e entrar. Gostava de comparar as estrangeiras com as cabo-verdianas, americanas, suecas, holandesas, até japonesas chegou a provar, sem falar já nas brasileiras que mal o navio atracava invadiam os camarotes, embora de há muito tivesse chegado à conclusão de que não há mulher no mundo que chegue aos calcanhares

das nossas. Mulheres com quentura natural como as nossas ele nunca tinha encontrado em parte alguma, nem no Japão onde ele sabia que começavam a aprender as técnicas de cama ainda meninas.

235 Serafim ouvia isso tudo enquanto tentava ajeitar-se na serra ou no escamador, o seu espírito deli-
ciando-se com as palavras do Peter mas também em ebulição, já sonhando esses mundos estranhos
de mulheres bonitas enrolando as meias de seda nas pernas lisas. Ora certo dia Peter estava concen-
tradamente afiando a pedra de molar a lâmina de uma plaina quando de repente e sem interromper
o trabalho levantou a cabeça para Serafim e perguntou-lhe, diz-me aqui, já alguma vez estiveste com
uma mulher?

240 Serafim disse que não contava com uma pergunta daquelas tão abrupta, e um tanto envergo-
nhado acabou por responder que não, nunca tinha tido oportunidade. Bem, já tens mais que tempo,
disse Peter pensativo, na tua idade eu já estava farto de fazer isso, comecei aos doze.

E como se fosse um professor numa aula, explicou-lhe enquanto ajustava a lâmina na plaina e a
segurava com a cunha, que aquilo fazia parte do crescimento dos rapazes. Tal como tomar banho de
245 mar, jogar à bola ou correr arco, disse. E contou-lhe como primeiro tinha aprendido com os rapazes
mais velhos a fazer sozinho, e depois com uma mulher que se chamava Tereza, que tinha idade para
ser sua mãe à vontade, se tinha encartado com ele, sempre a pedir-lhe para lhe fazer mandados e
depois a dizer-lhe, se fosses mais grande eu dava-te um pagamento! Claro que ele já sabia a que
espécie de pagamento ela se referia, mas tinha vergonha de lhe dizer que tinha vontade de experi-
250 mentar. Até que um dia ela pediu-lhe para a ajudar a consertar umas janelas que tinham apanhado
água de chuva e não queriam fechar. Na altura ele já sabia umas coisas de carpintaria e por isso fez
tudo muito direitinho. E ela gostou de ver o trabalho feito e ficou muito contente e voltou a dizer-
-lhe, se cresceres depressa dou-te um pagamento sabe! Então ele encheu-se de coragem e disse-lhe,
quero agora! A Tereza riu-se muito e disse-lhe, ah malandro, afinal sabes o que é!, e ele fez que sim
255 com a cabeça, sem coragem sequer de olhar para ela.

Bem, ela tinha-o levado para o quarto e deitado na cama enquanto lhe perguntava se já sabia
como é que se faz. Ele também não sabia e ela então disse-lhe, abrindo-lhe a braguilha das calças,
deita-te em cima de mim. Ele deitou-se de facto, ria-se, mas a verdade é que nunca lhe tinha passado
pela cabeça que aquele lugar pudesse ser tão quente. De modo que mal se encostou nela, só na
260 boquinha, logo sentiu aquela quentura vindo de dentro dele e uma coisa, uma sensação esquisita que
o fez arrepiar dos pés à cabeça e gemer. Lembrava-se ainda de ter dado um gemido fundo como esti-
vessem a tirar-lhe alguma coisa de por dentro e depois não sentiu mais nada. Ela perguntou-lhe, já
está?, e ele respondeu, não sei!, não estou a sentir mais vontade, e então ela disse-lhe, fazendo-lhe
uma festinha na cabeça, bem, já tens a tua paga.

265 Serafim, que vivia os seus 15 anos com uma grande e insatisfeita curiosidade sexual, ficou excita-
díssimo com a história do Peter e nunca como naqueles dias subiu tantas vezes ao sobrado da casa
para se masturbar. Lá pelos seus 7, 8 anos tinha tido certo dia uma inconsequente brincadeira de
pai-e-mãe com a prima e tinha acabado por chegar a casa a queixar-se de que o seu bibiche estava
inchado e a doer. O que é que andaste a fazer?, perguntou Dora, e como ele já tinha ouvido contar
270 que mijar sobre o lume fazia inchar a pilinha, respondeu que tinha estado a mijar sobre umas brasas,
mas a mãe tinha-o visto com a prima atrás da casa e não só não acreditou no que ele dizia, como
ainda lhe deu uma boa sova porque fazer coisa de não pode ser, sobretudo com as primas, era um
pecado mortal sem perdão. Quem me dera arranjar uma mais velha, Peter, acabou suspirando ao
seu amigo que se limitou a rir: às vezes a gente tem sorte, há muitas mais velhas que gostam de tirar
275 os três vinténs a rapazes, vamos tentar ver se arranjam alguma coisa.

Nos dias seguintes não voltaram a falar do assunto e a muito custo Serafim resistia à tentação de perguntar se ele ainda não se tinha lembrado de ninguém, mas no fim de certa tarde de trabalho, quando já arrumavam as ferramentas para fechar a oficina, Peter disse-lhe, como se fosse por acaso, depois de tomares banho e mudares de roupa vai ter comigo, vamos visitar uma pessoa. Se ela estiver de maré pode ser que a gente tenha sorte.

Pode-se dizer que desde sempre Serafim conhecia a Maria Isabel. Quando era mais novo e andava sempre perto da loja do pai, por diversas vezes tinha ido à casa dela com recados do velho no sentido de ela lhe dar uma fala na hora de fechar a loja. Embora já tivesse ouvido muitas conversas sobre ela e o seu comportamento livre, o que sabia de certeza era que ela e o pai tinham cordiais relações de negócios, sendo que quase tudo que ela agora revendia provinha dos armazéns da firma, embora pessoalmente nunca lá pusesse os pés porque desde a questão da malagueta que tinha ficado com um real medo de encontrar o Frederico pela frente, sobretudo porque continuava tranquilamente a desfazer-se dele e da mulher, conquanto só de longe. De modo que fazia os seus pedidos ainho Pedro, mandava alguém receber as coisas no armazém sempre com a recomendação maldosa de, toma muito cuidado para aquele malandro não te enganar!, e depois acertava as contas com o dono, não queria ter nada a ver com simples paus-mandados, porquê pedir aos santos se se pode ir directamente a Deus?

Maria Isabel era nessa altura uma mulher dos seus 50 anos, com um invejável aspecto de frescura e uma alegria constante. Serafim contou-me que mal entraram na sua casa ela começou a rir com descaramento: então o filho de Pedro Trago é agora o teu mascote, disse para Peter enquanto passava a mão pela cabeça do rapaz num gesto carinhoso. Vi-te nascer e já estás um homem, disse-lhe, mas também, com o pai que tens... Sabes que fui uma das primeiras pessoas que ele conheceu aqui na Boa Vista? Ficámos amigos desde essa altura e posso dizer que é uma pessoa que me tem ajudado a escapar a vida. Não tens que falar de mais, avisou-a Peter, não precisas contar a tua vida ao rapaz. Ela fingiu-se ofendida: pensas que sou alguma faladeira, como essas de dentro do meio-de-porto? Até porque não tenho nada de contrário para contar, a minha vida é um livro aberto.

Peter foi conciliador: estava só a brincar, disse, e pediu-lhe um grogue, sendo de opinião que Serafim podia beber um pequeno pontche, a bebida faz também parte da vida mas não se deve abusar, sobretudo quando se é jovem. Serafim estava calado, com ar de quem estava amedrontado, mas Peter continuou falando, dizendo que tinha aprendido com o pai um princípio que vinha na Bíblia e do qual nunca se esquecia: provai tudo e retei o bem!

Serafim mais intuía do que sabia por que estava lá, porque a princípio tinha acreditado que Peter apenas pretendia mostrar-lhe como poderia ter uma experiência e não tê-la imediatamente. Acabou dando conta de que se sentia transido de medo daquela mulher que contava estórias enquanto lhe passava a mão pelas costas num gesto maternal e lhe dizia, mas será que és mudo, não dizes nada, não gostas de pontche? Ele tartamudeou que gostava sim, não era a primeira vez que bebia aquilo embora não pudesse dizer que estava habituado porque nesse aspecto o pai era muito rigoroso, nunca tinha bebidas em casa, diziam que na arca aberta até os justos pecam e passava o tempo a alertá-los, ou antes, a alertá-lo a ele porque, quanto a Xisto, só se fosse vinho de missa, mas passava o tempo a alertá-los contra os malefícios das bebidas alcoólicas. Aliás, toda a gente sabia que ele mesmo só bebia uma vez por ano, na data do seu aniversário, altura em que apanhava sempre aquela fusca de caixão à cova.

Quando Peter viu que ele começava a ficar à vontade, pretextou ter um mandado urgente à espera, pediu que Serafim esperasse ali por ele, voltaria logo que pudesse, secou o seu cálice e saiu.

Isabel sabia como conduzir as coisas. Mal Peter saiu ela disse que se tinha esquecido da sua cachupa ao lume e deslocou-se à cozinha. De lá chamou Serafim, vem aqui ajudar-me!, e pediu-lhe

que segurasse a tampa da panela enquanto ela provava o sal. Depois levou-lhe a colher à boca: achas que está bom de sal, que precisa de um pouco de malagueta?, perguntou, vais jantar comigo, tem que estar ao teu gosto. Mas de certeza que vais gostar, comida de pobreza é mais sabe que comida de casa de gente branco e a minha cachupa está com toucinho velho, fica muito mais sabe.

325 E assim aos poucos Serafim foi ficando à vontade, deu palpites sobre a idade do toucinho cuja fragrância transbordava a panela e enchia a cozinha e permitiu-se dizer que aquela cachupa cheirava tão sabe quanto a Isabel. Quando é que sentiste o meu cheiro, seu safado?, sorriu ela, eu a pensar que és um cabrito para ser desmamentado e afinal já sabes sentir cheiro de mulher. Regressaram à sala sorrindo e Isabel foi logo sentar-se na cama enquanto lhe pedia, vem sentar-te aqui ao pé de
330 mim para eu ver se também tens cheiro sabe.

Serafim aproximou-se com mais curiosidade que temor. Depois de começar a falar tinha ficado completamente calmo. Afinal de contas estava farto de ver aquilo, desde com as suas galinhas e coelhos até às cabras e vacas e durante o seu período de pastorícia por diversas vezes tinha ajudado os bodes a entrar nas chibarras em cio mas ainda virgens e que aos berros de dores fugiam do macho,
335 ele agarrando-as pela cabeça enquanto o pastor ajudava o bode a apontar para entrar. Lembrou-se dos cães cangados a que estava farto de atirar água por cima para os despegar, das éguas abrindo a boca como se ficassem com falta de ar quando os cavalos subiam para cima delas, de modo que quando Isabel meteu-lhe a mão por baixo da camisa e percorreu-lhe as costas com a mão sentiu como ele se eriçava todo. És um rapagão bonito, disse-lhe, ninguém te dá a tua idade e deves estar cheio de pequenas por aqui. Ele sorria sem desmentir, não estava com mais vontade de falar. Ela fê-
340 -lo dobrar-se sobre a cama, ainda com os pés no chão e começou a desabotoar-lhe a camisa enquanto continuava a perguntar se não tinha namorada, se nunca tinha feito com ninguém, nem com uma cabra, se não costumava tocar sacana. Tocar sacana ele costumava, disse sorrindo, agora o resto... Ela ia-lhe abrindo as calças e viu como estava teso. Tocou-lhe no bibiche: não és nada desprevenido,
345 disse com admiração, devera devera quem sai aos seus não degenera a raça. Serafim não resistiu: costumavas fazer com o meu pai?, perguntou curioso, mas ela disse que não, nunca, nho Pedro era um homem sério, não parecia pessoa para coisas dessas. Mas ele pede sempre para lhe dares uma fala, eu mesmo... Só para conversas de negócios, interrompeu-o, muita coisa que vendo vou buscar na loja dele, ia dizendo enquanto lhe puxava as calças para baixo e lhe brincava no pirilau. Quando tocas
350 sacana sai alguma coisa?, perguntou Isabel, e ele teve que responder que sim, que saía, assim uma espécie de um cuspinho. Ela deitou-se de costas: não és nada mal servido, graças a Deus, elogiou-o e ele sentiu-se feliz com essas palavras, embora fosse verdade que já quando tinha estado em S. Vicente tinha ficado com fama de mocador de besta porque num dia em que ele e os colegas da explicação de nho Brito tinham feito um concurso ele tinha ficado em primeiro lugar por a sua coisa ser maior.
355 Vocês na Boa Vista fazem com as bestas e é por isso que têm a coisa grande, tinham-lhe dito e ele tinha ficado furioso e pronto a brigar.

Serafim ria-se ainda quando se lembrava que em certo momento Isabel lhe tinha dito, estás com um ar concentrado, pareces um daqueles beatos a receber a comunhão nos dias de missa cantada, se continuares assim manso irás longe com as mulheres.

360 A única pena, dizia, é que nunca mais descobri esse tal de beato, de modo que nunca fui muito longe com elas. No dia seguinte chegou na oficina preparado para algum jocoso comentário do Peter que afinal de contas nunca mais tinha regressado, mas este não lhe falou do assunto, comportando-se como se nada de anormal tivesse acontecido.

Porém, ele tinha gostado tanto que não resistiu e voltou no dia seguinte. Não precisas chegar com este ar de menino manhento, disse-lhe Isabel sorrindo, nem podes pensar em tomar isso como sabão
365

doce porque não é cachupa. Porém ele a olhava com uma expressão tão faminta, quase que se babando como um cachorro diante de comida que ela disse-lhe abraçando-o, de facto só uma vez não chega para tirar manha, mas a
370 verdade é que podia ser tua avó e assim não podemos correr o risco de começar a gostar de fazer um do outro.

Se Maria Isabel foi determinante para que Serafim transitasse da postura de um jovem adolescente para um quase adulto, porque visitou-a dezenas de vezes seguidas, possuindo aquela mãe que por seu lado não conseguia esconder uma lasciva ternura por aquele filho que não tinha parido e que por isso podia sem remorso deixar crescer dentro dela como um macho em pleno tirocínio que ela aos poucos ia habilitando para as lides de cama, sem
375 dúvida que foi o entusiasmo de Peter e Craus pelo mundo estrangeiro que fez com que emigrasse perto dos seus 17 anos.

Por essa época já se tinha fartado das suas criações, atuava-as apenas pelo dever de as não deixar morrer à fome e quando Craus se propôs ensiná-lo a tocar violão não hesitou um instante em desfazer-se de toda a bicharada a troco de um instrumento. Dora viu-o a sair com aquelas galinhas e coelhos enchidos em balaios, perguntou-lhe para que era aquilo e quando ele respondeu que já os
385 tinha vendido ela correu atrás dele com um pau proibindo-o de o fazer porque, disse-lhe, estás enganado se pensas que são teus, são desta casa, alimentados por esta casa que também te dá de comer a ti, um empecilho que nem é capaz de ajudar o pai que está a matar-se para nada.

Mas foi inútil. Pela mão de Craus, Serafim começou a frequentar as tabernas, sobretudo o botequim de Babeje que era uma espécie de cenáculo de todos os bebedores da vila. Craus era bom tocador de violão e tinha a cabeça cheia de modinhas brasileiras famosas que ia ensinando Serafim a
395 dedilhar ao mesmo tempo que o exortava a tomá-las como filosofia de vida: “Não si deve amar sem ser amado / É melhor morrer crucificado / Deus mi livre das mulheres de hoje em dia / desprezam o homem só por causa de orgia...”

Craus tinha uma fusca alegre que lhe fazia falar em voz sempre muito alta e em brasileiro, a dançar onde quer que estivesse, ao mesmo tempo que abraçava as pessoas que encontrava no seu caminho: “Tanto riso / ó tanta alegria / mais de mil palhaços no salão / Pidigri está chorando pelo amor da columbina / no meio da multidão.” Para mostrar como um pagode estava sabe utilizava o barulho do morro que obrigava todos os presentes a cantar: “O barulho, o barulho / o barulho no Morro / homem desse na marosca pé / quando o Pedro deu um beijo / na cabrocha do José.”

Altas horas, Babeje já cansado de os aturar, entre dois bocejos dava ordens de toda a gente para a rua porque queria fechar. Por princípio Craus opunha-se, no Brasil donde ele vinha nenhum taberneiro tinha coragem de pôr bons clientes na rua. Vocês bons clientes, ria-se Babeje, mas Craus pedia que ele os deixasse ficar mais um bocadinho, aquela taberna era o lugar mais sabe da Boa Vista, se saíssem de lá para onde iriam então chorar as suas mágoas! Babeje impacientava-se: não precisas
405 larunjar-me, Craus, conheço-te de gingeira, és um bom sabido e mentiroso que está aqui! Então
410 Craus fingia zangar-se e agarrava o violão para lhe cantar a grande ameaça a que ele chamava o



samba do marinheiro: “Comandante pela vigia espreitava / telegrafista Gomes Macau que procurava / o Comissário para matar, / que parati não nos queria mandar.” E saindo para a rua continuava: “Quando eles brigavam / todo o mundo assistia / foi preciso que a polícia acabasse com a valentia.” Serafim atrás dele caminhava sonhando esses maravilhosos lugares da aventura.

415 É verdade que Serafim não tinha nenhuma propensão para os negócios, mas em compensação era um conversador nato que tinha prazer na arte de contar estórias e bastava uma pequena faísca para o despoletar. Posso dizer que nas muitas horas que passei a esfregar-lhe a perna que cada dia ficava mais inchada e dormente, a ponto de muitas vezes o impossibilitar de se levantar da cama, ele contou-me toda a sua vida, mas resumida à juventude porque parecia que a sua velhice não tinha estória. Era evidente o seu prazer em lembrar esses tempos de heróica aprendizagem, embora tentasse
420 disfarçar com uma ironia forçada o que deveria ser uma mágoa secreta pelo desperdício de uma vida inteira. Por exemplo, lembrava-se perfeitamente do dia em que tinha anunciado a sua decisão de embarcar. Estavam sentados à mesa a almoçar. Ele reparou que os pais estavam arrufados por qualquer razão e em princípio isso garantia-lhe no imediato não os ter contra ele ao mesmo tempo. Já
425 não quero ser carpinteiro, disse em voz alta e um tanto a despropósito, quero embarcar para o estrangeiro, quero conhecer o mundo, não quero ficar neste buraco que é Boa Vista.

Dora olhou para ele com ar de censura: não estás mas é direito da cabeça, disse-lhe, em vez de tomares tom de gente, que já tens idade para isso, ficas é com essas leviandades de correr arco sem fazer nada.

430 Nho Pedro manteve-se calado e Serafim aproveitou para continuar que, caso o pai estivesse de acordo, embarcaria para S. Vicente e de lá seria fácil fugir para Dakar. Dali então tomaria o seu rumo, Peter tinha feito o mesmo trajecto e já lhe tinha explicado tudo.

Contra os seus hábitos, Pedro Trago manteve-se calado por muito tempo e Serafim chegou a acreditar que ele não tinha ouvido nenhum dos dois, mas falou finalmente, num tom de mágoa profunda: ter-vos em casa ou não ter é a mesma coisa, disse, um homem mata-se a trabalhar para poder morrer descansado sabendo que não deixa os seus ao deus-dará, mas é escusado, cada um tem o seu destino. Olha, se é isso que queres... Mas Dora opôs-se quase a chorar, parecia que todos tinham
435 escolhido aquele dia para lhe dar desgostos, ela não autorizaria Serafim a embarcar.

Mas ele foi. O dia do seu embarque foi um dia de luto em casa dos Trago, com nho Pedro de loja
440 fechada e Dora chorando sobre a cama. A única pessoa que esteve de acordo com essa partida foi a sua madrinha, com quem tinha mantido uma relação de proximidade pela exigência que ela lhe fazia de pelo menos uma vez por semana ir a casa dela tomar a bênção, coisa que Serafim fazia aliás com gosto pois que ela guardava-lhe sempre uma prenda qualquer, fosse uma batata assada, fosse uma fatia de bolo. Diz à comadre que pode ficar descansada, disse-lhe, porque vais e voltas salvamente.
445 Mas tens que me jurar que depois de voltares nunca mais irás visitar aquela mulher, a Maria Isabel.

Serafim caiu das nuvens porque nunca lhe tinha passado pela cabeça que a sua madrinha pudesse saber uma coisa daquelas e ficou demasiado envergonhado para responder fosse o que fosse.

Mas daria à costa da Boa Vista menos de quatro anos depois da sua partida. Logo em S. Vicente tinha conseguido ser admitido como criado a bordo de um navio americano, mas como era em
450 tempo de guerra nunca conheciam verdadeiramente os lugares para onde se dirigiam. O que era certo, dizia, é que tinha tocado em muitos portos e conhecido muitas mulheres e comprovado quanto o Peter lhe dizia. Porém, uma noite foram apanhados por uma repentina e violenta tempestade que rodopiou o navio como se fosse um bote, enrolou-o como um cartucho e depois despejou a tripulação no mar.

Ler – Compreender

1. Situa a acção no espaço e no tempo.
2. "... Venceslau desde sempre creditou uma grande admiração pelo velho Frederico (...) e pretendia ter sido ele o único amigo verdadeiro que Pedro Trago..." (linhas 2-4)
 - 2.1. Quem era Pedro Trago?
 - 2.2. Descreve a relação de Pedro Trago com Frederico, Teodora, Serafim e Xisto. Justifica a tua resposta com passagens do texto.
3. "Mas quando os jovens Trago regressaram de novo a casa depois da sua meteórica passagem por S. Vicente, houve que arranjar ocupação para eles, não se podia permitir que ficassem o dia todo a polir calçada no meio de porto." (linhas 59-61)
 - 3.1. Explica o sentido da expressão sublinhada.
 - 3.2. Achas que as decisões de Pedro Trago em relação às ocupações de cada um dos filhos foram acertadas? Justifica.
4. "Xisto (...) comunicou em casa que tinha começado a preparar-se para estudar para padre." (linhas 65-66)
 - 4.1. Identifica, no texto, uma expressão popular que ilustre o desgosto de Pedro Trago em relação a esta escolha de Xisto. Explica o sentido dessa expressão.
5. "Como veio a ficar provado com a sua vida de eterno inútil, Serafim (...) encantou-se com as estórias que tanto Peter como Craus debitavam aos seus ouvidos famintos..." (linhas 210-212)
 - 5.1. Por que é que Serafim é classificado como um "eterno inútil"?
 - 5.2. Que impacto real é que Peter e Craus tiveram na vida leviana de Serafim?
6. "Isabel sabia como conduzir as coisas. Mal Peter saiu ela disse que se tinha esquecido da sua cachupa ao lume e deslocou-se à cozinha. De lá chamou Serafim, vem aqui ajudar-me!, e pediu-lhe que segurasse a tampa da panela enquanto ela provava o sal. Depois levou-lhe a colher à boca: achas que está bom de sal, que precisa de um pouco de malagueta?, perguntou, vais jantar comigo, tem que estar ao teu gosto." (linhas 319-323)
 - 6.1. Pode-se dizer que Serafim foi vítima de assédio sexual por parte de Isabel? Defende a tua ideia com argumentos convincentes.
7. Quando Serafim comunicou o seu desejo de embarcar para o estrangeiro, Pedro Trago, amargurado, disse: "ter-vos em casa ou não ter é a mesma coisa, um homem mata-se a trabalhar para poder morrer descansado sabendo que não deixa os seus ao deus-dará, mas é escusado, cada um tem o seu destino." (linhas 435-437)
 - 7.1. Passa para o discurso relatado (indirecto) estas palavras de Pedro Trago.
8. Identifica as características do romance que se encontram presentes no capítulo que acabaste de analisar.

Escreve

No capítulo do romance que acabaste de ler, verificaste que Pedro Trago não ficou feliz com as opções de vida dos seus filhos. Teodora apoiou a decisão de Xisto de ser padre, mas censurou a decisão de Serafim abandonar Boa Vista.

Com base nesta história, e em outras histórias de vida real que conheces, escreve um texto argumentativo de 25 a 30 linhas sobre o papel dos pais na educação dos filhos, bem como das reacções destes. Usa as histórias para ilustrares ou construíres os teus argumentos.

Lê, com atenção, o capítulo IX do romance *Manhã Submersa*, de Vergílio Ferreira, e responde ao questionário que se segue.

TEXTO
2

A Chegada

Saltei da camioneta e olhei em volta a ver quem me esperava. Descobri então minha mãe, pesada, coberta de negro, e corri ansioso para ela, como para um refúgio do fim. Ela, porém, quase me não falou. E, depois de me beijar brevemente, disse-me em voz surda e medrosa:

5 – A senhora. *Olha* a senhora.

Mas a senhora, a D. Estefânia, estava já ali ao pé, cortava-me já os ouvidos com a vergasta da voz:

– Menino! Vamos!

A criada tomou-me a saca à cabeça, nós seguimos atrás. Voltei-me ainda, lá de longe, para onde ficara minha mãe. Mas só já lá havia noite. Homens soturnos, enca-
10 potados de negro, passavam à nossa beira, batendo o pau dos tamancos nas pedras solitárias. Um grande vento descia das neves da montanha, enregelava-me a face. Quiseria perguntar a minha mãe pelo Joaquim, pela Maria, por tudo quanto no Seminário me enchera a esperança das férias; e ali ia, afinal, outra vez só, entregue à disciplina de
15 D. Estefânia. Casada com um capitão de tarimba, mãe de seis filhos, tinha todavia uma religião tão seca e impiedosa como uma velha virgem descarnada. Morava ela num casarão antigo junto do adro da igreja, a um canto da povoação. Um longo e escuro corredor, serpeando aos altos e baixos pela casa toda, levava até ao meu quarto, que ficava junto à cozinha. Era um quarto pequeno, pintado de amarelo, com
20 uma janela de grades, rente ao chão, voltada para o grande quintal arborizado. Arrumei a saca, lavei-me, fui enfim cumprimentar o Sr. Capitão e os meninos todos. Fizeram-me as perguntas que quiseram, e D. Estefânia, que vigiava os meus actos, de mãos dadas à frente, terminado o interrogatório, mandou-me enfim jantar:

– Comes este ano ainda na cozinha. Para o ano, comerás connosco. Um futuro
25 ministro de Deus deve habituar-se a lidar com todas as classes sociais.

Disse esta frase complicada sem respirar, e quando acabou fui então comer. Na realidade, comer na cozinha dava mais com o meu feitio. Creio que minha irmã, que fora sua criada, já ali não estava a servir. Mas, ainda assim, eu preferia ficar na cozinha. Conhecia, aliás, todo o pessoal, desde o Calhau à Joana e à Carolina, se bem que
30 a Carolina só agora estivesse ao serviço lá em casa. Joana teria trinta anos; mas, como fora recolhida aos seis ou sete, tinha quase a idade do mando da patroa. E Carolina, conquanto recente, tinha uma importância excepcional, porque o Sr. Capitão lhe apreciava o paladar. Pelo menos o paladar. Assim, pensei eu, ali na cozinha estava bem protegido.

35 Comi com as duas criadas em pé, junto de mim, a verem-me comer. Fui à igreja ao Terço. Tentei rezar as Orações da Noite e deitei-me por fim. Mas, quando apaguei o candeeiro de petróleo, imediatamente a noite e o vento entraram pelo meu quarto. Do fundo do silêncio, eu ouvia subir o clamor da ribeira que ali passava perto. Assim estive longo tempo acordado e sem sono. O vento crescia pela escuridão do quintal,

40 encurvava-se sobre o casarão e caía adiante, solenemente, como uma vaga. A montanha falava, de enorme bocarra aberta, a voz dos grandes medos do espaço. De repente, pus-me a imaginar que naquele mesmo instante uma vagarosa mão, suada e fria, poderia vir pousar-me sobre a face. E logo, apavorado, mergulhei nos cobertores. Então vieram-me à lembrança as velhas ilustrações com que D. Estefânia me entretinha e educava. Eram ima-

45 gens roscadas de terror, demónios vesgos, de olhos sulfúricos, torturas estriadas de inferno; relinchos esqueléticos de dentes... Para me esclarecer sobre o sentido das imagens, para que eu aprendesse a humilhar-me de medo, D. Estefânia contava-me, a

50 propósito, histórias de condenados ao Inferno, aparições oblíquas a horas mortas, altos pavores de grandes sombras nocturnas. E agora, perdido no largo vento da montanha, eu relembrava tudo isso, aos sacões, com uma certeza brusca de fac-

55 das. Até que, aturdido de horror, sentei-me na cama, abruptamente, e procurei fósforos pela mesa. Mas não havia fósforos. Deitei-me então outra vez, estalando de atenção, aplicado raivosamente a decifrar cada ruído e cada sombra. Profundamente

60 cansado, adormeci. Logo, porém, do fundo da madrugada, uma voz clara me estalou no quarto:

– São horas de levantar.

Abri os olhos vorazes e vi então, no limiar da porta, o esqueleto de D. Estefânia segurando um

65 candeeiro. A luz amarela batia-lhe, por baixo, a face esburgada, comida de ira e de virtude. E quando verificou que eu a reconhecera e ouvira, avançou para a mesinha, acendeu o meu candeeiro e, tendo rectificado a chama, saiu sem mais pala-

70 vira. Lentamente, batido pelo clarão, todo o quarto começou a revolver-se no escuro. Uma luz côncava e abafada envolvia-me e fechava-me como uma redoma suja. Pelos cantos mal iluminados, eu sentia um surdo despertar de olhos lóbregos, parecendo-me que o candeeiro a meu lado atraía sobre

75 mim, como a bichos, longos braços cabeludos de mãos aduncas. Levantei-me a toda a fúria, lavei-me, vesti-me. Atravessei depois o longo corredor, iluminando-o com o candeeiro. Todo o casarão arfava largamente, em silêncio. D. Estefânia esperava-me no escuro da porta, já pronta, de mantilha, terço e livro de orações. E, mandando-me ir à sua frente, fiscalizando-me detrás, atravessámos ambos o adro para a igreja. Num céu de pedra, as estrelas reluziam ainda, duramente, como estilhaços de vidro

80 num alto muro inacessível...

Quando enfim penetrámos na igreja, desceu sobre mim, como um lençol de água, uma brusca frialdade de grutas. Um silêncio mortuário apodrecia ao longo dos muros ou subia largamente, de grandes braços abertos, pelo escuro das abóbadas. E, em frente de cada altar, bulia avulsamente uma pobre lâmpada, a cobre e a azeite, orando, palidamente, na imobilidade do tempo, fúnebres



85 orações à aparição dos santos. Como o Prior ainda não chegara, depois de dizer a Deus que já
estava ali, sentei-me num banco, angustiado daquele vasto silêncio, um silêncio húmido, submerso,
como o de um mundo a fermentar... De vez em quando, num breve ruflar de sombras, uma beata
escura entrava furtivamente por uma das portas laterais, deslizava ao longo da coxia, e aninhava-se
em silêncio a um canto. Já as manchas negras alastravam à minha roda e o relógio do campanário
90 batera as suas horas velhas, emperradas de ferros. Um visco negro de sapos solitários e de asas de
morcego humedecia-me agora a boca, rodeava-me a garganta como um vômito, e as pancadas do
grande relógio de pesos descompassavam-me o coração. Impaciente pela vinda do Prior, olhei atrás,
quando ouvi novo rumor de passos. Mas D. Estefânia, breve, tocou-me ligeiramente a cabeça, orde-
nando-me compostura. Finalmente, o padre chegou. Vasto, pesado, mais sombra do que a sombra
95 das beatas, caiu a todo o peso para o fundo de uma reza interminável, enquanto a madrugada se foi
erguendo atrás dos montes, foi descendo pelos córregos, encostou enfim a face branca de geadas aos
vidros da igreja. Lentamente, os morcegos das cúpulas foram-se recolhendo, o silêncio das naves
clareava do terror. Já a Meditação terminara, já terminara a longa fieira de rezas aos santos que o
Prior fora conhecendo pela vida fora, já enfim a missa ia chegando à comunhão. Como era eu quem
100 segurava a patena, foram-se-me abrindo diante as bocas de todas as devotas. Pude então reparar na
língua de D. Estefânia, que era esponjosa, recortada aos bicos como as bordas de certas fotografias,
coberta de uma capa esbranquiçada, e com uma grande fenda ao comprido. À aproximação da hós-
tia, toda ela tremia carnalmente. Qualquer coisa de disforme se me revelava assim, repentinamente,
naquela boca aberta, de língua à mostra. Porque, para mim, D. Estefânia, sobretudo na memória do
105 Seminário, tivera sempre uma cara empedrada, óssea, travada de nós em toda a parte. E ali estava
agora de boca escancarada, como num consultório médico. Enfim, a boca fechou-se, os braços
fecharam-se sobre as costelas do peito, e toda a severidade de D. Estefânia se lhe restaurou até aos
pés. Assim o reconheci quando ela entrou na sacristia, ao fim da missa, para trocar opiniões com o
Prior sobre o meu regime de férias. Ali estive, com efeito, entre os dois, assistindo, como um réu,
110 sem abrir boca, à decisão do meu destino.

– Sim, sim... – dizia o Prior, na sua voz trôpega e pesada. – E ele tem saúde? Pode vir cedo à igreja?

– Saúde? Ora essa, Senhor Prior! Então não havia de ter saúde para vir de manhã à igreja? Eu já lhe disse: enquanto estiver em minha casa, não faltará um dia às Orações da Manhã, à Meditação, à Missa e ao Terço da noite, já se vê.

– Sim... E a Visitazinha ao Santíssimo que não esqueça. E as Orações da Noite. O Exame Particular e o Exame Geral de Consciência. E a Leiturazinha Espiritual.

E como não? Para que estava eu ali de braços entregues ao longo do meu corpo, e toda a minha carne amortalhada de preto? Aceitei em silêncio, de olhar erguido para os dois, tudo o que me estavam oferecendo de morte e submissão. Um sol musculado de Inverno pulava já activamente no adro da igreja. Mas eu via-lhe as cordas dos músculos, o olhar corajoso, através das grades da sacristia. D. Estefânia adiantou ainda uma pergunta:

– E Vossa Reverendíssima entende que ele pode visitar a mãe?

– Sim, pois..., sempre é mãe, decerto...

125 Então D. Estefânia começou a metralhar a memória de minha mãe e de meus irmãos com um fogo tão cerrado que fiquei interdito.

– Porque Vossa Reverendíssima não sabe: é uma gente que só dá maus exemplos. A mãe, se o quiser ver, pode vir vê-lo a minha casa.

– Pois sim, sim, talvez, pode ser...

130 E foi. Numa tarde, calada, vestida de lavado, foi chamar-me, acabrunhada, à porta da minha grandeza. Sem se mover, não ousando tocar-me, disse-me apenas “meu filho”, e ficou a olhar-me em silêncio. Eu sentia sobre mim o suplício dos olhos de D. Estefânia, que um pouco atrás assistiam ao encontro; mas, num ímpeto, levantei os braços, rebentei as cordas do medo e atirei-me a minha mãe num abraço desesperado. Imediatamente, porém, D. Estefânia cortou:

135 – Não, não. Aqui não. Cenas dessas, não. Vão lá para a cozinha, se querem.

Minha mãe, todavia, com os olhos molhados, mas duros de decisão, recusou:

– Ah!, não vale a pena, minha senhora. Não vale a pena, porque eu já me vou embora.

140 Desprendi-me dela, mas tomei-lhe logo as mãos e fitei-a e senti que o sangue dela entrava de novo nas minhas veias e passava de novo às suas, como se outra vez me estivesse aquecendo no ventre.

145 Nessa tarde, porém, aproveitando a licença de um passeio antes de jantar, corri a minha casa, às escondidas. Justamente, a essa hora, minha mãe, os meus irmãos e o meu tio já estavam a cear ruidosamente. Mas, assim que entrei, foi como se o preto do meu fato lhes amortilhasse a alegria. Calados, um pouco surpresos e receosos, fitavam agora em mim o que em mim viam agora de estranho e de rico. E, imediatamente, minha mãe atirou um berro contra o meu irmão Joaquim para que ele me cedesse o banco em que se sentava. Como para lhe apagar a sua presença pobre, limpou-o ao avental e serviu-mo com um sorriso humilde. Depois voltou-se para o meu tio e insultou-o por ele comer de boina na cabeça. E à minha irmã, que dividia o pão por todos, forçou-a a lavar as mãos para que eu visse que as lavava. Quando por fim tudo atingiu a perfeição, caiu de novo entre nós um pedregulho de silêncio. Aquela súbita importância que todos me concediam perturbava-me, obscuramente, de grandeza e solidão, como se num instante eu me visse coroado de triunfo, mas num reino devastado, com espectros nocturnos de ódio e de desprezo. Porque era só ódio e desprezo que eu sentia à minha volta, ali erguido sobre a tripeça do banco, como num trono de injúria. Receosos de qualquer traição que me adivinhavam no sangue, todos agora comiam devagar, travando o apetite, saltando de vez em quando sobre mim com olhares furtivos, como quadrilheiros numa emboscada. Mas que outro veneno nas minhas veias, pobre gente, senão o que é do destino da nossa raça comum e eu bebi no leite que mamei? Por isso, um grande muro negro de enormes pedras surdas começou a subir outra vez diante de mim, até à estrela mais alta da minha aflição. E era através de grossas grades de ferro, como as grades da sacristia, que eu estava olhando a minha gente, que tinha a minha carne e o meu sangue. Lentamente, porém, todos eles se foram restabelecendo. Eu tinha as minhas mãos abertas, ali, diante deles, e um olhar inofensivo e escorraçado. Foi decerto por isso que o meu tio (o tio Gorra) falou forte, por fim, encordado a coragem:

155 – Deita para aqui mais feijões!

160 E estendeu à minha mãe a malga do seu sustento. Estremeci violentamente e fiquei a olhar, assustado, aquela fome lóbrega de queixadas poderosas, de vastos olhos hiantes por baixo da cabeleira como duas grandes tocas tapadas por um silvado. Ao urro da sua ânsia, em todos imediatamente se desapertou à vontade o desejo de me vencerem. E então cada qual começou a falar das coisas mais variadas e estranhas à minha presença ali. Meu irmão Joaquim falava da fábrica, meu tio de coisas da Covilhã e os meus irmãos mais novos de coisas da rua. Quando me vi assim abandonado, chamei a mim um dos mais pequenos e dei-lhe o cartucho de rebuçados que tinha comprado na Guarda.

170 – Não são só para ti. São para todos – disse eu, muito sério, atento sempre à minha gravidade de seminarista.

Mas, assim que larguei o cartucho, imediatamente se levantou um burburinho infernal, porque todos exigiam uma divisão equitativa. E, no meio da algazarra, caíram-me em cima, como cacetadas,



175 alguns palavrões perdidos na confusão. Minha mãe estafou-se a descarregar bofetões para todo o
lado, até conseguir restabelecer enfim a ordem. Foi então possível a meu tio inquirir-me detalhada-
mente sobre as coisas do Seminário. Em primeiro lugar, uma vez que eu era seu sobrinho, queria
aproveitar a oportunidade para saber de fonte limpa o que é que o padre dizia em latim lá na missa.
E eu contei que o latim era uma língua muito difícil, com seis casos, e que por isso eu não sabia bem
180 ao certo tudo o que na missa se dizia. Meu tio pareceu-me satisfeito com a minha resposta e passou
a outra questão, no meio do silêncio geral. Pretendia agora saber quanto é que ganharia um padre e
ainda se ele poderia vir a ser um dia meu sacristão. Mas o meu irmão Joaquim adiantou-se na res-
posta:

185 – Vossemecê sacristão? Vossemecê aprendia lá nada a ajudar à missa! Vossemecê só se fosse para
comer os queijos e beber o vinho das galhetas.

– Ah canudo, que aquilo é que havia de ser dar aos queijos! – desabafou a fome lóbrega do meu
tio.

190 Toda a gente se rebolou às gargalhadas – até a minha mãe, que eu senti, subitamente, afastada de
mim. O meu tio, porém, tragado o último copo, entrou-me pelos olhos dentro com um olhar longo
de piedade, até tocar no mais fundo da minha sorte:

– Mas, mesmo com queijos e tudo, sempre escolheste um raio de uma vida, homem. Caramba!
Nem ao menos podes ter uma mulher.

– Cala-te prà i, meu galego. Não lhe digas lá essas coisas – protestou logo minha mãe.

195 Mas toda a gente riu alto outra vez, e minha mãe também riu. No meio da confusão, outros pala-
vrões me agrediram a soco de todo o lado. Então, desesperado, tudo em mim disse adeus à minha
gente e recolhi-me de novo à minha solidão. Os olhares de todos ladravam-me em baixo, ao fundo
do meu trono, onde eu os via activíssimos, sangrando de uma vingança inesperada.

– Vou-me indo – disse eu, enfim, levantando-me.

– Pois já te vais, meu filho? – perguntou minha mãe, afagando-me o cabelo.

200 – São horas. Lá em casa não sabem que estou aqui.

– Pois então vai com Deus, meu filho. E não te importes com o que dizem estes galegos, que isto
são piores do que sei lá o quê.

205 Uma noite fria e serena cobria o mundo, quando saí; e uma paz nova, húmida de ternura, como o
silêncio depois de um choro, envolveu-me, suave, o ermo dos meus passos. Na quietude da noite,
como um regaço do fim, parecia-me que cada parte magoada da minha carne se dispersava no ar,

ávida de esquecimento, e que toda a minha fadiga subia alto, como um fumo, até à cúpula dos astros, e aí se dissipava. Já o vulto da montanha a oriente me chamava com uma voz intrínseca e original, como um olhar que nos fita e ultrapassa. Caminhei devagar, com a fronte pendida, ao longo do meu desespero resignado. Sentia-me sozinho, sem ninguém ao meu lado, nem sequer uma lembrança que me encostasse ao peito. Porque até mesmo a imagem de minha mãe se me afastara para muito longe, desfeita nas gargalhadas, como uma face em espelho de água, subitamente partida em mil pedaços por uma pedra arremessada.

Tocava justamente para o Terço, quando eu chegava a casa. E já não entrei. Mas, quando atravessava o pátio e ia abrir o portão, saiu de uma das lojas, com uma criada, a filha de D. Estefânia, a Mariazinha. Era ela a única menina de todo o rancho e tinha dez anos activos. Uma força discreta de rapariga enchia-lhe já as curvas do peito e dos quadris; mas tudo o mais era nela ainda, e à flor da pele (como o reconhecimento agora à distância de tantos anos), uma infância sem tempo. Ora uma das graças habituais da Mariazinha era perguntar-me quando é que eu cantava a missa. E D. Estefânia, que não desejava de maneira alguma estragar a graça da filha, estudou com cuidado o processo de eu dar uma resposta perfeita, mas suave como um lírio em altar da Virgem. Até que me inventou uma solução:

– Se te voltar a perguntar quando cantas missa, responde-lhe que é quando Deus Nosso Senhor quiser.

Cem vezes assim respondi. Ela pulava na minha frente, batendo as palmas, ou passava a correr no quintal, ou atirava-me a pergunta para o pátio, do alto da janela, quando eu puxava no carrinho um dos irmãos, antes de ir para o Seminário. E de todas as vezes, com um sorriso infeliz, eu respondia submissamente:

– Há-de ser quando Deus quiser.

Mas desta vez, ó Céus, eu vinha tão só e tão em baixo! Porque me ofendes ainda, menina feliz? Ouço-lhe a pergunta mesmo na base da nuca, e fico surdo até à alma. Dói-me a garganta, o estômago turva-se-me em agonia. Se eu venho tão triste, menina, porquê mais desprezo ainda para mim? Estaco, violentamente, à pancada da pergunta. Mas nada digo. Porém a menina feliz tinha a sua alegria sangrenta, era bom por isso que eu vergasse até ao chão... E estava eu a abrir o portão, quando outra vez me arriou. Então foi como se uma humilhação muito grande me dobrasse até às pedras do pátio, cobertas dos excrementos dos animais... Mas bruscamente reagi: uma fúria maligna de cães raivosos esmordaçou-me a cobardia, deixou-me a sangrar. Virei-me, de olhos cerrados, com lume na boca e nas unhas. E chorando de desespero, larguei um palavrão de todo o tamanho...

Mas, fulminantemente, abriu-se à minha volta esse silêncio absoluto que sobrevém às grandes catástrofes. Tinha medo de abrir os olhos, de encarar de frente as ruínas. E assim, atormentado pelo meu pecado de soberba, eu apenas ousava fitar o chão, à espera que o Céu e a Terra me fulminassem como era justo. Mas, como a maldição não vinha, fui erguendo os olhos devagar. E então foi uma surpresa de milagre: já não estava ali ninguém, ninguém me tinha ouvido...

*

De um a um, os dias de férias foram passando. Veio a noite de Natal, geométrica e límpida, como um grande cristal negro. Veio o dia de Janeiro, fresco, original, vieram os Reis Magos e a magia dos seus cantos. Aqui, neste quarto nu em que escrevo, lembro agora tudo com emoção. À dor do que passei mistura-se incrivelmente uma saudade irremediável para nunca mais. Não bem, concretamente, por este instante ou aquele, mas apenas porque a tudo envolve um halo estranho, agora que tudo me vibra na memória. Ao lembrar o passado, acodem-me subitamente instantes únicos de

uma chuva correndo largamente nas vidraças, ou de um sol pálido no fumo largo da manhã, ou até mesmo de uma madrugada fria na igreja. Mas que é que, nesses instantes, realmente me comoveu? Eis porque eu me perturbo à memória da noite de Natal em que todavia eu sei que sofri. Assim é quase com remorso que sinto o apelo que vem das naves da igreja, relembro o frio das geadas, no conforto imaginado de um fogão. Um canto sobe de novo de uma brancura distante, abre pelo céu, desdobra-se como um sol pela manhã. Relembro a ceia quente à meia-noite, o frio branco e filtrado que me banhava a face ao abrir uma janela, recorro a grande fogueira de um tronco de árvore morta, que ali no adro se ergueu. Depois, a memória dispersa-se por instantes avulsos, mas percucientes como ciladas ao dobrar de uma esquina. E assim, ouço repentinamente, na aridez das tardes de Inverno, os tamancos solitários regressados dos campos, ressoando nas pedras do adro, ou a tosse dos que passavam nas madrugadas ásperas; rememoro os vultos dos homens, parados à beira da estrada, virados para a montanha, numa conversa muda com o Tempo; relembro a poeira fina das geadas nas sombras dos caminhos, a alegria intrínseca e serena das manhãs fumegando ao sol, os ventos siderais, encapotados de negro, vindos dos medos da serra, saqueando bruscamente toda a aldeia...

Estranho poder este da lembrança: tudo o que me ofendeu me ofende, tudo o que me sorriu sorriu: mas, a um apelo de abandono, a um esquecimento real, a bruma da distância levanta-se-me sobre tudo, acena-me à comoção que não é alegre nem triste mas apenas *comovente*... Dói-me o que sofri e recorro, não o que sofri e evoco.

Num dia breve, luminoso, tive um encontro, sem defesa, com os meus antigos companheiros de escola. Como a casa de D. Estefânia ficava no extremo da aldeia, muitas vezes eu atravessava o quintal das traseiras, passava o arame farpado que o rodeava e metia-me pelos caminhos da montanha. Justamente eu tinha tido, de véspera, uma estranha perturbação com a Carolina, cuja memória, no Seminário, tanto havia de massacrar-me. Confusamente, eu sentia já revelar-se-me no corpo o destino que era dele. Quando o meu tio Gorra lamentou que eu, sendo padre, não poderia ter mulher, foi já no meu corpo que entendi o que ele disse. Mas justamente, desde a casa de D. Estefânia, logo desde a iniciação do Seminário, aprendi que era infame todo o apelo carnal.

Ora precisamente, como me sabiam algemado no fato preto, brincavam todos comigo, desafiando-me cobardemente para o terreno proibido. Eu não imaginava que isto pudesse acontecer, e tive por isso uma estranha revelação. Quando andava na instrução primária, lembro-me de alguns rapazes atirarem às raparigas que passavam gracejos a que elas não podiam responder. E já naquelas férias, uma vez que a Carolina saía de uma loja com uma pilha de lenha, o Calhau, sorratamente, atirou-lhe a mão aonde não devia, e disse-lhe duas palavras clandestinas. Carolina, afogueada de cólera, só soube responder:

– Vá-se lavar, seu velho jarreta.

– Mas tu queres mesmo saber se eu sou velho? – perguntou o Calhau muito sério.

E Carolina embuchou. Mas, na véspera do meu encontro na serra com os antigos companheiros, Carolina procedera comigo como o Calhau com ela. Depois de me servir a sopa, cruzou os braços sobre a massa volumosa dos seios e plantou-se-me diante a ver-me comer. Sempre que eu erguia os olhos, logo aqueles dois seios se atiravam sobre mim, e me inchavam nas mãos, na cara, noutros sítios. Carolina, orientada talvez pela sua necessidade, deu logo conta da minha perturbação. E brincando comigo, como se eu fosse mais mulher do que ela, debruçou-se para mim num segredo:

– Já te apetecia, não?

Oh, eu nem respondi.

Mas no dia seguinte, como disse, encontrei-me na serra com companheiros de escola. Fechado de resguardo e de gravidade, eu olhei-os aterrado, de esguelha, quando me descobriram sentado entre

295 uns pinheiros. Senti imediatamente que se iria desencadear entre nós uma guerra de morte. Porque
percebia que as botas e o fato preto, o luxo que me vestia, eram uma traição à nossa camaradagem
antiga. Um vento soturno rosnava ao alto, nos pinheiros, uma vasta expectativa abria-se-me à roda
como cratera. Na certeza brusca do meu desamparo, corro à pedrada o meu medo, e espero. Já o
Pereira e o Carapinha tinham mudado de rumo e avançavam agora a direito sobre mim. Vinham
descalços, cobertos de trapos, com uma corda à cinta e uma podoa. Mas, à distância de uns dez
300 metros, pararam a medir-me.

– Então também vens ao mato, Tonho? – perguntou-me o Carapinha, a rir.

– Não. Vim passear – respondi eu, muito sério, a cortar mais conversa.

– Ele agora já não vem ao mato – adiantou o Pereira.

305 Sofri. Certamente eles tinham mais crimes de que me acusassem, e por isso aguardei. Os dois
companheiros então deitaram-se por terra, apoiaram-se nos cotovelos, fitaram-me de frente. Um
amor profundo levantou-se-me por trás do medo e da desolação, e desejei obtusamente descalçar as
botas e rasgar o meu fato e ir com os companheiros pelos caminhos do nosso destino comum.

Mas, antes de eu os sentir e reconhecer como irmãos, Carapinha empurrou-me de novo para a
minha sorte:

310 – Quantos anos te faltam para padre?

– Muitos – respondi eu vagamente.

Pereira então, como se de súbito se recordasse de qualquer ideia importante, levantou-se, veio
vindo para o pé de mim e acorrou-se-me adiante, falando-me mesmo na cara:

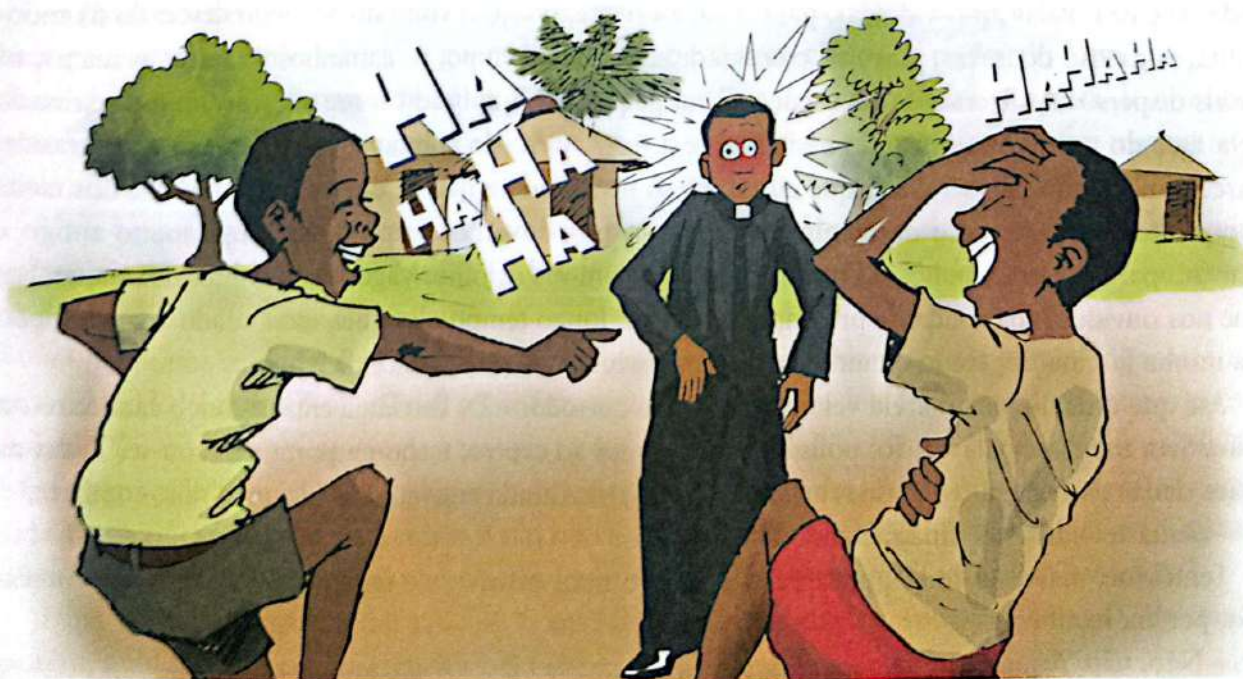
– E olha lá: vocês lá no Seminário também dizem assim palavras, assim:

315 E disse tudo o que lhe apeteceu.

À pancada do primeiro palavrão, saltei nas duas pernas. E calado, inundado de sangue, voltei
costas para me ir embora. Mas logo o Pereira se ergueu também e olhou atrás o Carapinha, num
riso de tigre:

320 – Dizem, Carapinha! Diz lá, Tonho! Diz lá só para a gente ouvir. Só em voz baixa, que nós não
vamos contar nada.

E repetia.



Com fogo nas ilhargas, atirei-me serra abaixo. Mas o Pereira, blasfemando para toda a serra, correu logo atrás de mim.

325 Eu porém não parava, correndo sempre também, desvairado, varejado nos rins pelos gritos do Pereira. Saltei pedras, caí duas vezes, rasguei as mãos e a boca. Mas o Pereira não me largava, vinha sempre sobre mim a dizer coisas horríveis.

– Diz comigo, Tonho! Diz! Só uma palavrinha! Olha, só esta. Só, só esta.

330 Até que, suado, sujo, a sangrar, mergulhei num giestal e para aí me escondi. Os gritos do Pereira partiam de todo o lado como latidos de cães. E foi como um animal acochado que me enrodilhei a um canto e aí esperei, sem me mexer, que o perigo passasse. Quando enfim o Pereira desistiu, atirei-me de cara para o chão, e chorei. Sujo-me de baba e ranho e longo tempo para ali fico, confraternizando com a lama da minha condição. Um grande desejo de silêncio, de paz e esquecimento, caía sobre mim como a pedra de um túmulo. Já a noite se fora erguendo dos campos, pesada de sombras e de vento. E eu sentia-me quase bem, empedrado de silêncio, a carne e os ossos subitamente integrados num sentido universal, irmãos das pedras e da noite...

*

Foram breves os dias que faltavam para partir. Cumpridas as obrigações de seminarista, eu metia-me no quarto, ou sentava-me num recanto do quintal a olhar a ribeira e o tempo, ou aturava os meninos mais novos de D. Estefânia, que eram bem difíceis. Mas, em quaisquer circunstâncias, havia sempre, nos meus olhos, um adeus infeliz para os caminhos da serra, para o cadáver da minha infância.

340 Ora um dia a senhora, vendo-me assim tão triste e atacado do demónio da solidão, chamou-me ao silêncio do escritório, para uma conferência. Não podia eu imaginar o que pretendia ela, mas senti, no ar solene de tudo, uma estranha gravidade que nos transcendia a ambos. Estava eu no meu quarto, absorto em tudo o que acontecera nas férias, suspenso do passado e do futuro, quando a Carolina bateu. Avisou-me então do desejo da senhora e mandou-me ao escritório. Mas no escritório, 345 de porta aberta, não vi ninguém. Compreendi então, na ausência da senhora, uma ameaça necessária para que eu tremesse tudo quanto era de tremer. E entrei. Deus dos Céus, que queria a mulher? Mas eu estava tão farto e fatigado, que desisti de pensar. Fui de janela em janela olhar as sombras da tarde que chegava. Relembro-a agora, quase fisicamente, a essa tarde, sinto-lhe ainda a agonia afogada de cinza. Pelas altas vidraças, para o sul e oriente, revejo o vulto do nevoeiro descendo da montanha, vagaroso de trevas, grave de eternidade. Em pouco tempo, os caminhos da serra, as matas, os casais dispersos desfizeram-se em espaço. E eu, pequeno, ali dobrado sobre mim, sentia-me fascinado pela face do nevoeiro avançando assim sobre a terra. Cercado subitamente daquele silêncio grande, parecia-me, como não sei dizer, que eu estava só no mundo e que de algum modo o crime dos meus companheiros, o desprezo da menina, os frios do meu Inverno eram de um tempo muito antigo e 350 ficavam para sempre sepultos no mar de névoa. Boiam-me os olhos vagos nas sombras da sala, incha-me nos ouvidos uma zoadá de presenças mortas. E longo tempo ali fiquei, escravizado ao meu medo e à minha fascinação, como quando outrora ouvia histórias de bruxas e de lobos...

360 Até que uma nódoa amarela veio crescendo do corredor e D. Estefânia entrou com o candeeiro na mão. Sem me dizer palavra, foi pousá-lo numa mesa ao centro, fechou a porta e sentou-se. Tinha as mãos dadas no regaço, como duas aranhas mortas, mas ainda enganchadas de um último combate.

– Senta-te – disse-me finalmente.

Sentei-me, mas bem longe, para me defender o mais possível de toda aquela ameaça. D. Estefânia, porém, rectificou:

– Não, não. Aqui. Senta-te aqui mais perto.

365 Ergui-me devagar, refugiei-me ainda numa sombra que por ali achei.

– Não, não. Aqui. Aqui à luz, que é para te ver.

Não havia remédio. Dei a minha face inteira à devassa do candeeiro. Então D. Estefânia, agitando os dedos brevemente, começou:

– Tenho reparado estes dias que andas triste, António.

370 – Não, não, minha senhora – clamei, pressuroso, no pavor do que viesse.

Seca, exacta, sem se perturbar, D. Estefânia reafirmou:

– Tens andado muito triste, que eu bem vejo. Por um lado, é natural que assim suceda: as férias estão a acabar, tens de te separar de nós, tens de deixar a tua terra outra vez.

375 Parou. Senhor! Eu tinha, portanto, o direito de ser triste? Eu tinha o direito de ser triste e fui triste até ao fim...

– Mas há tristeza e tristeza. Ora a tua é diferente. É maligna. Os demónios íncubos vieram sobre ti e enegreceram-te a alma.

Talvez. Maligna. Será que tudo em minha vida veio empestado desde a raiz?

380 – Não devemos porém antecipar-nos aos juízos de Deus – adiantou D. Estefânia, erguendo as sobranceiras e cerrando os olhos prudentes.

Calei-me, ah!, cosi-me todo de silêncio. Havia ali o indício de não sei que fantástico milagre e esperei. Centrado de atenção até à dor, eu olhava fixamente a face magra de D. Estefânia, toda remordida de uma frígida sisudez. E ela falou ainda na sua voz seca, picotada, definitiva em cada sílaba:

385 – Quando te recolhi nesta casa foi para maior glória do Senhor e maior honra e proveito espiritual meu e teu. Mas os desígnios de Deus são insondáveis e não podemos imaginar sequer tentar fazer-lhes violência. “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos”, disse Jesus. Destinei-te a seres um sacerdote de Cristo. Mas só o serás se Deus te tiver escolhido.

390 E outra vez o silêncio. Já a noite nos cercava por toda a parte, húmida e pavorosamente escura. Mas uma luz viva começou a ferir-me no mais fundo de mim. Era uma invisível esperança, pequeníssima, mas infinitamente aguda como um fino filamento incandescente. Ah, que aquela mulher magra dissesse tudo de uma vez! Mas ela falava agora mais lentamente, com uma astúcia de rodeios, como se desejasse atacar-me onde eu a não esperasse:

395 – Quantas vezes nos enganamos! Julgamos ouvir a voz de Deus e Deus está em silêncio. Mas também pode acontecer não ouvirmos a voz de Deus, por estarmos cheios de ruídos do Demónio. Antes de te chamar aqui, pedi muito ao Senhor que me iluminasse. Mas não tenho a certeza de a infinita misericórdia do Senhor me ter ouvido. Porque há uns dias que eu me pergunto a mim mesma se tu terás afinal “vocaçãõ”.

400 Uma brusca ansiedade apertou-me todas as vísceras. Doeram-me os rins, o estômago, um seixo grosso entalou-se-me na boca. Mas já D. Estefânia erguia os olhos do fundo do seu recolhimento e os pousava, com doçura, sobre mim:

405 – Que pensas tu disto, António? Sem dúvida, ainda és muito criança, para te não enganares nos teus juízos. Falei com o Senhor Prior sobre isto mesmo, e a opinião dele foi que te devia interrogar a ti próprio. Tu calculas o desgosto enorme que eu teria se a Divina Providência te não tivesse escolhido. Mas desgraçada de mim se eu pensasse contrariar os seus desígnios. A vida de um sacerdote é uma vida de sacrifícios. Mas um sacerdote é um outro Cristo e não há glória no mundo que se lhe possa comparar. Tu és criança, mas já podes entender isto bem. Que pensas tu? Terás ou não vocaçãõ?

Uma fúria de afogado sufocava-me. E então abri a boca numa resposta pronta. D. Estefânia, porém, num susto repentino, ergueu a mão aberta, tapou-me a cara com ela:

410 – Cuidado! Cuidado com o que vais dizer! Reflecte um momento! Pede a Deus que te ilumine! Se quiseres, eu vou até lá dentro, enquanto meditas.

Mas eu tinha medo, um medo enorme que me fugisse aquela oportunidade. E, mordendo-me todo, varado de palidez, disse com voz segura:

– Eu não tenho vocação!

415 – O quê? Como? Não tens vocação?

E foi como se um demónio subitamente explodisse e uma fumarada de enxofre e de cinza se nos levantasse de permeio, separando-nos um do outro. Porque levou tempo que tudo se dissipasse e de novo nos pudéssemos encarar, ali, naquela sala tranquila. Olhei então D. Estefânia, que, hirta de surpresa, nem respirava. Muda, ossificada, furava-me de lado a lado com dois olhos ferocíssimos. 420 Tinha a boca selada, as narinas sôfregas, uma ira raiada pelas arestas da face como roda de navalhas. E desamparado, cercado de noite e de ameaça, senti que ninguém, nem eu próprio, me poderia valer. Numa voz surda, anterior a ela, inchada de profecia, D. Estefânia falou enfim:

– Desgraçado! Que destino será o teu, miserável! Roto, cheio de fome, morderás as pedras, se quiseres comer.

425 E depois, já mais afoita, já escarninha:

– Não tem vocação! Tem mais vocação para se encher de côdeas e de piolhos. O lorde. Não tem vocação para padre. Prefere ser doutor. A mãe vai pô-lo em Coimbra a estudar. Eh!

E logo, sem uma transição, toda frisada de gritos como se a tivessem furado:

– Pois se não tem vocação, rua! Vá lá para a fome dos Borrалhos! Vá comer palha! Aqui nem 430 mais uma hora! Rua!

E saiu, num furacão, arrebatando o candeeiro. Um tormento de moscardos e de carvões e de aço dentado endoideceu-me em agonia. Sofri, sofri. A noite veio enfim e cobriu-me, e eu ali me deixei ficar, perdido no seu regaço. Não sei quanto tempo se passou até que voltei a ouvir, ao longo do casarão, o ruído avulso de passos solitários, de portas que se fechavam e abriam, de palavras indife- 435 rentes, para o interior dos aposentos. Queria erguer-me, arrumar as minhas coisas, pedir talvez perdão a D. Estefânia, continuar a viver. Da lama amassada que eu era agora, sentia que quaisquer mãos alheias poderiam fazer o que quisessem. Por isso, quando a nódoa amarela do candeeiro veio crescendo de novo pelo corredor, invadiu-me uma quase alegria, na esperança de que alguém viesse tomar conta de mim. Podia ser a Carolina, talvez já com as minhas coisas arrumadas, podia ser, 440 quem sabe?, o pobre Sr. Capitão, sempre bom no seu alheamento prazenteiro, podia ser até a menina Mariazinha que viria despedir-se de mim. Mas, com grande espanto meu, quem entrou de candeeiro na mão foi apenas outra vez D. Estefânia. Mais suave, tendo-se sentado no seu lugar, ali onde a minha miséria a desejava, declarou:

– Bem, António. Espero que já tenhas reflectido com Deus sobre aquilo que disseste. Parece-te 445 que não tens vocação?

– Tenho, sim, minha senhora.

– Hã? Tens? Vê bem o que dizes! Se não tens vocação, ninguém te obriga a voltar para o Seminário! Sem vocação, nunca! Tens realmente vocação?

– Tenho, sim, minha senhora.

450 Então D. Estefânia respirou fundo, os seus olhos, a sua face, o seu terror descansaram na sua mão aberta, longamente. Depois, erguendo o rosto, suspensa e duvidosa como se se readaptasse à vida, fitou-me com ternura como eu nunca supusera:

– Bem, meu filho. Vai agradecer a Deus ter-te livrado da tentação. Vai e pede ao Senhor que te defenda sempre das ciladas do Demónio. E reza também por mim, que me puseste doente.

Levantei-me, quase feliz. D. Estefânia ainda me chamou:

– Diz à Carolina que jantas hoje connosco na sala.

FERREIRA, Vergílio. *Manhã Submersa* (capítulo IX), Bertrand: Viseu. 1993. Págs. 71-96

Ler – Compreender

1. Refere o assunto tratado no texto, em poucas palavras.
2. Classifica o narrador, quanto à presença.
 - 2.1. Justifica a tua resposta com uma passagem do texto.
 - 2.2. Distingue o narrador do autor.
3. Transcreve do texto uma passagem que descreva o ambiente físico da casa de D. Estefânia.
 - 3.1. Identifica o tempo verbal e a categoria morfológica predominantes nessa passagem. Dá exemplos.
4. “Comi, com as duas criadas em pé, junto de mim, a verem-me comer. Fui à igreja ao Terço. Tentei rezar as Orações da Noite e deitei-me por fim.” (linhas 35-36)
 - 4.1. Consideras que esta é também uma passagem descritiva? Justifica a tua resposta com base em marcas textuais.
5. Indica a razão pela qual D. Estefânia impunha que o António passasse algumas refeições na cozinha.
6. “Ora precisamente, como me sabiam algemado no fato preto, brincavam todos comigo, desafiando-me cobardemente para o terreno proibido.” (linhas 275-276)
 - 6.1. Explica, por tuas palavras, o sentido da expressão sublinhada.
7. “E já naquelas férias, uma vez que a Carolina saía de uma loja com uma pilha de lenha, o Calhau, sorrateiramente, atirou-lhe a mão aonde não devia...” (linhas 278-280)
 - 7.1. Por que motivo Calhau tomou esta atitude?
 - 7.2. A Carolina tomou a mesma atitude que Calhau com o António. Consideras esse tipo de atitude positivo? Justifica a tua resposta.
 - 7.3. O que pensas da atitude final do António e da D. Estefânia?

Funcionamento da Língua

O APOSTO E O ATRIBUTO

Observa as passagens destacadas nas frases A e B:

A. *Mas a senhora, a D. Estefânia, estava ali ao pé...*

B. *A luz amarela batia na face esburgada de D. Estefânia.*

Na frase **A**, o substantivo *Estefânia* está imediatamente junto a outro substantivo (*senhora*), para o determinar, explicitar ou caracterizar com maior individualização. O núcleo nominal *a D. Estefânia* é um modificador de um outro substantivo (*senhora*). Por isso, desempenha a função sintáctica de **aposto**.

Na frase **B**, os adjectivos *amarelo* e *esburgada* estão imediatamente junto aos substantivos *luz* e *face*, respectivamente, para os qualificar ou caracterizar. Neste caso, os adjectivos *amarelo* e *esburgada* são modificadores dos substantivos *luz* e *face*, respectivamente. Desempenham a função sintáctica de **atributo**.

Resumindo:

Aposto é o substantivo que se junta imediatamente a outro substantivo, para o determinar ou caracterizar com maior individualização.

Ex.: *Venceslau sempre admirou Frederico, avô de Angelina.*

Atributo é o adjectivo que se junta imediatamente ao substantivo para o qualificar.

Ex.: *O velho Pedro Trago deu uma bofetada ao Serafim.*

Exercícios de Funcionamento da Língua

1. Assinala a(s) frase(s) em que ocorre um aposto e sublinha-o.
 - a. Trago da Cruz, filho de Pedro Trago da Cruz e mãe desconhecida, tinha consciência de ter trabalhado para merecer aquele nome.
 - b. Quando o novo padre desembarcou na Boa Vista, Xisto declarou-se imediatamente seu ajudante.
 - c. Saiu de uma das lojas a filha da D. Estefânia, a Mariazinha.
 - d. Homens sortudos passavam à nossa beira, batendo os tamancos nas pedras solitárias.
2. Sublinha os adjectivos nas frases abaixo.
 - a. "Porque me ofendes ainda, menina feliz?"
 - b. D. Estefânia era muito rígida.
 - c. A menina feliz tinha a sua alegria sangrenta.
 - d. A mãe do António estava ansiosa por ver o filho.
 - e. "Uma fúria maligna de cães raivosos esmordaçou-me a cobardia."

2.1. Transcreve as frases das alíneas em que os adjectivos têm a função sintáctica de atributo.
3. Produz, para cada alínea, duas frases onde ocorram os seguintes modificadores do substantivo:
 - a. aposto;
 - b. atributo.

Acabaste de ler e analisar dois capítulos de romances, o primeiro, de Germano Almeida, escritor cabo-verdiano, e o segundo de Vergílio Ferreira, escritor português.

Agora, lê um extracto do romance *Meledina* (ou a história duma prostituta), do escritor moçambicano Aldino Muianga, e responde ao questionário que se segue.

TEXTO
3

Meledina

... da chegada de Meledina a Lourenço Marques à ajuda providencial e desinteressada da tia Salmira, e conseqüente ingresso e iniciação no meretrício...

Tudo começou durante a última época de apanha e venda de castanha caju.

No centro comercial da vila Banguine, misturada com outros aldeões da região, vergados uns ao peso de sacos, vigilantes outros sobre os volumes que inundam o largo da venda, Meledina aguarda a sua vez para ser atendida.

Na altura da pesagem da mercadoria, na varanda dos Armazéns Ibraimo e Filhos Lda, o indiano, "Burahimo", proprietário do estabelecimento, com olhos de gula e mãos trémulas de ânsias, prodigaliza especiais atenções a Meledina. É generoso no pagamento e concede-lhe bónus extraordinários em popelines, sal e velas de cera. E, como não podia deixar de ser, ficou no ar a promessa de novas remessas, em futuros encontros lá na venda. Cega e aturdida pelas prendas, ela não via porque razão não havia de se encontrar com o comerciante que, saltava mesmo à vista, outra intenção não tinha senão ser prestável e ajudar a uma rapariga necessitada.

Assim inicia-se aquela aventura que produz nela muita ansiedade. É que depois de cada visita fica-lhe no espírito a saudade do encontro anterior e a angústia da espera pelo seguinte. Espanta-se até com a mãe e com os avós que passam a vida a encher-lhe os ouvidos com reprimendas e recomendações cujo sentido nem chega a perceber. Quem mais, naquele lugar, gozava do privilégio de ser prendada pelo comerciante, próspero, respeitado e tão influente na região? Mas, o que é demais, e que é qualquer coisa que elas não lhe podem proporcionar, são aqueles momentos no segredo dos fundos dos armazéns, nos quais ele a enche de carinhos, faz-lhe vibrar as fibras do corpo com o seu contacto masculino, confunde-lhe as emoções e transporta-a até às fronteiras de um mundo novo, irreal e maravilhoso.

A frequência daquelas visitas à loja e o receio de ela soltar a língua para divulgar aquelas ligações põem "Burahimo" em permanente sobressalto. Imagina-a de ventre dilatado, a encubar um filho seu. Não tarda nada que o pai dela, mais a comitiva do regulado, e todos os velhos da povoação, venham bater à sua porta para o intimar a trazer à sua casa aquela que já intitulariam sua esposa. Tem os olhos sempre postos à entrada. Ao vê-la adivinha-lhes os contornos da barriga ou imagina-a escoltada por uma turba de parentes encolerizados a armar tumulto na varanda do edifício. Tem acontecido baralhar-se nos trocos, o que mereceu pensamentos suspeitos da esposa e é motivo de alegria da clientela.



– Arranjei trabalho para ti em Lourenço Marques – disse, numa ocasião em que
35 estavam a sós na venda, com ternura, perdido na contemplação daquele rosto juvenil
onde se liam as marcas naturais de uma inocência que o confundem e aniquilam. Ela
coloca-o naquele estado de paradoxo, de mistura de paixões que, por vezes o enervam
e põem-no a falar para si próprio. Quanto mais se esforça para afastar a imagem dela
do pensamento, mais esta se aviva e o submete.

40 – Ir a Lourenço Marques?! Ah, não posso ...

– Não podes porquê? É lá onde está o futuro ...

– Porque tenho de ajudar a minha mãe nas machambas. Também sou muito nova,
o pai não ia deixar.

Tudo lá se arranja. Problemas não vais ter. Tenho amigos e familiares que vão aju-
45 dar a tomar conta de ti – promete, com voz trémula, própria de quem sabe estar a fal-
tar à verdade, arrependido por se ter precipitado na proposta. – Claro que isto fica
entre nós. Eu próprio encarrego-me de informar os teus pais. Este é um segredo que
deve ficar entre nós. Estás a perceber?

50 Causa-lhe pânico a ideia de que se venha a saber do envolvimento com ela. De que
maneira não definiu ainda muito bem, mas o certo é que ela tem de sair deste lugar, o
mais depressa possível. E que por lá fique, até que a ambos arrefeçam as paixões. Seria
uma tragédia, um escândalo sem medida se aqueles pesadelos que o perseguem
durante as noites se consumassem. Ele, que na comunidade é tido como um poço de
virtudes, generoso e tolerante, pronto a doar para obras de caridade, protótipo de

55 marido delicado e de pai responsável. O que diriam a mulher e as filhas, das quais a mais nova é da idade da Meledina? Todos cuspir-lhe-iam na cara, cobri-lo-iam de pragas e injúrias, entre as quais, e Alá será testemunha, o de violador de menores.

60 Com o calculismo de quem conhece os meandros da vida, soube desvanecer-lhe dúvidas e receios. Chegou mesmo a exacerbar-lhe o entusiasmo para deixar a terra ao encontro de melhores oportunidades na capital, onde o dinheiro, dizia, corria como águas ali do rio Zengue. Mais acrescenta que era ela talhada para melhor vida, muito diferente desta que todos, ele incluído, levam neste desterro sem fim, cheio de serpentes, mosquitos e gente muito incivilizada.

65 E, naquela madrugada cacimbenta, Meledina abandonou Banguine sem se despedir de ninguém. A mãe, habitualmente severa e atenta aos afazeres das filhas depois do anoitecer, não se apercebeu dos preparativos para aquela viagem. À socapa pelas tra-seiras da casa, ganhou a estrada.

MUIANGA, Aldino.

Meledina (ou a história duma prostituta) (capítulo I). Maputo: Ndjira. 2004. Págs. 17-19

Ler – Compreender

1. Descreve o espaço onde esta história decorre.
2. Identifica as duas personagens principais desta história e indica a ocupação de cada uma delas.
3. Que sentimentos Meledina nutria por “Burahimo”? Justifica a tua resposta com passagens do texto.
 - 3.1. Indica o motivo de tais sentimentos.
4. Conforme o narrador, Meledina coloca “Burahimo” num estado de paradoxo.
 - 4.1. Que paradoxo é este? A que se deve?
 - 4.2. Que solução “Burahimo” encontrou para que ninguém soubesse do seu envolvimento com Meledina?
 - 4.3. Enumera os argumentos usados por “Burahimo” para persuadir Meledina.
5. Que conselhos darias a Meledina para não se deixar persuadir por “Burahimo”?
6. Tendo em conta as marcas da descrição e da narração, transcreve do texto uma passagem marcadamente descritiva e outra passagem marcadamente narrativa.
 - 6.1. Relaciona as duas passagens em termos de pausa ou avanço da acção.
7. Imagina e escreve o desfecho da história, tendo em atenção o título do romance donde o extracto que leste foi retirado: *Meledina (ou a história duma prostituta)*.

Avalia o que aprendeste

■ Debate sobre assédio sexual

Como pudeste perceber, na história de Meledina, o comerciante “Burahimo” aproveitou-se da sua inocência, da sua condição social de pobreza e do seu desejo de receber prendas para abusar dela sexualmente.

- Achas que, em Moçambique, muitas raparigas, hoje em dia, vivem situações similares?
- Achas que também há rapazes a serem abusados sexualmente, em condições similares?
- Quais são as principais causas e as principais consequências do assédio sexual?
- Como é que tu, como jovem, podes ajudar a combater o assédio sexual?

Debate estas questões com os teus colegas de grupo e, depois, escolhe um representante do teu grupo para participar no debate alargado da turma.



Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › aprendeste a distinguir o conto, o romance e a novela;
- › leste e interpretaste extractos de romances;
- › analisaste segmentos narrativos e descritivos e reflectiste sobre as suas marcas;
- › identificaste os elementos estruturais da narrativa em extractos de romances: o narrador, o espaço, o tempo, as personagens, as acções;
- › distinguiste o autor do narrador;
- › identificaste o aposto e o atributo em frases dos textos estudados;
- › desenvolveste o teu vocabulário e o conhecimento de expressões populares portuguesas;
- › reflectiste e realizaste um debate sobre o assédio sexual.

6

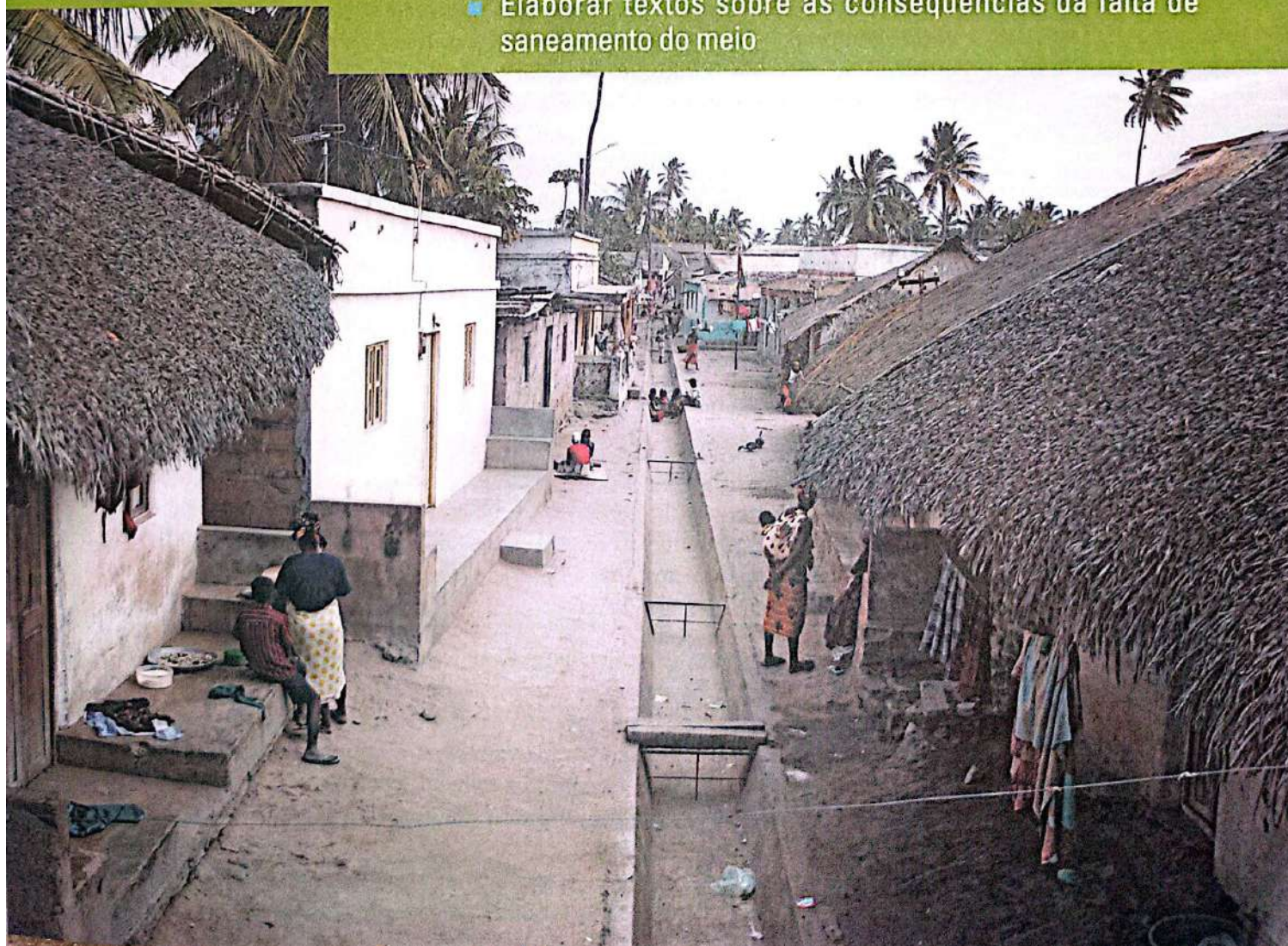
TEXTOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

TEMA TRANSVERSAL

- Saneamento do meio

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer a estrutura de um relatório
- Interpretar relatórios sobre actividades da turma/escola
- Elaborar relatórios sobre a vida da turma/escola
- Reconhecer as marcas do discurso relatado em textos
- Reconhecer a importância do saneamento do meio
- Elaborar textos sobre as consequências da falta de saneamento do meio



Lê atentamente o texto e, de seguida, responde ao questionário.



Relatório sobre a participação da 10.^a classe – turma B no Projecto de Saneamento do Meio da Escola Secundária Noroeste I

Este relatório tem como objectivo apresentar a síntese das actividades dos alunos da 10.^a classe – turma B no Projecto de Saneamento do Meio da Escola Secundária Noroeste I.

Como é sabido, este projecto iniciou em Março deste ano e tem por objectivos principais:

- melhorar as condições de higiene e saneamento dentro do recinto escolar;
- promover a saúde escolar;
- promover a participação dos alunos na resolução de problemas da escola.

Para o alcance destes objectivos, os alunos da 10.^a classe – turma B organizados em três grupos distintos, realizaram as seguintes acções:

1. uma campanha de angariação de fundos para a reabilitação das casas de banho;
2. jornadas de limpeza e recolha de lixo, quer na escola, quer nas redondezas da mesma;
3. palestras sobre a importância da limpeza e saneamento do meio para a saúde escolar.

O grupo que se dedicou à campanha de angariação de fundos escreveu cartas a várias empresas, solicitando apoio para a reabilitação das casas de banho da escola. A resposta da MCEL, do BCI Fomento, da SASOL e do Grupo MBS foi positiva. Cada uma destas empresas ofereceu um cheque no valor de cem mil meticais. Foram assim angariados quatrocentos mil meticais. O grupo, juntamente com outros estudantes da escola, também realizou a actividade de lavagem de carros em vários pontos da cidade, tendo conseguido reunir outros cem mil meticais. Importa referir que a empresa OMO ofereceu 50 pacotes deste produto e 50 camisetes para facilitar a realização desta actividade. Os quinhentos mil meticais angariados foram entregues à TEIXEIRA DUARTE, empresa que realizou a reabilitação de duas casas de banho a um preço especial.

Por sua vez, o grupo que se dedicou à organização de jornadas de limpeza e recolha de lixo trabalhou tanto na escola, como no bairro residencial onde a escola se insere. Este grupo produziu vários cartazes (em anexo) e realizou uma campanha porta-a-porta, solicitando aos moradores que se juntassem aos alunos da escola para a limpeza da mesma e do bairro. Deste modo, foram realizadas duas jornadas de limpeza no mês de Abril, duas no mês de Maio e duas em Junho. Verificou-se um aumento crescente da participação dos estudantes e moradores do bairro em cada uma destas jornadas.

Importa dizer que este grupo trabalhou em coordenação com o grupo responsável pela organização de palestras. Assim, no fim de cada jornada de limpeza, foram dadas palestras sobre a importância da limpeza e saneamento do meio para a saúde escolar. Foram convidados vários médicos e responsáveis do Município, que falaram de doenças como a malária, a bilharziose e a cólera. O secretário do Bairro, que proferiu um discurso no final da última jornada, disse que aquela era

uma iniciativa de louvar e que os moradores deviam continuar a apoiar os esforços dos alunos da escola em criar um ambiente saudável na comunidade.

Em conclusão, a 10.^a classe – turma B tem tido um envolvimento muito positivo e participativo no Projecto de Saneamento do Meio da Escola Secundária Noroeste 1. Os objectivos do projecto estão a ser alcançados.

É necessário continuar a incentivar a comunidade escolar e a do bairro a participar nas jornadas de limpeza e organizar estes eventos, de forma sistemática. É também importante cuidar das casas de banho rehabilitadas e educar todos os alunos e trabalhadores a usá-las convenientemente, para que as mesmas não voltem a degradar-se. Os funcionários da limpeza devem prestar atenção a actos de vandalismo nas casas de banho. Por último, é necessário continuar a motivar a participação de todos os alunos na resolução dos problemas da escola.

Maputo, 6 de Julho de 2010

Pedro Tivane
(Chefe da Turma)

Anexo: Cartazes de limpeza produzidos pelos alunos da turma B



Ler – Compreender

1. Identifica o objectivo do relatório que acabaste de ler.
 - 1.1. Consideras que esse objectivo foi cumprido? Justifica.
2. Indica os factos específicos que são analisados neste relatório.
3. Aponta as ilações apresentadas.
4. Faz uma síntese das propostas apresentadas.
5. Como caracterizarias a linguagem deste relatório?

6. Preenche a tabela que se segue, identificando, de forma sucinta, os elementos estruturais do relatório que acabaste de ler.

Cabeçalho	Título:
Corpo	Introdução: – Objectivo/assunto:
	Desenvolvimento: – Factos/actividades: – Apreciação/conclusão: – Propostas:
	Fecho: – Data: – Assinatura: – Indicação da existência de anexo(s):
Anexos	

7. Com base quer no relatório que acabaste de ler, quer na tua experiência de leitura ou escrita de outros tipos de relatórios (por exemplo, relatórios de pesquisa), classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmações que abaixo se apresentam.
- Nos relatórios, pode-se apresentar as informações de forma vaga e pouco clara.
 - Nos relatórios, deve-se expor e analisar factos reais.
 - Nos relatórios, não é importante apresentar provas das afirmações feitas.
 - Nos relatórios, deve-se usar frases longas e complicadas, porque é importante apresentar pormenores e/ou repetir a informação.
 - Nos relatórios, é importante ter em mente os objectivos visados.
 - Nos relatórios, é importante procurar apresentar uma conclusão.
 - Nos relatórios, a linguagem deve ser precisa, objectiva e exacta.
 - Nos relatórios, o assunto analisado deve estar explícito e claro.
 - Nos relatórios, não há interesse em apresentar propostas de soluções do assunto analisado.
 - Nos relatórios, apresentam-se conclusões e apreciações sobre os factos ocorridos, as situações analisadas, e as acções desenvolvidas.
 - Nos relatórios, não se apresentam juízos pessoais.
 - Nos relatórios, escreve-se sobre o que se viu, o que se soube, o que se fez, o que se encontrou e o que se concluiu.
 - Nos relatórios, documentos comprovativos das afirmações feitas ou dos factos narrados devem ser apresentados em anexo.

Funcionamento da Língua

DISCURSO RELATADO

Presta atenção à frase:

O secretário do Bairro, que proferiu um discurso no final da última jornada, disse que aquela era uma iniciativa de louvar e que os moradores deviam continuar a apoiar os esforços dos alunos da escola em criar um ambiente saudável na comunidade.

Como podes verificar, nesta frase o narrador repete as palavras do secretário do Bairro não exactamente da forma como foram ditas, mas subordinadas a uma frase de introdução ou explicação ("*O secretário do Bairro disse que...*"). O diálogo é incorporado na narração mediante uma forte relação de subordinação estabelecida entre a frase reproduzida e a frase introdutora. Nestes casos, diz-se que se está perante um **discurso relatado** ou **indirecto** (designação tradicional). Este discurso tem um carácter predominantemente informativo e, por isso, ocorre com frequência nos relatórios.

Se a frase estivesse apresentada no **discurso directo**, teríamos a reprodução exacta das palavras proferidas pelo secretário do Bairro, como se ilustra abaixo:

O secretário do Bairro... disse:

- Esta é uma iniciativa de louvar. Os moradores devem continuar a apoiar os esforços dos alunos da escola em criar um ambiente saudável na comunidade.

Como podes verificar, na passagem do discurso directo para o relatado, o enunciado apresentado na 1.^a pessoa foi transposto para a 3.^a pessoa e as formas verbais no presente do indicativo passaram para o imperfeito do indicativo. Para além disso, o determinante demonstrativo "*esta*" foi transposto para "*aquela*".

A tabela abaixo sumariza as principais transposições que ocorrem na passagem do discurso directo para o relatado:

Discurso directo	Discurso relatado (ou indirecto)
Enunciado em 1. ^a ou 2. ^a pessoa	Enunciado em 3. ^a pessoa
Advérbios: <i>aqui, cá ontem, hoje amanhã</i>	Advérbios: <i>ali, lá no dia anterior, nesse dia no dia seguinte, então</i>
Verbos: presente pretérito perfeito futuro imperativo	Verbos: pretérito imperfeito pretérito mais-que-perfeito condicional pretérito imperfeito do conjuntivo
Pronomes e determinantes de 1. ^a e 2. ^a pessoa	Pronomes e determinantes de 3. ^a pessoa

Avalia o que aprendeste

■ Jogo: Diz, Ouve, Relata

1. Forma grupos de quatro alunos com os teus colegas.
2. O primeiro a começar diz uma frase. Esta frase deve consistir numa afirmação, pergunta, orientação, exortação, etc., relacionada com o tema da unidade, ou seja, o saneamento do meio.

3. Os restantes colegas ouvem em silêncio e, rapidamente, nos seus cadernos, escrevem a frase que ouviram no discurso relatado. Mal concluem, dizem PARAR, obrigando todos os outros jogadores a pararem de escrever.
4. O jogador que mandou parar os outros diz em voz alta a frase no discurso relatado. Se a frase estiver correcta, o jogador ganha 1 ponto. Se estiver errada e outro jogador contestar e apresentar a frase correcta, o ponto vai para aquele jogador que fez a correcção.
5. O jogador que ganhar a ronda tem o direito de dizer a frase seguinte.
6. No final, ganha o jogador que tiver somado maior quantidade de pontos.

■ Debate sobre o saneamento do meio

Quais são os problemas de saneamento do meio no teu bairro? Como é que os moradores se organizam para resolvê-los? Os teus colegas têm os mesmos problemas nos bairros onde vivem? Como é que os moradores dos bairros deles se organizam para resolver esses problemas? Haverá formas mais adequadas para resolver os problemas de saneamento nos bairros da tua cidade?

Reflecte sobre estas questões e realiza um debate com os teus colegas de grupo. Neste debate, para defenderes as tuas ideias, podes fazer o relato de acontecimentos que viveste ou que observaste.

■ Escreve um relatório

Como os alunos da 10.^a B da Escola Secundária Noroeste 1 tu, com certeza, já estiveste envolvido num projecto de pesquisa ou actividade do teu grupo, turma ou escola.

Escreve um relatório sobre esse projecto ou actividade.

Primeiro, recolhe e organiza as informações e dados com rigor, tendo em mente as questões:

- | | |
|-------------------------------|---|
| - O que vimos? | - Que resultados alcançámos? |
| - O que fizemos? | - Quais foram os nossos constrangimentos? |
| - Quando fizemos? | - Que dados recolhemos? |
| - Como fizemos? | - A que conclusões chegámos? |
| - Qual foi o nosso objectivo? | - Que propostas podemos apresentar? |

Depois, organiza a informação em forma de relatório, seguindo, com rigor, a estrutura e as características da linguagem deste tipo de texto.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste um relatório;
- › analisaste a estrutura do relatório;
- › recordaste as marcas do discurso relatado;
- › transformaste frases do discurso directo em discurso relatado, durante um jogo com os teus colegas;
- › realizaste um debate sobre o saneamento do meio;
- › escreveste um relatório sobre um projecto de pesquisa ou actividade do teu grupo, turma ou escola.

7

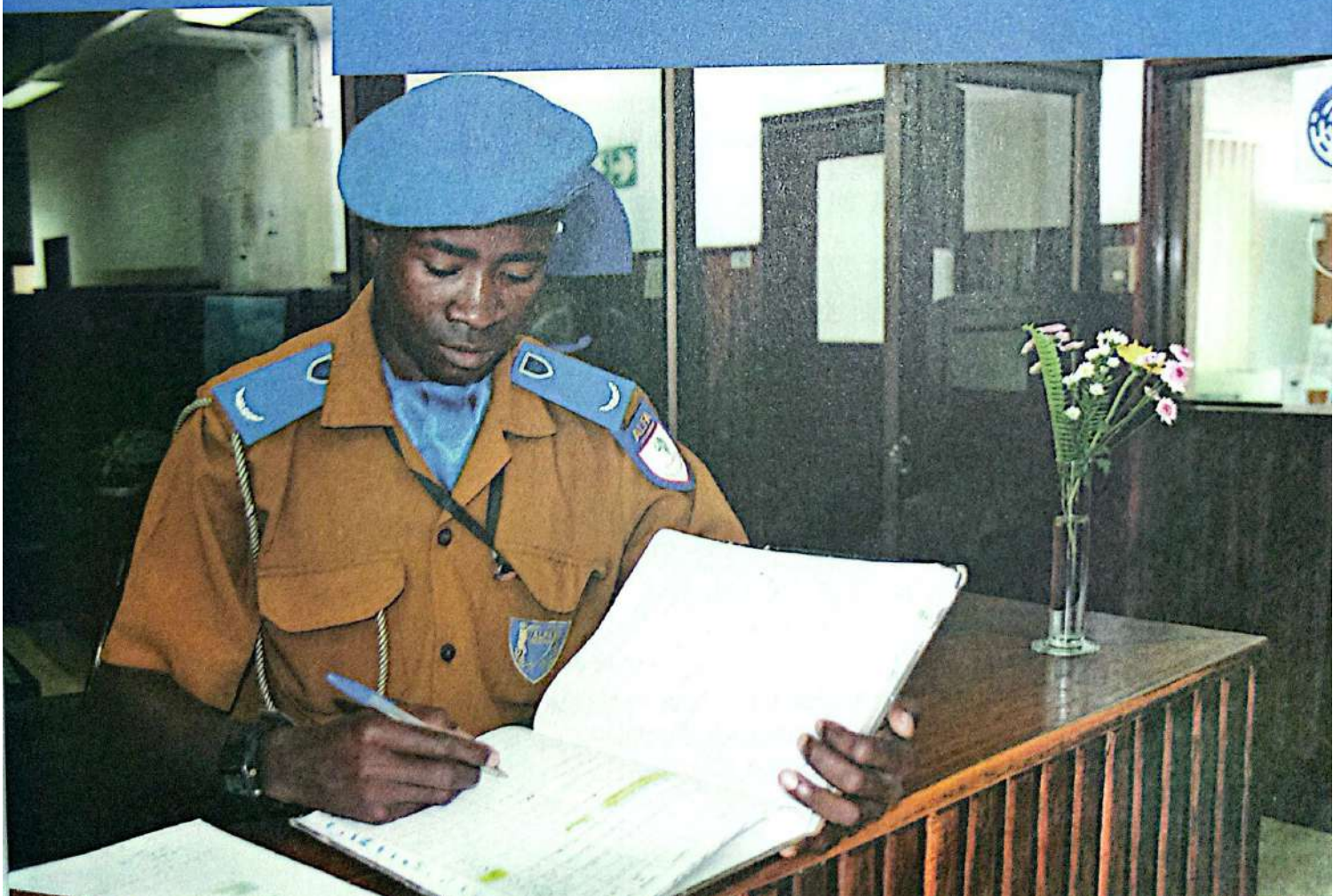
TEXTOS NORMATIVOS

TEMA TRANSVERSAL

- Educação fiscal

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Reconhecer os direitos, deveres e liberdades fundamentais dos moçambicanos
- Construir frases usando preposições após, perante
- Reconhecer a importância da contribuição fiscal para o desenvolvimento económico do país



Na 9.ª classe estudaste os textos normativos com base na Declaração Universal dos Direitos do Homem e na Declaração dos Direitos da Criança. Distinguiste direitos de deveres e aprendeste o que são os direitos pessoais, sociais e judiciários; direitos civis e direitos políticos. Estudaste também alguns artigos sobre os direitos da criança.

Agora, vais poder aprofundar os teus conhecimentos sobre os textos normativos, analisando alguns artigos da Constituição da República de Moçambique.

Lê, atentamente, o extracto da Constituição da República de Moçambique que te apresentamos (Artigos 66 a 85), e responde ao questionário.

TÍTULO III – DIREITOS, DEVERES E LIBERDADES FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO III – Direitos, liberdades e garantias individuais

(...)

Artigo 66.º (*Habeas corpus*)

1. Em caso de prisão ou detenção ilegal, o cidadão tem direito a recorrer à providência do *habeas corpus*.
2. A providência de *habeas corpus* é interposta perante o tribunal, que sobre ela decide no prazo máximo de oito dias.

Artigo 67.º (Extradição)

1. A extradição só pode ter lugar por decisão judicial.
2. A extradição por motivos políticos não é autorizada.
3. Não é permitida a extradição por crimes a que corresponda na lei do Estado requisitante pena de morte ou prisão perpétua, ou sempre que fundadamente se admita que o extraditado possa vir a ser sujeito a tortura, tratamento desumano, degradante ou cruel.
4. O cidadão moçambicano não pode ser expulso ou extraditado do território nacional.

Artigo 68.º (Inviolabilidade do domicílio e da correspondência)

1. O domicílio e a correspondência ou outro meio de comunicação privada são invioláveis, salvo nos casos especialmente previstos na lei.
2. A entrada no domicílio dos cidadãos contra a sua vontade só pode ser ordenada pela autoridade judicial competente, nos casos e segundo as formas especialmente previstas na lei.
3. Ninguém deve entrar durante a noite no domicílio de qualquer pessoa sem o seu consentimento.

Artigo 69.º (Direito de impugnação)

O cidadão pode impugnar os actos que violam os seus direitos estabelecidos na Constituição e nas demais leis.

Artigo 70.º (Direito de recorrer aos tribunais)

O cidadão tem o direito de recorrer aos tribunais contra os actos que violem os seus direitos e interesses reconhecidos pela Constituição e pela lei.

Artigo 71.º (Utilização da informática)

1. É proibida a utilização de meios informáticos para registo e tratamento de dados individualmente identificáveis relativos às convicções políticas, filosóficas ou ideológicas, à fé religiosa, à filiação partidária ou sindical e à vida privada.
2. A lei regula a protecção de dados pessoais constantes de registos informáticos, as condições de acesso aos bancos de dados, de constituição e utilização por autoridades públicas e entidades privadas destes bancos de dados ou de suportes informáticos.
3. Não é permitido o acesso a arquivos, ficheiros e registos informáticos ou de bancos de dados para conhecimento de dados pessoais relativos a terceiros, nem a transferência de dados pessoais de um para outro ficheiro informático pertencente a distintos serviços ou instituições, salvo nos casos estabelecidos na lei ou por decisão judicial.
4. Todas as pessoas têm o direito de aceder aos dados coligidos que lhes digam respeito e de obter a respectiva rectificação.

Artigo 72.º (Suspensão de exercício de direitos)

1. As liberdades e garantias individuais só podem ser suspensas ou limitadas temporariamente em virtude de declaração do estado de guerra, do estado de sítio ou do estado de emergência nos termos estabelecidos na Constituição.
2. Sempre que se verifique suspensão ou limitação de liberdades ou de garantias, elas têm um carácter geral e abstracto e devem especificar a duração e a base legal em que assenta.

CAPÍTULO IV – Direitos, liberdades e garantias de participação política

Artigo 73.º (Sufrágio universal)

O povo moçambicano exerce o poder político através do sufrágio universal, directo, igual, secreto e periódico para a escolha dos seus representantes, por referendo sobre as grandes questões nacionais e pela permanente participação democrática dos cidadãos na vida da Nação.

Artigo 74.º (Partidos políticos e pluralismo)

1. Os partidos expressam o pluralismo político, concorrem para a formação e manifestação da vontade popular e são instrumento fundamental para a participação democrática dos cidadãos na governação do país.
2. A estrutura interna e o funcionamento dos partidos políticos devem ser democráticos.

Artigo 75.º (Formação de partidos políticos)

1. No profundo respeito pela unidade nacional e pelos valores democráticos, os partidos políticos são vinculados aos princípios consagrados na Constituição e na lei.
2. Na sua formação e na realização dos seus objectivos, os partidos políticos devem, nomeadamente:
 - a. ter âmbito nacional;
 - b. defender os interesses nacionais;
 - c. contribuir para a formação da opinião pública, em particular sobre as grandes questões nacionais;
 - d. reforçar o espírito patriótico dos cidadãos e a consolidação da Nação moçambicana.

3. Os partidos políticos devem contribuir, através da educação política e cívica dos cidadãos, para a paz e estabilidade do país.

4. A formação, a estrutura e o funcionamento dos partidos políticos regem-se por lei.

Artigo 76.º (Denominação)

É proibido o uso pelos partidos políticos de denominações que contenham expressões directamente relacionadas com quaisquer confissões religiosas ou igrejas ou a utilização de emblemas que se confundem com símbolos nacionais ou religiosos.

Artigo 77.º (Recurso à violência armada)

É vedado aos partidos políticos preconizar ou recorrer à violência armada para alterar a ordem política e social do país.

Artigo 78.º (Organizações sociais)

1. As organizações sociais, como formas de associação com afinidades e interesses próprios, desempenham um papel importante na promoção da democracia e na participação dos cidadãos na vida pública.

2. As organizações sociais contribuem para a realização dos direitos e liberdades dos cidadãos, bem como para a elevação da consciência individual e colectiva no cumprimento dos deveres cívicos.

Artigo 79.º (Direito de petição, queixa e reclamação)

Todos os cidadãos têm direito de apresentar petições, queixas e reclamações perante autoridade competente para exigir o restabelecimento dos seus direitos violados ou em defesa do interesse geral.

Artigo 80.º (Direito de resistência)

O cidadão tem o direito de não acatar ordens ilegais ou que ofendam os seus direitos, liberdades e garantias.

Artigo 81.º (Direito de acção popular)

1. Todos os cidadãos têm, pessoalmente ou através de associações de defesa dos interesses em causa, o direito de acção popular nos termos da lei.

2. O direito de acção popular compreende, nomeadamente:

- a. o direito de requerer para o lesado ou lesados as indemnizações a que tenham direito;
- b. o direito de promover a prevenção, a cessação ou a perseguição judicial das infracções contra a saúde pública, os direitos dos consumidores, a preservação do ambiente e o património cultural;
- c. o direito de defender os bens do Estado e das autarquias locais.

CAPÍTULO V – Direitos e deveres económicos, sociais e culturais

Artigo 82.º (Direito de propriedade)

1. O Estado reconhece e garante o direito de propriedade.

2. A expropriação só pode ter lugar por causa de necessidade, utilidade ou interesse públicos, definidos nos termos da lei e dá lugar a justa indemnização.

Artigo 83.º (Direito à herança)

O Estado reconhece e garante, nos termos da lei, o direito à herança.

Artigo 84.º (Direito ao trabalho)

1. O trabalho constitui direito e dever de cada cidadão.
2. Cada cidadão tem direito à livre escolha da profissão.
3. O trabalho compulsivo é proibido, exceptuando-se o trabalho realizado no quadro da legislação penal.

Artigo 85.º (Direito à retribuição e segurança no emprego)

1. Todo o trabalhador tem direito à justa remuneração, descanso, férias e à reforma nos termos da lei.
2. O trabalhador tem direito à protecção, segurança e higiene no trabalho.
3. O trabalhador só pode ser despedido nos casos e nos termos estabelecidos na lei.

Constituição da República de Moçambique. Maputo: Plural Editores. 2005

Ler – Compreender

1. Identifica o destinatário deste texto.
2. Indica o objectivo principal da Constituição.
3. Em cada uma das alíneas que se seguem, escolhe aquela cujo significado melhor se aproxima do da palavra ou expressão destacada.

3.1. Habeas corpus

- a. liberdade imediata do indivíduo
- b. garantia de se apresentar imediatamente ao juiz
- c. garantia de isenção de culpa
- d. garantia de indemnização pelo tribunal

3.2. Providência

- a. destino
- b. medida
- c. cautela
- d. aplicação

3.3. Extradicação

- a. entrega de um indivíduo acusado de um crime no seu país de origem
- b. entrega para fora
- c. prisão de um indivíduo fora do seu país
- d. condenação de um indivíduo fora do seu país

3.4. Impugnação

- a. contradição
- b. contestação
- c. implicação
- d. complicação

3.5. Sufrágio

- a. votação
- b. juízo
- c. compreensão
- d. entendimento

4. Relê o ponto 2 do artigo 66.º. Achas que se trata de um direito ou de um dever?

4.1. Justifica a tua resposta.

5. Como é que o texto está estruturado?

5.1. Demonstra, com exemplos, a estrutura que identificaste.

6. Retira do texto um exemplo dos seguintes tipos de direitos:

- social;
- político;
- judiciário.

Exercícios de Funcionamento da Língua

Exercícios com os verbos *dever* e *fazer*

1. Sublinha as formas do verbo *dever* e *fazer* nas seguintes frases e diz em que tempo, pessoa e modo se encontram.

- a. Os cidadãos que fazem pequenos negócios devem pagar os impostos.
- b. Os cidadãos que fizerem negócios sem pagar os impostos deverão ser penalizados.
- c. Faça como eu, pague os impostos.
- d. O que faço para ser contribuinte do ISPC?
- e. Se faz negócios e não está inscrito na Direcção da Área Fiscal da sua zona, deve inscrever-se nas brigadas móveis que visitam regularmente o seu bairro.

2. Completa os espaços em branco com os verbos *dever* e *fazer* no modo conjuntivo e nos tempos indicados.

- a. Mesmo que os pequenos contribuintes _____ (*fazer* – Presente) maus negócios, devem pagar os impostos.
- b. Não acho que o Ministério da Saúde _____ (*dever* – Presente) aplicar taxas sobre todos os medicamentos.
- c. Seria importante que os diabéticos _____ (*fazer* – Pretérito imperfeito) o seu registo na Associação, para beneficiarem da isenção de taxas de medicamentos.
- d. Se tu _____ (*fazer* – Pretérito imperfeito) negócios sem estares inscrito na Direcção da Área Fiscal da tua comunidade, devias preencher uma Declaração para registar a tua actividade no ISPC.
- e. O nosso país seria rico, se todos nós _____ (*fazer* – Pretérito imperfeito) o pagamento dos impostos.
- f. Eu não concordo que os pequenos importadores _____ (*dever* – Presente) pagar ISPC.

- g. Embora o Estado _____ (*dever* – Presente) dar apoio aos cidadãos da terceira idade, as suas famílias não podem abandoná-los.
- h. Embora ele não _____ (*dever* – Pretérito imperfeito), é compreensível que tenha perdido a paciência com o comerciante que queria fugir aos impostos.
- i. O alfandegário pediu aos comerciantes que _____ (*fazer* – Pretérito imperfeito) primeiro o pagamento dos impostos e só depois apresentassem as reclamações.

Autoridade Tributária de Moçambique

Respostas sobre o ISPC

Imposto simplificado para pequenos contribuintes



1. O que é o ISPC?

ISPC é o Imposto Simplificado para Pequenos Contribuintes. É um imposto simples e de fácil aplicação, criado especialmente para as pessoas e empresas que fazem pequenos e médios negócios.

2. Porque é que foi criado o ISPC?

O ISPC foi criado para facilitar o pagamento do imposto por pessoas e pequenas e médias empresas cujas vendas não ultrapassam 2.500.000 meticais por ano. Por exemplo, os agricultores que vendem os produtos das suas machambas, os intermediários que compram os produtos aos agricultores e revendem-nos, as pessoas que na rua vendem qualquer tipo de bens, os pequenos armazenistas, as cantinas, as bancas e barracas, incluindo as dos mercados, os quiosques, as padarias, os "chapas", os carpinteiros, os mecânicos, os taxistas, as moageiras, os pequenos importadores, as modistas, os alfaiates, as boleiras, cabeleireiros, decoradores, intermediários na venda de casas e outros.

3. Que vantagens traz o ISPC?

A primeira grande vantagem é que você que exerce uma actividade sem pagar impostos, começando a pagar passará a ter orgulho de contribuir de forma activa para o desenvolvimento do seu país, porque o Governo passará a ter mais dinheiro para construir escolas, hospitais, melhorar as estradas, pontes, comprar mais autocarros para transporte público, pagar melhores salários aos professores, médicos e polícias para melhor servirem o povo.

Mas há outras vantagens:

- Quem paga ISPC não tem de pagar Imposto sobre o Rendimento (IRPS ou IRPC) nem IVA. Passa a pagar um único imposto, o ISPC.
- Os pequenos e médios empresários que agora pagam IRPS ou IRPC e IVA, se quiserem podem mudar para ISPC em vez de pagarem aqueles impostos.
- O ISPC tem taxas baixas relativamente aos outros impostos.
- No ISPC, os documentos de registo das vendas são simples de preencher.
- Se o seu negócio é muito pequeno e em 2009 não chega a 77.022 meticais, não tem de pagar o ISPC deste ano.
- No ISPC, você escolhe a taxa que acha mais fácil de aplicar. Pode aplicar uma taxa de 3% sobre o valor do negócio que obtém de 3 em 3 meses, ou então pode pagar o valor de 18.750 meticais também de 3 em 3 meses.

- Se você já fazia algum negócio e não estava inscrito nem no IVA nem no IRPS ou IRPC e inscreve-se no ISPC, no primeiro ano paga metade da taxa, ou seja, paga 1,5% sobre os valores que obtém do negócio de 3 em 3 meses, ou então apenas 9.375 meticais no mesmo intervalo de tempo.
- Você não vai ter que percorrer longas distâncias para pagar este imposto, porque para além de poder pagar nas Direcções das Áreas Fiscais, na sua zona de residência existirão postos móveis de cobrança para o efeito.

4. Como é que faço para ser contribuinte do ISPC?

Se neste momento faz o seu negócio sem estar inscrito nas Direcções das Áreas Fiscais, ou se vai começar um negócio, o primeiro passo é dirigir-se à Direcção da Área Fiscal mais próxima da sua residência ou às Brigadas Móveis que irão fornecer-lhe uma declaração que deverá preencher para obter o Número Único de Identificação Tributária (NUIT).

Deve também preencher uma Declaração para registar a sua actividade no ISPC. Se já tem o NUIT, deve preencher apenas a Declaração para registar a sua actividade no ISPC.

Se já faz um negócio e está inscrito nas Direcções das Áreas Fiscais e é contribuinte do IRPS ou IRPC e IVA, pode mudar-se para o ISPC preenchendo uma declaração de opção pelo ISPC.

Atenção que o processo de registo é gratuito!

5. Pagando o ISPC, tenho que pagar as taxas municipais?

Sim. As taxas municipais que pagam servem para garantir a ocupação do espaço onde está a fazer o seu negócio e servem de licença para exercer a sua actividade. O ISPC vai servir para o Estado melhorar as condições de vida da população, melhorando os serviços de saúde, educação, segurança, construindo mais escolas, hospitais, estradas, pontes e pagando melhores salários.

**EU PAGO!
TU PAGAS!
NÓS PAGAMOS!**

Ler – Compreender

1. Indica a finalidade deste texto.
2. Explicita o significado da sigla ISPC.
 - 2.1. Faz o levantamento no texto de outras siglas e diz o que significam.
3. Aponta a principal diferença entre o ISPC e as outras formas de contribuição fiscal.
4. Para que serve o NUIT?
5. Que benefícios o pagamento de impostos traz ao cidadão moçambicano?

Funcionamento da língua

PREPOSIÇÕES APÓS E PERANTE

Na 9.^a classe aprendeste que existem palavras cuja função é estabelecer uma relação de dependência entre dois termos de uma oração, o antecedente e o conseqüente, de tal modo que o sentido do primeiro termo é explicado ou completado pelo segundo. Estas palavras designam-se **preposições**.

Recorda o folheto “Perguntas e Respostas sobre o ISPC” e sublinha todas as preposições que nele ocorrem.

Ex.: *ISPC é o Imposto Simplificado para Pequenos Contribuintes.*

Presta atenção às seguintes frases:

1. *A providência de habeas corpus é interposta perante o tribunal.*
2. *Os cidadãos têm direito de apresentar petições, queixas e reclamações ao tribunal após a verificação da violação dos seus direitos.*
3. *Todos os cidadãos têm direito de apresentar petições, queixas e reclamações perante autoridade competente para exigir o restabelecimento dos seus direitos violados ou em defesa do interesse geral.*
4. *As condições de vida da população moçambicana vão melhorar após o teu contributo do ISPC.*

Nas frases anteriores, verificaste que as palavras **perante** e **após** ligam dois termos, estabelecendo entre os mesmos uma relação de dependência. São, portanto, **preposições**.

Estas preposições estabelecem uma relação de sentido entre os termos que ligam. A preposição **perante** indica uma ideia de *ante, diante de, posição fronteira*. A preposição **após** exprime *seguimento, posteridade*, relativamente a um limite próximo no tempo ou no espaço.

Assim, nos exemplos dados, na frase 1, a preposição **perante** significa *diante de...* Na frase 2, a preposição **após** significa *depois de...*

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre as preposições *perante* e *após*

1. Preenche os espaços em branco com as preposições *perante* e *após*.
 - a. Ele declarou _____ a assembleia que não era o culpado do assassinato.
 - b. A extradição do criminoso para o seu país de origem concretizou-se _____ o pedido formal do seu advogado.
 - c. O condenado exaltou-se _____ o juiz para protestar a sentença.
 - d. Estamos _____ uma situação de violação dos direitos consagrados na Constituição da República de Moçambique.
 - e. Todo o cidadão moçambicano deve pagar o ISPC _____ a aquisição da licença de actividade comercial de pequena escala.

2. Corrige as frases, em que as preposições *perante* e *após* são usadas indevidamente.
 - a. Apresentou-se perante o seu chefe para lhe pedir desculpas.
 - b. Após aquela triste situação, só lhe restava conservar a esperança.
 - c. Sentamo-nos uns perante os outros e preenchemos todos os lugares.
 - d. O cliente perguntou o preço e permaneceu calado após o olhar desinteressado do vendedor de guloseimas.
 - e. Todos nós ficamos desiludidos após a descoberta da verdade.
 - f. Fomo-nos embora perante a chegada do juiz.

3. Usa as preposições *perante* e *após* em quatro frases da tua autoria.

■ Debate sobre direitos e deveres dos cidadãos

Como viste, a Constituição da República de Moçambique consagra aos cidadãos nacionais direitos, deveres, garantias e liberdades fundamentais (Título III, Capítulos III, IV e V).

Até que ponto esses direitos e deveres se fazem sentir na vida dos Moçambicanos?

À luz desta Constituição, reflecte com os membros do teu grupo sobre esta questão. Não te esqueças de apresentar argumentos com base nos artigos do texto analisado.

Os pontos da tua análise deverão ter como foco a vida cultural, económica, social e política dos cidadãos Moçambicanos.

Para tornar interessante a reflexão, serve-te de exemplos de casos por ti vividos ou reportados pelos diferentes órgãos de comunicação social.

Regista numa folha os pontos essenciais da reflexão do teu grupo para apresentação no debate alargado (na turma).



■ Jogo de Interação: Vantagens do ISPC

Neste jogo de interação vais procurar descobrir o que o teu par pensa sobre as vantagens do ISPC. Para tal, segue os seguintes passos:

- 1.º – lê o folheto “Perguntas e Respostas sobre o ISPC” acerca da Educação Fiscal;
- 2.º – transcreve do texto quatro frases sobre as vantagens do ISPC;
- 3.º – escreve quatro frases falsas, que contradigam, de forma parcial ou total, as frases por tí registadas.

Ex: *Quem paga ISPC tem de pagar imposto sobre o Rendimento.* (contradição total)
O ISPC pode ter taxas baixas relativamente aos outros impostos. (contradição parcial)

- 4.º – dá ao teu par quatro frases, sendo algumas delas verdadeiras e outras falsas;
- 5.º – lê as frases do teu par e tenta descobrir se elas são verdadeiras ou falsas; no caso de serem falsas, indica quais seriam as verdadeiras correspondentes.

Pontuação

Os jogadores ganham 1 ponto por cada frase que identificarem correctamente como verdadeira ou falsa. Ganham 2 pontos por cada frase correcta correspondente que identificarem.

No final da competição entre dois jogadores, ganha aquele que tiver mais pontos.

■ Produção de Banda Desenhada

Com os teus colegas de grupo, produz uma banda desenhada sobre a Educação Fiscal.

A banda desenhada deverá ilustrar as vantagens do pagamento dos impostos na melhoria da vida da tua comunidade. É importante que mostre o “antes” e o “depois” da adesão ao pagamento dos impostos na tua comunidade.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste os artigos 60.º a 85.º da Constituição da República de Moçambique;
- › identificaste direitos e deveres na Constituição da República de Moçambique;
- › leste e interpretaste textos sobre a Educação Fiscal em Moçambique;
- › resolveste exercícios com os verbos *dever* e *fazer*;
- › estudaste os diferentes tipos de impostos em Moçambique;
- › participaste num jogo de interação sobre as vantagens do ISPC;
- › estudaste as preposições *após* e *perante* e aplicaste-as em novas situações de comunicação;
- › debateste sobre os direitos e deveres constitucionais em vigor na República de Moçambique;
- › produziste uma banda desenhada sobre a Educação Fiscal em Moçambique.

8

TEXTOS ADMINISTRATIVOS

TEMA TRANSVERSAL

- Turismo

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Distinguir *Curriculum Vitae* da Carta Oficial
- Elaborar *Curriculum Vitae*
- Elaborar frases usando pronomes pessoais reflexos
- Distinguir frases com reflexivos recíprocos e *se* passivo
- Reconhecer o turismo como actividade importante para o desenvolvimento económico do país



Lê, atentamente, os dois textos que se seguem e responde ao questionário.

1

Salvador Jorge Manasse
Rua Zambeze, n.º 12, Bairro Balane 2
Cidade de Inhambane, Inhambane

Archipelago Resort Vilanculos
Vilanculos, Inhambane
Fax: + 27 (01216839219)

Inhambane, 12 de Novembro de 2010

Assunto: Candidatura ao posto de Gestor do *Archipelago Resort Vilanculos*

Exmos. Senhores,

Em resposta ao anúncio no jornal *Notícias* de 10 de Novembro do corrente ano, venho por este meio apresentar a minha candidatura à posição de gestor do *Archipelago Resort Vilanculos*.

Estou certo de que poderei desempenhar com competência as funções de gestor do Complexo Turístico *Archipelago Resort Vilanculos*, pelas seguintes razões:

- sou mestre em Administração de Negócios e licenciado em Hotelaria e Turismo;
- tenho experiência em gestão de restaurantes e hotéis que têm boa reputação na província de Inhambane;
- exerci os cargos de Coordenador de Eventos Culturais na Direcção Provincial de Turismo e de Director-Adjunto da Casa de Cultura de Inhambane, pelo que conheço profundamente a cultura local e tenho boas relações pessoais com os líderes comunitários e grupos de dança, música e teatro, o que me permitirá organizar, com facilidade, eventos culturais para atrair turistas ao complexo;
- falo e escrevo fluentemente Português e Inglês, línguas importantes para comunicar com os empresários nacionais e sul-africanos que realizaram o investimento e também para comunicar com os potenciais turistas.

Junto segue o *curriculum vitae*, bem como os certificados que atestam as competências e experiências acima referidas. Mantenho-me à vossa disposição para qualquer esclarecimento adicional que julguem conveniente.

Na expectativa de um possível contacto, subscrevo-me,

Atentamente,

Salvador Manasse

2

Curriculum Vitae

Informação pessoal

Nome: Salvador Jorge Manasse
Data de nascimento: 17.09.80
Nacionalidade: Moçambicana
Morada: Rua Zambeze, n.º 12, Bairro Balane 2, Cidade de Inhambane
Contactos: Telefones: 827856248 (celular) e 29320902 (fixo)
E-mail: salvador.monassemz@yahoo.com

Competências relevantes

- Experiência de Gestão Hoteleira na província de Inhambane
- Conhecimento da língua e cultura de Inhambane
- Excelente capacidade de comunicação e domínio de Português e Inglês

Experiência Profissional

Agosto de 2007 até ao momento Gerente do Hotel TOFOMAR, Tofo, Inhambane
Agosto de 2005 a Julho de 2007 Gerente da Casa Barry Lodge & Restaurante, Praia da Barra, Inhambane
Dezembro de 2004 a Agosto de 2005 Assistente do Gerente da Casa Barry Lodge & Restaurante, Praia da Barra, Inhambane
Agosto de 2002 a Novembro de 2004 Director-adjunto na Casa de Cultura de Inhambane
Agosto de 2000 a Julho de 2002 Coordenador de Eventos Culturais na Direcção Provincial de Turismo de Inhambane

Habilitações Literárias

Maio de 2007 Mestrado em Administração de Negócios (MBA) pela UNISA
Classificação Final: MBom
Maio de 2002 Licenciado pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane
Média da Licenciatura: 15 valores
Dezembro de 2000 Conclusão do Nível V de Inglês pela Monitor Language School
Média do Curso: 16 valores
Dezembro de 1998 Conclusão da 12.ª classe na Escola Secundária Emília Daússe, Inhambane

Aptidões e Competências Linguísticas

Língua Materna Guitonga
Outras Línguas Português (excelente domínio oral e escrito)
Inglês (excelente domínio oral e escrito)
Francês (conhecimento básico)

Ler – Compreender

1. Compara e distingue os dois textos que acabaste de ler, em relação aos seguintes aspectos:
 - a. tipo de texto;
 - b. destinatário;
 - c. explicitação do objectivo;
 - d. linguagem:
 - nível de língua;
 - concisão da linguagem;
 - predomínio de nomes ou de formas verbais;
 - uso da 1.ª pessoa;
 - e. estrutura (elementos estruturais e sua posição gráfica na página).
2. O que é um *Curriculum Vitae*?
 - 2.1. Em que situações é que um *curriculum* é solicitado/apresentado?
 - 2.2. Por que é que este tipo de texto é importante?
3. Tendo como base as regras de escrita de um *curriculum* apresentadas abaixo, analisa os textos que se seguem e lista todos os seus problemas, tanto a nível da apresentação, como a nível do conteúdo.

Regras de escrita de um *Curriculum Vitae*

- Ter em mente a situação de comunicação: características e conhecimentos do(s) destinatário(s), objectivo que se pretende alcançar.
- Incluir dados pessoais relevantes do candidato: nome, nacionalidade, data de nascimento, morada.
- Fornecer contactos pessoais do candidato: telefone fixo, telefone celular, fax, endereço electrónico.
- Destacar as competências relevantes do candidato para o lugar ao qual se pretende candidatar.
- Fornecer apenas dados profissionais e de educação do candidato que se considerem úteis para a apreciação das suas qualidades e capacidades, em relação ao lugar pretendido.
- Listar, cronologicamente, as experiências profissionais e educacionais, começando pelas mais recentes, ou seja, ir do presente ao passado.
- Indicar e destacar datas (anos e meses) das diferentes experiências profissionais e educacionais.
- Indicar dados da situação presente.
- Dar informações verdadeiras.
- Ser conciso, simples e directo.
- Ter cuidado com a correcção gramatical e ortográfica do texto.
- Ter cuidado com a apresentação gráfica da informação (espaços brancos, sublinhados, itálicos, travessões ou outras marcas de numeração, etc.) de forma a produzir-se um texto agradável de ler.
- Dactilografar/digitar o texto.

Curriculum Vitae

Informação pessoal

Nome: Celestina Jorge Cossa
 Data de nascimento: 17-08-1978
 Nacionalidade: Moçambicana
 Estado Civil: Casada
 Morada: Rua Zambeze n.º 12, Quelimane, Zambézia, Moçambique

Experiência Profissional

Trabalho desde 1989 e tenho uma grande e variada experiência profissional.

Em Janeiro de 1989, comecei a trabalhar como rececionista no Hotel Santa Cruz, situado na Av. 24 de Julho em Maputo. Fiz este trabalho até Julho de 2002.

De Agosto de 2002 a Novembro de 2002, trabalhei como atendente de balcão na Papelaria Waka, em Maputo, na Av. Vladimir Lênine. Atendi mais de 3000 clientes, entre jovens, adultos e idosos.

Em Dezembro de 2002, depois de ter concluído o curso de dactilografia e *Word*, trabalhei como dactilógrafa no Instituto Nacional do Mar e Fronteiras, Maputo. Usava muito a máquina de escrever, mas, de vez em quando, também batia textos no computador. Terminei este trabalho em Agosto de 2005, por motivos de força maior, pois casei-me, e o meu marido é da Zambézia.

Sendo assim, em Agosto 2005, transferi-me para a província da Zambézia, a acompanhar o meu marido e passei a trabalhar como rececionista no Cabeleireiro Nini em Quelimane. Trabalhei lá até Julho de 2006.

De Agosto 2006 até ao momento tenho trabalhado como rececionista da Pensão Dorme Bem, também na cidade de Quelimane, na província da Zambézia.

Habilitações Literárias

Setembro e Outubro de 2002	Curso de Dactilografia e <i>Word Process</i> , Infonet, Maputo.
Dezembro 1989	Conclusão da 9.ª classe na Escola Secundária Francisco Manyanga, Maputo.
1983 a 1985	Fiz a 5.ª e a 6.ª classes na Escola Secundária Noroeste 2, Maputo.
1979 a 1983	Fiz a instrução primária na Escola FPLM, em Maputo.

Línguas

Línguas	Xichangana, Echwabo e Português
Línguas Estrangeiras	Conhecimentos básicos de Inglês

Curriculum Vitae: Adelino Xavier Trindade

1. Informação pessoal

Apelido: TRINDADE
 Nome: Adelino Xavier
 Filiação: Francisco Xavier Trindade e Carolina Sitoe
 Data de nascimento: 23 de Fevereiro de 1983
 Naturalidade: Distrito de Zavala – Inhambane
 Estado civil: Solteiro
 Portador do B.I. n.º 100049670F, emitido pelo Arquivo de Identificação Civil de Maputo, em 12/02/2006
 Carta de condução: Carta de condução regional (SDAC) com Categoria Profissional
 Morada: Machava – Bunhiça, Quarteirão 5, casa n.º 22 – Município da Matola
 Contactos: Correio electrónico: xavieradel@yahoo.com

2. Habilitações literárias

2005-2008 Licenciatura em Turismo, orientação em Planeamento
 Instituição de Ensino: Universidade Eduardo Mondlane – UEM
 2004 Frequência e conclusão de Ano Propedêutico
 Instituição de Ensino: Seminário Propedêutico São Lucas de Inhambane
 2003 Conclusão do Nível Médio Geral
 Instituição de Ensino: Seminário Propedêutico São Lucas de Inhambane
 2001 Conclusão do Nível Básico
 Instituição de Ensino: Escola Primária 3 de Fevereiro, Maputo
 1997 Conclusão do ensino Primário do 2.º Grau
 Instituição de Ensino: Escola Primária da Machava – Sede em Maputo
 1995 Conclusão do ensino Primário do 1.º Grau
 Instituição de Ensino: Escola Primária da Machava

3. Experiência laboral

2010 Actualmente, estagiando na Direcção de Serviços de Marketing – DSM
 Instituição: Instituto Nacional do Turismo – Ministério do Turismo
 2009 Oficial de Guarda-florestal no Parque Nacional da Gorongosa
 Instituição: *African Wildlife Foundation* (AWF) – USAID
 2009 Formador Provincial dos Agentes de Educação Cívica Eleitoral
 Instituição: Secretaria Técnica de Administração Eleitoral – STAE – CNE
 2008 Estagiário no Departamento de Monitoria e Avaliação (M&A)
 Instituição: Ministério do Turismo – DNAC – ACTF
 2006 e 2007 Professor da disciplina de Geografia da 11.ª e 12.ª Classes
 Instituição: Escola Secundária de Inhambane
 2004 e 2005 Administrativo da Direcção Provincial de Turismo de Inhambane
 Instituição: Direcção Provincial de Turismo de Inhambane

4. Outras actividades

Fui inquiridor do *Centre for the Study of African Economies – Oxford University*, em 2009 (Setembro e Dezembro) na pesquisa sobre “A Qualidade da Democracia em Moçambique”.

Fui inquiridor da AWF em 2009 (Outubro), na pesquisa sobre “Levantamento de Dados Básicos Socioeconómicos das Comunidades” Parque Nacional da Gorongosa.

Comparticipação nas seguintes pesquisas e/ou trabalhos:

- Desenho de Plano de Negócio para Implementação de uma Escola de Mergulho Recreativo.
- Diagnóstico das Potencialidades Turísticas nos Distritos de Jangamo e Homoíne.
- Estudo de Mercado para Implantação de uma *Farm* Agrícola para abastecer Estabelecimentos Turísticos dos Municípios de Inhambane e Maxixe (Agro-Turismo).

5. Aptidões e competências profissionais

- Habilidades de concepção, elaboração e implementação de projectos relacionados com a actividade turística.
- Competência de planificação e assessoria empresarial, tendo enfoque a matriz SWOT – *Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*; e os 4P’s de *Marketing Mix*.
- Conhecimentos de administração das eleições (adquiridos na formação oferecida pela UEM Curso de Especialização em Direito Eleitoral).
- Facilidade de comunicação e integração em novos ambientes de trabalho.
- Altamente orientado para o alcance de objectivos, cumprir prazos, habilidade para identificar objectivos, prioridades e resolver problemas antes que eles se tornem evidentes.

6. Aptidões e competências linguísticas

Língua(s) Auto-Avaliação Compreender Falar Escrever
 Compreensão oral Leitura Interacção oral Produção oral
 Português: Excelente Excelente Excelente Excelente Excelente
 Inglês: Boa Boa Boa Boa Boa
 Francês: Razoável Razoável Razoável Razoável Razoável
 Língua materna: Chope – boa compreensão, interacção e produção oral
 Outras línguas: Ronga, Xitswa e Guitonga – boa compreensão e interacção oral

7. Aptidões e competências informáticas

Domina, na óptica de utilizador, os seguintes pacotes: Microsoft Word, Microsoft Excel, Microsoft Publisher, Microsoft Power Point, Microsoft Photo Editor e Internet.

8. Declaração

Declaro por minha honra que toda a informação constante no CV é verídica e passível de comprovação.

Funcionamento da Língua

O SE REFLEXO, RECÍPROCO E PASSIVO

Lê o seguinte texto e presta particular atenção ao valor e emprego do pronome *se* nas passagens sublinhadas.

Salvador Manasse sentou-se na cadeira do seu escritório no Hotel TOFOMAR.

Nos últimos tempos, as coisas não estavam a correr muito bem. Com o aproximar do Mundial de Futebol, tinham aberto novos hotéis e estâncias turísticas na província, e os turistas não acorriam tanto ao Hotel TOFOMAR.

Salvador sentia-se cansado de lutar para que os donos do empreendimento investissem na modernização das instalações e dos serviços do TOFOMAR. Perguntava-se o que estava ali a fazer... Ele também precisava de novos e maiores desafios...

Pegou no jornal Notícias e passou os olhos pela página dos anúncios. De repente, o seu olhar prendeu-se a um anúncio, que dizia:

Archipelago Resort Vilanculos

Admite-se Gestor Turístico

Que grande oportunidade! Salvador apressou-se a escrever o seu Curriculum Vitae e a carta de candidatura ao posto de trabalho.

No dia da entrevista, chegou bem cedo ao local. Estava bastante ansioso. Ao dirigir-se para o escritório do Resort, deu de caras com o Fernando Matabele, seu antigo colega de curso. Há quanto tempo não se viam! Abraçaram-se como dois velhos amigos. O Fernando já trabalhava no Resort e Salvador ficou mais confiante de que iria ser admitido.

Como pudeste verificar, nas passagens sublinhadas, ocorre:

1. O se reflexo

Salvador Manasse sentou-se na cadeira do seu escritório.

Salvador sentia-se cansado de lutar.

... o seu olhar prendeu-se a um anúncio...

Perguntava-se o que estava ali a fazer

Salvador apressou-se a escrever o seu Curriculum Vitae

Ao dirigir-se para o escritório do Resort

Nota: O *se* reflexo, como os outros pronomes reflexos, mostra que a acção indicada pelo verbo a que está junto recai na pessoa que a pratica.

2. O se recíproco

Há quanto tempo não se viam!

Abraçaram-se como dois velhos amigos.

Nota: O *se* recíproco indica que a acção é recíproca. Por exemplo, na segunda frase, a forma verbal “abraçaram-se” mostra que Salvador e Fernando se abraçaram um ao outro.

3. O se passivo (ou pronome apassivador)

Admite-se Gestor Turístico.

Nota: O *se* passivo é também designado partícula apassivante. Emprega-se nas terceiras pessoas, em frases em que não se quer nomear o agente da acção. A frase é passiva, pois pode ser lida como: *É admitido Gestor Turístico.*

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios de Funcionamento da Língua

1. Classifica o valor e o emprego do pronome *se* nas seguintes frases.
 - a. Eles viram-se, mal chegaram ao restaurante combinado!
 - b. Os turistas sentem-se muito felizes nas praias de Moçambique.
 - c. Os turistas sul-africanos, de uma maneira geral, vestem-se de forma descontraída.
 - d. Se vocês se conhecessem bem, não precisavas de ir à entrevista de emprego.
 - e. Alugam-se carros!
 - f. O cliente lamentou-se do mau serviço do restaurante.
 - g. Sente-se uma grande paz, na Ilha da Inhaca.
 - h. O Luís tranquilizou-se e tranquilizou os pais de que tudo ia correr bem na sua viagem para Moçambique.
 - i. Pede-se que os hóspedes tenham cuidado com os seus haveres pessoais.
 - j. O turista viu-se em maus lençóis, quando o pneu da sua bicicleta furou.
 - k. Na hora da partida, João perguntava-se a si próprio quando poderia regressar ao paraíso da Gorongosa.
 - l. Em Chidenguele, à noite, ouve-se o barulho das ondas e sente-se o cheiro do mar.
 - m. Os portugueses, quando vêm a Moçambique, fartam-se de comer camarão.
 - n. Tenta visitar o Bairro da Mafalala. Contam-se muitas histórias bonitas, nas noites da Mafalala.
2. Cria agora duas frases para cada uma das categorias gramaticais do *se* estudadas.

■ Trabalho de Pesquisa: Oportunidades de Trabalho na área de Turismo em Moçambique

1.ª Fase: Trabalho de Grupo

1. Identifica uma área turística de Moçambique – pode ser uma área costeira ou de interior, pode ser uma província inteira ou apenas um distrito ou localidade específica, pode ser um local de fácil acesso para ti ou de acesso mais difícil (desde que possas reunir informações sobre o mesmo).
2. Procura informações precisas sobre locais turísticos a visitar (reservas de animais, praias, cascatas, montanhas, cavernas, mercados, locais históricos, museus) nessa área turística. Para tal, podes consultar amigos que visitaram o local, trabalhadores do Ministério do Turismo ou das Direcções Provinciais do Turismo, listas telefónicas e panfletos ou, se tiveres acesso, sítios da *internet*.
3. Procura também informações sobre locais de alojamento (hotéis, estâncias ou *lodges*, pensões, residenciais, acampamentos) e de alimentação (restaurantes, bares, tavernas, barracas) acessíveis a turistas de diferentes idades (jovens, adultos, idosos) e condições económicas.
4. Recolhe ainda informações sobre os serviços de transportes acessíveis nessa área que dão fácil acesso a locais turísticos específicos (serviços de *rent-a-car*, táxis, autocarros, chapas, laranjinhas, batelões, barcos a motor, barcos a remos, etc.).

5. Organiza e sintetiza as informações que encontrares e produz um texto descritivo sobre essa área turística, que possa ser apresentado num panfleto turístico, numa revista dedicada ao turismo, num jornal, na rádio ou televisão ou num sítio da *internet* e, possa, ainda, atrair turistas ao local. Escolhe um meio de informação específico para a apresentação do teu texto e produz um texto que se adequa a esse fórum. Se puderes, e se for pertinente, inclui fotografias ou ilustrações no teu texto.
6. Apresenta o texto aos teus colegas e ouve, com atenção, os seus comentários e/ou perguntas. Tenta responder com cortesia às perguntas dos teus colegas, fazendo de conta que és um guia turístico.

2.ª Fase: Trabalho Individual

1. Considera a área turística que descreveste ou uma outra área descrita pelos teus colegas e que achaste interessante.
2. Pensa em diferentes possibilidades de emprego nos locais turísticos, restaurantes ou serviços de transporte existentes: oficial de turismo e hotelaria, guia turístico, intérprete, guia de museu, gerente, gestor de serviços de *rent-a-car*, taxista, motorista de autocarro, assistente de bordo em autocarro, rececionista em hotel, gestor de alimentos e bebidas, *barman*, contabilista, chefe de cozinha, chefe de armazém, chefe de limpeza, massagista, promotor de espectáculos culturais, etc.
3. Escolhe uma dessas profissões e imagina que te vais candidatar a um posto de trabalho. Elabora uma carta oficial e um *Curriculum Vitae* que te permitam aceder a esse posto específico.
4. Troca a carta e o currículo que elaboraste com os teus colegas para revisão.
5. Com base nos comentários dos teus colegas, faz as correcções finais dos teus textos.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste uma carta oficial e um *Curriculum Vitae*;
- › comparaste a carta oficial e o *Curriculum Vitae*;
- › identificaste a estrutura de um *Curriculum Vitae*;
- › analisaste e identificaste erros em dois currículos;
- › estudaste o pronome *se* com diferentes valores: reflexo, recíproco e passivo;
- › analisaste e produziste frases com os diferentes tipos de *se* estudados;
- › realizaste uma pesquisa sobre locais de interesse turístico em Moçambique;
- › produziste um texto descritivo sobre um local turístico em Moçambique que possa ser apresentado num panfleto turístico, numa revista dedicada ao turismo, num jornal, na rádio ou televisão ou num sítio da *internet*;
- › elaboraste um *Curriculum Vitae* e uma carta de candidatura a um emprego.

9

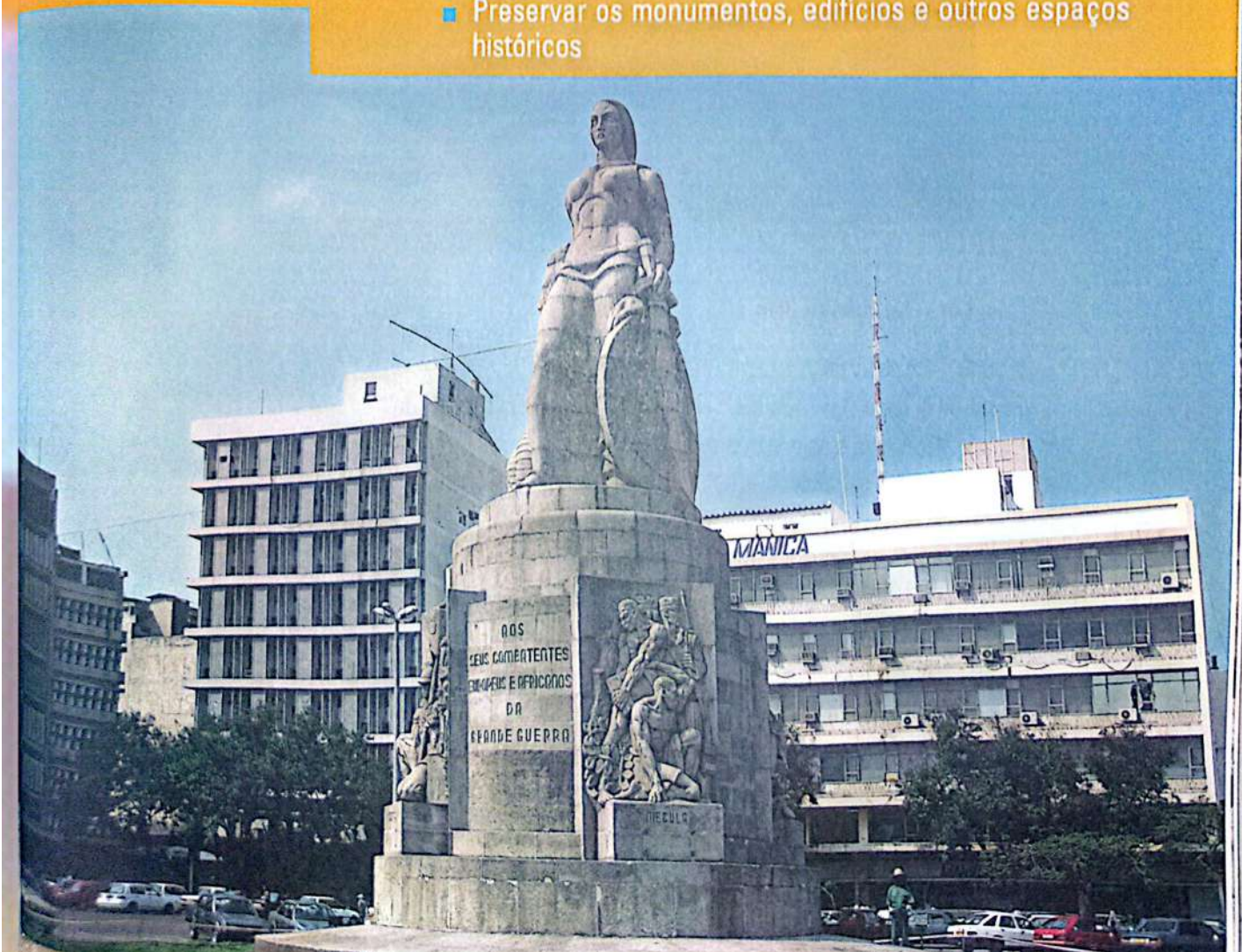
TEXTOS JORNALÍSTICOS

TEMA TRANSVERSAL

- Educação patriótica

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar textos publicitários
- Reconhecer textos publicitários difundidos por rádio, televisão, jornal
- Distinguir o texto publicitário da notícia
- Distinguir orações subordinadas interrogativas directas das indirectas
- Reconhecer os símbolos da pátria
- Preservar os monumentos, edifícios e outros espaços históricos

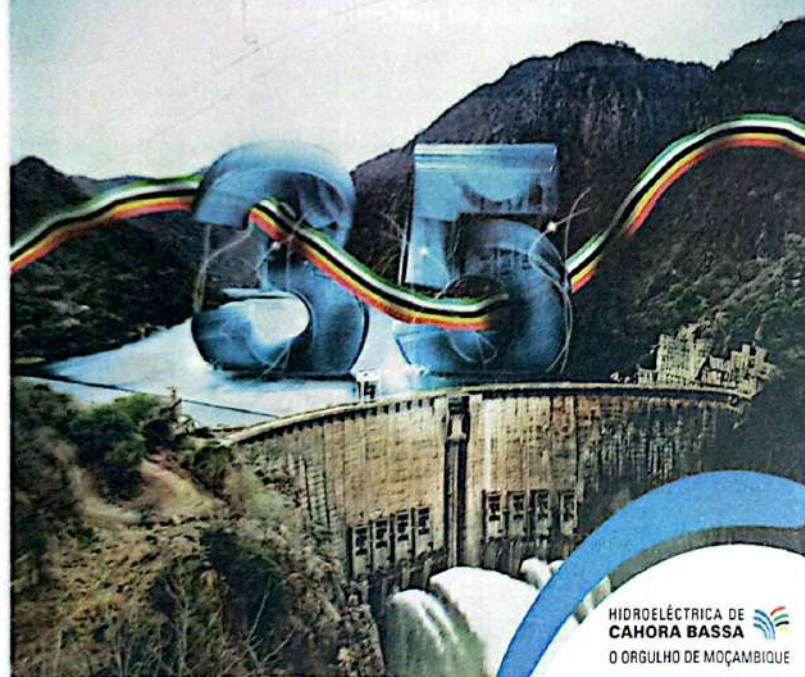


Lê, atentamente, o texto "A independência libertou a terra e os homens." e responde ao questionário.



A independência libertou a terra e os homens.

Celebremos os 35 anos da Independência Nacional.
Celebremos a força de uma nação e o orgulho dos seus sonhos concretizados.



in Calovera (Tete), Ano 1, N.º 14, 29.06.2010

Ler – Compreender

1. "A independência libertou a terra e os homens."
 - 1.1. Identifica a entidade emissora da mensagem deste texto.
 - 1.2. Indica o objectivo específico do texto.
 - 1.2.1. Identifica a forma verbal que expressa esse objectivo. Classifica-a quanto ao tempo, modo, pessoa gramatical e número.
 - 1.3. Haverá alguma relação entre a independência do país e a Hidroeléctrica de Cahora Bassa? Justifica a tua resposta.
2. Descreve a mancha gráfica do texto.
 - 2.1. Identifica os aspectos em que este texto publicitário difere dos que são difundidos pela rádio e televisão.
 - 2.2. Indica as diferenças entre a mancha gráfica deste texto e a da notícia.
3. Aponta algumas vantagens e desvantagens do texto publicitário.
4. Recorta textos publicitários de jornais, revistas e cartazes e caracteriza-os quanto à mancha gráfica, à organização do texto e ao tipo de linguagem.

Funcionamento da Língua

ORAÇÕES SUBORDINADAS INTERROGATIVAS: DIRECTAS E INDIRECTAS

❑ Interrogativa directa

A interrogação pode ser expressa:

- a. Por meio de uma oração simples:
A independência libertou a terra?
- b. Por uma oração iniciada por pronome interrogativo:
Quem deve celebrar a independência nacional?
O que se vai celebrar?
- c. Por uma oração iniciada por advérbio interrogativo ou locução adverbial interrogativa:
Quando se vai celebrar a independência?
Como se vai celebrar a independência?
Para quando ficou marcado o jantar de gala da independência nacional?

Nota: Os advérbios interrogativos principais são:

Lugar	Tempo	Modo	Causa
<i>Onde?</i> <i>Aonde?</i> <i>Para onde?</i> <i>Por onde?</i>	<i>Quando?</i>	<i>Como?</i>	<i>Porque?</i>

❑ Interrogativa indirecta

A interrogativa pode ser expressa numa frase complexa que resulta da subordinação de uma oração interrogativa a um verbo interrogativo (*perguntar, saber, procurar saber, etc.*) expresso na oração principal.

- Perguntou quando se celebra a independência nacional.*
Não sei como se vai celebrar a independência nacional.
Ele procurou saber quando se celebrava a independência nacional.

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre orações subordinadas interrogativas

1. Assinala com X as frases interrogativas directas.
 - a. O José perguntou-me se estaria na festa da celebração da independência nacional.
 - b. Onde pensas passar o feriado do dia da independência?
 - c. Ele quis saber que importância tem a Hidroeléctrica de Cahora Bassa para o país.
 - d. Sabias que Cahora Bassa já é nossa?
 - e. Com quem o Presidente da República de Moçambique assinou os documentos da entrega da Hidroeléctrica de Cahora Bassa?
 - f. Todos nós questionamos até que ponto beneficiamos da energia de Cahora Bassa.
- 1.1. Transforma as frases interrogativas directas assinaladas em orações subordinadas interrogativas indirectas.
- 1.2. Sublinha as orações subordinadas interrogativas indirectas nas outras frases.

2. Usa diferentes verbos interrogativos e produz frases complexas com orações interrogativas indirectas.
- Quem proclamou a independência de Moçambique?
 - Onde foi proclamada a independência de Moçambique?
 - Quando foi proclamada a independência de Moçambique?
 - Como foi festejada a proclamação da independência de Moçambique?
3. Produz duas frases interrogativas directas e transforma-as em subordinadas interrogativas indirectas.

■ **Actividade 1: "Conhece o teu país e a tua História"**

Pensa numa visita de estudo a um lugar histórico: a Assembleia da República, o Governo da tua província, a Praça dos Heróis Moçambicanos, monumentos, edifícios históricos, etc.

- 1.º – Escolhe, com os teus colegas de grupo, um local histórico próximo da tua escola para visitares.
- 2.º – Elabora uma carta endereçada a esse local histórico a manifestares interesse em visitá-lo.
- 3.º – Elabora um plano de visita para esse local, onde descreves o que gostarias de saber. Podes elaborar perguntas directas.

■ **Actividade 2: "Sabias que..."**

Agora, serve-te da informação registada na visita ao lugar histórico e produz um texto publicitário de divulgação desse lugar, com base no que ficaste a saber. Lembra-te de respeitar as características dos textos publicitários, tais como:

- a sua mancha gráfica (os caracteres, a cor, as imagens, etc.);
- o uso de uma linguagem figurada;
- a indicação da frase-guia ou *slogan*;
- a presença de actos de fala para convencer, explicar, etc.

Não te esqueças, também, de difundir as informações registadas sobre os símbolos nacionais, como é o caso da Bandeira, do Emblema Nacional, ou informações sobre a Assembleia da República e a Presidência de Moçambique, presentes nos lugares que provavelmente tenhas visitado.

Faz um texto bonito, que possa ser exposto na tua sala de aulas ou numa exposição da tua escola.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste textos publicitários;
- › caracterizaste os textos publicitários difundidos por rádio, televisão/jornal;
- › identificaste as vantagens e desvantagens de textos publicitários;
- › distinguiste os textos publicitários da notícia, quanto à mancha gráfica e à intencionalidade comunicativa;
- › estudaste orações subordinadas interrogativas directas e indirectas;
- › realizaste uma visita de estudo a um monumento, edifício e/ou outros espaços históricos da história do país;
- › produziste textos publicitários que difundem informações sobre a Bandeira Nacional, a Assembleia da República e a Presidência de Moçambique.

10

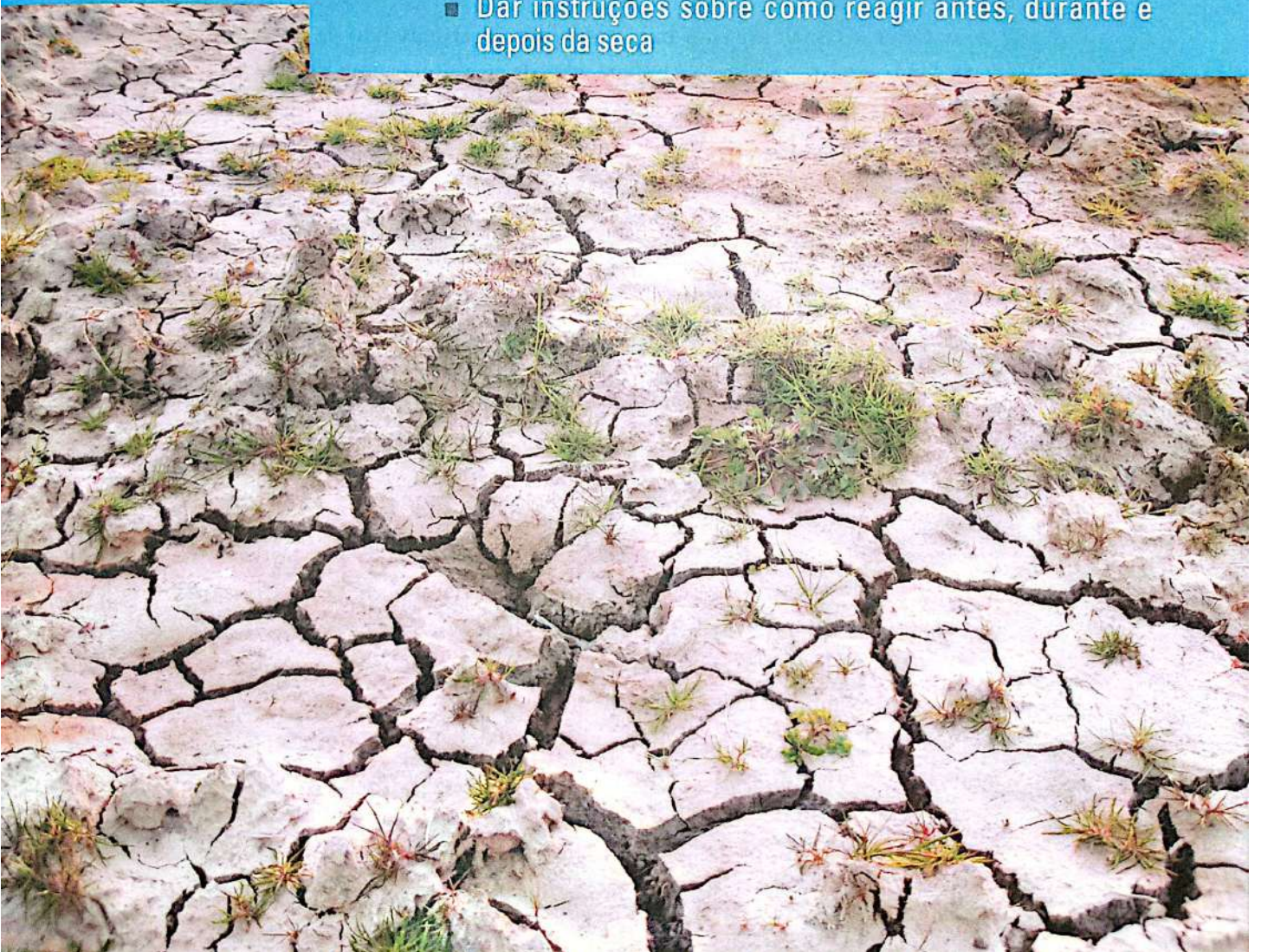
TEXTOS MULTIUSOS

TEMA TRANSVERSAL

- Desastres naturais: seca

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar textos expositivos/argumentativos
- Produzir textos expositivos/argumentativos
- Participar em debates
- Elaborar orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo
- Produzir frases usando verbos regulares e irregulares no particípio passado
- Dar instruções sobre como reagir antes, durante e depois da seca



Lê, com atenção, o seguinte texto, e responde ao questionário da página 106.



O deserto avança... com a ajuda dos seus aliados

A seca acentua-se, o deserto ganha, o homem é responsável por isso

A seca é uma calamidade que se agrava há vários milénios. Saber se ela vai continuar a agravar-se – pois desde 1968 assim acontece, e de maneira crescente – nas próximas décadas é uma questão que os climatólogos não cessam de debater. Ao período da seca de 1968-1973 não faltavam, certamente, antecedentes históricos. Quando, em Julho de 1951, na Repartição do Níger, que faz a gestão da grande rede de irrigação do Mali, eu evocava 1914 – isto é, para mim, a Grande Guerra – perante um velho camponês do Mali, ele interrompeu-me imediatamente: “Sim, o maior ano da fome!” E, com efeito, essa terrível fome, que o tocara profundamente na própria carne, estava bastante mais presente no seu espírito do que o longínquo conflito europeu. O agrónomo nigeriano Adamou Idé lembra que em 1913 se ouvia dizer frequentemente: “Um franco vale mais do que um parente.” Na verdade, a miséria devida à fome era nessa altura tão profunda que mesmo a solidariedade africana quebrou.

Os anos de 1983-1984 foram mais terríveis do que os anos 1968-1973 porque a zona florestal não foi poupada. A seca de 1983 atingiu o Gana e a Costa do Marfim até à costa; as suas grandes barragens hidroeléctricas não se encheram. O faustoso Cocody, o “bairro belo” de Abidjan, teve de se alumiar com velas. Dezenas de milhares de hectares de plantações de café, e mesmo de cacau, situadas em zona florestal, outrora tão húmida, foram destruídos por fogos de mato ateados, em Janeiro-Fevereiro de 1983, pelos ventos do harmatão, numa atmosfera tão seca como a da savana.

Dizem-me que um terço dos cacauzeiros do Gana foi igualmente queimado. Será este facto sem precedentes susceptível de se repetir?

O Futa-Djalón, maciço montanhoso dos Peuls da Guiné, também ficou desarborizado: isto não pode deixar de influenciar o clima.

No seu excelente estudo, Lester R. Brown e Edward C. Wolf falam das modificações climáticas provocadas pela população. “A humidade que passa sobre os continentes é reciclada pelas florestas – caindo em chuvas e voltando depois para o ar por evapo-transpiração... Quando as florestas são desbravadas, aumenta a parte de água que se escoia e diminui a evaporação. O desaparecimento das florestas da Costa do Marfim e da Nigéria pode reduzir a reciclagem da água, e portanto a quantidade de vapor de água disponível para gerar (...) a chuva no Sahel.”

O geógrafo François Durand-Dastès, quanto à automanutenção da seca do Sahel, hesita entre as modificações da cobertura vegetal e outras causas. Este geógrafo só fala da cobertura vegetal do Sahel, que certamente desempenha um grande papel, mas deixa de lado a zona florestal. “Se esta hipótese se revela exacta”, diz ele, “deve proteger-se a vegetação, ou mesmo reflorestar.” Caso contrário, se este mecanismo não funcionar, “é inútil pôr em prática políticas de florestamento muito dispendiosas.” Antes de

escrever isto, ele teria feito melhor se tivesse lido os estudos sobre a desarborização e sobre a expansão do deserto. Ele devia saber que o reflorestamento continua a ser, em quaisquer circunstâncias, a medida mais eficaz para jugular a expansão do deserto. A lenha fornece às populações pobres a única fonte de energia suficientemente económica, a única ao seu alcance. Por falta dela, a Índia queima os excrementos de todos os restos vegetais disponíveis, o que arruína os seus solos; e o Sahel está lançado neste processo de destruição.

Não deixa no entanto de ser verdade que certos fenómenos climatológicos e oceanográficos exteriores ao Sahel (sobre os quais não se pode agir, mas cujas consequências se podem prever) têm também impacto no processo de desertificação.

No seu estudo, Jean Clément e Sylvain Strafogel mostram-nos que esta crise da lenha não representa apenas a crise energética dos pobres, mas põe também em jogo “a preservação do ambiente, o desenvolvimento das produções agrícolas e a qualidade de vida. A auto-suficiência alimentar e a conservação das florestas são hoje factores determinantes e complementares para a vida de uma parte do Mundo.”

Num estudo notável, Lester Brown e E. C. Wolf sublinham que o Sahel, sem árvores, morrerá. Com efeito, a árvore recicla a água do subsolo e reenvia-a para a atmosfera, de onde pode tornar a cair sobre a forma de chuva. Com uma floresta densa, um quarto da água das chuvas vai para o mar e os outros três quartos voltam ao ar. Num solo degradado, um quarto volta ao ar e os outros três quartos escoam-se. Assim, a destruição da vegetação, que se atribui erradamente apenas à seca, aumenta a desertificação.

Os desertos não cessam de aumentar, e alguns calculam a sua expansão, à escala mundial, em 200 000 km² por ano. 30 milhões de quilómetros quadrados, ou seja 20% das terras emersas do globo, estão situadas em zonas áridas ou semiáridas, ameaçadas pela desertificação.

Em 1984, no Quênia, o programa das Nações Unidas para o ambiente reconhecia: “O objectivo que tínhamos fixado (em 1977), de acabar com a desertificação no ano 2000, deve ser considerado irrealista”, porque os países ricos recusaram financiar o programa: eram necessários 4,5 biliões de dólares por ano durante pelo menos vinte anos. As perdas resultantes de não se despenderem estes 90 biliões de dólares são calculadas em 520 biliões em vinte anos, apenas no que se refere à produção agrícola.

É a própria sobrevivência da humanidade que está em jogo!

A desertificação, a respeito da qual o alerta foi dado demasiado tardiamente, não provém apenas das variações climáticas, nem apenas da seca. Não é de modo nenhum um fenómeno natural inelutável; chegou o momento de colocar o homem face às suas responsabilidades.



Ler – Compreender

1. Assinala com um X a afirmação que te parece mais correcta.

O principal objectivo deste texto é:

- a. mostrar que a seca é uma calamidade e que se agrava há milénios.
- b. demonstrar que os anos de 1983-1984 foram os mais terríveis anos de seca.
- c. provar que a desarborização influencia o clima.
- d. mostrar que o ser humano é também responsável pela desertificação e deve lutar contra a mesma.
- e. defender que ao período de seca de 1968-1973 não faltaram antecedentes históricos.
- f. defender que o reflorestamento é a medida mais eficaz para evitar a expansão do deserto.

1.1. Justifica a tua opção, tendo em conta o título e a conclusão do texto.

2. Na tentativa de cumprir os vários objectivos listados na pergunta anterior – alíneas a. a f. –, René Dumont expõe a sua ideia/tese e, a seguir, narra episódios reais, apresenta factos ou cita estudos de especialistas.

2.1. Identifica três das ideias/teses expostas ao longo do texto. De seguida, faz corresponder a cada ideia/tese do autor um episódio real, um facto ou um estudo realizado por um especialista.

3. Relê atentamente o extracto que inicia em “*O Futa-Djalón*” e termina em “... a chuva no Sahel” (linhas 23-31).

3.1. Identifica e copia deste extracto:

- a. actos de fala para informar/expor;
- b. actos de fala para explicar.

4. Com base no texto, indica os principais efeitos da seca de 1983.

5. Indica as causas principais da automanutenção da seca no Sahel.

6. *Não vale a pena pôr em prática políticas de reflorestamento do deserto do Sahel muito dispendiosas.*

6.1. Que argumentos apresenta o autor para contestar esta tese?

7. O texto que acabaste de analisar é expositivo/argumentativo.

7.1. Justifica esta afirmação.

7.2. Apresenta uma passagem textual de exposição e outra de argumentação.

Funcionamento da Língua

VERBOS NO PARTICÍPIO REGULAR E IRREGULAR

Lê as frases, prestando atenção às formas verbais sublinhadas:

O Futa-Djalón, maciço montanhoso dos Peuls da Guiné, também ficou desarborizado.

As barragens hidroeléctricas não têm enchido por causa da seca.

Dezenas de milhares de hectares de café foram destruídos.

As formas verbais sublinhadas estão no **particípio passado**. Como mostra o quadro que se segue, elas formam-se pelo acréscimo do sufixo *-ado* aos radicais dos verbos da 1.ª conjugação e do sufixo *-ido* aos radicais dos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugações.

Conjugação	Forma de particípio passado
1.ª conjugação: <i>desarborizar</i>	desarborizar + ado → <i>desarborizado</i>
2.ª conjugação: <i>encher</i>	encher + ido → <i>enchido</i>
3.ª conjugação: <i>destruir</i>	destruir + ido → <i>destruído</i>

As palavras *desarborizado*, *enchido* e *destruído* são formas de particípio regulares.

No entanto, na frase:

*Ele teria **feito** melhor se tivesse lido os estudos sobre a desarborização e sobre a expansão do deserto.*

A forma de particípio *feito* não segue as regras acima apresentadas. Esta é uma forma irregular de particípio.

Alguns verbos possuem formas regulares e irregulares de particípio. Assim, além da forma regular terminada em *-ado* ou *-ido*, esses verbos possuem uma outra forma reduzida. Esses verbos são chamados **verbos abundantes**:

	Verbos	Particípio regular	Particípio irregular
1.ª conjugação	<i>aceitar entregar enxugar expressar expulsar isentar matar salvar soltar vagar</i>	<i>aceitado entregado enxugado expressado expulsado isentado matado salvado soltado vagado</i>	<i>aceito, aceite entregue enxuto expresso expulso isento morto salvo solto vago</i>
2.ª conjugação	<i>acender benzer eleger incorrer morrer prender romper suspender</i>	<i>acendido benzido elegido incorrido morrido prendido rompido suspendido</i>	<i>aceso bento eleito incurso morto preso roto suspenso</i>
3.ª conjugação	<i>emergir exprimir extinguir frigir imergir imprimir inserir omitir submergir</i>	<i>emergido exprimido extinguido frigido imergado imprimido inserido omitido submergido</i>	<i>emerso expresso extinto frito imerso impresso inserto omisso submerso</i>

Há também alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugações que não possuem formas regulares de particípio. São os seguintes:

Infinitivo	Particípio
<i>dizer</i>	<i>dito</i>
<i>escrever</i>	<i>escrito</i>
<i>fazer</i>	<i>feito</i>
<i>ver</i>	<i>visto</i>
<i>pôr</i>	<i>posto</i>
<i>abrir</i>	<i>aberto</i>
<i>vir</i>	<i>vindo</i>

Em regra:

– a forma regular usa-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ACTIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*.

Ex.: *Os técnicos do INGC têm salvado muitas vítimas da seca.*

– a forma irregular usa-se na formação dos tempos da VOZ PASSIVA, quer dizer, acompanhada do auxiliar *ser*.

Ex.: *As vítimas da seca foram salvas pelos técnicos do INGC.*

ORAÇÕES REDUZIDAS DE GERÚNDIO, PARTICÍPIO E INFINITIVO

As orações reduzidas são orações subordinadas, isto é, orações dependentes. Estas orações não se iniciam por pronomes ou advérbios relativos, pronomes ou advérbios interrogativos, ou conjunções subordinativas. Nestas orações, a subordinação é indicada pelo gerúndio, pelo particípio ou pelo infinitivo do verbo. Vejamos alguns exemplos:

▣ Orações reduzidas de gerúndio

Pensando bem, sem árvores não há vida.

Viu um grupo de homens, olhando com tristeza a floresta desarborizada.

Nestas frases, o verbo da oração reduzida está no gerúndio. Na primeira frase, a oração reduzida equivale a uma oração condicional (*Se pensarmos bem...*) e, na segunda, a oração reduzida corresponde a uma oração adverbial, uma vez que "... com tristeza" exprime o modo de olhar.

▣ Orações reduzidas de particípio

Acabado o período de seca, é preciso voltar a plantar.

Degradados os solos, a água não voltará ao ar.

Nestas frases, o verbo da oração reduzida está no particípio. Na primeira frase, a oração reduzida equivale a uma adverbial temporal. Na segunda frase, a oração reduzida pode ser interpretada como uma adverbial temporal ou como uma adjectiva.

▣ Orações reduzidas de infinitivo

Todos podemos desempenhar um papel importante na luta contra a desertificação; importa continuarmos atentos.

Podemos reduzir os efeitos da seca; basta estarmos unidos.

Nestas frases, o verbo da oração reduzida encontra-se no infinitivo pessoal. As orações "continuarmos atentos" ou "estarmos unidos" têm um valor substantivo. No entanto, estas orações não são encabeçadas por uma conjunção integrante *que*. As orações podem ser equiparadas às orações *importa que continuemos atentos* e *basta que estejamos unidos*.

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre participios regulares e irregulares

1. Completa os espaços em branco com formas de participio regulares ou irregulares dos verbos colocados entre parênteses:
 - a. O Sahel está _____ (*lançar*) num processo de destruição.
 - b. O fogo não foi _____ (*pôr*) pela população, foi _____ (*causar*) pelos ventos do harmatã.
 - c. A destruição da vegetação tem _____ (*aumentar*) a desertificação.
 - d. Toda a vegetação da área queimada tinha _____ (*morrer*).
 - e. Os países ricos têm _____ (*recusar*) o financiamento de programas de reflorestamento.
 - f. Os ambientalistas têm _____ (*escrever*) muito sobre os perigos da desertificação e _____ (*expressar*) as suas preocupações.
 - g. As populações que foram _____ (*salvar*) da última seca, já querem regressar às suas zonas de origem.
 - h. A seca tem _____ (*atingir*) fortemente países como o Gana e a Costa do Marfim.
 - i. Muitos animais estão _____ (*extinguir*) por causa da desertificação.
 - j. Nas últimas reportagens, os jornalistas não têm _____ (*cobrir*) a região sul do continente africano. Pelo contrário, os ambientalistas têm _____ (*fazer*) muitos relatórios sobre esta região.
 - k. As populações que foram _____ (*afectar*) pelas últimas secas reconheceram que activistas do INGC lhes tinham _____ (*salvar*) a vida.
 - l. A chuva _____ (*cair*) ontem pode ser um sinal do aquecimento global da terra.
 - m. Os ambientalistas têm _____ (*alertar*) para a relação entre as secas constantes e o aquecimento global da terra.
 - n. Um chefe foi _____ (*eleger*) pela população, por ter _____ (*saber*) orientar e proteger a comunidade em época de cheia.
2. Escreve seis frases da tua autoria, usando formas regulares e irregulares de participio.
3. Identifica e classifica as orações subordinadas nas frases dadas.
 - a. Terminada a colheita, é necessário programar-se o novo ciclo de produção.

- b. É preciso estarmos prevenidos; poderá haver uma grande seca.
 - c. Ensinando a plantar, educamos os alunos a lutar contra a desertificação.
 - d. Ele parecia ser a pessoa mais interessada no programa de reflorestamento.
 - e. Feitas as contas, é mais económico reflorestar do que ignorar o problema.
 - f. Havendo seca, não será possível plantar.
4. Escreve três frases da tua autoria, que contenham orações reduzidas.
- 4.1. Classifica as orações reduzidas das tuas frases.

■ Actividade "Discute, Pesquisa e Escreve"

Uma vez que não se pode evitar completamente a redução da quantidade de chuva, uma das preocupações actuais dos cientistas, governos e organizações não governamentais tem sido procurar formas de desenvolver acções de mitigação das dificuldades resultantes da seca. Por exemplo, os governos de zonas de risco de seca tentam incentivar as populações a desenvolverem mecanismos de captação e reserva de água, a reduzir o efectivo de animais que precisam de bastante água para viver, a explorarem as zonas baixas para aproveitar a humidade, a cultivarem plantas resistentes à seca, como é o caso da mandioca e da batata-doce amarela e, sobretudo, a planificarem cuidadosamente as épocas de produção agrícola.

Com os teus colegas de grupo, faz uma lista exaustiva das várias formas de superação das dificuldades resultantes da seca. Depois, escolhe um único item da tua lista – por exemplo, **plantas resistentes à seca** ou **mecanismos de captação e reserva de água em zonas rurais**, ou ainda, **planificação de épocas de produção agrícola** – e realiza uma pesquisa profunda sobre esse item. Para recolheres informações, podes usar a *internet*, livros, revistas, jornais ou mesmo entrevistar profissionais ou pessoas que vivenciaram situações de seca. Tenta recolher informações precisas sobre essa forma específica de superação da seca para responderes a questões do tipo: Por que é importante? Como funciona? Que vantagens reais teriam as populações se a usassem convenientemente? Tenta, ainda, explorar as dificuldades que as populações levantam em relação à sua eficiência. Por exemplo, por vezes, os camponeses podem planificar a sua produção agrícola, mas não receberem sementes em tempo útil para o seu cultivo.

Escreve um texto expositivo/argumentativo, de 35 a 40 linhas, sobre uma forma específica de mitigação dos efeitos da seca. Define um objectivo específico e tenta construir argumentos que te ajudem a atingir esse objectivo. Baseia os teus argumentos nas informações que recolheste e tenta citar estudos, referir factos ou episódios reais. Não te esqueças de escrever uma conclusão directamente relacionada com a tese e o objectivo do texto.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › interpretaste um texto expositivo/argumentativo;
- › estudaste verbos com formas de particípio passado regular e irregular;
- › estudaste orações reduzidas de gerúndio, particípio e infinitivo;
- › reflectiste e realizaste uma pesquisa sobre as formas de mitigação da seca;
- › produziste um texto expositivo/argumentativo sobre uma forma de mitigação da seca.

11

TEXTOS LITERÁRIOS

TEMA TRANSVERSAL

- Texto poético

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar textos líricos
- Analisar os textos líricos quanto à: mancha gráfica, organização do texto, tipo de linguagem, temática
- Elaborar frases com os advérbios e locuções adverbiais de ordem, dúvida e quantidade
- Resolver exercícios de vocabulário
- Reflectir sobre a problemática do assédio sexual

Lê o poema "Patshises" e responde ao questionário.

TEXTO
1

Patshises¹

A pena que me dá ver essa gente
Com sacos sobre os ombros cansadíssima
Às vezes é meio-dia, o sol tão quente
E os fardos a pesar, Virgem Santíssima!

- 5 À porta dos monhés, humildemente,
Mal a manhã desponta a rir suavíssima,
Rotas sacas vestindo-os tristemente,
Ei-los espreitando a carga pesadíssima!

- 10 Quantos velhinhos já e avós talvez
Dez vezes, vinte vezes, lés-a-lés.
Num dia só percorrem a cidade...

Negros que não soubestes nunca ler!
É a vossa vida os fardos de quem quer,
Vossa velhice o pão da caridade.

NORONHA, Rui de. in NORONHA, Elsa. *África Surge
et Ambula – Rui de Noronha – Poeta Moçambicano.*
Maputo: ERN-A. 2006

1. *Patshises*: na língua ronga, significa *carregadores do cais*.



Biografia

António Rui de Noronha nasceu em Lourenço Marques em 1909 e faleceu em 1943. Foi redactor e chefe de redacção da importante revista *O Brado Africano*. Poeta, contista e crítico, é considerado o precursor da poesia moderna de Moçambique. Os seus poemas foram publicados em vários jornais e revistas africanos e europeus. Tem publicada uma obra designada *Sonetos*.



Ler – Compreender

1. Acabaste de ler um texto lírico/poético.
 - 1.1. Justifica esta afirmação, tendo em conta critérios formais e de conteúdo.
2. Identifica o tema do poema.
3. Indica o destinatário da mensagem deste poema.
 - 3.1. Aponta a forma de tratamento usada, exemplificando a tua resposta com elementos textuais.
4. Classifica as estrofes do texto quanto ao número de versos.
5. Indica e classifica a rima que ocorre no texto.
6. Explica o sentido da última estrofe do texto.
 - 6.1. Que tipo de linguagem se usou nessa estrofe? Justifica a tua resposta.

Lê, agora, os textos líricos "Moças das docas", de Noémia de Sousa, "Do amor pelas pedras", de Rui Nogar, e "Um aniversário", de Agostinho Neto, e responde ao questionário que se segue.

TEXTO
2

Moças das docas

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,
Viemos do outro lado da cidade
com nossos olhos espantados,
5 nossas almas trancadas,
nossos corpos submissos escancarados.
De mãos ávidas e vazias,
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,
de corações amarrados de repulsa,
10 descemos atraídas pelas luzes da cidade,
acendendo convites aliciantes
como sinais luminosos na noite.

Viemos...
Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,
15 do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,
do doer espáduas todo o dia vergadas
sobre sedas que outras exibirão,
da certeza terrível do dia de amanhã,
retrato fiel do que passou,
20 sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.

Viemos...
E para além de tudo,
por sobre índicos de desesperos e revoltas,
25 fatalismos e repulsas,
trouxemos esperança.
Esperança de que a xituculumucumba já não virá
sugar os seus lábios de velha
nossos estômagos esfarrapados de fome.
30 E viemos.
Oh sim, viemos!
Sob o chicote da esperança,
nossos corpos capulanas quentes
embrulharam com carinho marítimos nómadas doutros portos,
35 saciaram generosamente fomes e sedes violentas...
Nossos corpos pão e água para toda a gente.



E agora, sem desespero nem esperança,
seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade...
E regressaremos.

40 Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis,
rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool,
voltaremos aos telhados de zinco pingando cacimba,
ao sem sabor caril de amendoim
e ao doer do corpo todo, mais cruel, mais insuportável...

45 Mas não é piedade que pedimos, vida!
Não queremos piedade
daqueles que nos roubaram e nos mataram
valendo-se das nossas almas ignorantes e de nossos
corpos

50 macios!
Piedade não trará de volta nossas ilusões
de felicidade e segurança,

não nos dará os filhos e o lar que ambicionávamos.
Piedade não é para nós.

55 Agora, vida, só queremos que nos dês esperança
para aguardar o dia luminoso que se avizinha
quando mãos molhadas de ternura vierem
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente
60 com dignidade
e formos novamente mulheres!

SOUSA, Noémia de. in GOMES, Aldónio et al.. *Português – 10.ª Classe*. Maputo: INDE. 1991

Biografia

Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares, também com o nome literário de Vera Micaia, nasceu em Lourenço Marques em 1926. Trabalhou em Paris e em Lisboa. Tornou-se uma grande poetisa da década de 50 e, é ainda hoje, um dos maiores nomes da poesia de Moçambique. A sua poesia foi sendo publicada em numerosos jornais e revistas moçambicanos, angolanos, portugueses e brasileiros e consta em antologias de poesia africana de numerosos países.



TEXTO
3

Do amor pelas pedras

Se fores capaz
de amar uma pedra,

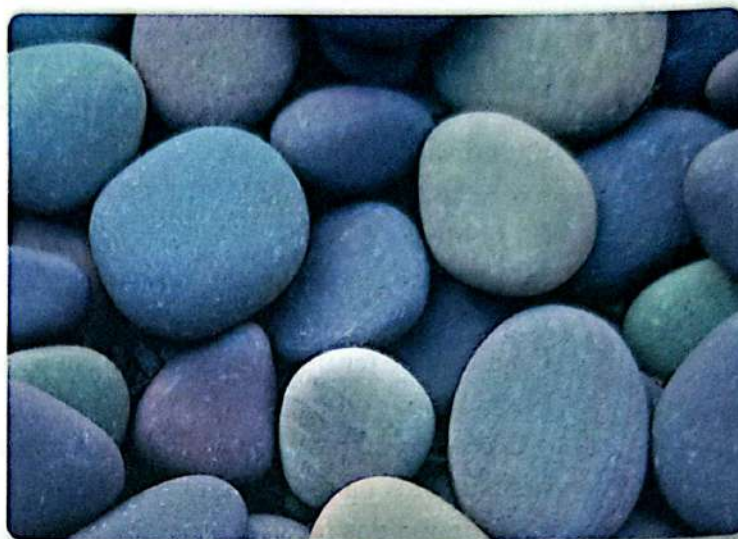
se conseguires amar uma pedra
dessas a que chamam calhaus,
5 vulgaríssimas na sua textura,
inconsequentes nas intenções
e que rolam no leito dos rios
desgastando-se até ao absurdo,

uma pedra que julgamos inútil,
10 sem outra beleza que não seja
a que só tu lhe podes emprestar,

se fores capaz de amar essa pedra
ama-a,
15 acarinha o seu silêncio,
responde ao seu mutismo,
iletrado, irreflexo.

Ama essa pedra
mesmo que te chamem louco
e que se riam na cara que hasteaste
20 no mastro da tua irreverência.

E se for preciso,
se os não loucos
forem longe, longe demais,
nas suas vaias,
25 seus arremedos insultuosos,
atira-lhes então a pedra,
com toda a força do teu amor,
com todo o poder transfigurador
das tuas mais íntimas convicções,
30 ah! com a violência que te possui
nos momentos em que és capaz
de amar uma simples pedra
que a tua sensibilidade vitalizou.



© Shutterstock

Atira-lhes essa pedra,
35 atinge-os em cheio
e esmaga,
esmaga as conveniências
que a burguesia libidinou
para que os outros
40 um dia saibam
que o absurdo apenas mora
onde jamais será possível
florescer um amor qualquer.

E tu,
45 tu amarás essa vulgar pedra, quer eles queiram quer não
como se ama
apaixonadamente
a independência da nossa pátria,
a liberdade de qualquer povo.

NOGAR, Rui. in GOMES, Aldónio et al.. *Português – 10.ª Classe*. Maputo: INDE. 1991

Biografia

Rui Nogar, nome literário de Francisco Rui Moniz Barreto, nasceu em 1932 em Lourenço Marques. Colaborou em jornais moçambicanos. Os seus poemas estão traduzidos em várias línguas e estão inseridos em diversas antologias. Publicou *Silêncio Escancarado*.



TEXTO
4

Um aniversário

Diziam cartas e telegramas
da família

“muitos parabéns, muitas felicidades”.

5 E um irmão doente,
a mãe cheia de saudades
e a pobreza
calmamente consentida na existência religiosa.

E a glória de ter um filho formado em Medicina!
No mundo,
10 a Coreia ensanguentada às mãos dos homens,
fuzilamentos na Grécia, greves na Itália,
e a azáfama das fábricas atômicas para matar
em massa, matar cada vez mais homens,

15 E no mundo constrói-se
no mundo constrói-se.

Um dos nossos será formado em Medicina
e construirá também!

Este um dia do meu aniversário,
um dos nossos dias
20 sabendo a tamarindo,
em que nada dizemos, nada fazemos, nada sofremos
como tributo à nossa escravidão.

NETO, Agostinho. in GOMES, Aldónio et al., *Português - 10.ª Classe*.
Maputo: INDE. 1991



Biografia

António Agostinho Neto nasceu em Angola em 1922 e faleceu em 1979. Foi membro activo da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, e do movimento dos Novos Intelectuais de Angola. Foi depois o primeiro Presidente da República de Angola. Foi um dos fundadores da revista *Angolanos e Portugueses*. Está representado em praticamente todas as antologias de escritores dos Cinco. Das obras que, como poeta e prosador nos deixou, registam-se *Poemas*, *Sagrada Esperança* (obra traduzida em muitas línguas), *Renúncia Impossível*, *Náusea*, ... *Ainda o Meu Sonho*.



Ler – Compreender

1. Preenche o quadro abaixo, indicando, para cada um dos poemas a resposta às informações pedidas.

	"Moças das docas"	"Do amor pelas pedras"	"Um aniversário"
Tema			
Sujeito poético			
Autor do texto			
Objectivo do texto			

2. Elabora a descrição formal dos poemas "Do amor pelas pedras" e "Um aniversário", indicando:

- o número de estrofes;
- o número de versos em cada estrofe e respectiva classificação;
- a presença ou ausência de rima.

3. Identifica e dá exemplos de uma figura de estilo existente em cada um dos poemas.

Lê os textos que se seguem e responde aos respectivos questionários.

EXTO
5

A um ausente

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.

Houve um pacto implícito que rompeste
e sem te despedires foste embora.

5 Detonaste o pacto.

Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

10 Antecipaste a hora.

Teu ponteiro enlouqueceu,
enlouquecendo nossas horas.

Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
15 o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?



Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
20 modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
25 nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste.

ANDRADE, Carlos Drummond.

<http://www.revista.agulha.nom.br/drumm.html#aumausente> (consultado a 11.10.2010)

Biografia

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira (Minas Gerais) em 1902 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1987. Realizou os primeiros estudos em Itabira, Belo Horizonte e Nova Friburgo, formando-se em Farmácia, em 1925. Sem interesse pela profissão de farmacêutico, leccionou Geografia e Português, dedicando-se também ao jornalismo, actividade que deixou em 1985. Carlos Drummond foi ainda cronista notável e tradutor, mas foi como poeta que de Andrade ganhou notoriedade dentro e fora do Brasil. Drummond é, sem dúvida, o maior poeta brasileiro contemporâneo. A sua estreia deu-se em 1930, com alguma poesia. Da sua vasta e rica produção poética, destacamos as seguintes obras: *A Rosa do Povo*, *Lição das Coisas*, *Boitempo*, *Nudez*, *Poesia Errante*, *Farewell*.



TEXTO
6

Eu quero escrever coisas verdes

Eu quero escrever coisas verdes
verdes
Como as folhas desta floresta molhada
verdes
5 Como os teus olhos
Que só a saudade deixa ver
Como a menina de uma trança só
Que soletra em português sa-po sa-po
verdes
10 Como a cobra esguia que me surpreendeu
verdes
Naquela cubata sem outra história
verdes
Como a manhã azul
15 Que acaba de nascer
Eu quero escrever coisas verdes.

BARBEITOS, Arlindo.

www.espacosnegros.blogspot.com (consultado a 05.08.2010)

Biografia

Arlindo do Carmo Pires Barbeitos nasceu em Catete, Província de Icolo e Bengo, Angola, em 24 de Dezembro de 1940. Em 1961, foi obrigado a fugir de seu país por motivos políticos. Foi para França, Bélgica, Suíça e Alemanha, onde se licenciou em Antropologia e Sociologia na Universidade de Frankfurt. Dedicou-se à Etnologia e foi professor na Universidade Livre de Berlim Ocidental e na Universidade de Angola, país ao qual regressou em 1975. A sua poesia tem reminiscências da poética tradicional africana, de tradição oral, e das poesias chinesa e japonesa.



TEXTO
7

Onde estão os homens caçados neste vento de loucura

O sangue caindo em gotas na terra
homens morrendo no mato
e o sangue caindo, caindo...
nas gentes lançadas no mar...
5 *Fernão Dias* para sempre na história
da Ilha Verde, rubra de sangue,
dos homens tombados
na arena imensa do cais.
Ai o cais, o sangue, os homens,
10 os grilhões, os golpes das pancadas
a soarem, a soarem, a soarem
caindo no silêncio das vidas tombadas
dos gritos, dos uivos de dor
dos homens que não são homens,
15 na mão dos verdugos sem nome.
Zé Mulato, na história do cais
baleando homens no silêncio
do tambor dos corpos.
Ai Zé Mulato, Zé Mulato,
20 As vítimas clamam vingança
O mar, o mar de Fernão Dias
engolindo vidas humanas
está rubro de sangue.
– Nós estamos de pé –
25 nossos olhos se viram para ti.
Nossas vidas enterradas
nos campos da morte,
os homens do cinco de Fevereiro
os homens caídos na estufa da morte
30 clamando piedade
gritando p’la vida,
mortos sem ar e sem água
levantam-se todos
da vala comum
35 e de pé no coro da justiça
clamam vingança...
... os corpos tombados no mato,
as casas, as casas dos homens
destruídas na voragem
40 do fogo incendiário,
as vias queimadas,
erguem o coro insólito de justiça
clamando vingança.
E vós todos carrascos
45 e vós todos algozes
sentados nos bancos dos réus:
– Que fizeste do meu povo?...
– Que respondeis?
– Onde está o meu povo?
50 ... E eu respondo no silêncio
das vozes erguidas
clamando justiça...
Um a um, todos em fila...
Para vós, carrascos,
55 o perdão não tem nome.
A justiça vai soar,

É o sangue das vidas caídas
nos matos da morte,
o sangue inocente
60 ensopando a terra
num silêncio de arrepios
vai fecundar a terra,
clamando justiça.
É a chamada da humanidade
65 cantando a esperança
num mundo sem peias
onde a liberdade
é a pátria dos homens...

SANTO, Alda do Espírito. In FERREIRA, Manuel.
No Remo de Caliban II. Lisboa: Plátano Editora. 1997

Biografia

Alda do Espírito Santo, também conhecida por Alda Graça, nasceu em São Tomé em 1926 e teve a sua educação em Portugal. É uma das mais conhecidas poetisas africanas de língua portuguesa. Os seus poemas aparecem nas mais variadas antologias sobre literaturas africanas, bem como em jornais e revistas de São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique. Um dos seus trabalhos mais importante é o livro *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*.



TEXTO
8

Quando te propus um amanhecer diferente

Quando te propus
um amanhecer diferente
a terra ainda fervia em lavas
e os homens ainda eram bestas ferozes

5 Quando te propus
a conquista do futuro
vazias eram as mãos

negras como breu o silêncio da resposta

10 Quando te propus
o acumular de forças
o sangue nómada e igual
coagulava em todos os cárceres
em toda a terra
e em todos os homens

15 Quando te propus
um amanhecer diferente, amor
a eternidade voraz das nossas dores
era igual a “Deus Pai todo poderoso criador dos céus e da terra”



Quando te propus
 20 olhos secos, pés na terra, e convicção firme
 surdos eram os céus e a terra
 receptivos as balas e punhais
 as amaldiçoavam cada existência nossa

Quando te propus
 25 abraçar a história, amor
 tantas foram as esperanças comidas
 insondável a fé forjada
 no extenso breu de canto e morte

Foi assim que te propus
 30 no circuito de lágrimas e fogo, Povo meu
 o hastear eterno do nosso sangue
 para um amanhecer diferente!

PROENÇA, Hélder.
<http://web.educom.pt/p-ccomum/2/biblioteca/biografias/guine.htm>
 (consultado a 19.07.2010)

Biografia

Hélder Magno Proença Mendes nasceu em Boloma, na Guiné-Bissau. Envolveu-se, nos anos 70, no movimento independentista do seu país, abandonando os estudos liceais e partindo para a guerrilha em 1973. Após o 25 de Abril, regressou a Bissau, prosseguindo os seus estudos. Foi responsável-adjunto pelo sector da educação na região de Bolama e professor de História. Frequentou, em 1979 e 1980, um curso de Planificação Regional no Rio de Janeiro. De regresso à Guiné, trabalhou como quadro no Ministério da Cultura, sendo ainda deputado na Assembleia Nacional Popular e membro do Comité Central do PAIGC. Tem colaboração nas publicações *Raízes* (cabo-verdina), *África* (portuguesa), *Libertação* e *o Militante*, estas duas ligadas ao PAIGC. Considerado uma das grandes figuras da nova literatura guineense, escrevendo tanto em português como em crioulo, foi o co-organizador e prefaciador da primeira antologia poética do seu país, *Mantilhas Para Quem Luta!* (1977). Alguma da sua produção continua inédita.

Ler – Compreender

A. "A um ausente"

1. Identifica os sentimentos expressos pelo sujeito poético.
2. Que promessa havia entre o sujeito poético e o seu interlocutor?
 - 2.1. Essa promessa ter-se-á cumprido? Justifica a tua resposta.
3. Identifica a figura de estilo predominante no poema, comentando a sua expressividade.
4. Escreve um poema onde faças uma proposta de amor.

B. "Quero escrever coisas verdes"

1. Explica a relação entre o título e o texto.
2. Faz o levantamento das figuras de estilo presentes no poema.
3. Analisa o termo *verdes* na estrutura e no ritmo do poema.
4. Escreve um poema a partir do verso seguinte "Eu quero escrever coisas vermelhas".

C. "Onde estão os homens caçados neste vento de loucura"

1. Atenta no título do poema.
 - 1.1. De que homens fala o sujeito poético?
 - 1.2. Explica a relação entre o título e o texto.
2. Considera o tema do poema e diz quando e onde foi escrito. Justifica a tua resposta com uma passagem textual.
3. Presta atenção aos seguintes versos:

"Ai o cais, o sangue, os homens," (verso 9)
"Ai Zé Mulato, Zé Mulato," (verso 19)
"– Que fizeste do meu povo?... / – Que respondeis? / – Onde está o meu povo?..." (versos 47-49)

 - 3.1. Explica o significado do uso da interjeição "Ai" e do ponto de interrogação nesses versos.
4. Comenta a relação *eu/nós*.
5. Explica a passagem:

"É a chamada da humanidade
cantando a esperança
num mundo sem peias
onde a liberdade
é a pátria dos homens..." (versos 64-68)

D. "Quando te propus um amanhecer diferente"

1. "Quando te propus / um amanhecer diferente" (versos 1-2)
 - 1.1. Identifica o interlocutor da proposta do sujeito poético.
 - 1.2. Interpreta o sentido da expressão "um amanhecer diferente" no poema.
 - 1.3. Aponta as circunstâncias em que a proposta foi feita.
2. Classifica as estrofes do poema quanto ao número de versos.
3. Indica duas figuras de estilo que se destacam no poema, exemplifica-as e comenta a sua expressividade.

Exercícios de Funcionamento da Língua

■ Sinonímia e antonímia

1. No conjunto de palavras que se seguem, sublinha aquela cujo significado melhor se assemelha ao da palavra destacada.

a. fugitiva	desertora	esquecida	desaparecida	extraviada
b. submissa	baixa	obediente	desobediente	aflita
c. certeza	distinção	conveniência	beleza	precisão
d. desespero	perseguição	acanhamento	ânsia	cólera
e. esperança	revelação	confiança	possibilidade	observação
f. revolta	agitação	combate	guerra	competição
g. amor	afecto	sujeição	comprometimento	adesão

2. No conjunto de palavras que se seguem, sublinha aquela cujo significado melhor se opõe ao da palavra destacada.

a. luminoso	radiante	brilhante	opaco	florescente
b. sensibilidade	afectividade	desprezo	delicadeza	humanidade
c. pobreza	escassez	fartura	falta	defeito
d. capaz	competente	sujeito	abundante	inapto
e. esperança	confiança	dúvida	atrevimento	audácia
f. fome	aspiração	influência	abundância	fartura
g. repulsa	aversão	simpatia	contrariedade	aborrecimento

3. Constrói frases com os antónimos identificados nas alíneas da questão 2.

■ Advérbios e locuções adverbiais de ordem, dúvida e quantidade

1. Nas frases abaixo, sublinha e classifica os advérbios ou locuções adverbiais.

- Talvez a ilusão das moças das docas se devesse à sua ignorância.
- Provavelmente, a vida dará uma oportunidade de felicidade às moças pobres das docas.
- As moças pobres sofrem muito.
- Primeiro, é preciso ter fé; depois, é preciso ter perseverança.

2. Preenche os espaços em branco com os advérbios ou locuções adverbiais que transmitam a circunstância indicada entre parênteses.

- Naquele dia, eles encorajaram-me _____ (intensidade).
- _____ (dúvida) o teu amor transforme uma pedra num ser sensível.
- Festejamos com _____ (intensidade) alegria o dia da independência da nossa pátria.
- _____ (ordem) pensa; _____ (ordem) fala.

3. Substitui a expressão sublinhada pelo advérbio correspondente e faz as alterações necessárias à frase:

Era provável que as moças das docas buscassem na cidade uma vida melhor.

4. Escreve frases da tua autoria fazendo uso dos advérbios *porventura*, *provavelmente*, *quase*, *bastante* e *demais*.

Lê expressivamente os poemas.



Flagelados do Vento-Leste

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

A nosso favor
não houve campanhas de solidariedade
não se abriram os lares para nos abrigar
5 e não houve braços estendidos fraternalmente para nós

Somos os flagelados do Vento-Leste!

O mar transmitiu-nos a sua perseverança
Aprendemos com o vento a bailar na desgraça
As cabras ensinaram-nos a comer pedras para não perecermos

10 Somos os flagelados do Vento-Leste!

Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem a caminhada
Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens

15 E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos!...)

Somos os flagelados do Vento-Leste!

Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
20 E as vozes solidárias que temos sempre escutado
São apenas
as vozes do mar
que nos salgou o sangue
as vozes do vento
25 que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
e as vozes das nossas montanhas
estranha e silenciosamente musicais

Nós somos os flagelados do Vento-Leste!

MARTINS, Ovídio. in FERREIRA, Manuel, *No Remo de Caliban*
I. Lisboa: Plátano Editora. 1997



Biografia

Ovídio de Sousa Martins nasceu em São Vicente, em 1928, e morreu em Lisboa, em 1999. Frequentou o curso de Direito e foi um activista pela independência. Esteve preso, depois exilado na Holanda. Foi jornalista e funcionário do Ministério da Educação e Cultura. É um dos fundadores do *Suplemento Cultural* (1959). Poeta e contista, tem uma grande produção dispersa em diferentes publicações em Cabo Verde e no exterior. É autor das seguintes obras: *Caminhada* (poesia, 1962), *Gritarei, berrarei, matarei: não vou para Pasárgada* (poesia, 1973), *Tchuctchinha* (contos, 1962).

O Infante

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

5 E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.



10 Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

PESSOA, Fernando. "O Infante", *Poesia de Fernando Pessoa para todos*. Oficina dos Sonhos. Porto: Porto Editora. 2008

Biografia

Fernando António Nogueira de Seabra Pessoa nasceu a 13 de Junho de 1888, em Lisboa, e morreu a 30 de Novembro de 1935. Conhecido como Fernando Pessoa, foi um dos maiores poetas de língua portuguesa. A maior parte de sua juventude, passou-a na África do Sul, para onde fora em 1896. Regressou a Lisboa em 1905. Sendo considerado o maior poeta de língua portuguesa do século XX, criou heterónimos (personalidades com qualidades e tendências próprias); os mais conhecidos são: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. A principal obra de Pessoa *ele mesmo* (o ortónimo) é *Mensagem*, uma colectânea de poemas sobre as grandes personagens históricas portuguesas.



Ler – Compreender

A. "Flagelados do Vento-Leste"

1. Explica o sentido do título do poema.
2. Justifica o emprego da primeira pessoa do plural pelo sujeito poético.
3. Indica o número de estrofes que compõem o poema.
 - 3.1. Retira do texto o exemplo de monóstico nele existente.
4. Presta atenção ao seguinte verso: "Nós somos os flagelados do Vento-Leste!"
 - 4.1. Classifica-o, tendo em conta a sua repetição na estrutura do poema.

B. "O Infante"

1. Menciona o destinatário da mensagem do sujeito poético.
2. Explica, fundamentando, a relação entre o título e o corpo do texto.
3. Atenta na estrutura externa do poema.
Classifica as estrofes que constituem o poema, quanto ao número de versos.
4. Identifica e classifica as rimas existentes no texto.
5. Divide os versos da primeira estrofe em sílabas métricas.

Avalia o que aprendeste

■ Actividade "Causas e consequências do assédio sexual"

Relê o texto "Moças das docas", de Noémia de Sousa, e responde às seguintes questões:

- De onde eram estas moças?
- Porque fugiam elas dos seus bairros?
- O que buscavam elas no cais? Porquê?
- Havia no cais assédio sexual ou não? Se sim, quem fazia o assédio?

Em função das tuas respostas, debate com os teus colegas de grupo as razões do assédio sexual e as respectivas consequências.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e analisaste textos poéticos, quanto à mancha gráfica, estrutura, linguagem e temática;
- › declamaste poemas;
- › resolveste exercícios de vocabulário;
- › resolveste exercícios sobre os advérbios e locuções adverbiais de ordem, dúvida e quantidade;
- › reflectiste sobre o papel da poesia e da arte;
- › discutiste a questão do assédio sexual;
- › produziste e apresentaste textos poéticos.

12

TEXTOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

TEMA TRANSVERSAL

- Cultura e arte

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar relatórios sobre actividades da escola/turma
- Identificar as partes principais do relatório
- Elaborar relatórios sobre a vida da sua turma/clube
- Construir frases oralmente e por escrito, usando preposições
- Distinguir preposições das locuções prepositivas
- Identificar manifestações artístico-culturais do nosso país



Cultura e Arte

Jogo "Cultura e Arte em Moçambique"

1. Forma grupos de cinco estudantes e escolhe outro grupo, também de cinco estudantes, para competir com o teu grupo.
2. Com os colegas do teu grupo, reflete sobre a Cultura e a Arte em Moçambique, mais precisamente sobre:
 - manifestações artísticas e culturais;
 - nomes e vidas de artistas, músicos, escritores;
 - grupos culturais;
 - museus e centros culturais que divulgam e promovem a arte no país.
3. Com os teus colegas de grupo, escreve oito frases sobre a Cultura e Arte em Moçambique destacando:
 - manifestações artísticas e culturais;
 - nomes e vidas de artistas, músicos, escritores;
 - grupos culturais;
 - museus e centros culturais que divulgam e promovem a arte no país.

Algumas dessas frases devem ser verdadeiras, como por exemplo:

Malangatana é um dos pintores mais famosos do país.

A marrabenta é uma dança do sul de Moçambique.

Outras frases devem ser falsas, como por exemplo:

Para dançar mapiko, os dançarinos vestem fatos clássicos e gravatas.

Paulina Chiziane é uma ceramicista makonde.

4. Troca as tuas frases com as do grupo que compete com o teu.
5. Lê rapidamente as frases do outro grupo e classifica-as como verdadeiras ou falsas.
6. Por cada frase correctamente classificada, o teu grupo ganha um ponto; no final do jogo, ganha o grupo com mais pontos.



Lê, com atenção, o relatório que se segue.

Relatório da visita de estudo à Casa José Craveirinha

Com este relatório pretendemos descrever e avaliar a visita de estudo realizada pelo nosso grupo (grupo n.º 2 da 10.ª classe, turma D, da Escola Secundária Francisco Manyanga) à Casa José Craveirinha.

Esta visita foi realizada no âmbito do projecto da disciplina da Língua Portuguesa denominado “Conhece os artistas, músicos e escritores do teu país”. Decidimos visitar esta Casa, porque, apesar de ela se situar na cidade de Maputo, a maior parte dos alunos do grupo nunca a tinham visitado. Para além disso, julgámos que era importante conhecer melhor este escritor, que tanto exaltou os valores da identidade moçambicana e do orgulho nacional, para compreender melhor porque é chamado “guerrilheiro da palavra”.

A Casa José Craveirinha, que faz parte do património cultural da cidade de Maputo, fica situada na Rua Fernando Farinha, perto do Bairro da Mafalala, um bairro periférico da cidade de Maputo. Esta foi a residência onde o poeta viveu a maior parte da sua vida.

Nesta casa, pudemos apreciar um vasto espólio de trabalhos já divulgados do poeta, como são os poemas do livro *Xigubo* e *Maria*. Lemos, ainda, alguns trabalhos inéditos do poeta e várias versões do famoso poema “As Tangerinas de Inhambane”, que nunca foi assumido como “acabado” pelo poeta. Aprendemos que o poeta pensava cuidadosamente sobre cada palavra que incluía nos seus poemas e não se cansava de escrever e reescrever, vezes sem conta, o mesmo poema, em busca da “perfeição”. Aprendemos ainda que Craveirinha escreveu muito sobre a opressão colonial, exprimindo a revolta do povo moçambicano. Assim, o grupo compreendeu a razão pela qual o poeta é chamado “guerrilheiro da palavra”.

Para além dos poemas, vimos uma colecção da indumentária do poeta e obras de arte por ele colecionadas. Na verdade, a Casa tem uma colecção valiosa de quadros de pintores moçambicanos conceituados, como Malangatana, Samate, Mulungo, Idasse e Chichorro. Contém ainda esculturas de arte makonde e cerâmicas. Pode-se ainda apreciar algumas obras de artistas estrangeiros de renome internacional, como uma reprodução de telas de Gauguin, discos de artistas do *jazz*: Billie Holiday, Count Basie, Charlie Parker, John Calterone, entre outros.

Foi-nos também possível apreciar uma colecção de certificados de mérito, diplomas de honra e medalhas com que o poeta foi distinguido. De facto, além do famoso prémio Camões em 1991, o poeta recebeu outros importantes prémios, como o Prémio Cidade de Lourenço Marques em 1959, o Prémio Reinaldo Ferreira em 1961, o Prémio Nacional de Poesia de Itália em 1975, o Prémio Lótus em 1983, a Medalha de Nachingwea de 1985, a Medalha de Mérito da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e o prémio “Voice of Africa,” na Suécia, em 2002.



Em relação à vida do escritor, constatámos que, além de ser um grande amante de artes e letras, Craveirinha era um grande amante do desporto, tendo sido ele que descobriu e apoiou, no início da carreira, a famosa “menina de ouro”, Maria de Lurdes Mutola. Craveirinha trabalhou como funcionário público e como jornalista, tendo-se dedicado muito à escrita de ensaios. Usou vários pseudónimos, entre os quais José Machangana, Jesuíno Cravo, Abílio Cossa e António Sousa. Era um grande apreciador da música popular moçambicana, em especial da marrabenta. Foi militante político e esteve preso durante quatro anos, de 1965 a 1969, na Cadeia Central.

Em suma, esta foi uma visita muito interessante, onde ficámos a conhecer muito mais da vida e obra de José Craveirinha.

Propomos a continuação do projecto até ao final do ano lectivo, pois ele dá-nos a oportunidade de explorarmos e conhecermos melhor os vários artistas, músicos e escritores de Moçambique.

Maputo, 20 de Julho de 2010

Aurélio Mabote

Chefe do Grupo 2 – 10.ª classe, turma D – ESFM

Anexos: Fotografias da Casa José Craveirinha.



Ler – Compreender

1. Preenche a tabela que se segue, identificando, de forma sucinta, os elementos estruturais principais do relatório que acabaste de ler.

Cabeçalho	Título:
Corpo	Introdução – Objectivo / Assunto:
	Desenvolvimento – Contexto da visita: – Objectivo(s) da visita: – Constatações e conhecimentos adquiridos: – Avaliação/conclusão: – Propostas:
	Fecho – Data: – Assinatura: – Indicação da existência de anexo(s):
Anexos	

2. Faz uma lista sucinta de tudo o que os alunos do Grupo 2 da 10.ª classe, turma D da ESFM viram na Casa José Craveirinha.
3. Consideras que os alunos compreenderam o motivo pelo qual Craveirinha é chamado “guerrilheiro da palavra”? Justifica a tua resposta.
4. Resume, em poucas palavras, aquilo que os alunos aprenderam sobre a vida do escritor.
5. Qual terá sido o objectivo dos alunos ao colocarem, em anexo, fotografias da Casa José Craveirinha?
6. Indica as principais diferenças, a nível do conteúdo e da linguagem, entre este relatório e aquele que analisaste na unidade 6.



Funcionamento da Língua

PREPOSIÇÕES E LOCUÇÕES PREPOSITIVAS

Na 9.ª classe, estudaste as preposições *até, com, contra, desde, entre, sem*.

Aprendeste que as preposições são:

- palavras invariáveis, porque só têm uma forma; não variam em género, número, tempo ou pessoa;
- palavras que estabelecem uma relação de dependência entre dois termos de uma oração, o antecedente e o conseqüente, de tal modo que o sentido do primeiro termo é explicado e completado pelo segundo.

Por exemplo, na frase:

A Casa José Craveirinha fica situada no bairro da Mafalala.

encontramos duas preposições (contraídas com os artigos *o* e *a*):

no = *em* + *o* (a preposição *em* exprime o lugar onde fica situada a Casa);

da = *de* + *a* (a preposição *de* estabelece uma relação espacial, pois indica o espaço onde o bairro se situa).

Quanto à forma, existem dois tipos de preposições:

1. as preposições simples, que são expressas por um único vocábulo:

<i>a</i>	<i>com</i>	<i>em</i>	<i>por (per)</i>
<i>ante</i>	<i>contra</i>	<i>entre</i>	<i>sem</i>
<i>após</i>	<i>de</i>	<i>para</i>	<i>sob</i>
<i>até</i>	<i>desde</i>	<i>perante</i>	<i>sobre</i>
			<i>trás</i>

2. as preposições compostas ou locuções prepositivas, que são constituídas por dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples (geralmente *de*). Alguns exemplos são:

<i>abaixo de</i>	<i>apesar de</i>	<i>em baixo de</i>	<i>para baixo de</i>
<i>acerca de</i>	<i>a respeito de</i>	<i>em cima de</i>	<i>para cima de</i>
<i>a despeito de</i>	<i>atrás de</i>	<i>em frente a</i>	<i>para com</i>
<i>adiante de</i>	<i>através de</i>	<i>em lugar de</i>	<i>por baixo de</i>
<i>a fim de</i>	<i>de acordo com</i>	<i>em redor de</i>	<i>por causa de</i>
<i>além de</i>	<i>debaixo de</i>	<i>em torno de</i>	<i>por cima de</i>
<i>antes de</i>	<i>de cima de</i>	<i>em vez de</i>	<i>por detrás de</i>
<i>ao lado de</i>	<i>defronte de</i>	<i>graças a</i>	<i>por diante de</i>
<i>ao redor de</i>	<i>dentro de</i>	<i>junto a</i>	<i>por entre</i>
<i>a par de</i>	<i>depois de</i>	<i>junto de</i>	<i>por trás de</i>
	<i>diante de</i>		

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre preposições e locuções prepositivas

1. Sublinha, no extracto do relatório que se segue, todas as preposições ou locuções prepositivas (contraídas ou não com artigos).

Para além dos poemas, vimos uma colecção da indumentária do poeta e obras de arte por ele coleccionadas. Na verdade, a Casa tem uma colecção valiosa de quadros de pintores moçambicanos conceituados como Malangatana, Samate, Mulungo, Idasse e Chichorro. Contém ainda esculturas de arte makonde e cerâmicas. Pode-se ainda apreciar algumas obras de artistas estrangeiros de renome internacional como uma reprodução de telas de Gaugin, discos de artistas do jazz: Billie Holiday, Count Basie, Charlie Parker, John Calterone, entre outros. Foi-nos também possível apreciar uma colecção de certificados de mérito, diplomas de honra e medalhas com que o poeta foi distinguido. De facto, além do famoso prémio Camões em 1991, o poeta recebeu outros importantes prémios como o Prémio Cidade de Lourenço Marques em 1959.

2. Completa as frases que se seguem com preposições adequadas (contraíndo-as ou não com artigos).

- Os alunos falaram _____ o filho do escritor.
- José Craveirinha viveu a vida inteira _____ Mafalala.
- Craveirinha era muito conceituado _____ Moçambique.
- A Casa José Craveirinha tem telhado _____ zinco.
- Craveirinha também se dedicou _____ desporto.
- A Casa estava cheia _____ estudantes de literatura.
- Craveirinha não se poupou _____ esforços _____ apoiar Lurdes Mutola.
- A "menina _____ ouro" tem um grande carinho _____ Craveirinha.
- Craveirinha revoltou-se _____ a opressão colonial.
- Todos votaram _____ a ideia de deitar abaixo a Casa José Craveirinha.
- Apelo _____ vosso bom senso: leiam os poemas _____ Craveirinha.
- Como podemos contribuir _____ a divulgação da Casa José Craveirinha?
- Fiquei _____ vontade _____ ler os poemas do Xigubo, mas estou _____ tempo.

3. Completa as frases que se seguem com locuções prepositivas adequadas.

- Depois da visita de estudo, os alunos discutem muito _____ escritor.
- _____ aprenderem, os alunos também se divertiram.
- _____ idade avançada, Craveirinha nunca deixou de ler.
- Há muita controvérsia _____ do poema "As Tangerinas de Inhambane".
- A casa da minha avó fica _____ Casa José Craveirinha.

4. Cria seis frases, onde uses preposições ou locuções prepositivas.

■ Actividade “Visita artistas plásticos, músicos ou escritores moçambicanos”

Imagina que és também um aluno da 10.ª classe, turma D, da Escola Secundária Francisco Manyanga e que, por isso, estás também envolvido no projecto “Conhece os artistas, músicos e escritores do teu país”.

1. Escolhe um(a) artista, músico/cantor(a) ou escritor(a), ainda vivo(a), a quem possas visitar e entrevistar.
2. Pensa cuidadosamente naquilo que queres saber sobre ele(a) e nas perguntas que gostarias de lhe fazer.
3. Formula as perguntas e partilha-as com os teus colegas de grupo (podes fazer perguntas sobre a sua vida pessoal e carreira profissional, mas deves, obrigatoriamente, fazer perguntas sobre a sua carreira no mundo da Arte e da Cultura).
4. Selecciona as melhores perguntas dos membros do teu grupo e ordena-as de forma lógica.
5. Visita a pessoa que escolheste e faz-lhe as perguntas que seleccionaste; podes ainda fazer outras perguntas ou dialogar sobre outros assuntos com ela, se achares necessário.
6. Regista as respostas dadas e tudo o mais que possas aprender sobre essa pessoa, observando a casa ou o bairro onde vive ou vendo as fotografias que ele(a) te mostrar.
7. Elabora, com os teus colegas de grupo, um relatório sobre essa visita de estudo, dando a conhecer os objectivos específicos da mesma e aquilo que aprenderam tanto sobre a pessoa que escolheram como sobre a Arte e a Cultura, em geral. Não te esqueças de conceber o plano do relatório e de obedecer, com rigor, à estrutura e às características de linguagem deste tipo de textos.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › identificaste manifestações artístico-culturais em Moçambique e reflectiste sobre a Arte e a Cultura no país;
- › leste e interpretaste um relatório sobre uma visita de estudo à Casa José Craveirinha;
- › analisaste a estrutura desse relatório;
- › visitaste e entrevistaste um artista plástico, um músico ou um escritor moçambicano;
- › escreveste um relatório sobre a tua visita de estudo;
- › distinguiste as preposições das locuções prepositivas;
- › resolveste exercícios sobre as preposições e as locuções prepositivas.

13

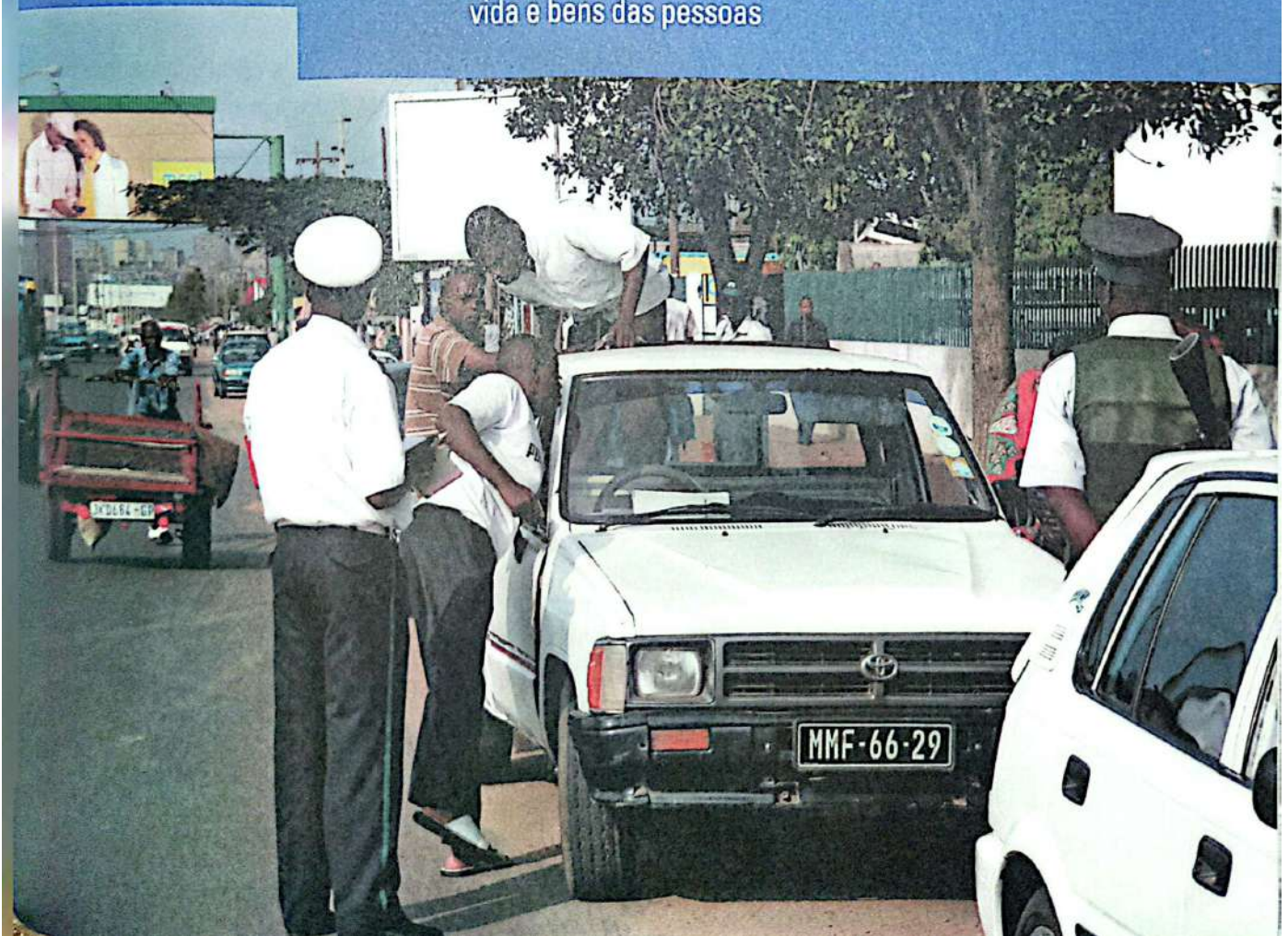
TEXTOS NORMATIVOS

TEMA TRANSVERSAL

- Educação rodoviária

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar os artigos do Título III, do Capítulo III da Constituição da República
- Divulgar a Constituição da República junto da comunidade
- Identificar, em textos, as preposições *sob* e *sobre*
- Usar as preposições *sob* e *sobre* em frases
- Reconhecer a importância das regras de trânsito para a vida e bens das pessoas



Lê, com atenção, os seguintes artigos da Constituição da República.



Capítulo IV Órgãos locais do Estado

Artigo 262.º (Definição)

Os órgãos locais do Estado têm como função a representação do Estado ao nível local para a administração e o desenvolvimento do respectivo território e contribuem para a integração e unidade nacionais.

Artigo 263.º (Princípios organizatórios)

1. A organização e o funcionamento dos órgãos do Estado a nível local obedecem aos princípios de descentralização e desconcentração, sem prejuízo da unidade de acção e dos poderes de direcção do Governo.
2. No seu funcionamento, os órgãos locais do Estado, promovendo a utilização dos recursos disponíveis, garantem a participação activa dos cidadãos e incentivam a iniciativa local na solução dos problemas das comunidades.
3. Na sua actuação, os órgãos locais do Estado respeitam as atribuições, competências e autonomia das autarquias locais.
4. Para a realização das atribuições que lhe são próprias, o Estado garante a sua representação em cada circunscrição autárquica.
5. A lei determina os mecanismos institucionais de articulação com as comunidades locais, podendo nelas delegar certas funções próprias das atribuições do Estado.



Artigo 264.º (Funções)

1. Os órgãos locais do Estado garantem, no respectivo território, sem prejuízo da autonomia das autarquias locais, a realização de tarefas e programas económicos, culturais e sociais de interesse local e nacional, observando o estabelecido na Constituição, nas deliberações da Assembleia da República, do Conselho de Ministros e dos órgãos do Estado do escalão superior.
2. A organização, funcionamento e competências dos órgãos locais do Estado são regulados por lei.

*Constituição da República de Moçambique. Maputo:
Plural Editores. 2005*

Ler – Compreender

1. Com a ajuda dos teus colegas de grupo, a consulta de sítios da *internet* ou a ajuda de membros de partidos políticos da tua comunidade, tenta dar resposta às questões que se seguem.
 - 1.1. O que é um Estado?
 - 1.2. Que competências e tarefas tem um Estado?
 - 1.3. Quem é o actual chefe de Estado em Moçambique?
2. Descreve o Estado de Moçambique, no que respeita ao território, povo e organização do poder político.
3. Reflecte sobre a estrutura do Estado e a organização política em Moçambique.
 - 3.1. Como está organizado o poder político em Moçambique?
 - 3.2. Quais são os órgãos de soberania?
 - 3.3. Quem compõe o Governo?
 - 3.4. Indica algumas tarefas do Governo.
4. Atenta agora nos órgãos locais do Estado.
 - 4.1. Onde existem os órgãos locais do Estado?
 - 4.2. Que função desempenham estes órgãos?
 - 4.3. Que instrumento legal regula o funcionamento e competências destes órgãos?
 - 4.4. Os órgãos locais do Estado são independentes do governo central?
 - 4.5. Como é feita a articulação entre os órgãos locais do Estado e as comunidades locais?



Funcionamento da Língua

AS PREPOSIÇÕES SOB E SOBRE

Na unidade 12, estudaste a função das preposições e locuções prepositivas. Aprendeste que *sob* e *sobre* são preposições simples, expressas por um só vocábulo. Agora, vamos reflectir, especificamente, sobre os valores (em termos de sentido) de cada uma destas preposições.

A preposição **sob** expressa uma posição de inferioridade em relação a um limite (no sentido concreto ou no figurado) no espaço, no tempo ou na noção, como mostram os exemplos:

*Não encontrava o texto da Constituição, porque este estava **sob** uma pilha de revistas e jornais.*

*Quando Moçambique estava **sob** jugo colonial, era regido por leis portuguesas.*

***Sob** certos aspectos, a existência de órgãos locais do Estado permite uma melhor gestão dos recursos locais.*

A preposição **sobre** expressa uma posição de superioridade em relação a um limite. Essa posição pode ser de contacto, de aproximação, ou de alguma distância. A preposição *sobre* expressa também tempo aproximado no espaço, no tempo ou na noção, como ilustram as frases:

*Não ponhas o texto da Constituição **sobre** a mesa, antes de eu a limpar.*

***Sobre** a madrugada fria, o governador da província foi recebido pelo administrador distrital e a comunidade local.*

*Gostaria de escrever **sobre** o Programa de Reabilitação Económica.*

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre as preposições *sob* e *sobre*

1. Preenche os espaços em branco com as preposições *sob* ou *sobre*.
 - a. Trabalhámos _____ muita tensão quando fizemos a revisão da Constituição.
 - b. _____ o olhar atento dos jornalistas, os membros da Assembleia da República deliberaram _____ as competências a atribuir às autarquias locais.
 - c. _____ o sol ardente, a comunidade manteve-se atenta ao discurso do Administrador local.
 - d. Os órgãos locais do Estado trabalham _____ direcção e orientação do Governo.
 - e. Já estávamos _____ o fim do ano, quando foi marcada uma Sessão Extraordinária da Assembleia da República.
 - f. Na última reunião, houve uma discussão muito acesa _____ os programas económicos, culturais e sociais para os próximos dois anos.
 - g. Todos os membros da comunidade queriam ouvir o discurso do governador da província e, por isso, empilharam-se uns _____ os outros, no pouco espaço existente.
 - h. O governador discursou _____ o cumprimento das regras de trânsito e a Segurança Rodoviária.
 - i. Os gatunos que infringiram as leis do trânsito e provocaram este acidente mortal estão _____ alçada da polícia.
2. Redige seis frases da tua autoria, sendo três com a preposição *sob* e três com a preposição *sobre*.

■ Debate sobre as regras de trânsito e a segurança rodoviária

1. Reflecte sobre as seguintes questões durante 10-15 minutos e prepara-te para as debateres com os teus colegas, tomando breves notas das tuas reflexões.

- Como é a segurança rodoviária na tua zona de residência?
- Que infracções comuns são perpetradas pelos condutores de chapas?
- Que infracções cometem os condutores dos *tchovaxita-dumas*?
- Que erros cometem os peões e, particularmente, as crianças?
- O que acontece quando os donos de animais como galinhas e cabritos não tomam o devido cuidado com os seus animais e eles correm para a estrada?
- Quais são as principais causas dos acidentes?
- Que acções a comunidade tem desenvolvido para a melhoria da segurança rodoviária?
- Como é que os órgãos locais do Estado têm apoiado as acções da comunidade no sentido de melhorar a segurança rodoviária?



2. Expressa e discute os teus pontos de vista no debate da turma. Tenta ilustrar os teus argumentos com exemplos concretos de regras de circulação na via pública (regras de trânsito) que são infringidas pelos veículos e peões.

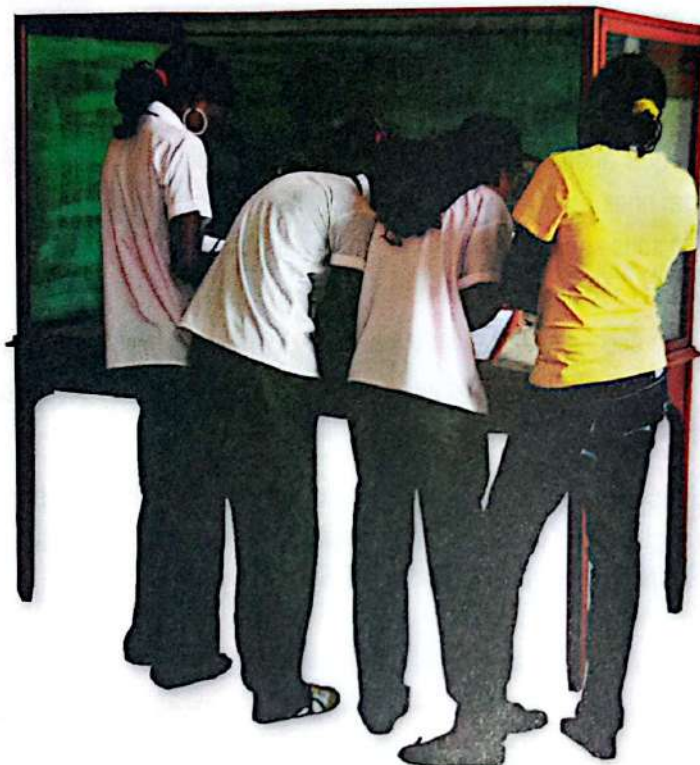
■ Palestra sobre as regras de trânsito

O teu professor ou o grupo de disciplina de Português vão convidar um polícia de trânsito ou um professor de uma escola de condução para fazer uma palestra sobre as regras de trânsito. Prepara-te para participares na palestra, ouvindo atentamente o palestrante e colocando, no final, as tuas questões. Se houver algum assunto que te interesse e não chegue a ser profundamente debatido na tua turma, formula uma questão sobre o mesmo e coloca-a ao palestrante. Toma notas da palestra para que possas fazer uma síntese da mesma e entregá-la ao professor, se ele te pedir.



■ Produção de cartazes sobre a segurança rodoviária

Com base nas discussões que tiveste, quer no debate da turma, quer na palestra, e nos vários problemas levantados, produz, com os membros do teu grupo, um cartaz sobre as regras de trânsito e a segurança rodoviária. Em primeiro lugar, não te esqueças de definir qual vai ser o público-alvo do teu cartaz: jovens condutores, condutores de chapas, crianças, proprietários de animais, etc. Depois, define um objectivo específico e escreve uma mensagem que te ajude a atingi-lo. Usa actos de fala para informar e convencer! Produz ilustrações coloridas e apelativas que, realmente, possam atingir o teu público-alvo.



Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste os artigos da Constituição da República sobre os órgãos locais do Estado;
- › reflectiste sobre a estrutura do Estado e a organização do poder político em Moçambique;
- › estudaste os valores e usos das preposições *sob* e *sobre*;
- › realizaste exercícios sobre os usos das preposições *sob* e *sobre*;
- › realizaste um debate sobre as regras de trânsito e a segurança rodoviária;
- › participaste numa palestra sobre as regras de trânsito e a segurança rodoviária;
- › produziste cartazes para uma campanha educativa sobre as regras de trânsito e a segurança rodoviária.

14

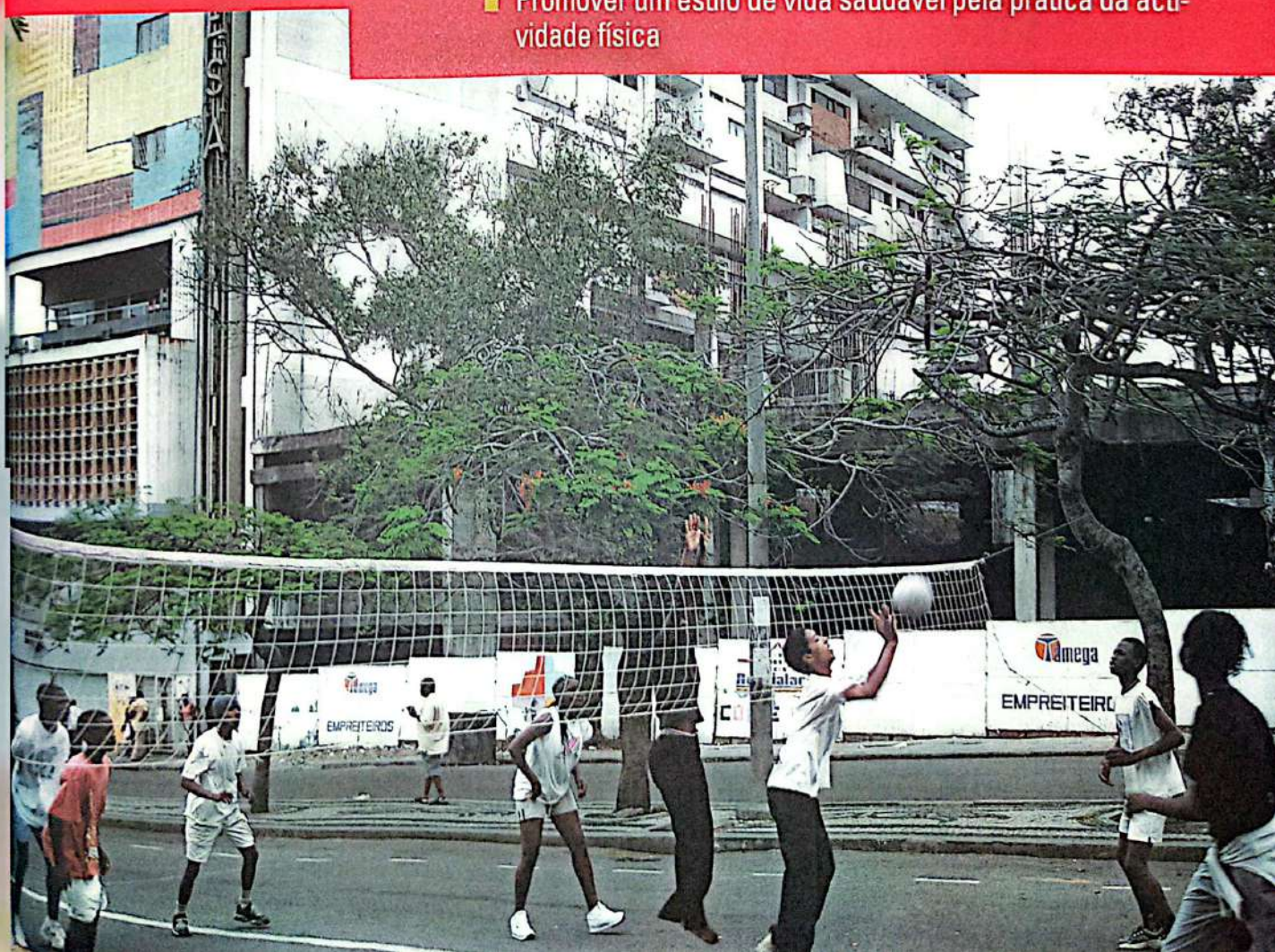
TEXTOS ADMINISTRATIVOS

TEMA TRANSVERSAL

■ Desporto

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Elaborar *Curriculum Vitae* e Carta Oficial
- Reconhecer, nos textos em estudo, palavras compostas
- Formar palavras compostas
- Distinguir as palavras compostas por aglutinação das compostas por justaposição
- Reconhecer a importância do desporto para a saúde
- Promover um estilo de vida saudável pela prática da actividade física



Lê, atentamente, o currículo de um desportista que se segue e responde ao questionário.

TEXTO
1

<i>Curriculum Vitae</i>	
Nome	Dulcínio José
Dados Pessoais	
Sexo	Masculino
Idade	20
Estado civil	Solteiro
Nível académico	12.ª Classe do Ensino Secundário Geral
Perfil Técnico	
Modalidade desportiva	Futebol
Equipas em que jogou	<p>Seleção Nacional – 2009</p> <p>Clube: Clube Desportivo do Ferroviário de Maputo – 2006 a 2008 Cidade: Maputo</p> <p>Clube: Clube Desportivo da Costa-do-Sol – 2005 Cidade: Maputo</p> <p>Clube: Clube de Desportos Grupo Recreativo Textáfrica de Chimoio – 2003 Cidade: Chimoio</p>
Títulos conquistados	<p>Título: Campeão Nacional de Futebol – 2007/2009</p> <p>Título: Campeão Regional da SADCC – 2006</p> <p>Título: Campeão da Taça Imprensa – 2003</p>
Categoria	Profissional
Posição(ões)	Avançado direito e esquerdo, central médio
Peso	58
Altura	1,68
Calçado	38/39
Habilidades	Experiência em campeonatos regionais e nacionais, capacidade de liderança de equipa, velocidade, capacidade de fazer uma boa leitura do jogo, agilidade e reflexos apurados
Comentário	Jogador em clubes de alto nível, disponível para contactos e testes
Contacto	
Endereço postal	Bairro do Alto-Maé, Rua Fernandes Farinha, casa n.º 352 – Cidade de Maputo – Moçambique
Cidade	Maputo
País	Moçambique
E-mail	dulci@hotmail.com
Telefone	+258 82 7897795

Ler – Compreender – Escrever

1. Identifica o objectivo que levou Dulcínio José a escrever o seu currículo.
2. Aponta os aspectos que Dulcínio José considerou importante serem referidos no seu currículo.
3. Descreve a mancha gráfica do texto.
4. Consulta as características da carta oficial estudadas nas unidades temáticas 2 e 8.
 - 4.1. Indica as diferenças de organização estrutural entre a carta oficial e o *Curriculum Vitae* analisado.
 - 4.2. Imagina que Dulcínio escreveu uma carta de pedido de emprego ao Clube de Desportos Ferroviário da Beira, mas que ainda não recebeu resposta. Escreve, em nome dele, uma carta oficial a solicitar essa resposta.

Funcionamento da Língua

TIPOS DE PALAVRAS COMPOSTAS

Observa as palavras compostas abaixo sublinhadas, retiradas do *Curriculum Vitae* analisado:

Clube Desportivo da Costa-do-Sol

Bairro do Alto-Maé

Grupo Recreativo Textáfrika de Chimoio

As palavras acima sublinhadas resultam da junção de duas ou mais outras palavras e representam uma ideia única e autónoma. São **palavras compostas**.

As palavras compostas formam-se:

- a. **por justaposição** – quando as palavras de que resultam se juntam por hífen ou não, mantendo cada uma o seu acento próprio e a sua ortografia.

Ex.: *O Clube Desportivo do Ferroviário vai contratar um treinador luso-brasileiro para treinar a equipa principal de futebol.*

- b. **por aglutinação** – quando as palavras de que resultam se unem numa só, mantendo-se apenas o acento da última. Neste caso, também se verificam algumas alterações ortográficas.

Ex.: *O Grupo Recreativo Textáfrika do Chimoio é um clube do planalto de Manica.*

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre palavras compostas

1. Indica as palavras primitivas que formaram as palavras compostas sublinhadas.
 - a. Se o equipamento do Textáfrika fosse azul-marinho, seria muito bonito.
 - b. O Estádio Nacional do Zimpeto é uma obra-prima.
 - c. Um bom guarda-redes deve ser ágil e ter reflexos rápidos.
 - d. Qualquer jogador que se preze não consome bebidas alcoólicas, muito menos aguardente.
 - 1.1. Indica o processo de formação dessas palavras.

2. A partir das palavras primitivas dadas, forma palavras compostas.

- a. mar rosas de
- b. flor fina
- c. alta perna
- d. feira segunda

2.1. Constrói frases da tua autoria, onde ocorram as palavras compostas formadas na questão anterior.

■ Debate "Praticar desporto é saúde"

O tema do debate sugere uma ideia incontestável. Com os colegas do teu grupo, vais apontar argumentos a favor desta ideia, falando das vantagens que advêm da prática do desporto. Discute, ainda, possíveis formas de incentivo à prática do desporto no teu bairro ou comunidade.

Como já realizaste vários debates, usa os mesmos princípios de que sempre te serviste para organizar e apresentar as tuas ideias no teu grupo e na turma.

■ Actividade "Procura-se um professor de ginástica"

1. Imagina que, terminado o debate, as estruturas administrativas do teu bairro ou comunidade ficam sensibilizadas e pretendem, por isso, contratar um professor de Educação Física para ajudar as pessoas interessadas a fazerem ginástica. Produz um *Curriculum Vitae* de um candidato virtual. É importante que descrevas o seu perfil técnico e dês informações adicionais que aches relevantes para a obtenção do emprego.
2. Imagina que és um dos professores de Educação Física chamados para a entrevista de emprego no teu bairro ou comunidade. Nessa entrevista, pedem-te que simules uma actividade de aula, onde tens de ajudar pessoas de um grupo etário específico (jovens, adultos de meia-idade, idosos) a realizarem um exercício físico simples, com a técnica correcta, para manterem o corpo saudável. Escolhe um grupo etário específico, escolhe um exercício físico que conheças e descreve a sua técnica, como se estivesses a comunicar com os teus potenciais alunos.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e analisaste um *Curriculum Vitae*;
- › identificaste a estrutura de um *Curriculum Vitae*;
- › comparaste a estrutura do *Curriculum Vitae* e a da carta oficial;
- › distinguiste palavras compostas de palavras primitivas;
- › distinguiste palavras compostas por justaposição de compostas por aglutinação;
- › resolveste exercícios sobre palavras compostas;
- › produziste uma carta oficial e um *Curriculum Vitae*;
- › descreveste a técnica correcta de realização de um exercício físico;
- › debateste as vantagens da prática do desporto.

15

TEXTOS JORNALÍSTICOS

TEMA TRANSVERSAL

- Prevenção de doenças: diabetes

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar entrevistas a colegas da turma
- Usar o tipo de linguagem adequado para entrevistas
- Classificar as orações subordinadas relativas, integrantes, causais e consecutivas
- Visitar um Centro de Saúde a fim de recolher folhetos sobre diabetes



Na unidade 3, leste um texto expositivo/explicativo, onde aprendeste o que é a diabetes, os grupos populacionais em risco de serem portadores de diabetes, os sintomas típicos e as formas de diagnóstico da doença, os tipos e as formas de prevenção da doença. Leste, também, uma entrevista sobre o pé diabético. Entrevistaste uma personalidade sobre a vida dos diabéticos. Realizaste uma pesquisa sobre o conhecimento de um determinado grupo de pessoas em relação à diabetes.

Nesta unidade, vais aprofundar e consolidar o teu conhecimento sobre a diabetes. Para isso, começa por ler o texto que se segue.

1

OMS estima que a diabetes deva alcançar 333 milhões de pessoas em 2025

Um estudo recente divulgado pela Organização Mundial de Saúde, OMS, revela que as principais causas de morte no mundo mudarão em 25 anos e a América Latina será uma das regiões onde esta mudança será mais evidente. Segundo o trabalho, em 2030, a *diabetes mellitus* será a segunda causa de morte na América Latina, enquanto a SIDA ocupará o quarto lugar. Assim, a diabetes duplicará o seu impacto e, em comparação com os 5% de mortes que provoca actualmente, passará a causar 10% dos óbitos, enquanto a SIDA, que hoje é a 10.ª causa de falecimento, representará 4,8%, contra os 2,5% actuais.

De acordo com os indicadores da OMS, o mundo já vive uma epidemia de diabetes. Em 1985, a doença atingia aproximadamente 30 milhões de pessoas. O número aumentou para 135 milhões em 1995 e para 177 milhões em 2000. A entidade estima que a prevalência da diabetes deva alcançar 333 milhões de pessoas em 2025.

Ainda de acordo com a OMS, há uma importante diferença entre o aumento da prevalência da diabetes em países desenvolvidos em comparação com os países em desenvolvimento. As estimativas para 2030 são as de que a maioria das pessoas com diabetes nos países desenvolvidos terá 65 anos de idade ou mais. Em contrapartida, a maioria dos pacientes com diabetes nos países em desenvolvimento terá de 45 a 64 anos de idade – idades mais produtivas.

“As projecções feitas pela OMS são preocupantes, uma vez que o portador de diabetes tem um risco 29 vezes maior de ter um comprometimento sério da visão que o não-portador da doença”, afirma o oftalmologista Virgílio Centurion, director do Instituto de Moléstias Oculares, IMO. Em relação à saúde ocular, o



melhor caminho para evitar complicações é a prevenção. “A *diabetes mellitus* provoca uma série de reacções no organismo que afectam directamente a saúde ocular, predispondo o paciente a complicações na córnea e propiciando o aparecimento de catarata e de glaucoma. Além disso, favorece a formação da retinopatia diabética, a maior causa de cegueira permanente em indivíduos economicamente activos”, explica Virgílio Centurion.

A diabetes e a visão

As células do epitélio corneano do diabético não têm a mesma aderência que a dos não-diabéticos. Em procedimentos cirúrgicos, nos quais a córnea tende a perder o epitélio com maior facilidade e frequência, o paciente diabético tem a cicatrização e o repovoamento das células mais demorados. “Essa fragilidade do organismo pode ser a porta de entrada para infecções oportunistas, blefarites e úlceras”, explica o oftalmologista Edson Branzoni Leal.

A seguir, o médico Edson Branzoni Leal, que é especializado no tratamento das moléstias oculares do

portador de diabetes responde a algumas perguntas sobre as principais complicações que a doença acarreta à visão:

Porque o paciente diabético está mais susceptível ao aparecimento da catarata?

EDSON BRANZONI LEAL – A catarata é mais prevalente na população diabética devido ao sorbitol (poliálcool resultante do metabolismo do açúcar) que se acumula no cristalino. Em situações de hiperglicemia, o cristalino absorve água e fica entumecido, o que provoca miopia no paciente. À medida que a taxa de açúcar no sangue retorna aos níveis normais, o cristalino desidrata-se e volta ao tamanho original. A repetição dessa situação altera as fibras da estrutura do cristalino, provocando a sua opacificação. Isso explica a maior predisposição dos diabéticos a sofrerem de cataratas mais cedo e com mais frequência.

Além das cataratas, quais são as outras doenças oculares que acometem com maior frequência o portador de diabetes?

EDSON BRANZONI LEAL – A falta de controlo da glicemia também pode afectar os exames de refração, acusando miopia inexistente ou maior do que a presente em situações de glicemia normal. É fundamental que o oftalmologista tenha informações precisas sobre a taxa de glicemia do paciente antes de prescrever óculos. A diabetes também é um factor de risco para o surgimento do glaucoma. A alteração química no organismo provoca a degeneração de vários tecidos, o que acaba por afectar o trabeculado e, conseqüentemente, o escoamento do humor aquoso, o que aumenta a pressão intra-ocular e provoca o glaucoma secundário a essa degeneração.

Como surge a retinopatia diabética?

EDSON BRANZONI LEAL – Com as alterações químicas provocadas pela diabetes no organismo, as paredes dos vasos sanguíneos tornam-se gradativamente mais frágeis, propiciando a oxidação dos vasos e hemorragias. A retinopatia diabética está relacionada com as alterações na microcirculação sanguínea retiniana.

Este processo envolve o aparecimento de microaneurismas, dilatações de vasos capilares, isquemia, vazamento de plasma, oclusão capilar e, se não houver tratamento e controlo, a neovascularização, que caracteriza o estágio mais avançado da doença, denominada retinopatia diabética proliferativa. A forma não proliferativa da doença, prevalente em 90% dos casos, geralmente provoca baixa de visão discreta a moderada, principalmente se houver edema macular, enquanto a forma proliferativa causa baixa de visão acentuada.

Como deve ser tratada a retinopatia diabética?

EDSON BRANZONI LEAL – O mais eficiente tratamento da retinopatia diabética ainda é evitar que ela ocorra, por meio do controlo severo da glicemia, da tensão arterial; do combate à obesidade e ao sedentarismo e do corte do cigarro. As medidas preventivas retardam ou evitam o aparecimento da doença em 50% dos casos e tornam a sua evolução lenta e o tratamento menos traumático até 75% dos casos. O controlo da diabetes requer também a visita constante ao oftalmologista e a harmonia de acção entre este profissional e os demais especialistas que acompanham o paciente. Recomenda-se que o portador da diabetes tipo 1 procure o oftalmologista, no máximo, cinco anos depois de diagnosticada a doença e que o portador da diabetes tipo 2 o faça logo que seja confirmado este diagnóstico. Nos dois casos, quanto mais precoce for o diagnóstico da retinopatia diabética, maiores são as opções de tratamento e controlo da doença. O paciente diabético deve fazer controlo oftalmológico anual ou a critério do médico que o acompanha.



Como a fotocoagulação auxilia o tratamento da retinopatia diabética?

EDSON BRANZONI LEAL – Durante a fotocoagulação, o oftalmologista mira um raio laser na retina para selar os vasos sanguíneos, com pequenas aplicações, reduzindo o edema macular. Para tratar a formação de vasos sanguíneos anormais (neovascularização), as aplicações são espaçadas ao longo das áreas laterais da retina. As pequenas cicatrizes resultantes da aplicação do laser reduzem a formação de vasos sanguíneos anormais e ajudam a manter a retina sobre o fundo do olho evitando o descolamento da retina.

Quais as novidades no tratamento da retinopatia diabética, principalmente as que se relacionam com o edema macular diabético?

EDSON BRANZONI LEAL – A tomografia de coerência óptica é um dos mais recentes exames complementares utilizados no diagnóstico das doenças da retina e do vítreo, consistindo na obtenção dos cortes transversais da retina e interface vítreo-retiniana. O oftalmologista recorre a esta técnica no diagnóstico precoce e acompanhamento do edema macular diabético. Esta capacidade de poder estabelecer a espessura e o volume macular é de especial importância para o acompanhamento da evolução da injeção intravítrea de várias drogas utilizadas no tratamento, como corticóides e inibidores da angiogénese.

in <http://www.lerparaver.com>
consultado a 20.07.2010 (adaptado)

Ler – Compreender

1. Aponta os dados indicativos de que a diabetes é já uma epidemia mundial.
2. Identifica as diferenças existentes entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento em relação à prevalência da diabetes.
3. Vários problemas de saúde ocular podem ser provocados pela diabetes: cataratas, glaucomas e retinopatias diabéticas.
 - 3.1. Explica por que razão os diabéticos estão mais sujeitos a estas doenças do que as outras pessoas.
 - 3.2. Aponta a razão pela qual o paciente diabético está mais predisposto a sofrer de cataratas.
 - 3.3. Indica o motivo por que o paciente diabético está mais sujeito a glaucomas.
 - 3.4. Identifica a causa principal da retinopatia diabética.
 - 3.5. Identifica as formas de tratamento da retinopatia diabética e explica por que razão esta doença deve ser cuidadosamente controlada e tratada.
 - 3.6. Explica que exame foi recentemente introduzido para o diagnóstico da retinopatia diabética.
4. O texto que leste resulta de um trabalho jornalístico que incluiu uma entrevista.
 - 4.1. Descreve a sua estrutura.

Funcionamento da Língua

FUNÇÕES DO *QUE* – PRONOME RELATIVO, CONJUNÇÃO INTEGRANTE, CAUSAL E CONSECUTIVA

Na 9.ª classe, estudaste as orações subordinadas relativas, subordinadas integrantes e subordinadas consecutivas. Verificaste, portanto, que o *que* pode ter diferentes funções. Além das funções já estudadas, ele pode também funcionar como uma conjunção causal. A seguir, apresentamos alguns exemplos das várias funções do *que*.

Valores da forma <i>que</i>		
Pronome relativo	Introduz orações subordinadas relativas e, regra geral, substitui o termo referido anteriormente.	<i>A rapariga que entrevistei ontem é diabética.</i> <i>A retinopatia diabética, que é uma doença ocular, afecta os portadores da diabetes.</i> (No primeiro exemplo, o pronome <i>que</i> substitui a expressão "a rapariga" e, no segundo exemplo, a expressão "A retinopatia diabética".)
Conjunção integrante	Introduz orações subordinadas integrantes que completam o sentido do verbo da primeira oração e exercem a função de objecto directo.	<i>Um estudo recente revela que as principais causas de morte no mundo vão mudar.</i>
Conjunção causal	Introduz orações subordinadas causais, quer dizer, orações que exprimem causa.	<i>Vamos apressar-nos, que já é hora da consulta.</i>
Conjunção consecutiva	Introduz orações subordinadas consecutivas, isto é, orações que exprimem consequência.	<i>Ele tinha níveis tão altos de hiperglicemia que até perdeu a visão.</i>

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre as funções do *que*

- Identifica as funções do *que* nas frases que se seguem e classifica as orações por ele introduzidas.
 - Estimativas indicam que daqui a 11 anos a diabetes deverá atingir 333 milhões de pessoas.
 - O cristalino absorve tanta água que provoca miopia no paciente.
 - O médico Edson Leal, que se dedica ao tratamento dos problemas de visão dos diabéticos, foi entrevistado.
 - O homem que passou ficou cego por ser diabético.
 - É fundamental que o oftalmologista tenha informações precisas sobre a taxa de glicemia do paciente.
 - Precisamos de ir ao oftalmologista, que o João tem diabetes tipo 2.
 - É necessário evitar que a retinopatia diabética ocorra.
 - Vamos medir a glicémia, que ele já se está a sentir mal.
- Escreve oito frases da tua autoria, onde uses o *que* relativo, integrante, causal e consecutivo. Divide e classifica as orações nessas frases.

Actividade

■ Realiza uma entrevista

Lê o seguinte texto, retirado do sítio da *internet* da Associação de Jovens Diabéticos de Portugal.

Associação de Jovens Diabéticos de Portugal



Estatutos – Capítulo I

CAPÍTULO I

Da denominação, sede e âmbito de acção e fins

Artigo Primeiro

A Associação de Jovens Diabéticos de Portugal é uma instituição particular de solidariedade social com sede em Rua Tierno Galvan, Torre 3, Piso 6, Apartamento 606, 1070-274 Lisboa.

Artigo Segundo

A Associação de Jovens Diabéticos de Portugal tem por objectivos a defesa dos interesses dos jovens diabéticos e a sua promoção social desmistificando a diabetes como doença incapacitante junto dos associados, família e população em geral. O seu âmbito de acção é nacional.

Artigo Terceiro

Para realização dos seus objectivos, a instituição propõe-se criar e manter as seguintes actividades:

- a. encontros de convívio e desportivos;
- b. campos de férias e fins-de-semana para jovens diabéticos;
- c. passeios e actividades lúdicas;
- d. acções de formação e educação sobre a diabetes.

Artigo Quarto

A organização e funcionamento dos diversos sectores de actividades constarão de regulamentos internos elaborados pela Direcção.

Artigo Quinto

1. Os serviços prestados pela instituição serão gratuitos ou remunerados em regime de porcionismo, de acordo com a situação económico-financeira dos utentes, apurada em inquérito a que se deverá sempre proceder.
2. As tabelas de comparticipação dos utentes serão elaboradas em conformidade com as normas legais aplicáveis e com os acordos de cooperação que sejam celebrados com os serviços oficiais competentes.

www.ajtp.org (consultado a 26.07.2010)

Como pudeste constatar, os jovens diabéticos em Portugal estão organizados numa associação, a AJDP, que defende os seus interesses e organiza actividades educativas e recreativas direccionadas tanto para os jovens diabéticos, como para outros jovens.

- Consideras que em Moçambique seria importante criar uma associação similar? Porquê?
- O que pensam outros jovens como tu?



Realiza uma entrevista a um jovem que seja teu colega, amigo ou parente, que te consiga informar sobre a protecção de jovens diabéticos em Moçambique e o apoio que estes poderiam ter, uns dos outros, ou mesmo da sociedade civil, se estivessem organizados numa associação.

1. Prepara o guião da entrevista. Pensa cuidadosamente nas questões que irás colocar e utiliza perguntas directas e indirectas. Ordena as perguntas, de forma a que tenham uma sequência lógica.
2. Depois de teres o guião pronto, troca-o com um ou dois colegas para comentários.
3. De acordo com os comentários que receberes, faz as necessárias revisões do teu guião.
4. Procura o jovem que escolheste e realiza a tua entrevista. Grava as suas respostas ou, se não tiveres gravador, pede-lhe para falar devagar, de modo a que possas registar, por escrito, as suas respostas.
5. Escreve o texto da entrevista, incluindo, pelo menos, uma breve introdução, as perguntas feitas e as respostas obtidas.

■ **Palestra sobre a diabetes**

O teu professor ou o grupo de disciplina de Português vai convidar um agente de saúde para vos dar uma palestra sobre a diabetes. Tu deves estar presente e participar, activamente, nesta actividade. Para isso,

- relê os textos sobre a diabetes que te são apresentados neste livro;

- vai a um centro de saúde ou a um hospital perto da tua casa/escola e tenta encontrar e recolher e/ou ler folhetos e cartazes sobre a diabetes;
- se tiveres oportunidade, visita sítios da *internet* que te dão informações sobre a doença;
- vai à palestra, presta atenção ao agente de saúde e anota as informações que ele te dá e que te parecem importantes;
- reflecte sobre aquilo que o agente de saúde diz e tenta formular perguntas que possas colocar, quando derem a palavra à audiência;
- pede a palavra, levantando a mão e, quando ta derem, coloca as questões ou faz os comentários que desejares (mostra que, realmente, estiveste atento ao palestrante e te preparaste para o evento, lendo sobre o assunto principal da palestra);
- interage com o agente de saúde e com os teus colegas, no momento da discussão alargada do tema.



■ Investigação

É sabido que o consumo de álcool em excesso e de drogas é prejudicial à saúde física e mental do ser humano. A situação ainda se torna mais grave quando a pessoa em causa sofre de uma doença como a diabetes.

Propomos-te que consultes todo o material que recolheste até agora sobre a diabetes e procures explicar as consequências do consumo de drogas e álcool para um diabético.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste uma entrevista;
- › realizaste uma entrevista, utilizando perguntas directas e indirectas;
- › adquiriste e divulgaste conhecimentos sobre as causas e efeitos da diabetes;
- › reflectiste sobre diferentes funções do *que*: pronome relativo, conjunção integrante, causal e consecutiva;
- › produziste frases com orações subordinadas relativas, integrantes, causais e consecutivas.

16

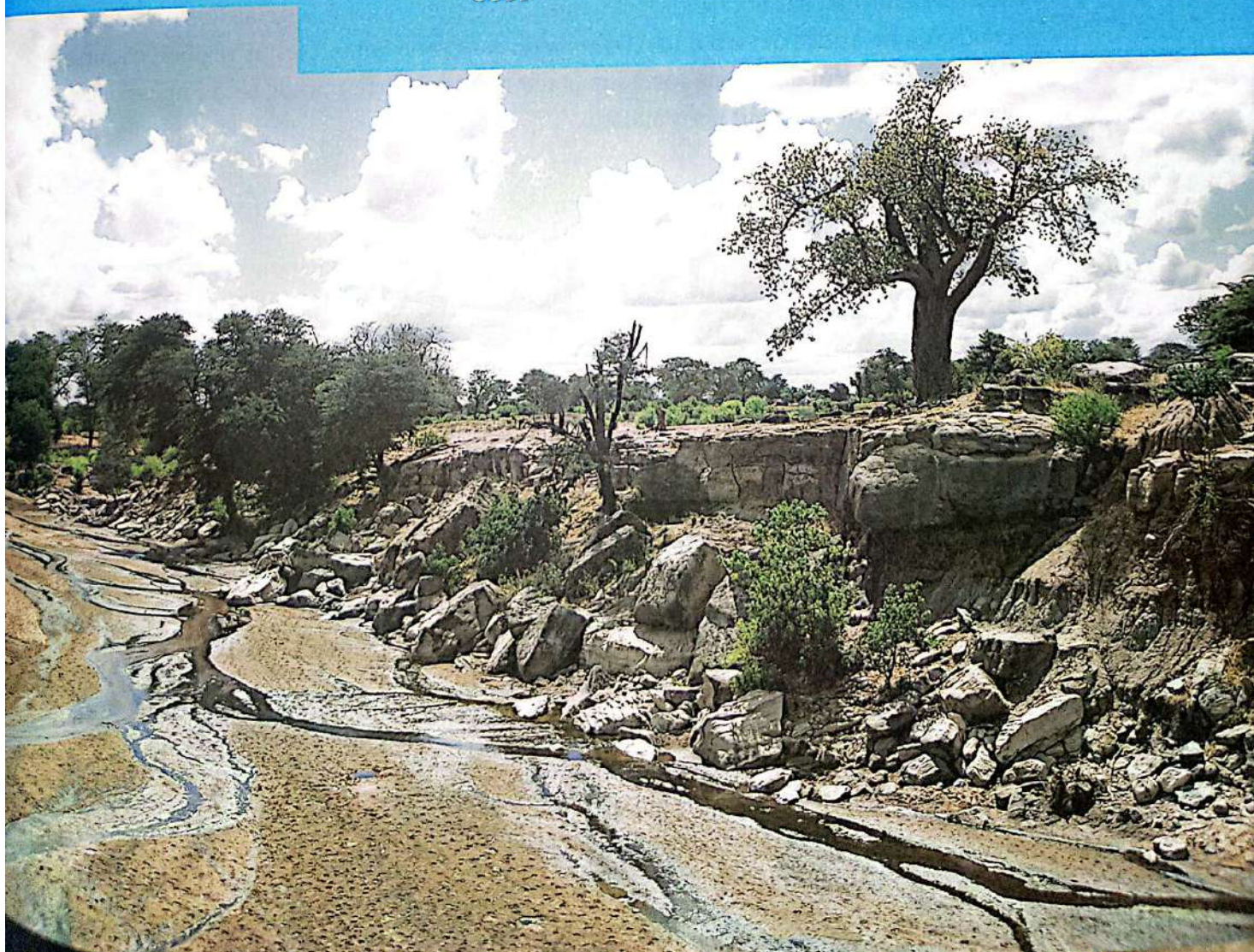
TEXTOS MULTIUSOS

TEMA TRANSVERSAL

- Desastres naturais: seca

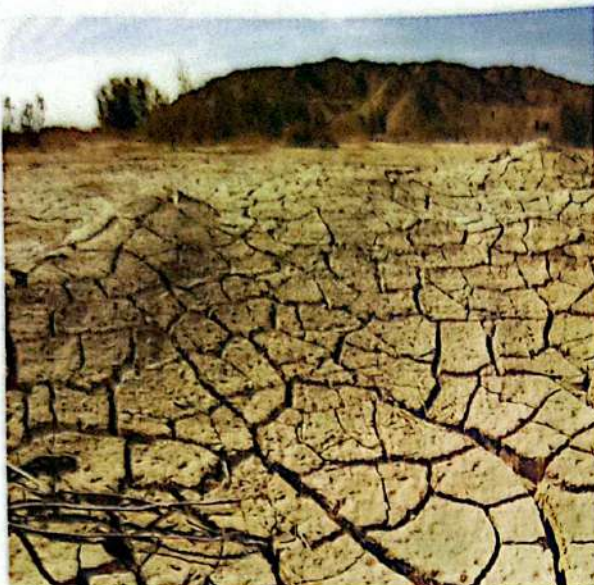
OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar e produzir textos expositivos/explicativos e expositivos/argumentativos
- Flexionar os adjetivos e os substantivos, quanto ao género, número e grau
- Participar em campanhas de solidariedade às vítimas da seca



Lê o texto abaixo e responde ao questionário.

TEXTO



A seca ou estiagem é um fenômeno climático causado pela insuficiência de precipitação pluviométrica ou chuva numa determinada região por um período de tempo muito grande.

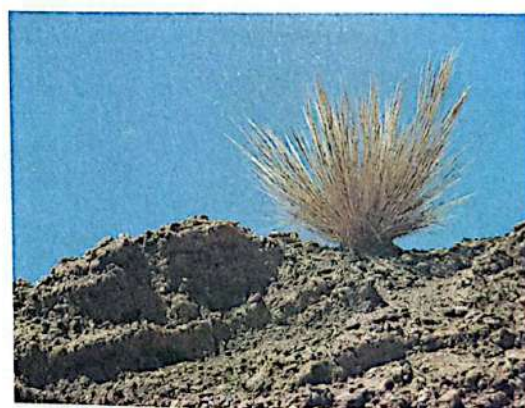
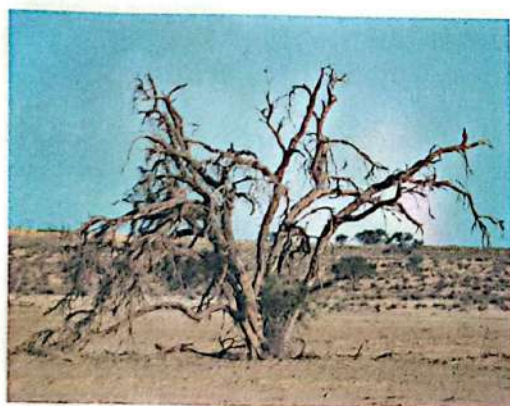
Existe uma pequena diferença entre seca e estiagem, pois a estiagem é o fenômeno que ocorre num intervalo de tempo, ou seja, a estiagem não é permanente, enquanto a seca é permanente.

A seca provoca desequilíbrios hidrológicos importantes. Normal-

mente, a ocorrência da seca dá-se quando a evapotranspiração ultrapassa, por um período de tempo, a precipitação de chuvas.

As secas podem ser geradas pelos mais diversos fenômenos climatológicos. Em função disso, criou-se uma tipologia da seca. Assim, temos:

Seca permanente, caracterizada pelo clima desértico, onde a vegetação se adaptou às condições de aridez devido à inexistência de cursos de água. Nestas regiões, os cursos de água aparecem depois de fortíssimas tempestades. Este tipo de seca impossibilita a agricultura sem irrigação permanente.



Seca sazonal: A seca sazonal é uma particularidade de regiões onde o clima é semi-árido. Nestas regiões, a vegetação reproduz-se porque os vegetais adaptados geram sementes e morrem em seguida, ou mantêm a vida em estado latente durante a seca. Os rios só sobrevivem se a sua água for oriunda de outras regiões onde o clima é húmido. Este tipo de seca possibilita o plantio, por sistema de irrigação.

Seca irregular e variável: A seca irregular pode ocorrer em qualquer região onde o clima seja húmido ou sub-húmido. É caracterizada por apresentar variabilidade climática do ponto de vista estatístico. É um tipo de seca cujo período de retorno é breve e incerto. Normalmente, abrange áreas reduzidas e não grandes regiões. Não ocorre numa estação definida e a sua ocorrência é imprevisível, isto é, não há um ciclo bem definido para a sua ocorrência.



Seca “invisível”: Este tipo de seca é o pior de todos, pois a precipitação não é interrompida; porém, o índice de evapotranspiração é maior do que o índice pluviométrico, causando um desequilíbrio da humidade regional. Este desequilíbrio gera uma redução da humidade do ar que, por sua vez, aumenta o índice de evapotranspiração, realimentando a perda de humidade subterrânea

para a atmosfera, que devolve esta em forma de chuva, porém não suficiente para aumentar a humidade do solo.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Seca> (consultado a 05.08.2010)

Ler – Compreender

1. Aponta os aspectos comuns e distintivos da seca e da estiagem.
2. Identifica o factor principal de diferenciação dos tipos de seca.
3. Copia do texto um acto de fala para:
 - a. definir;
 - b. explicar.
4. Das hipóteses apresentadas, assinala o argumento que justifica a afirmação seguinte.
O tempo verbal predominante neste texto é o presente do modo indicativo,
 - a. porque o texto narra factos.
 - b. porque o texto descreve uma realidade.
 - c. porque o texto apresenta uma verdade que perdura.
 - d. porque o texto explica determinados factos.
5. Atribui um título adequado ao texto.
6. Achas que este é um texto expositivo/argumentativo? Justifica a tua resposta.



Secas e cheias em Moçambique

Moçambique está sob alerta laranja

Moçambique está sob um alerta laranja devido à iminência de seca. O país poderá ainda vir a ser atingido em simultâneo por cheias e secas nos próximos meses.

Dada a situação, o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) activou mecanismos de monitoria e preparação para fazer face à situação calamitosa prevista.

A região a ser mais afectada é o sul do país, onde a escassez de chuva se deve manter até Dezembro.

João Ribeiro, Director do INGC, diz que, apesar de algumas medidas de mitigação, as populações já começam a ressentir-se da situação. Ele testemunhou a ocorrência numa visita à região efectuada há algumas semanas. “Em alguns povoados, as populações têm de percorrer até 20 km para obterem água, muitas vezes salobre.” Ribeiro acrescenta que, em muitos locais, os poços onde era possível obter água a uma profundidade até 20 metros já secaram.

O “alerta laranja” institucional significa que todas as instituições do Governo, incluindo a Administração local e a polícia, devem estar atentas.

Na entrevista feita, Ribeiro explicou que o “Alerta Laranja” abrange todo o país. “Sabemos que tem havido bolsas de seca em todo o país. Neste momento estamos a assistir 350 famílias”. Isto representa aproximadamente 1500 pessoas, um número que poderá entretanto subir e juntar-se assim aos cerca de 300 mil moçambicanos que se estima que necessitem actualmente de ajuda de emergência.

A combinação de cheias e secas ocorridas nos últimos anos em Moçambique pode voltar a afectar o país brevemente, como indicam as previsões meteorológicas. “Esta seca é pior do que a do ano passado, mas em 2007 tivemos mais pessoas a receber assistência.”

BBC ÁFRICA, 28.10.08, in <http://www.diariodaafrica.com/2008/10/secas-e-cheias-em-moambique.html>, consultado a 29.07.10 (adaptado)



Ler – Compreender

1. O título do texto é "Secas e cheias em Moçambique".
 - 1.1. Como são normalmente designados estes dois fenómenos?
 - 1.2. Que medidas as instituições formais devem tomar numa situação de secas ou cheias?
2. Divide o texto em partes, nomeia-as e explica a função de cada uma delas.
3. Presta atenção ao primeiro parágrafo do texto. Achas que neste parágrafo se dá resposta a todas as questões de um parágrafo-guia?

Exercícios de Funcionamento da Língua

Flexão dos adjectivos e substantivos em género, número e grau

1. Assinala com X a única alínea em que todas as palavras sublinhadas são adjectivos.
 - a. O boletim meteorológico anunciou uma queda de fortes chuvas.
 - b. As cheias e secas ocorridas nos últimos anos podem voltar a afectar o país brevemente.
 - c. Nas regiões afectadas pela seca, há escassez de alimentos.
 - d. A seca ou estiagem é um fenómeno climático causado pela insuficiência de precipitação pluviométrica.
2. Forma adjectivos a partir dos substantivos destacados, conforme o exemplo:

liberdade do cidadão → cidadão livre

 - a. *época da chuva* → _____
 - b. *fenómeno do clima* → _____
 - c. *precipitação pluviosidade* → _____
 - d. *clima do deserto* → _____
 - 2.1. Classifica os adjectivos formados quanto à variação em género.
 - 2.2. Dá exemplos da variação em género, usando as outras formas possíveis dos adjectivos em frases da tua autoria.
3. Com os adjectivos formados em 2, constrói frases da tua autoria.
4. Indica o grau dos adjectivos sublinhados.
 - a. A seca "invisível" é a pior de todos os tipos.
 - b. A região sul do país é a mais afectada pela seca no país.
 - c. Na seca "invisível", o índice de evapotranspiração é maior do que o índice pluviométrico.
 - d. As populações percorrem distâncias muito longas em busca de água potável.
 - e. O INGC emitiu um alerta máximo de ocorrência de seca no país.

Avalia o que aprendeste

■ "A calamidade que eu vivi"

Depois de analisares a notícia sobre o "alerta laranja" para a seca e as cheias em Moçambique, procura agora relembrar um momento de calamidades naturais por ti vivido e produz um texto expositivo/explicativo.

No texto que produzires deves descrever e explicar o que aconteceu. Para tal, não te esqueças de usar actos de fala para informar e explicar. Deverás também escrever com correcção, de modo a evitares erros ortográficos. O teu texto não deve exceder uma página.

■ "Vamos apoiar as vítimas dos desastres naturais"

Nesta actividade, poderás demonstrar a tua solidariedade para com as vítimas dos desastres naturais.

Com os colegas do teu grupo, produz um pequeno discurso expositivo/argumentativo de sensibilização das pessoas para o apoio às vítimas. É importante que no teu texto apresentes argumentos suficientes para convencer as pessoas a aderirem à campanha.

Lembra-te, também, de indicar o tipo de apoio que as pessoas podem dar às vítimas.



Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste textos expositivos/explicativos sobre a seca;
- › resolveste exercícios sobre a variação dos adjectivos e dos substantivos, quanto ao género, número e grau;
- › distinguiste textos expositivos/explicativos de textos expositivos/argumentativos;
- › produziste textos expositivos/explicativos e textos expositivos/argumentativos.

17

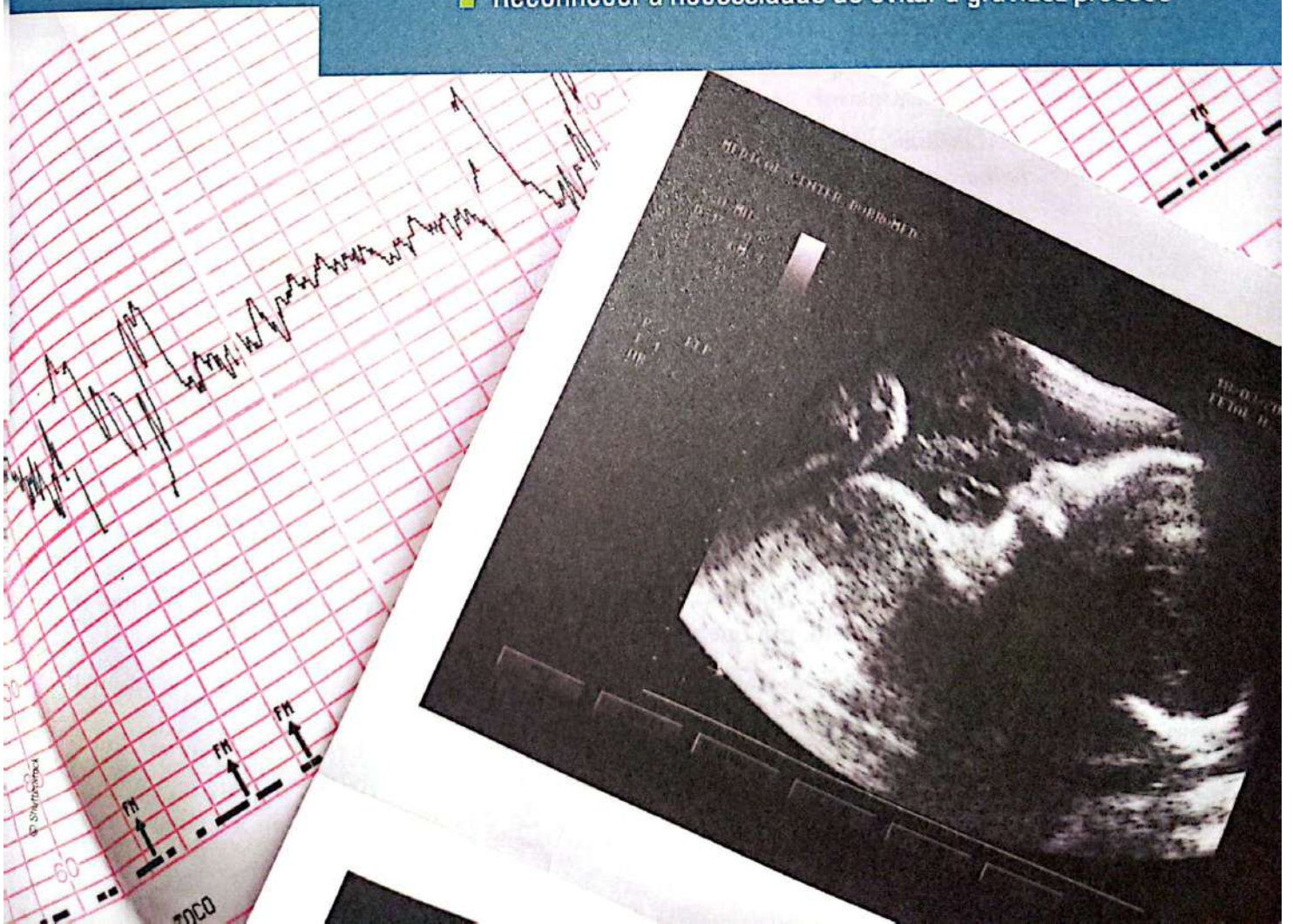
TEXTOS LITERÁRIOS

TEMA TRANSVERSAL

- Gravidez precoce e suas consequências

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Interpretar e representar textos dramáticos
- Transformar textos dramáticos em narrativos
- Classificar a função dos adjectivos em frases retiradas do texto
- Elaborar frases aplicando verbos irregulares *trazer, ver e conseguir*
- Reconhecer a necessidade de evitar a gravidez precoce



Lê o texto abaixo e responde ao questionário.

1

PRIMEIRO ACTO

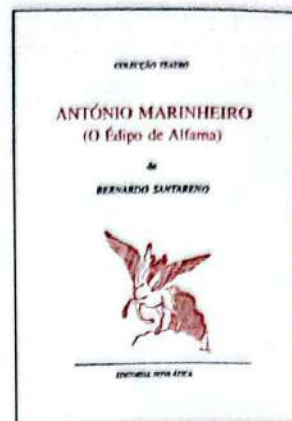
O compartimento de entrada, em casa pobre de Alfama: um velho guarda-loiça, uma mesa redonda de centro, uma máquina de costura, cadeiras, etc.

Ao fundo, a porta da rua; ainda ao fundo, mas mais à direita, uma janela. À esquerda, uma porta que dá para o quarto de Bernarda (que serve também de cozinha).

À direita, porta para o quarto de Amália. Estas duas portas interiores apresentam, em toda a altura, cortinas de rede ou tecido adequado. Através da janela e da porta da rua, quando abertas, vê-se a frontaria duma taberna típica, além de outros elementos cenográficos definidores do ambiente de Alfama; por cima da taberna, um candeeiro antigo de iluminação pública, tipo lanterna grande.

No interior da casa de Amália, cavado numa das paredes, um nicho com a imagem de Santo António, em barro; em sítio adequado, um retrato do falecido marido de Amália; sobre a mesa, um candeeiro de petróleo; na pedra do guarda-loiça, um vaso de manjerico, etc.

É o fim duma tarde de inverno: luz froixa. Quando o pano sobe, Amália passa roupa a ferro e Bernarda, sentada perto da janela semiaberta, cose à mão um pano verde. As duas mulheres estão vestidas de preto. Laboram em silêncio; crispada, sombria, a expressão dos rostos.



CENA I

BERNARDA

(Levanta-se, sempre calada, e vai buscar uma qualquer peça do vestido em que trabalha: esta, como muitas outras, está pendurada num dispositivo feito com o nó aberto duma corda suspensa do tecto; não chega lá.) Pronto! É escusado avisar-te... Ó mulher, tu não sabes que eu não alcanço aquilo?!... Irra, isto é uma danação! Estou fartinha de te dizer: o que for pra eu coser, quero-o cá em baixo!...

AMÁLIA

(Levanta-se, sobe a uma cadeira e tira o pano, entregando-o a Bernarda.) Tome lá: é isto?

BERNARDA

(Examinando a peça.) Parece que sim... É, é esta! (explodindo:) Ó Amália, corta-me essa maldita corda!: Que diabo, já viste alguém usar uma geringonça dessas, pra pendurar a roupa?! Qualquer dia, cais daí abaixo e partes uma perna... Arranja um cesto, que raio! Sim, pra que serve isso?!...

AMÁLIA

(Metendo a cabeça pelo nó aberto da corda: ironia triste.) Olhe, não vê? Pra me enforcar... (Desce da cadeira e volta à tarefa anterior.) Assim, a gente tem a certeza de que não desaparece nada: Lembre-se do que aconteceu, com a manga daquele vestido da senhora Ercília...

ANINHAS

(*Na rua, a bater à janela.*) Senhora Bernarda!?... Ó senhora Amália!!?

BERNARDA

(*Que vai abrir a janela: com enfado, a voz cansada.*) Diz lá menina...? Que queres tu, Aninhas?...

ANINHAS

(*Mostrando a cabeça, através da janela.*) A minha mãe manda dizer, se tem um bocadinho de açúcar que lhe empreste...?

AMÁLIA

(*Sem levantar os olhos do trabalho.*) Dê-lhe, mãe...

BERNARDA

(*Dirigindo-se, pesadamente, para a porta da rua.*) Açúcar, batatas, sal...: é tudo! (*A imitar Amália:*) Dê-lhe, mãe! Dê-lhe, mãe!... Ai, a casa é abonada, não haja dúvida! (*Abre a porta:*) Entra, menina!

CENA II

ANINHAS

(*Que entrou: beijando Bernarda na face.*) Boa tarde, senhora Bernarda! (*A mostrar um púcaro de esmalte:*) É só uma pitadinha ... pró café do meu irmão...

BERNARDA

(*Tomando, com rudeza, o púcaro das mãos de Aninhas.*) Ai, descansa... está descansadinha que levas pouco! essa te garanto eu ... (*Sai pela porta da esquerda, resmungona.*)

CENA III

ANINHAS

(*Para Amália.*) Está zangada, a senhora Bernarda?!

AMÁLIA

(*Sorriso triste.*) Isso sim, Aninhas!: é modo dela...

ANINHAS

(*Nos bicos dos pés.*) Quero dar-lhe um beijo, senhora Amália!...

AMÁLIA

(*Ternura.*) Pois sim, filha ... (*Volta-se para beijar Aninhas: de tal modo, que uma tigela com água quente, que servia para borrifar a roupa, cai sobre as mãos da menina; esta chora e grita aflitivamente. Horrorizada, a limpar as mãos da criança ao avental:*) Ai, Jesus! o que eu fiz!!... Meu Deus, meu Deus!... Dói?... dói-te muito filha?... O que eu te fiz... o que eu te fiz!?... (*Beija as mãos de Aninhas.*) Mãe! Ó

Mãe!?... *(Aparece Bernarda, à porta. A chorar:)* Queimei-a, mãe!... Olhe, olhe p'r'aqui... Queimei-lhe as mãos!... Jesus, Jesus Senhor!... *(Aninhas continua a gemer.)*

CENA IV

BERNARDA

(Assustada.) Deixa ver, Aninhas... deixa cá ver... *(Observa as mãos da menina:)* Não... não é nada!: A água já não estava muito quente..., Ora, isto passa num ar! vais ver, vais ver... Espera, espera aí um instante: vou buscar azeite *(sai pela porta da esquerda, voltando logo a seguir com a garrafa do unto.)*

AMÁLIA

Depressa, mãe!: antes que isto empole... *(Bernarda besunta as mãos de Aninhas com o azeite.)* Pobre criancinha!... Veja a minha cabeça, mãe: não sei como fiz isto... *(Muito nervosa, a bater com as mãos na cabeça:)* Estou doida... doida varrida; só faço mal... só mal!! *(Solução descontrolada.)*

BERNARDA

Pronto, Aninhas... E agora? Já não te dói tanto pois não?... Espera aí... *(vai buscar dois lenços, com os quais liga as mãos da criança.)* Ó Amália, cala-te, mulher: isto não é nada!?...

CENA V

ROSA

(Entra aflita, empurrando a porta da rua: Corre para Aninhas, abraçando-a.) Ai, Jesus! Ai, a minha filhinha!... Que foi isto?!... Vamos pró hospital, vamos já!... Mostra, filha: quero ver, quero ver! *(Agressiva:)* Quem foi? Quem foi?!...

BERNARDA

(Severa.) Não é nada, Rosa. Não grites! Daqui a pouco, junta-se gente à porta... Não grites, já te disse!! *(para duas Mulheres que, na rua, espreitam através da porta aberta.)* Eh, criaturinhas! andando! andando... Ala, ala!... *(Fecha a porta, com estrondo.)* Coscuvilheiras! *(Irada, para Rosa:)* Acaba com a choraminguice, cala-te!

ROSA

Dói muito, Aninhas?... dói?...

ANINHAS

(Mimo.) Dói. ...

ROSA

(Brutal.) Que raio de gente esta!: Como diabo fizeram isto à criancinha?! Nunca eu a tivesse cá mandado...

BERNARDA

Pronto, aí vem o coice! És pobre e mal agradecida, benza-te Deus...



AMÁLIA

(Torturada.) Fui eu, Rosa... fui eu!: Não sei... ia a virar-me... foi sem querer...
(Numa explosão de choro:) Leva a menina, Rosa! Leva-a daqui!! Estas minhas mãos estão amaldiçoadas: onde elas tocam, é isto que se vê... Sou eu, Rosa. Sou eu, sou eu!...

BERNARDA

(Censura.) Ó Amália, tu sempre...

AMÁLIA

É verdade. é verdade!: Tudo aquilo em que toco se estraga... Não deixes vir aqui a menina, Rosa, digo-te eu! Não deixes...

BERNARDA

(Autoridade.) Sossega, Amália. Toma tento nessa cabeça...

AMÁLIA

Eu ando a cumprir um fadário, mãe: isto é castigo, é castigo! As minhas mãos não merecem tocar numa criancinha... Deus não se esquece, não... nunca se esquece!
(Ansiosa, terna e assustada:) Guarda bem os teus filhinhos, Rosa! não os largues, não os percas de vista...

ROSA

(Admirada, Aninhas já não chora.) Ó Amália, mas...? Pronto, não te aflijas, mulher!... Já não te dói pois não, Aninhas?... Isto não há-de ser nada ...

BERNARDA

(Dando o púcaro a Rosa.) Pega, leva o açúcar.

ROSA

Obrigadinha, senhora Bernarda!

BERNARDA

É pouco: tem paciência. Mas isto, agora, mudou de figura: Nesta casa, já não há ganho de homem. *(Pausa breve.)* Estamos p'r'aqui duas mulheres... duas pobres mulheres, Rosa!... E, cá p'lo meu lado, já pouco faço... Ai, ai!... A vida, a vida... Dantes outro galo cantava! Ora, dantes...

AMÁLIA

(Retomando o trabalho: dor viva.) Dantes, tinha o meu homem vivo.

ROSA

(A querer restituir o açúcar.) Se faz falta, eu...

BERNARDA

Leva, Rosa. Podes levar.

AMÁLIA

(Absorta, suspendendo a tarefa.) Mataram-mo. Mataram-me o meu marido, Rosa...

ROSA

(Curiosidade.) Acabou hoje o julgamento, não foi?...

AMÁLIA

(Desalento, encolhendo os ombros.) Mataram-mo. Agora, p'r'aqui estou, sozinha...

BERNARDA

Julgamentos... tribunais... juízes: mentiras, Rosa! poucas vergonhas!! *(ódio:)* Soltaram-no! absolveram o assassino!! Vê lá tu,!... vê lá tu!...

ROSA

(Estupefacta.) Não me diga, senhora Bernarda!!!?

AMÁLIA

Foi no peito, Rosa: cravou-lhe a faca mesmo no centro do coração... *(Horror:)* Varou-o, de lado a lado! *(ódio:)* E anda à solta... aquele malvado, a estas horas, anda por aí livre: ri-se da gente, goza, come e bebe!... *(Mágoa infinita:)* Atravessou-o de lado a lado, Rosa! Num segundo, acabou com ele num relâmpago: o tempo de a gente levantar os olhos pra Deus... não mais! *(Apontando para fora.)* Ali... ali, naquela maldita taberna!! A vida dum homem, é como a dum pássaro: um ai a leva!...

BERNARDA

Absolvido, Rosa!!: Isto brada aos céus... Ai, mas Deus não dorme!...

AMÁLIA

(Com outro sentido, que não o de Bernarda. Dolorosamente.) É verdade, minha mãe: Deus não dorme! Vê tudo, nunca se esquece...

ROSA

Dizem que ele, o assassino, é muito novo... um rapazelho ainda!...

BERNARDA

Qual, Rosa!!? É um homem feito: tem vinte anos! *(Com rancor:)* E uma alma mais negra do que este pano... *(mostra o tecido da saia.)*

ROSA

Mas dizem que foi o seu genro, quem o feriu primeiro...

BERNARDA

(Rancor, sempre.) Dizem...

ROSA

Que o outro viu-se obrigado a matar o teu homem, Amália, pra salvar a vida!?!... É o que dizem...

BERNARDA

Foi; foi isso que todas as testemunhas disseram, hoje, naquele tribunal: E eles absolveram-no, está visto! *(Desdém desesperado:)* Ai, juízes, advogados...! *(Fúria:)* Mentiram! mentiram todos!!... O marido da minha Amália era um homem bom, um homem de paz, manso como o perdão de Deus... Mentiram!! *(Mágoa agressiva:)* Então tu já não te lembras do meu genro, Rosa?!...

ROSA

(A medo.) Parece que estava bêbado, senhora Bernarda...?

AMÁLIA

(Cansaço extremo.) Mataram-mo. Mataram-mo, Rosa! O resto... Há três meses, que eu não o tenho!... Quero lá saber desses falatórios! Isso não me importa, Rosa... Só sei que o meu homem está morto... ai, mais morto que esta mesa! Ora, o resto...



ROSA

(Encorajada.) O meu irmão Chico também estava ali na taberna, quando foi a desordem: Viu tudo! Foi o teu defunto marido que implicou com ele: chamou-lhe os piores nomes, provocou-o e, sem mais aquelas, puxou da navalha e deu-lhe um golpe no braço...! O outro, é claro, viu-se ferido, alagado em sangue, e... Olha, Amália, desgraças, desgraças que vêm ter com a gente! Tinha que ser, estava escrito...

BERNARDA

Tivesse eu marido ou filho vivos e tu havias de ver, Rosa, se esse malvado pagava ou não! Assim... Ai, tribunais, justiça...! E depois, viram-no com aquela carinha de anjo... Ó Amália, tu reparaste bem nele, no correr do julgamento? Só queria que visses, Rosa!: Sério, triste, os olhos claros como água... olha, parecia um santinho de altar! *(Feroz:)* Enganou-os! intrujou-os a todos!! A estas horas, anda por aí a rir-se deles, da gente... Maldito! Assassino!!

ROSA

Dizem que é muito bonito!?...

BERNARDA

Bonito, aquele demónio?! *(Levantando as mãos ao alto:)* Jesus! isto brada aos céus!! *(Para Rosa, agressiva:)* Feio, medonho... mais feio que a peste, mais nojento que a cankra negra!... Ai, bonito!?...

ROSA

Pois olhe, senhora Bernarda, que não é essa a opinião das raparigas que o viram lá no tribunal: Uma estampa! um cravo de cheiro!... Credo, o que elas pr'aí apregoam! Se eu te disser, Amália, que há quem tenha ido ao julgamento, só pró ver!!...

BERNARDA

Maldito seja ele mais a cadela tinhosa que o pariu!!!

ROSA

(Para Bernarda.) Isso, é a raiva que você lhe tem: não a deixa ver direito... Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! o estendal que ela fez: até se juntou gente!: Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prá cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... eu sei lá, parecia tonta!

BERNARDA

Grandessíssima cabra!! Eu... eu é que devia ouvir esse sermão...

ROSA

Que ele matou o seu genro em defesa, sem querer... que a um rapaz assim, entregaria sem medo as chaves da sua própria casa... *(Riso brejeiro:)* Ai, o que eu me far-tei de rir!: Nesta altura, apareceu o marido, o Zé Martinho, que lhe deu uma destas estaladas no nariz!... Então é que foi ouvi-la, senhora Bernarda! Com o sangue a correr p'los queixos, o que aquela alminha p'r'ali gritou!: Que o outro o assassino, era um sol; que valia mais um único dos seus cabelos, que o homem dela inteiro; que

antes queria viver com ele uma hora, do que a vida toda com o marido... Pumba! ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhe arriara outra punhada, que a deitou ao chão!!... Pois julgas que ela se calou, Amália? Pôs-se a espernear como doida na calçada, e só dizia, com quantos bofes tinha: É lindo! Está inocente! É lindo, é lindo!!... Olha, uma vergonha. (*Pausa breve; curiosa, inquieta, sensual:*) Ele é realmente assim, tão bonito, Amália?...

AMÁLIA

(*Dorida.*) Eu nunca o vi: Nunca fui capaz de olhar para ele.

ROSA

Desgraças, Amália desgraças!... Anda Aninhas! (*esta, durante as falas anteriores, esteve sempre num canto, entretida com um qualquer brinquedo.*) Vamos, vamos lá... Tenho o meu miúdo com anginas: queria ver se o pequeno bebia uma pinga de café. Por causa dele, não pude ir hoje trabalhar... (*Mudança rápida:*) Ó senhora Bernarda, afinal donde é o rapaz? Aqui, de Alfama, não consta que seja: p'lo menos, ninguém o conhece por cá. A família dele, é claro, foi ao julgamento?...

BERNARDA

Ora! ninguém, nem viv'alma, lá pôs os pés: Aquilo é ortiga ruim, filho de galdéria e de vadio!... Dizem que tem andado sempre embarcado, ao Deus dará, p'las sete partidas do mundo... Assim sempre, desde pequeno.

ROSA

Isso! foi isso que eu li no jornal. Chama-se – como é?... – Marinheiro... António Marinheiro...?! Se calhar – é alcunha... (*Mudança; dando o açúcar a Aninhas e empurrando-a para a rua:*) Vai, filha! Vai prá beira do menino, que eu não me demoro nada... (*Sai Aninhas. À porta, a falar para fora:*) Não te tires de ao pé dele!... (*Entra de novo, cerrando a porta.*)

SANTARENO, Bernardo. *António Marinheiro (O Édipo de Alfama)*. Lisboa: Editorial Nova Ática. 2004. Págs. 9-23

Ler – Compreender

1. No texto que acabaste de ler relatam-se dois acidentes desastrosos.
 - 1.1. Identifica-os.
 - 1.2. Indica o local onde ocorreram.
 - 1.3. Como é que Amália, Bernarda e Rosa reagiram perante cada um dos acidentes?
 - 1.4. Qual dos acidentes consideras que foi mais grave? Apresenta um argumento que sustente a tua opinião.
2. Amália, Bernarda e Rosa são algumas das personagens do texto.
 - 2.1. Identifica as restantes personagens (presentes ou aludidas).
 - 2.2. Identifica a relação de parentesco existente entre as várias personagens.
3. Neste texto, em cada uma das cenas apresentadas, existem indicações cénicas e réplicas (falas) das personagens.
 - 3.1. Indica a função de cada uma destas partes.
 - 3.2. Transforma o texto da cena 3 num texto narrativo.

Funcionamento da Língua

I. ADJECTIVOS: FUNÇÕES SINTÁCTICAS (NOME PREDICATIVO DO SUJEITO E ATRIBUTO)

Observa os adjectivos destacados no seguinte extracto do texto:

"ROSA

(...) *Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! O estendal que ela fez: até se juntou gente!: Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prá cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... eu sei lá, parecia tonta!*"

Os adjectivos *bom*, *inocente* e *tonta* indicam qualidades expressas sobre os nomes a que se referem, por intermédio de um verbo (*ser, estar, permanecer, continuar, ficar, parecer...*), explícito ou não, na frase. Por isso, desempenham a função sintáctica de **nome predicativo do sujeito**.

Observa, agora, os adjectivos destacados na seguinte passagem:

"O compartimento de entrada, em casa pobre de Alfama: um velho guarda-loiça, uma mesa redonda de centro, uma máquina de costura, cadeiras, etc."

Os adjectivos *pobre*, *velho* e *redonda* referem-se, sem intermediário, ao substantivo que os antecede (*casa pobre, mesa redonda*) ou sucede (*velho guarda-loiça*) e formam com ele uma unidade de significação. Neste caso, o adjectivo desempenha a função sintáctica de **atributo**.

II. VERBOS IRREGULARES: TRAZER, VIR E CONSEGUIR

Na 9.ª classe aprendeste alguns verbos irregulares, como *poder, fazer* e *dar*. Observaste que esses verbos sofrem algumas modificações relativamente ao modelo da conjugação a que pertencem, ou seja, sofrem alterações no seu radical ou nas suas terminações, afastando-se do modelo a que pertencem.

Observa as formas dos verbos *trazer, vir* e *conseguir*, nas seguintes frases:

- A. *Aninhas trouxe um púcaro para pôr um pouco de açúcar.*
- B. *O assassino veio fazer pouco da gente, Amália.*
- C. *António Marinheiro conseguiu defender-se da fúria de José.*

Se, por exemplo, conjugares os verbos destacados no pretérito imperfeito do mesmo modo verbal, na mesma pessoa gramatical e número, obterás as formas abaixo destacadas:

- A. *Aninhas trazia um púcaro para pôr um pouco de açúcar.*
- B. *O assassino vinha fazer pouco da gente, Amália.*
- C. *António Marinheiro conseguia defender-se da fúria de José.*

Como se pode ver, estes verbos também sofreram alterações de conjugação verbal, marcada pela variação em tempo. São também **verbos irregulares**.

Avalia o que aprendeste

■ Exercícios sobre as funções sintácticas dos adjectivos (nome predicativo do sujeito e atributo)

1. Sublinha os adjectivos que ocorrem nas seguintes frases.
 - a. O filho mais novo da Rosa sofria de anginas.
 - b. A Rosa mandou a filha mais velha pedir um pouco de açúcar à Bernarda.
 - c. Foi o teu defunto marido que implicou com Marinheiro.
 - d. O assassino parecia um santinho. Sério e muito triste.
 - 1.1. Classifica sintacticamente os adjectivos sublinhados em 1.
2. Constrói duas frases onde o adjectivo tenha a função sintáctica de atributo e duas em que tenha função de nome predicativo do sujeito.

■ Exercícios com os verbos irregulares *trazer*, *vir* e *conseguir*

1. Presta atenção às seguintes frases:
 - a. A Aninhas vinha sempre pedir coisas a casa da Amália.
 - b. A mãe de Aninhas é tão pobre que só consegue sobreviver graças à ajuda dos vizinhos.
 - c. António Marinheiro trouxe desgraça à família de Amália.
 - d. A Rosa vem ver como a Aninhas está.
 - e. Era bom que ele conseguisse meter na cadeia o assassino de José.
 - f. O assassino virá confessar a verdade, ainda que tarde.
 - 1.1. Indica o modo, tempo, pessoa e número da forma verbal sublinhada em cada uma das frases.
 - 1.2. Inicia as frases com os pronomes *eu*, *tu* e *nós*, fazendo as alterações necessárias.
2. Preenche os espaços em branco nas frases que se seguem, colocando os verbos entre parêntesis no tempo e pessoa gramaticais indicados.
 - a. Se _____ (*conseguir* – pretérito imperfeito, indicativo) provar que o assassino do teu marido não agiu em autodefesa, ele jamais seria libertado.
 - b. Tu _____ (*vir* – pretérito imperfeito, indicativo) gozar da nossa desgraça.
 - c. Eu não _____ (*trazer* – presente, indicativo) boas notícias sobre o julgamento do assassino de José.
3. Escreve frases da tua autoria, usando os verbos *trazer*, *vir* e *conseguir* no modo indicado.
 - a. Trazer (modo indicativo)
 - b. Vir (modo conjuntivo)
 - c. Conseguir (modo indicativo)

Actividade

■ "O actor representa"

Depois de teres analisado o texto de Bernardo Santareno, junta-te com os colegas do teu grupo e ensaia a representação da história contada. Para tal, deverás escolher o/a personagem que gostarias de representar e ter em consideração as indicações cénicas para saberes como deves agir e falar.

■ Reflecte e debate

A gravidez precoce é uma das ocorrências mais preocupantes relacionadas com a sexualidade na adolescência, com sérias consequências para os adolescentes, os filhos que vêm a nascer e as suas famílias. Muitas vezes é vista como uma tragédia social, psicológica e económica.

Realiza um debate com os teus colegas sobre as consequências da gravidez precoce para os novos "pais" adolescentes, as crianças que nascem e as suas famílias. No teu debate, procura abordar as seguintes questões:

- Que sentimentos e medos uma adolescente precocemente grávida pode ter? Por que razão é que muitas adolescentes grávidas optam pelo aborto?
- Que sentimentos e medos um jovem adolescente que engravida a sua namorada, também adolescente, pode ter?
- Que sentimentos e medos poderão ter os pais de adolescentes que vão ter uma criança não planeada?
- Até que ponto a gravidez precoce pode ser vista como uma tragédia? Como é que essa tragédia pode ser minimizada?

■ Actividade de pesquisa

O consumo de álcool e drogas é um problema grave que afecta a sociedade moçambicana em geral. Mas quando o consumo destas substâncias é feito pela mulher grávida torna-se muito mais grave, pelas consequências que poderá vir a ter no novo ser que está a ser gerado.

Propomos-te que faças uma pesquisa na Internet, em jornais, revistas, etc., sobre as consequências do consumo de álcool e drogas não só na mulher grávida mas também no seu bebé.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

- › leste e interpretaste um texto dramático;
- › representaste um texto dramático;
- › transformaste um texto dramático em texto narrativo;
- › analisaste a função dos adjectivos em frases do texto ou recriadas a partir do texto;
- › construístes frases com os verbos irregulares *trazer*, *vir* e *conseguir*;
- › debatestes as tuas ideias com os teus colegas sobre as desvantagens da gravidez precoce.

18

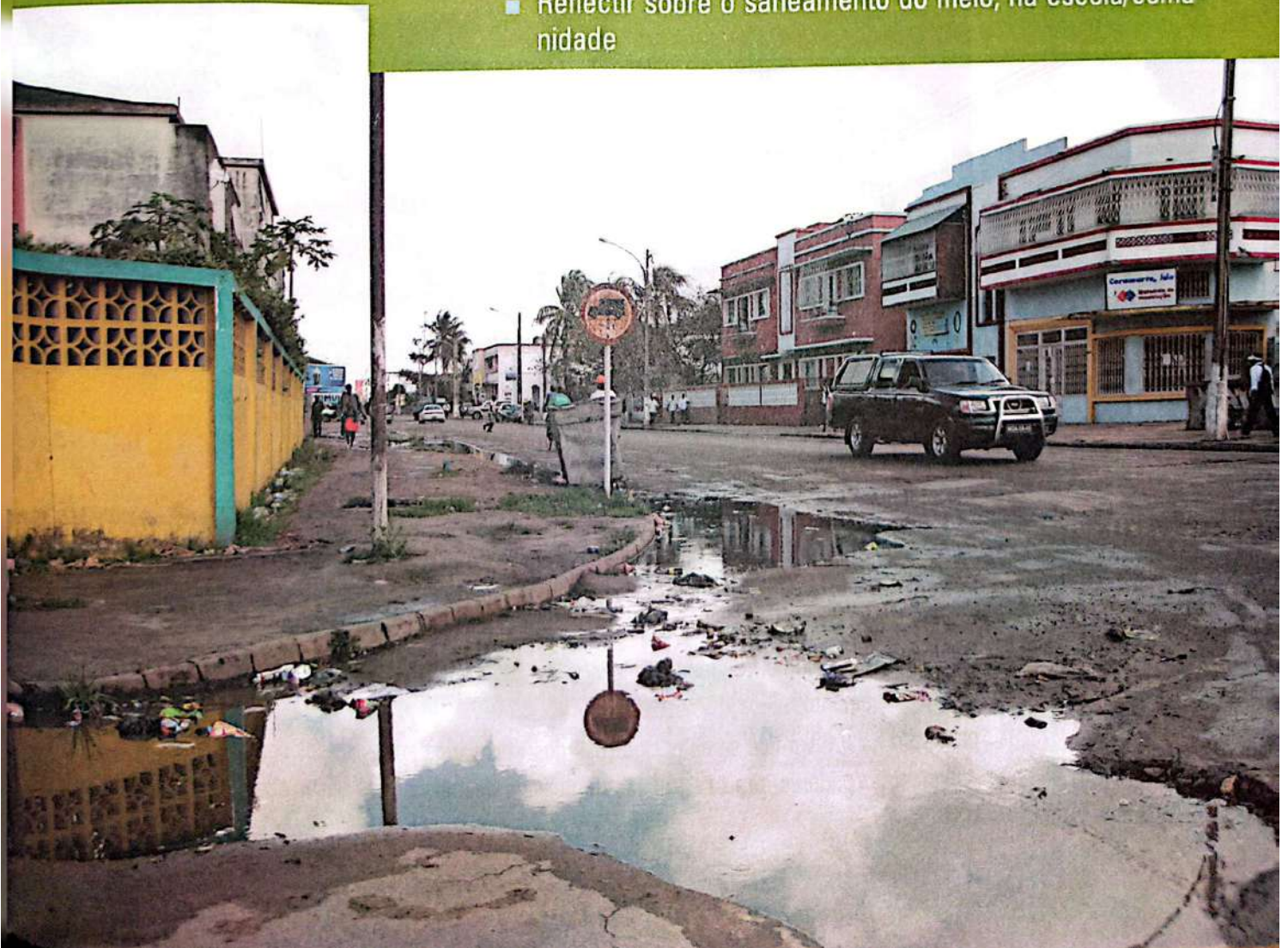
TEXTOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE DADOS

TEMA TRANSVERSAL

- Saneamento do meio

OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as partes principais do relatório
- Elaborar relatórios de visita de estudo
- Identificar as preposições *após, perante, sob, sobre*
- Construir frases, usando preposições *após, perante, sob, sobre*
- Reflectir sobre o saneamento do meio, na escola/comunidade



Actividade

■ " Saneamento do meio no/na..."



1. Com os colegas do teu grupo, escolhe um local público da tua cidade/vila/bairro que possas visitar, para saberes como é feito o saneamento do meio: pode ser um posto de saúde, um hospital, um jardim, um campo de jogos, uma escola, uma feira, um mercado, um supermercado grande, um centro comercial, etc.
2. Visita o local e:
 - a. contacta e entrevista as autoridades responsáveis por esse local sobre o sistema de limpeza do mesmo: quem faz a limpeza, como é feita a limpeza, que materiais são usados, em que horários a limpeza é feita, que problemas existem, etc.;
 - b. entrevista pessoas que frequentam o local para saber o que elas pensam sobre a sua limpeza e saneamento;
 - c. observa o local e verifica se as declarações dos teus vários entrevistados correspondem à realidade; se puderes, tira fotografias que possam ilustrar as tuas observações/constatações.

3. Anota tudo o que aprenderes/constatares numa tabela, do tipo:

Local da visita	
Hora da visita	
Autoridades entrevistadas	
Perguntas feitas às autoridades e respostas obtidas	
Pessoas entrevistadas	
Perguntas feitas às pessoas e respostas obtidas	
Observações e constatações feitas	

4. Com base nas anotações registadas na tabela, escreve, com os teus colegas de grupo, um relatório sobre a visita feita. Obedece à estrutura deste tipo de texto, sobre a qual reflectiste nas unidades 6 e 12. Deves escrever especificamente sobre a limpeza e o saneamento do meio do local público que visitaste. Deves apresentar a visão das autoridades responsáveis pela limpeza do local, a visão dos utentes e a visão dos membros do teu grupo. O teu relatório não deve exceder duas páginas.
5. Apresenta uma síntese do relatório do teu grupo aos teus colegas de turma. Ouve, com atenção, as sínteses dos relatórios deles.
6. Tendo como referência as várias apresentações, realiza, com os teus colegas, um debate sobre os problemas do saneamento do meio na tua comunidade. Reflecte se os problemas identificados são comuns ou diferentes daqueles que existem na tua própria escola.
7. Elabora um plano de actividades para ajudares a resolver alguns dos problemas identificados.

Exercícios de Funcionamento da Língua

■ Preposições *após, perante, sob e sobre*

1. Relê o relatório que produziste com os teus colegas e sublinha as preposições que ocorrem nele. Copia as frases onde ocorrem as preposições *após, perante, sob e sobre*.
2. Nas frases que se seguem, preenche os espaços em branco com as preposições *após, perante, sob e sobre*.
 - a. Escrevi um relatório _____ o saneamento do meio na minha escola.
 - b. _____ tanta sujidade, os moradores organizaram-se e fizeram uma limpeza.
 - c. Eles só limpam bem o jardim, quando estão _____ vigilância e pressão.
 - d. Eles regam as plantas _____ a limpeza.
 - e. Temos de falar _____ este assunto com urgência.
 - f. Sentimos que as autoridades estão _____ um problema difícil de resolver.
 - g. Os moradores deitam lixo _____ o lixo já acumulado.
 - h. Com as cheias, os problemas de saneamento do meio revelam-se uns _____ outros.
 - i. Quando vivíamos _____ dominação colonial, não tínhamos as mesmas dificuldades de higiene e limpeza.
 - j. _____ o olhar vigilante dos professores, os alunos apanharam todos os papéis que tinham deitado ao chão.
 - k. Sem o sabermos, estávamos _____ o responsável pela gestão do lixo da Câmara Municipal.
 - l. Devemos consciencializar todos os alunos _____ as consequências da falta de saneamento do meio.
3. Escreve oito frases com as preposições *após, perante, sob e sobre*. Deves redigir duas frases com cada uma das preposições.

Actividade

- Lê o seguinte texto.

Álcool, um problema social!

Sexta, 10 de Fevereiro de 2012

Quando se fala de droga, pensa-se logo na *Cannabis sativa*, vulgo soruma, na cocaína e em muitas outras, mas esquecemo-nos de que existe uma outra que pode ser comparada a estas devido ao perigo que representa, o **ÁLCOOL**.

Nos dias que correm, há cada vez mais adeptos do álcool. Apesar de ser lícito, o álcool é uma droga que quando consumida em excesso tem efeitos no sistema nervoso central, provocando alterações de percepção, de motricidade, de reflexos, da capacidade de avaliação das situações, podendo ainda criar uma dependência física e psíquica. Portanto, quando consumido em excesso, o álcool é considerado um problema de saúde. (...)



Consequências do consumo excessivo do álcool

O álcool causa graves prejuízos tanto a nível pessoal como social:

- maior probabilidade de tumores no aparelho digestivo e na boca, especialmente se associado ao fumo;
- hepatite alcoólica;
- inflamação no músculo cardíaco, hipertensão, esofagite, gastrite e úlceras, pancreatite e diabetes;
- prejuízo físico do feto em mulheres grávidas (como deformidade cefálica e atraso no crescimento);
- perda progressiva da memória, depressão, deterioração da personalidade;
- nervosismo, irritação, falta de concentração;
- impotência sexual.

A relação com a família, o trabalho e a sociedade é também prejudicada, originando:

- discussões comuns e violentas;
- desequilíbrio da conduta dos alunos na escola;
- baixa produtividade e faltas ao trabalho.

É importante realçar que o álcool é também responsável pela maioria dos acidentes de viação.

Com o presente artigo, não se pretende proibir o consumo do álcool, mas sim apelar para a moderação no consumo do mesmo, evitando assim desgraças no seio familiar e na sociedade em geral.

Rádio Moçambique, in <http://www.rm.co.mz>,
consultado a 10 de Julho, 2012 (adaptado)

As consequências do consumo excessivo de álcool afetam não só a saúde do alcoólico mas também a sua família e a sociedade em que este está inserido.

No texto que acabaste de ler apresentam-se as consequências do consumo excessivo de álcool.

Propomos-te que faças uma pesquisa para determinar as causas que levam o cidadão a consumir bebidas alcoólicas em excesso.

De seguida, em grupo, discutam a forma como o alcoolismo afecta a sociedade e o que poderá ser feito para resolver o problema.

Síntese da Unidade

Nesta unidade:

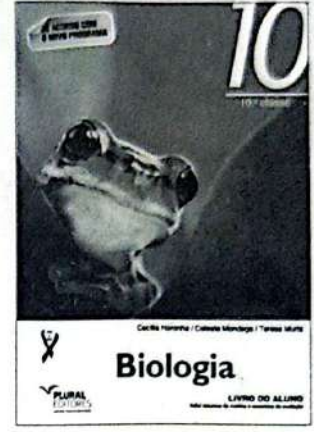
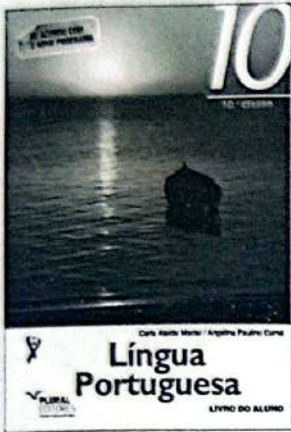
- › visitaste um local da tua cidade/vila/bairro para saberes como se faz aí o saneamento do meio;
- › elaboraste um relatório sobre essa visita de estudo;
- › identificaste as preposições *após*, *perante*, *sob* e *sobre* e os respectivos contextos de ocorrência no relatório que produziste;
- › usaste as preposições *após*, *perante*, *sob* e *sobre* em frases lacunares;
- › reflectiste e debateste sobre a problemática do saneamento do meio na tua comunidade e escola.

- ALMEIDA, Germano. *A Família Trago*. Lisboa: Caminho. Agosto. 2004. Pp. 227-245
- Constituição da República de Moçambique*. Maputo: Plural Editores. 2005
- Revista Calovera*. Ano 1, n.º 14. Tete. 29.06.2010
- CUNHA, Celso & Cintra, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 13.ª edição. Lisboa: João Sá da Costa. 1997
- DIAS, Ana Paula et al. *Gramática da Língua Portuguesa, 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Texto Editores. 2005
- DUMONT, René. "O deserto avança... com ajuda dos seus aliados". In *Em Defesa da África Acuso*. Trad. Emílio Costa Lima. Lisboa: Publicações Europa-América. 1986. Pp. 25-29
- FERREIRA, A. Gomes e FIGUEIREDO, J. Nunes de. *Compêndio de Gramática Portuguesa, 3.º Ciclo, Ensino Secundário*. Porto: Porto Editora. 2009
- FERREIRA, A. Gomes e FIGUEIREDO, J. Nunes de. *Compêndio de Gramática Portuguesa, 2.º Ciclo*. Porto: Porto Editora. 2008
- FERREIRA, Vergílio. "A Chegada". *Manhã Submersa*. Viseu: Bertrand. 1993. Pp. 71-96
- LOPES, Armando Jorge. *A Batalha das Línguas. Perspectivas sobre a Linguística Aplicada em Moçambique*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004
- MARTINS, Ovídio. "Flagelados do Vento-Leste". In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Plátano Editora. 1997
- MEDEIROS, Eduardo (Org.). "O solteiro e a solteirona". *Contos Populares Moçambicanos*. Maputo: Ndjira. 1997. Pp. 127-128
- MOREIRA, Ana Maria Lopes. *Trabalhos Dirigidos de Português 1*. Lisboa: Plátano Editora. 1993
- MUIANGA, Aldino. "Da chegada de Meledina e Lourenço Marques". *Meledina (Ou a História duma Prostituta)*. Maputo: Ndjira. 2004. Pp. 17-19
- NETO, Agostinho. "Um Aniversário". In GOMES, Aldónio et al., *Português – 10.ª Classe*. Maputo: INDE. 1991
- NOGAR, Rui. "Do amor pelas pedras". In GOMES, Aldónio et al., *Português – 10.ª Classe*. Maputo: INDE. 1991
- NORONHA, Rui de. "Patshises". In NORONHA, Elsa, *África Surge et Ambula – Rui de Noronha – Poeta Moçambicano*. Maputo: ERN-A. 2006
- PESSOA, Fernando. "O Infante". *Poesia de Fernando Pessoa para todos*. Porto: Porto Editora. 2008
- SANTARENO, Bernardo. *António Marinheiro. (O Édipo de Alfama)*. Lisboa: Editorial Nova Ática. 2004. Pp.10-23
- SANTO, Alda do Espírito. "Onde estão os homens caçados neste vento de loucura". In FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II*. Lisboa: Plátano Editora. 1997
- SOUSA, Noémia de. "Moças das docas". In GOMES, Aldónio et al., *Português – 10.ª Classe*. Maputo: INDE. 1991

SITES DA INTERNET

- ANDRADE, Carlos Drummond de. "A um ausente".
In <http://www.revista.agulha.nom.br/drumm.html#aumausente> (consultado a 11.10.2010)
- "Associação de Jovens Diabéticos de Portugal". In <http://www.ajtp.org> (consultado a 26.07.2010)
- BARBEITOS, Arlindo. "Eu quero escrever coisas verdes". In www.espacosnegros.blogspot.com (consultado a 05.08.2010)
- MACCHARTY, Jonathan. "Sismos em Moçambique – Uma Realidade Assustadora".
In <http://desenvolvermoçambique.blogspot.com> (consultado a 22.04.2010)
- "OMS estima que a diabetes deva alcançar 333 mil pessoas em 2025". In <http://www.lerparaver.com> (consultado a 20.07.2010)
- "O pé diabético é um problema que pode levar à amputação"
In <http://www.tratamentodope.com> (consultado a 07.04.2010)
- "O que é a diabetes?". In <http://www.min-saude.pt> (consultado a 07.04.2010)
- PROENÇA, Hélder. "Quando te propus um amanhecer diferente". In <http://web.educom.pt/p-ccomum/2/biblioteca/biografias/guine.htm> (consultado a 19.07.2010)
- "Secas e cheias em Moçambique – Moçambique está sob alerta laranja". BBC ÁFRICA, 28.10.08. In <http://www.diariodafrica.com/2008/10/secas-e-cheias-em-mocambique.html> (consultado a 29.07.2010)
- "Sismos". In <http://malhatlantica.pt/cnaturais/sismos.htm> (consultado a 22.04.2010)

Títulos disponíveis para a 10.ª classe



Símbolos da República de Moçambique

BANDEIRA



EMBLEMA



HINO NACIONAL

Pátria Amada

Na memória de África e do Mundo,
Pátria bela dos que ousaram lutar
Moçambique o teu nome é liberdade
O sol de Junho para sempre brilhará

Coro

Moçambique nossa terra gloriosa
pedra a pedra construindo o novo dia
milhões de braços, uma só força
ó pátria amada vamos vencer!

Povo unido do Rovuma ao Maputo
colhe os frutos do combate pela Paz
cresce o sonho ondulando na Bandeira
e vai lavrando na certeza do amanhã

Flores brotando do chão do teu suor
pelos montes, pelos rios, pelo mar
nós juramos por ti, ó Moçambique:
nenhum tirano nos irá escravizar



10.^a classe

Língua Portuguesa

Carla Ataíde Maciel / Angelina Paulino Comé

LIVRO DO ALUNO

PLURAL
EDITORES

www.pluraleditores.co.mz

ISBN 978-989-611-172-4



09590.15